Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana

LEANDRO FORGIARINI DE GONÇALVES

**O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um
lugar chamado Avenida Paulista**

São Paulo
2010

LEANDRO FORGIARINI DE GONÇALVES

**O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um
lugar chamado Avenida Paulista**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Geografia Humana do
Departamento de Geografia da Faculdade
de Filosofia Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em Geografia Humana

Orientadora: Profa. Dra. Adyr Aparecida
Balastrieri Rodrigues

São Paulo
2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Gonçalves, Leandro Forgiarini de
O estudo do lugar sob o enfoque da geografia
humanista: um lugar chamado Avenida Paulista / Leandro
Forgiarini de Gonçalves; orientadora Adyr Aparecida
Balastrieri Rodrigues. – São Paulo, 2010.
266 f. ; il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Geografia. Área de concentração:
Geografia Humana.

1. Geografia humanista. 2. Geografia humana. 3.
Topofilia. 4. Lugares urbanos - São Paulo (SP). I. Título. II.
Rodrigues, Adyr Aparecida Balastrieri.

CDD 304.2

FOLHA DE APROVAÇÃO

Leandro Forgiarini de Gonçalves

O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um lugar chamado Avenida Paulista.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À minha avó Helena e ao meu avô Marcelino (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Adyr Rodrigues, por confiar em mim ao aceitar-me como seu orientando. Por esses anos de convívio e ensinamentos. Pela liberdade a mim concedida, que me permitiu explorar lugares incríveis... Por estimular-me, sempre, a alcançar estes lugares. Pela delicadeza, que lhe é tão particular, com a qual sempre me tratou. Por conceder-me essa oportunidade inesquecível. Por tudo isso, enfim, a minha gratidão e admiração mais sinceras.

Aos Profs. Drs. Francisco Capuano Scarlato e Júlio César Suzuki, por suas contribuições tão precisas na ocasião de meu Exame de Qualificação.

À Profa. Dra. Livia de Oliveira, por sua generosidade ao receber-me para compartilhar parte de seu vasto conhecimento Humanista.

À desenhista Carla Caffé, ao artista plástico Maramgoní, ao escritor José Arrabal e ao jornalista Jefferson Coppola, por seus relatos pessoais e afetivos que tanto contribuíram para o enriquecimento desta pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que, em momentos distintos, financiaram esta pesquisa, possibilitando a minha dedicação exclusiva aos estudos.

Aos colegas de Pós-Graduação: Mariny, Jurandir e Lenilton; amigos que levarei pela vida. A cada um, agradeço pela sincera acolhida.

Para Marlísio Junior, por todo o auxílio e, sobretudo, por convencer-me de que as coisas só acontecem quando as tentamos. E que devemos tentá-las!

Aos meus amigos, por nossas fortalezas secretas.

À minha família, pelos lugares-abrigo que construímos juntos.

Enfim, tantas pessoas e lugares a agradecer (e a tantas coisas também). Há tantas pessoas, lugares e coisas a dizer... Mas, por onde começar?

“Eu sou pertencente à fecundidade
e crescerei enquanto crescem as vidas:
sou jovem com a juventude da água,
sou lento com a lentidão do tempo,
e sou puro com a pureza do ar,
escuro com o vinho mais noturno
e só estarei imóvel quando seja
tão mineral que não veja nem ouça,
nem participe do que nasce e cresce.

Quando escolhi a floresta
para aprender a ser,
folha por folha,
escrevi as lições
e aprendi a ser raiz, barro profundo,
terra calada, noite cristalina,
e pouco a pouco mais, toda a floresta”.

“O que nasce comigo”, Pablo Neruda

RESUMO

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. **O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um lugar chamado Avenida Paulista**. 2010. 266 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

O lugar é uma das mais importantes categorias espaciais da Geografia. Assim como a própria concepção de espaço, a de lugar se inscreve no escopo de diferentes análises geográficas; mas, é à Geografia Humanista que a categoria de lugar está fortemente relacionada. O enfoque geográfico humanista coloca o lugar em situação de destaque, ao tratar sobre a relação afetiva do homem com o espaço e a pluralidade das experiências que transformam este espaço em lugar. Entende-se, a partir dessa perspectiva, que o lugar é uma realização essencialmente sentimental e que são as vivências pessoais e as experiências íntimas que lhe atribuem densidade. Nesse aspecto, o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan adota o neologismo “topofilia”, a fim de melhor caracterizar o amor humano pelos lugares. Para o homem, os laços topofílicos fazem transparecer um conjunto de sentimentos entranhados: são memórias, nostalgias, afinidades e valores que subsistem como lembranças do passado, realizações do presente e/ou futuras ações. Para a Geografia, a topofilia é um sopro de Humanismo que está amparado pela concepção do espaço simbólico, relacional e afetivo, e que tem o tempo como categoria intrínseca. A Geografia Humanista reconhece que os lugares dos homens são tão diversos quanto os seus sonhos. Aliás, o ser humano não cessa de sonhar com lugares que dêem espessura e significado à sua existência pessoal. Esses lugares inscrevem-se na intimidade ou na amplidão, pois, assim como os homens, resguardam dentro de si a imensidão e a particularidade. Do mesmo modo que a rua e o bairro são espaços acolhedores e pessoais, uma cidade ou um país também são capazes de comportar tais sentimentos. Por sinal, a urbe engendra apropriadamente a máxima do lugar dos sonhos, porque oferece múltiplas possibilidades de realização pessoal. Os lugares urbanos são espaços de intenso envolvimento, deflagradores de aspirações, conquistas, amores e ódio. Nesse panorama, a Avenida Paulista, um dos lugares-símbolo da cidade de São Paulo, surge como exemplo do quão sentimental pode ser um lugar. Seja por conta de sua importância para a história dessa metrópole, seja por sua relação com a vida dos paulistanos nos dias atuais, a Paulista representa o sonho de um lugar ideal. A Avenida Paulista é um lugar chamado pelo mesmo nome que dá ao povo do estado de São Paulo um sentimento de unidade. Entretanto, não é apenas pelo fato de serem homônimos que se pode dizer que a Paulista é o paulista, e sim porque ambos abrigam um teor de humanidade que lhes é absolutamente análogo. Ora, o lugar, a mais humana das categorias geográficas, reflete toda a diversidade das ações praticadas pelo homem no espaço. De modo que se pode afirmar que lugares são pessoas, porque estas são cada um dos lugares que realizam durante a vida.

Palavras-chave: Lugar. Geografia Humanista. Topofilia. Avenida Paulista. Cidade de São Paulo.

ABSTRACT

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. The study of place under Humanistic Geography focus: a place called Paulista Avenue. 2010. 266 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

Place is one of the most important spatial categories of Geography. As well as the conception of space, the conception of place fits the scope of different geographic analyses; however, the category of place is strongly related to Human Geography. The Human Geographic focus puts place in a prominent situation, by dealing with the affective relationship between man and space and the plurality of experiences which transform this space into place. From this perspective, it can be understood that place is essentially a sentimental realisation and that the personal, intimate experiences are what gives place its density. Thus, human geographer Yi-Fu Tuan adopts the neologism "topophilia" in order to better characterize the human love for places. For men, topophilic ties bring up a set of deep feelings: these are memories, nostalgia, affinity and values which stand as reminders of the past, of achievements of the present, and/or of future actions. For Geography, topophilia is a breath of Humanism that is supported by the conception of symbolic, relational and affective space, having time as an intrinsic category. Human Geography recognizes that men's places are as diverse as their dreams. Moreover, human beings do not cease to dream of places which give consistency and meaning to their personal existence. These places fall into vastness or intimacy, because like men, places preserve both immensity and particularity within. Just as the street and the neighborhood are cozy and personal spaces, a city or a country are also able to carry such feelings. Incidentally, the city properly consists the place of dreams axiom, seeing as it offers many possibilities for personal fulfillment. Urban places are spaces of intense involvement, trigger of aspirations, achievements, love and hate. In this scenario, the Paulista Avenue, one of the symbolic places of the city of São Paulo, emerges as an example of how a place can be sentimental. Whether it is because of its importance to the history of this metropolis, or because of its relationship to the life of the paulistanos nowadays, Paulista Avenue represents the dream of an ideal place. Paulista Avenue is a place called by the same name that gives the people from the state of São Paulo a sense of unity. However, not only is it for the fact that they are homonyms that it can be said that Paulista is the paulista, but also because both convey a quite similar level of humanity. Therefore, the place, the most human of geographic categories, reflects all the diversity of actions taken by man in space. Thus, it would not be an exaggeration to say that places are people, because the latter are each place that they realize throughout life.

Key-words: Place. Human Geography. Topophilia. Paulista Avenue. São Paulo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. “Elogio à Dialética”. MAGRITTE, René	29
Figura 2. “O Império das Luzes”. MAGRITTE, René	31
Figura 3. “Aí vem a inundação”. GONSALVES, Rob.....	39
Figura 4. “Teatro de Shakespeare”. OROSZ, István	61
Figura 5. Perspectiva de revelação da face de Shakespeare.....	62
Figura 6. “Escher na Itália”. OROSZ, István	63
Figura 7. “Aviação da hora de dormir”. GONSALVES, Rob.....	66
Figura 8. “Uma mudança de cenário”. GONSALVES, Rob.....	78
Figura 9. Inauguração da Avenida Paulista.....	96
Figura 10. Vista da Avenida Paulista, em 1902.....	98
Figura 11. Corso	102
Figura 12. Belvedere do Trianon.....	110
Figura 13. Panorama da região central da cidade de São Paulo	111
Figura 14. Fundações do MASP na Avenida Paulista	121
Figura 15. Obras da construção do MASP na Avenida Paulista.....	123
Figura 16. Lina Bo Bardi	126
Figura 17. Canteiro de obras na região da Consolação, 1970	130
Figura 18. FIESP	133
Figura 19. Demolição do casarão da família Matarazzo.....	149
Figura 20. Pórtico que remete à antiga mansão Matarazzo	150
Figura 21. Avenida Paulista, ano de 1911. MARAMGONÍ	154
Figura 22. Avenida Paulista. MARAMGONÍ	155
Figura 23. Vista da janela do apartamento de d. Mafalda Marchetti.....	158
Figura 24. Senhora Mafalda Marchetti	161
Figura 25. Ilustração da Casa das Rosas	163
Figura 26. Ilustração da mansão de Joaquim Franco de Mello	165
Figura 27. Ilustração do Cine Gemin.....	166
Figura 28. Avenida Paulista a partir da Rua Pamplona. MARAMGONÍ	168
Figura 29. Avenida Paulista em Cores. MARAMGONÍ.....	170
Figura 30. Ilustração do MASP	180
Figura 31. Ilustração da Estação Consolação	183
Figura 32. Ilustração do buraco da Paulista	185
Figura 33. Ilustração do Parque Trianon	186

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – UM ENFOQUE HUMANISTA PARA O ESTUDO DO LUGAR	24
1.1 Evocando os sentimentos de lugar: amor, poesia e imaginação.....	24
1.2 A Geografia Humanista e o entendimento das experiências de lugar.....	47
1.3 Lugares Urbanos: viver, imaginar e amar a cidade.	68
CAPÍTULO 2 – UM LUGAR CHAMADO AVENIDA PAULISTA	95
2.1 História com aroma de café.....	95
2.2 MASP: Um astro a iluminar a “Nova Paulista”	118
CAPÍTULO 3 – ITINERÁRIOS GEOGRÁFICO-SENTIMENTAIS DA AVENIDA PAULISTA	141
3.1 Das nostalgias e recordações	143
3.2 Sobre as certezas de hoje e esperanças futuras	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
REFERÊNCIAS	200
APÊNDICE	209
Apêndice A – Transcrição das entrevistas	210
ANEXO	254
Anexo A – Reportagem “Paulista 24 horas”	255

INTRODUÇÃO

Uma boa casa para morar e um mundo melhor para viver, são dois anseios complementares na composição do quadro de valores humanos. Ora, a expectativa de que tais lugares sejam prósperos para serem vividos e habitados, é um sonho recorrente na vida da maioria das pessoas.

Por sinal, o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1980, p.130) afirma que “as pessoas sonham com lugares ideais”. Essa reflexão trazida à tona por Tuan inspira o tema a ser desenvolvido na pesquisa que ora se apresenta.

O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista converte-se numa tentativa de compreender esses espaços idealizados, vividos e amados que se inserem não apenas na vida cotidiana das pessoas, mas também em seus sonhos, aspirações e devaneios.

“Pelos sonhos”, avalia Bachelard (2008, p.25), “as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos”...

É bem verdade, no entanto, que a ideia, noção, sentido e/ou conceito de lugar podem ser abordados por meio de enfoques diferenciados, a partir de distintas áreas do conhecimento: do “topos” aristotélico, passando pelo ambiente construído do lugar arquitetônico (NORBERG-SCHULZ, 2006), pelos lugares de memória da História (NORA, 1984) ou pelos não-lugares da Antropologia (AUGÉ, 2007), cada enfoque trabalha com leituras e interpretações particulares sobre o lugar.

A própria Geografia, mesmo entendendo-o como uma categoria analítica fundamental à sua ciência, diverge nas linhas de pensamento ao definir uma

epistemologia do lugar. Nesse sentido, as reflexões e os debates que emergem do pensamento geográfico exprimem a mais absoluta pluralidade.

A fim de evidenciar parte da riqueza conceitual e analítica que substancia o estudo do lugar na Geografia, convém que se apresente um rápido panorama sobre algumas dessas abordagens múltiplas¹:

Ao sinalizar novos caminhos para a Geografia Cultural, e aproximando-se sensivelmente da antropologia, o geógrafo Joël Bonnemaïson (2005) aborda a mitologia dos lugares em suas pesquisas “etnogeográficas”, ao tratar sobre as características simbólicas e identitárias do espaço nas sociedades tradicionais.

Em sua célebre pesquisa realizada na década de 1970, entre os nativos da ilha de Tanna, no arquipélago de Vanuatu, Bonnemaïson (1997, p.77) confere às categorias de território e lugar um sentido determinante para se compreender a cultura e a vida dos povos melanésios.

Estes, por estarem absolutamente conectados ao meio ambiente, à natureza que lhes rodeia, ao oceano que banha suas ilhas, reconhecem-se como “homens-lugares”, indivíduos absolutamente identificados com os domínios geográficos.

Doreen Massey (2000, p.185), preocupada com as questões que tangem o mundo globalizado, e debruçando-se particularmente sobre o embate local versus global, entende que o lugar deve ser analisado a partir de sua relação com outros lugares.

¹ Alguns autores (HOLZER, 1999; CARVALHO, 2004) afirmam que a relevância da categoria de lugar na Geografia vem desde a publicação do clássico artigo de Vidal de La Blache, intitulado “Des caractères distinctifs de la géographie”, publicado em 1913 na revista científica “Annales de géographie”. Nesse artigo, traduzido para o português como “As características próprias da geografia”, e apresentado numa coletânea de trabalhos organizada por A. Christofolletti, La Blache (1985) situa a Geografia entre as ciências naturais descritivas ao destacar o interesse da disciplina pelos aspectos físicos da superfície terrestre. Nessa abordagem, La Blache proclama que “a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens”, chamando a atenção para o sentido estritamente locacional dos lugares.

Nessa circunstância, a autora alerta para a necessidade de uma “consciência global do lugar”, que não negasse a importância das especificidades locais e reiterasse a história acumulada nesses espaços.

A abordagem de Massey (2000, p.184) desvela “um sentido de lugar que é extrovertido”, em que a integração do global com o local pode ser vista de maneira positiva e passível de ser realizar proveitosamente para ambos os lados.

Com efeito, a geógrafa propõe que se repense o sentido de lugar a partir de uma perspectiva progressista, a fim de adaptá-lo às novas configurações espaciais que tangem a contemporaneidade.

Essa “interpretação alternativa do lugar” (MASSEY, 2000, p.184) leva a crer que a garantia das especificidades locais deve-se ao conjunto das relações sociais que se instaura na constituição dos lugares.

Em direção contrária, Milton Santos (2005, p.170) tece sua crítica aos “espaços da globalização”, procurando diferenciar global e local: “A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”.

Para o geógrafo, enquanto a razão global é organizacional, de ordem técnica, desterritorializada (ao separar o centro da ação, da sede da ação) e fundadora de escalas alheias ao cotidiano, a razão local, ao contrário, é orgânica, comunicacional e caracterizada por uma ordem que funda a escala do cotidiano, apresentando, assim, parâmetros de vizinhança, cooperação, socialização, etc.

Combinando os conceitos de horizontalidades e verticalidades, quer dizer, lugares contíguos e lugares em rede, Milton Santos (2005, p.143) reconhece a globalização como fábula e perversidade, e sai em defesa do espaço banal, do lugar que comporta a vida cotidiana e que ainda é a sede das resistências sociais:

Por enquanto, o lugar – não importa sua dimensão – é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essa resistência às escalas mais altas. [...] A tendência atual é que os lugares se unam verticalmente e tudo é feito para isso, em toda parte. [...] Mas os lugares também podem unir-se horizontalmente, reconstruindo aquela base de vida comum susceptível de criar normas locais, normas regionais...

Em consonância com o pensamento de Milton Santos, e dialogando, de certo modo, com a Geografia Cultural, Hissa e Corgosinho (2006, p.17) escrevem que “compreender os lugares é, especialmente, considerar as possíveis e necessárias leituras da vida cotidiana”.

De acordo com Hissa e Corgosinho (2006, p.17):

A vida cotidiana dos lugares é uma fábrica de aproximações, estranhamentos, emoções, afetividades, subjetividades. A vida cotidiana nos lugares, por sua vez, faz emergir o que é comum, desenvolvido pela comunicação entre os sujeitos da vida, fortalecidos pelos laços de identidade.

Preocupada, igualmente, com a noção de cotidiano, Carlos (2007) destaca a importância de se repensar a identidade dos lugares na “era das redes”, a partir da associação do lugar, “espaço vivido”, com a dimensão histórica.

Assim como Milton Santos, Carlos (2007, p.22) também analisa a relação dos lugares com o mundo, dizendo que “o lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular”.

De acordo com Carlos (op. cit.), o lugar é um “ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento”. Mais especificamente, ainda, Carlos (2007, p.17-18) escreve que:

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole, ou mesmo a cidade *latu sensu*, a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/ conhecida/ reconhecida em todos os cantos.

De certo, quando a geógrafa afirma que a rua é o lugar, mas a metrópole não, sinaliza uma abordagem em que pesa o conceito de lugar primordialmente mediado por escalas, bastante preso a um sentido locacional.

Por mais que Carlos (2007, p.23) explicita distanciamento da “ideia do lugar visto apenas enquanto ponto de localização dos fenômenos, isto é um ponto no mapa, visto apenas enquanto situação determinada por coordenadas do traçado geográfico”, seu discurso parece incorrer em certa contradição.

Se por um lado, a autora afirma que sua abordagem se distancia da ideia de lugar restrito às coordenadas escalares, por outro, sua reflexão aproxima-se de uma categorização de lugar demasiadamente subordinada à práxis do cotidiano, o que soa tão delimitado quanto as coordenadas de um mapa.

Essa acepção materialista resume os lugares a porções espaciais, a domínios de apropriação da vida, necessariamente circunscritos aos limites do corpo: é a rua, é o bairro, é a praça; são os espaços vivenciados objetivamente².

Antes de se incorporar a essas palavras introdutórias o extrato que dará o pendor da pesquisa que ora se apresenta, convém que se exponha a seguinte provocação desferida por Tuan (1983, p.222):

O geógrafo e o arquiteto-planejador tendem a aceitar como familiar o fato de que estamos orientados no espaço e nos sentimos à vontade em um lugar – em vez de descrever e tentar compreender o que realmente significa ‘estar no mundo’.

Dito isto, prenuncia-se que o estudo a ser realizado se comprometerá com a tentativa de caracterizar esse significado de “estar no mundo”, já que “o mundo está um pouco no interior de todos os lugares” (HISSA; CORGOSINHO, 2006, p.8).

² De fato, Carlos (2007) entende que o lugar se insere num plano vivido que é dado através do uso pelo corpo, “espaço imediato”, e que essa relação não caracteriza a metrópole porque esta “só pode ser vivida parcialmente”, nunca na totalidade. Para Carlos (2007, p.18), “são os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida [...]. Trata-se de um espaço palpável – a extensão exterior, o que é exterior a nós, no meio do qual nos deslocamos”.

Aliás, esse pensamento soa basilar para se começar a entender que a existência dos lugares no mundo é mais essencial do que material. O mundo está nos lugares porque a recíproca também é verdadeira; possivelmente, a seara da relação local/global resida na proposição de que ambos admitem o mesmo peso e a mesma medida...

A imensidão é uma dimensão íntima, diz Bachelard (2008) ao tratar sobre a imagem poética do espaço. É claro que essa ideia está relacionada à imaginação e aos sentimentos que constituem o espaço.

Quer dizer, não seria um absurdo afirmar que o mundo, a cidade e a metrópole, estes cadinhos irrestritos da vida humana, suportam sentimentos de lugar tanto quanto o bairro, a casa e a rua. Em meio às artimanhas destes espaços estudados pelos geógrafos humanistas, um sentimento de lugar se revela tanto pela imagem de um colo acolhedor, quanto pelo devaneio da imensidão cósmica.

Essas são proposições refletem o posicionamento adotado pelo pesquisador nesta pesquisa. Assim como as demais abordagens mencionadas anteriormente, cada qual filiada a sistemas de ideias e posturas filosóficas que lhes conferem substância, o estudo que ora se apresenta também está amparado por um arcabouço teórico-metodológico guarnecedor de seus direcionamentos.

É, pois, à Geografia Humanista e ao pensamento paradigmático do geógrafo Yi-Fu Tuan, que se deve o impulso vital e a efetivação desta pesquisa de mestrado, que de modo geral objetiva clarificar os sentimentos humanos pelos lugares.

A fim de grifar o objetivo supracitado, ratifica-se que os sentimentos de lugar é que nortearão as reflexões a serem desencadeadas. Com isso, seguindo a linha de abordagem desenvolvida pelos geógrafos humanistas, buscar-se-á lançar luz sobre

a realização dos lugares a partir de suas dimensões experienciais, afetivas e simbólicas.

Sobre a abordagem humanista na Geografia, Rodrigues (2007, p.23) destaca:

Teóricos da linha Humanista [...] observam que o lugar difere do espaço geográfico cartesiano, sendo eivado de significados e valores inseparáveis da experiência daqueles que o habitam, assim como dos seus pensamentos e sentimentos. O lugar é pleno de significados, condição da própria existência, foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto das nossas ações e fonte da nossa identidade.

Essa tradução de lugar é feita por uma Geografia preocupada com o sujeito que vive o mundo, posicionamento que desobedece às diretrizes da ciência positivista, utilitarista e quantificadora, em prol de um olhar geográfico existencial.

Assim como Yi-Fu Tuan, muitos teóricos viram no Humanismo uma forma de lutar contra o encarceramento da imaginação, a desvalorização das aspirações criativas e anulação dos sentimentos na ciência geográfica.

Cabe destacar, pois, alguns desses teóricos que ajudarão a compor, ao lado de Yi-Fu Tuan, o quadro referencial desta pesquisa:

O geógrafo Eric Dardel (1952), em seu livro “*L’homme et la terre: nature de la réalité géographique*”, foi um dos precursores ao utilizar a Fenomenologia como aporte teórico metodológico na Geografia, pondo-se a pensar a terra, e os lugares, a partir da “relação visceral” que se estabelece entre o homem e ela.

Em seus estudos, Edward Relph (1976; 1979) explora um “sentido de lugar” que é reflexo qualitativo do espaço e aspecto primordial da identidade humana. Sua obra “*Place and Placelessness*” é um marco sobre a teoria do lugar, na Geografia.

J. Nicholas Entrikin (1980; 1991), dentre as muitas contribuições à ciência geográfica, aprofunda o estudo sobre os lugares e promove a convergência das abordagens humanista e cultural.

Por sua vez, David Lowenthal (1985) tem uma ligação particular com a Geografia da Imaginação e com estudos da Psicologia Comportamental; enquanto Anne Buttimer (1983; 1985) estreita os laços da Geografia com a Fenomenologia ao tratar sobre a “natureza do lugar”.

Além dos geógrafos teóricos da linha humanista, há que destacar a importância da filosofia poética e fenomenológica de Gaston Bachelard (2008), que contribui significativamente para a construção do escopo teórico desta pesquisa.

Assim, fundamentado pelo plano teórico já manifestado, enuncia-se o recorte espacial que constitui o exercício prático da pesquisa: o estudo da Avenida Paulista como um lugar sentimental, permeado por experiências e relações humanas.

Diante das questões históricas que definem essa avenida como um símbolo de grande apelo social, político, econômico, cultural e estético da cidade de São Paulo, procurar-se-á desenvolver um estudo que aproxime o homem desse lugar chamado Avenida Paulista.

Justifica-se a escolha da Paulista como recorte de estudo da pesquisa, porque essa avenida é um lugar da metrópole paulistana que carece de olhares mais sensíveis e leituras menos cerceadoras. Isto, porque a Avenida Paulista tem sido objeto de análises empedernidas, quase sempre indiferentes à sua condição de lugar revelador da diversidade humana.

Decerto, a imagem fortemente atrelada ao papel de centro financeiro do país, e lapidada como símbolo da pujança econômica de São Paulo, corrobora para a multiplicação de análises sectárias sobre a Avenida Paulista.

Ainda que pouco explorada como tema de estudo na academia, a Paulista tem suscitado alguns embates teóricos, sobretudo, nos campos da Geografia, Arquitetura, Antropologia e Ciências Sociais.

É inegável a relevância dessa avenida no panorama político e econômico local, regional, nacional e até mesmo global, como pólo de ações técnico-burocráticas que sedia as mais poderosas instituições de inserção mundial³.

Porém, mesmo à sombra da insígnia capitalista dos tecnocratas, a Avenida Paulista extrapola as reduções analíticas de quem procura taxá-la exclusivamente pelos vieses da crítica materialista, despontando como um lugar que se constitui por arranjos simbólicos e que está arraigado às experiências de vida das pessoas.

Nesse aspecto, a Avenida Paulista figura além das discussões que versam sobre a sua condição “global” ou “mundial”. Pois, em primeira instância, a Paulista é um lugar que se realiza na diversidade de seus lugares e de sua gente.

Sobre este lugar Avenida Paulista, Carvalho (2001, p.85) escreve que:

A suposta ‘muralha’ agressiva de arranha-céus provê na verdade um efeito de envolvimento e monumentalidade/teatralidade que emula mais a topofilia do que a topopatia nos seus transeuntes, equilibrando sensações de agorafilia/claustrofobia e claustrofilia/agorafobia. A Avenida Paulista é um espaço aberto e fechado ao mesmo tempo, tendo mais características de praça do que de rua no sentido arquitetônico urbanístico, o que é endossado pelos hábitos dos que a fruem.

Seja para quem lhe conhece por primeira vez, turista ou visitante, seja para quem vive o seu cotidiano, a “monumentalidade/teatralidade” da Paulista comunica

³ Dentre os trabalhos consultados para o desenvolvimento dessa pesquisa, cabe destacar alguns dos quais situam a Avenida Paulista como centro de discussões e reflexões: Limena (1996) trata sobre uma Paulista que surge como “vitrine” da modernidade, e que persiste como símbolo do arrojo da metrópole, estudando-a a partir da ideia de “modelo reduzido de cidade” elaborada pelo antropólogo Lévi-Strauss. Discordando incisivamente da abordagem teórico-conceitual adotada por Limena, quando esta reproduz uma leitura sobre a Avenida Paulista a partir do pensamento de Lévi-Strauss, Frúgoli Jr. (2006) procura discutir a espacialidade da avenida enquanto vetor de “centralidade” em São Paulo. No artigo intitulado “Avenida Paulista: a produção de uma paisagem de poder”, Oliveira (2000) constrói uma crítica à inserção da avenida no cenário global, destacando sua relação com o capitalismo. Na Geografia, destacam-se os estudos de Maria Adélia A. de Souza (1994), sobre os processos de urbanização e verticalização ocorridos na metrópole paulistana. O enfoque histórico e profundamente preocupado com o patrimônio caracteriza a abordagem de Benedito Lima de Toledo (1987; 2004). Uma revisão crítica sobre a história da Avenida Paulista é o tema da dissertação de mestrado de Moraes (1995). Shibaki (2007), também em dissertação de mestrado, apresenta um estudo sobre a formação e consolidação da Avenida Paulista como “ícone” da cidade de São Paulo. Por sua vez, Amaral (2007), debatendo sobre a relação dos edifícios, seus interiores e exteriores, com o espaço urbano, trata sobre o “papel da arquitetura”; os “limites e possibilidades” da configuração arquitetônica e urbanística da Avenida Paulista.

uma dramaticidade/diversidade que é absolutamente característico da expressão urbana e da vida humana que funda as relações e os lugares da metrópole.

Tratando de perceber os signos que representam as “cidades ilegíveis”, Ferrara (1996, p.63) pondera:

A cidade é uma explosão de informações que se renova constantemente na medida em que o homem, impelido a uma nova forma de ganhar a vida, desenvolve complexas relações com a natureza, consigo mesmo e com os outros homens. O ambiente urbano decorre dos impactos produzidos por aquelas relações que, conquanto eficientes para a explicação do fenômeno urbano, não são auto-evidentes, ou seja, não podem ser apreendidas senão pelas marcas e sinais que deixam impressas no cotidiano dos lugares, ou nos hábitos, nas crenças, valores e ações de uma coletividade.

Com efeito, a Avenida Paulista a qual se fará referência nesta pesquisa é uma soma das marcas e sinais produzidos pelas relações humanas. Ela é cultural, simbólica, lúdica, afetiva e, por todas essas razões, absolutamente passível de ser estudada a partir dos sentimentos que lhe atribuem uma essência de lugar.

Estudar um espaço vívido, um lugar, na mais legítima acepção humanista, que esteja conectado ao coração e à alma das pessoas, é a síntese dos objetivos a serem contemplados por este estudo.

De modo que se faz oportuno registrar os objetivos específicos que orientarão o desenvolvimento da pesquisa:

- Apreender a categoria de lugar a partir de sua dimensão experiencial;
- Discutir as diferentes nuances sentimentais de lugar;
- Caracterizar os lugares urbanos a partir do enfoque Humanista;
- Distinguir a Avenida Paulista como lugar que comporta a diversidade das experiências humanas;
- Atribuir à Avenida Paulista um entendimento afetivo de lugar;

Os capítulos da pesquisa foram organizados a fim de possibilitar a contemplação dos objetivos supracitados, nessa mesma ordem. A metodologia definida para a pesquisa pressupõe uma revisão teórica sobre a temática do lugar, desenvolvida no primeiro capítulo, seguida pelo estudo de caso cooptado.

Neste âmbito prático da pesquisa, optou-se por uma abordagem histórica, que é apresentada no segundo capítulo, a respeito da Avenida Paulista, antecedendo o estudo realizado in loco pelo pesquisador, e descrito no terceiro, e último, capítulo.

Este é o momento em que a pesquisa adquire uma proporção empírica, onde o pesquisador interage com seu universo de estudo, procurando aproximar o plano das ideias, o conjunto reflexivo-imaginativo de sua abordagem, à prática que se insere no contexto da ação.

A perspectiva que se abre, então, é a do estudo da Avenida Paulista como recorte espacial, e das pessoas enquanto agentes responsáveis pela transformação desse espaço em lugar.

No intento de se obter resultados satisfatórios na pesquisa de campo, definiu-se como estratégia de atuação a aplicação de entrevista oral e a coleta de relatos pessoais, ambas tratadas sobre a prescrição da análise qualitativa.

Em pleno acordo com Geografia Humanista, cabe destacar a Fenomenologia como método intrínseco à metodologia proposta. O método fenomenológico tem sido a pedra de roseta dos geógrafos humanistas inclinados a compreender o lugar a partir de sua essência, sobretudo, ao darem ênfase à perspectiva experiencial.

Aliás, Moreira (2002, p.60) pondera que “sempre que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas, o método fenomenológico pode ser adequado”.

Na definição clássica elaborada por Husserl (1986, p.22), o filósofo explica que a Fenomenologia incita “voltar às coisas mesmas”, contemplar o “fenômeno puro” tal como ele se apresenta à consciência humana.

Como método empregado à Geografia, Nogueira (2004, p.212) escreve que “a perspectiva fenomenológica deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, onde o físico/humano são elementos percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que os experienciam”.

Com efeito, a noção de experiência é tão importante para a Fenomenologia quanto para a Geografia Humanista. A experiência é o que precede a realização dos lugares, impregnando o espaço com conteúdo vital. Nesse sentido, a adoção de um olhar fenomenológico apresenta-se cabível para descobrir essa relação.

Enunciando essas descobertas, as nuances que matizam esse desvelamento, Bachelard (2008, p.24) escreve:

Encontrar a concha inicial em toda moradia, no próprio castelo – eis a tarefa básica do fenomenólogo. Mas quantos problemas conexos se quisermos determinar a realidade profunda de cada uma das nuances do nosso apego a um lugar predileto! Para um fenomenólogo, a nuance deve ser tomada como um fenômeno psicológico estrutural. A nuance não é uma coloração superficial suplementar. Portanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’.

Em comunhão com o pensamento do filósofo Gaston Bachelard, Eric Dardel (1952, p.2) denomina a experiência latente do ser com o mundo, homem/terra, como “geograficidade”; esta abriga a essência da relação humana com o espaço, e escancara as portas da Fenomenologia para a Geografia.

A geograficidade chancela a ontologia do Humanismo na Geografia, ao expor uma relação existencial que atribui ao espaço geográfico um sentido de mundo vivido. Nessa concepção fenomenológica, os lugares extrapolam o conceito

locacional e passam a ser compreendidos como extensões da vida humana, como base para o estabelecimento da existência do ser (DARDEL, 1950).

Para os geógrafos humanistas, o lugar soa mais existencial do que uma categoria analítica delimitada por fundamentos rígidos e racionalistas. Assim, no intuito de evidenciar essa ideia, a presente pesquisa refletirá os proveitos da poesia e da imaginação, como forma de deixar correr livre o pensamento.

Primar-se-á pelo afastamento de uma linguagem desprovida de emoção, pois, como sugere a geógrafa Adyr Rodrigues (1997, p.17), “são toleráveis, para não dizer aconselháveis, novas formas de expressão na produção científica, com as quais imprimamos no texto nossa marca pessoal... A nova linguagem será a do coração”.

Mesmo na Geografia, o lugar comporta o rigor do cientificismo matemático e, nesse sentido, pode ser precisamente analisado como categoria espacial mediada por escalas e definida como pontos de localização.

No entanto, é provável que essa geometrização do espaço exija condutas que a “linguagem do coração” desconheça, e preceitos que dificultem o florescimento de uma “marca pessoal” do pesquisador.

No anseio de tratar sobre algumas das questões que refletem a permanência do homem na Terra, sua estada existencial e poética, os lugares surgem como abrigos em que a vida se permite perdurar, e a Geografia se apresenta como uma ciência sensivelmente interessada em compreendê-los.

CAPÍTULO 1

UM ENFOQUE HUMANISTA PARA O ESTUDO DO LUGAR

1.1 Evocando os sentimentos de lugar: amor, poesia e imaginação

Afortunado desígnio este, o de principiar o estudo que ora se apresenta falando sobre o maior de todos os sentimentos humano: o amor. Por mais recorrente que sejam as considerações a respeito do amor, não se pode duvidar que as reflexões que emergem de sua fonte são profícuas e inesgotáveis...

A intenção de trazer à tona uma ligeira reflexão sobre o amor condiz com o plano de se compreender a intensidade dos laços que unem os homens aos lugares, e, com isso, enaltecer os sentimentos que emanam dessa relação. Escrever a respeito do amor é tratar sobre a condição de se estar vivo; compreender a complexidade dos lugares do homem é tratar sobre a própria natureza humana.

Ao vínculo de explícita afetividade entre os homens e os lugares, Yi-Fu Tuan consagrou o neologismo “topofilia”, que em suas palavras significa o amor humano pelo lugar (TUAN, 1980, p.106).

Sobre esses laços, entende-se que à medida que o homem intensifica as experiências vividas nos lugares, ativam-se os sentimentos de pertença e afetividade, bem como os seus pares antagônicos, o estranhamento e a rejeição.

É certo pensar que os lugares nascem do amor, pois se realizam nos encontros e nas trocas humanas. Mas não menos correto é afirmar que eles também nascem do ódio, já que também podem ser frutos da ira e do medo.

De fato, são muitos os lugares povoados pelo medo, e outros tantos deflagrados pela ira. Contudo, optou-se por discorrer apenas sobre a topofilia, e não a respeito da “topofobia” (TUAN, 2005), termo que se contrapõe ao primeiro, mas que está igualmente associado aos afetos provocados pelo lugar.

Ora, é claro que os lugares, assim como as pessoas, provocam afetos. Primeiro, porque os lugares são sempre criações humanas, segundo, porque os homens habitam os lugares e, terceiro, porque depois de um tempo os lugares também passam a habitar os homens. De forma que o par homem/lugar se complementa, um não existe sem o outro.

Lugares são realizados a todo o momento, pois os seres humanos precisam dos lugares para viver. As sociedades aprenderam a se organizar no espaço criando lugares seguros e funcionais. Os lugares são históricos, porque a partir do instante em que um lugar se realiza, já passa a ter uma história que se inscreve nas relações tecidas em sua construção.

No mundo é que os homens constroem os lugares. Em outras palavras, mas sem corromper o nexo da afirmação, o mundo é uma sobreposição de lugares que se realizam no espaço. Logo, pode-se dizer que a todo homem corresponde um sem número de lugares realizados no decorrer de sua vida.

O bairro, a cidade natal, a pátria mãe, entre tantos outros, todos esses são exemplos de lugares que despertam os sentimentos de pertença, convivência e apropriação. São espaços relacionais, da intimidade e da afeição. Casos de topofilia plena, de puro amor pelo lugar.

Ao escrever “sobre o amor”, Konder (2007) passeia por filósofos, poetas e autores clássicos da literatura, em busca de tonalidades que revelem as diferentes nuances a respeito do amor. De Platão a Freud, passando por Shakespeare, Dostoiévski e Drummond. Nomes tão díspares na cronologia e no pensamento, que o exercício de coletar as frações do amor em suas obras assemelha-se à árdua tarefa de um garimpeiro.

Afinal, quem diria que em meio aos manifestos revolucionários de Karl Marx, Konder (2007, p.19) extrairia verdadeiras declarações de amor? Todavia, mesmo em face da inusitada inclusão de Marx numa abordagem que versa sobre o amor, a personalidade comentada por Konder que aqui merecerá atenção especial é outra; trata-se, pois, da poetisa norte-americana Emily Dickinson, situada por Konder (2007, p.81) no capítulo intitulado: “Emily Dickinson: minha casa, meu universo”.

Já no início do texto dedicado à poetisa, o leitor é informado de que Emily Dickinson nascera e morrera na mesma casa em que viveu por toda a vida, daí o motivo da escolha do título para um capítulo que fala a seu respeito.

Com efeito, a velha casa em que Emily nasceu era um lugar totalmente arraigado à sua vida. Konder (2007, p.85) escreve que Dickinson precisava muito da estabilidade que somente um autêntico lar poderia lhe dar. Por essa razão, a casa é um elemento essencial na obra poética de Emily Dickinson, que optou por levar uma vida isolada no interior dos Estados Unidos.

No entanto, mesmo vivendo reclusa, Konder (2007, p.84) revela que por vezes Emily Dickinson imaginava-se voltando para casa após um grande período de ausência. Neste temível devaneio, Emily via-se segurando a chave da casa na mão, em frente à porta ainda fechada, postergando ao máximo a entrada em seu próprio lar. Ao abrir a porta, a poetisa era recebida por uma pessoa desconhecida; o

estranho lhe questiona, então, sobre o que ela teria vindo fazer ali, e Dickinson responde: “é só uma vida que aqui deixei”.

Com medo de partir e ao retornar não reconhecer mais o lar que deixara para trás, Emily Dickinson procurou filtrar os sons do mundo em sua própria casa (KONDER, 2007, p.85). Mas a casa não era apenas um lugar no mundo, a casa era o próprio mundo de Emily Dickinson, o universo fundamental de sua existência.

Da estrutura concreta à expressão mais abstrata do pensamento poético de Emily Dickinson (2007, p.21), o poder imagético da casa emerge do poema transcrito a seguir:

Os andaimes amparam a casa
Até estar concluída
E somem, a partir daí;
A prumo e ereta,
A casa a si própria sustém
E já não mais recorda
Nem carpinteiros nem brocas –
Memória igual tem a vida
Integralmente cumprida –
Um passado de lentidão, tábuas
E pregos - caem então os cadafalsos
Afirmando-a como alma⁴.

A vida está ligada à casa, em memória e alma. A casa está ligada ao mundo, e também contém a vastidão do universo. Foi nesse sentido que Bachelard (2008) utilizou-se da “poética do espaço” para escrever sobre o universo. Para o filósofo, o universo se enquadra na mesma concepção de espaço poético da casa, do ninho e da concha. Por meio dessas associações, Bachelard sustenta o que chama de “dialética dinâmica” do espaço.

Na poética bachelardiana, os espaços e os lugares se expandem a diferentes níveis de representação. Por meio de uma abordagem fenomenológica, Bachelard

⁴ “The Props assist the House / Until the House is built / And then the Props withdraw / And adequate, erect, / The House support itself / And cease to recollect / The Auger and the Carpenter – Just such a retrospect / Hath the perfected Life – A past of Plank and Nail / And slowness – then the Scaffolds drop / Affirming it a Soul”.

entende a casa como o espaço da intimidade que, por outro lado, se enquadra na dialética dinâmica porque também é “todo um mundo”.

Para Bachelard (2008, p.24), “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo”.

No quadro pintado pelo artista belga René Magritte, intitulado “Elogio à dialética” (ver **Figura 1**), observa-se uma janela com suas folhas abertas para dentro de uma casa, e esta resguarda dentro de si outra casa com suas janelas e porta. Essa obra foi pintada por um dos mestres do realismo fantástico, e nada em seu trabalho é explicativo ou superficial.

Cada detalhe exige do espectador o máximo de acuidade. Não se pode simplesmente correr os olhos por uma tela de Magritte. Essa janela esconde um segredo, ou melhor, revela um segredo. Este é o mistério da pintura de Magritte, ao inverter a ordem e os sentidos das coisas, ele revela detalhes que embaralham a percepção humana e aguçam o pensamento de quem contempla a riqueza poética de sua obra.

De acordo com Meuris (1999, p.103), “a imagem magrittiana propõe ao olhar um enigma ambíguo que é resolvido pelo espírito”, esse é um jogo travesso que Magritte trava com o espectador. No quadro “Elogio à dialética”, a janela mostra uma casa que há dentro da própria casa, revelando que o interior da casa comporta a sua forma exterior. Possivelmente, é acerca desse aspecto que Magritte reverencia a dialética já no título de sua tela.

Figura 1. “Elogio à Dialética”. MAGRITTE, René. “*Eloge de la dialectique*”, 1937, Óleo sobre tela, 65 x 54. *National Gallery of Victoria, Melbourne*. Fonte: Magritte (1998, p.130).

O medo de não reconhecer mais a si mesma fez de Emily Dickinson uma reclusa de seu universo mais íntimo, sua casa – seu mundo. Mas, partir de um lugar nem sempre significa abandoná-lo, pelo contrário, há os que afirmam que mesmo depois de partir, o homem nunca abandona totalmente a própria casa.

O poeta Mario Quintana (2005, p.760) escreve que “não importa que a tenham demolido: a gente continua morando na velha casa em que nasceu”. A afirmação de Quintana incita a pensar que o homem leva a casa sempre consigo,

não como o caracol que a carrega nas costas, mas como um poeta que carrega dentro de si a essência de sua poesia.

De modo que a velha casa continua morando no homem, mesmo depois de seu abandono ou demolição. A localização da casa é sempre duas, a externa e a interna. A externa abre as porta e janelas para fora, e a interna as abrem para dentro. Ao final do poema “A casa grande”, Mario Quintana (2005, p.335) revela:

[...]
Não pude ser um menino da rua...
Aliás, a casa me assustava mais do que o mundo, lá fora.
A casa era maior do que o mundo!
E até hoje
– mesmo depois que destruíram a casa grande –
Até hoje eu vivo explorando os seus esconderijos...

Bastante diferente de Emily Dickinson, o poeta Mario Quintana não viveu a vida toda no lugar em que nasceu. Natural na cidade de Alegrete, Rio Grande do Sul, Quintana mudou-se para Porto Alegre e foi lá que fixou residência. Um fato bastante interessante sobre sua biografia, é que o poeta optou por morar em hotéis e pensões da capital gaúcha, chegando a viver por mais de dez anos num hotel chamado Majestic⁵.

Em dissertação de mestrado, Valmorbida (2007) estuda as maneiras como a imagem da casa aparece na poesia de Mario Quintana. Tendo como aporte teórico a Fenomenologia de Gaston Bachelard, a autora faz um apanhado sobre a dimensão poética da casa – seus simbolismos e significados – na obra do poeta.

Em alusão ao espaço poético, a imagem da casa surge em Quintana como metáfora de seu próprio itinerário geográfico sentimental (VALMORBIDA, 2007). Não somente a casa, como também as partes que a constituem: os quartos, as janelas,

⁵ Desde 1982, o Hotel Majestic, que teve a sua construção iniciada em 1916, pertence ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e em 1983 foi rebatizado como “Casa de Cultura Mario Quintana”. Contudo, somente no ano de 1990 seus 12.000 m² de área construída foram reabertos à comunidade, servindo como centro de atividades culturais.

escadarias e portas são algumas das figuras que permeiam o imaginário poético de Quintana, e que lhe permitem compor seus versos sobre a morada.

Convém que se faça um adendo sobre a pintura de René Magritte, em analogia à poesia de Quintana. Conforme visto na tela apresentada anteriormente, Magritte também manifesta em sua arte uma predileção por pintar casas, janelas e portas. Sua pintura exhibe um trabalho técnico primoroso, como o jogo de luz e sombra observado no quadro intitulado “O Império das Luzes” (ver **Figura 2**).

Figura 2. “O Império das Luzes”. MAGRITTE, René. “*L’Empire des Lumières*”, 1954, Óleo sobre tela, 146 x 113,7 cm. *Musées Royaux des Beaux-Arts*, Bruxelas. Fonte: Magritte (1998, p179)

Nesse quadro de Magritte, a casa se destaca em meio à claridade do dia e a escuridão da noite. O céu azul coberto de nuvens brancas destoa do sombrio entorno da residência. Sobre essa pintura, Magritte (apud Meuris, 1999, p.80) escreve: “Esta evocação da noite e do dia parece-me dotada do poder de nos surpreender e de nos encantar. Chamo a este poder: poesia”.

O devaneio poético de Magritte está intimamente ligado à fixação do artista pelo contraditório. Na cena de “O Império das Luzes”, há uma desarticulação da estrutura temporal, dois tempos se realizam no mesmo momento e dividem o espaço. A casa, em meio às parcas luminosidades e sombras de causas subjacentes, parece absolutamente enigmática, como a esfinge indecifrável.

Valmorbida (2007, p.126) escreve que na poesia de Mario Quintana, “as casas também se transfiguram em lugares que se situam para além do ato de morar”. O menino Quintana nunca mais se esqueceu da “casa grande”. De fato, a casa em que se viveu na infância é o primeiro lugar do qual se tem memória⁶.

Lembrar da casa em que se foi criança é recordar de uma importante fase da vida já vivida pelo homem. Trata-se, pois, do início dessa vida, de uma época recheada de prazeres intensos e descobertas reveladoras. Bem ou mal, a infância acompanha o homem seja como essência, seja como sombra. Na casa da infância é que permanecem escondidos os lugares secretos de outrora, mas é dentro do homem que esses lugares são freqüentemente redescobertos.

A casa do passado é sempre uma construção de histórias das quais não se pode ou não se quer esquecer jamais. Sobre a casa como um dos espaços poéticos na obra de Mario Quintana, Valmorbida (2007, 128-129) escreve:

A poesia quintaneana atravessa espaços vividos e sonhados, constantemente renovados e, através dos devaneios, reinventados. O

⁶ Tuan (1983, p.153) afirmará que para a criança pequena, “os pais são o seu lugar primeiro”.

espaço interior, constantemente refeito, faz parte desse espaço exterior que é continuamente desconstruído, destruído ou reformado. [...] A poesia instaura esse lugar de reconstrução permanente, capaz de resistir ao tempo e às demolições. A poesia é esse componente de transformação de espaço físico em espaço memória-devaneio, para que se resguarde o sonhar poético.

Assim como a casa é uma expressão de lugar recorrente na obra de muitos poetas, pois comporta a densidade do lar, da segurança e da intimidade, também há outros tantos lugares que substanciam seus pensamentos. A imaginação está diretamente relacionada à multiplicidade dos lugares criados e desvelados pelos artistas em suas obras: lugares reais e ficcionais; lugares concretos, oníricos ou sentimentais; lugares do corpo, da mente e do coração.

Não importa a escala, a localização ou o teor de verossimilhança, os lugares da poesia, da literatura, das artes plásticas, do cinema e de tantas outras expressões artísticas comungam numa mesma ordem de valores apregoados pela imaginação. Esses lugares estão povoados por curiosas personagens e histórias fantásticas. São lugares que existem na alma de seus criadores, e passam a existir também na vida de quem os lê.

Para o geógrafo humanista David Lowenthal (1985, p.120):

Em cada um dos nossos mundos pessoais, bem mais do que no consenso compartilhado, os caracteres das fábulas e das ficções residem e se movimentam, alguns em seus próprios territórios, outros compartilhando países familiares com pessoas e lugares reais. [...] As geometrias extraterrestres, os monstros topográficos e os modelos abstratos de toda espécie, por sua vez, acrescentam elucidação às perspectivas da realidade. Se nós não pudermos imaginar o impossível, os nossos mundos, tanto os particulares como os coletivos, seriam muito pobres.

Mas não são apenas os lugares do devaneio que dizem muito sobre seus criadores e indivíduos que os habitam. Se os homens estão ligados a um sem número de lugares, como já foi mencionado anteriormente, pode-se afirmar que o mesmo ocorre com os artistas em suas obras de arte, com os poetas em suas

poesias e com os romancistas em seus romances. Ruas, cidades e países transcendem a obra desses homens, surgindo como declarações de afeto, recordações de vida e promessas de amor.

O filósofo Leandro Konder (2007, p.60), dando continuidade à sua cruzada sobre o amor, recorda que o escritor argentino Jorge Luis Borges, mesmo estando quase completamente cego, aventurava-se sozinho pelas ruas da cidade de Buenos Aires para reavivar sua intimidade com os lugares que amava.

O amor pelo mundo dos livros e por universos fantásticos dividia espaço com o sentimento de afetividade que Borges nutria por sua cidade natal. Sobre as ruas de Buenos Aires, Jorge Luis Borges (2007, p.14) escreve:

Las calles de Buenos Aires
ya son mi entraña.
No las ávidas calles,
incómodas de turba y ajetreo,
sino las calles desgastadas del barrio,
casi invisibles de habituales,
enternecidas de penumbra y de ocaso
y aquellas más afuera
ajenas de árboles piadosos
donde austeras casitas apenas se aventuran,
abrumadas por inmortales distancias,
a perderse en la honda visión
de cielo y llanura.
Son para el solitario una promesa
porque millares de almas singulares las pueblan,
únicas ante Dios y en el tiempo
y sin duda preciosas.
Hacia el Oeste, el Norte y el Sur
se han desplegado -y son también la patria- las calles;
ojalá en los versos que trazo
estén esas banderas.

O encantamento de Borges é pelas ruas secretas à margem dos olhos mais apressados, as ruas das casas onde a vida se permite montar residência e enraizar-se. O que lhe inspira são as ruelas “invisíveis”, descobertas em tardes de caminhadas e em passeios despreocupados com o tempo despendido, que quase sempre acabam se transformando em verdadeiras empreitadas exploratórias.

Assim é a Buenos Aires de Borges, repleta de lugares “entranhados”. Na verdade, assim são as cidades de todos os grandes poetas e escritores, enfeitadas de passagens secretas, eldorados perdidos e refúgios poéticos. As ruas, essas vias funcionais da passagem e do trânsito, transformam-se, assim, em lugares que exigem a pausa, a reflexão e o envolvimento.

Do mesmo modo que a figura de Borges está intimamente relacionada à capital portenha, os passos serenos de Mario Quintana parecem ecoar ainda hoje pelas ruas de Porto Alegre. É como se a voz mansa do poeta continuasse a declamar todo o amor e devoção pela cidade... E em seu confortável passear, Mario Quintana (2005, p.98) diria:

O MAPA
Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(E nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade do meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez do meu repouso...

Em cada verso dedicado às cidades, Borges e Quintana somam-se a muitos outros poetas e escritores que também souberam desvendá-las no andar e no

repouso. Assim como as cidades de Buenos Aires e Porto Alegre, poder-se-ia citar muitas cidades que também foram eternizadas por seus escritores ilustres, como por exemplo: a São Petersburgo de Gogol, a Paris de Vitor Hugo, a Londres de Thomas De Quincey, a Lisboa de Fernando Pessoa, a São Paulo de Mário de Andrade, etc.

Na literatura de Honoré de Balzac, por exemplo, pode-se observar logo nas primeiras páginas de “Ferragus”, um dos romances que integra o monumento literário “A Comédia Humana⁷”, a capacidade que o autor tem de transpor a realidade das ruas de Paris, ao descrevê-las por meio de características absolutamente humanizadas.

Balzac não deixa dúvidas sobre a importância que a cidade de Paris tem na sua obra. De fato, ela não aparece apenas como palco para o desenlace das ações orquestradas entre as personagens, ao contrário, Paris surge como a personagem principal da história.

Entretanto, a Paris do séc. XIX retratada por Balzac não tem a vibração poética dos lugares ternos, seguros e afetivos mencionados até aqui. Há uma atmosfera sombria e sinistra que se entremeia pelas ruelas da capital francesa, revelando facetas atemorizantes e obscuras.

No entanto, a descrição de Paris, realizada por Balzac em Ferragus, merece uma atenção especial por tratar a cidade como um ser vivo complexo, enérgico e cáustico. Ora, o esboço que o autor fez dessa cidade refletia os traços de uma sociedade e de sua época, e os lugares realizados por essa sociedade eram frutos dela mesma.

⁷ A “Comédia Humana” é o título geral da obra de Honoré de Balzac composta por 89 romances, novelas e contos. Considerada um painel do século XIX, a obra foi dividida pelo autor em três grandes partes: “Estudos de costumes”; “Estudos analíticos” e “Estudos filosóficos”.

Com a palavra, então, Honoré de Balzac (2006, p.27) e suas revelações sobre as ruas de Paris:

Existem em Paris algumas ruas de tão má reputação quanto a que pode ser atribuída a um homem que cometeu alguma infâmia; existem também ruas tão nobres, ao lado de ruas simplesmente decentes; um pouco mais além, estendem-se ruas jovens, sobre cuja moralidade o público ainda não teve tempo de se decidir; e há ruas assassinas; ruas mais antigas que as mais velhas das viúvas ricas; ruas simpáticas, ruas sempre limpas, ruas sempre sujas, ruas operárias, trabalhadoras, comerciais. Em uma palavra, as ruas de Paris têm qualidades humanas, e seu aspecto geral nos impõe certas idéias contra as quais nos sentimos indefesos. Existem ruas que se parecem com más companhias, onde você não ia querer morar, e outras ruas para as quais você se mudaria com a maior boa vontade.

Como a narrativa do precursor do romance moderno é absolutamente envolvente e excitante, dar-se-á licença para que Balzac (2007, p.30) continue com a sua apresentação de Paris:

Quem não conseguiu admirar tuas paisagens sombrias, os curtos instantes em que brilha a luz, teus becos infindáveis e silenciosos, quem não pôde escutar teus sussurros entre a meia-noite e as duas da manhã ainda não teve a menor oportunidade de conhecer sequer um pouco de tua verdadeira poesia, nem contemplar teus contrastes, tão grandes e tão estranhos!... Todavia, sempre se encontra um certo número de conhecedores, pessoas que não caminham imersas em seus próprios pensamentos, mas que sabem como se deliciar com Paris, que conhecem tão bem sua fisionomia que percebem nela até mesmo uma verruga, um sinal de nascença, o menor rubor. Para os outros, Paris é sempre uma maravilha monstruosa, um espantoso conjunto de acontecimentos, de máquinas e de idéias, a cidade em que transcorrem cem mil romances, a verdadeira cabeça do mundo. Só que para estes, Paris é triste ou bela, feia ou linda, viva ou morta; para eles, Paris é uma criatura completa: cada ser humano, cada detalhe de um prédio são apenas um fragmento do tecido celular dessa grande cortesã, de quem conhecem perfeitamente a cabeça, o coração e os fantásticos costumes.

Quanta complexidade envolve as características da Paris de Balzac. Mas, não poderia ser diferente, já que se trata de uma das cidades mais importantes do mundo. Sempre na vanguarda do pensamento humano, a capital francesa encanta porque inspira, e vice-versa. De fato, ela é pura inspiração! Paris reluz sem ser ouro, e confirma o velho dito popular.

Contudo, Paris não é, de forma alguma, mais ou menos complexa do que qualquer outra cidade do planeta. Os arranjos que agem na realização de seus lugares estão em pé de igualdade a todos os que formam as demais cidades. Decerto, o que faz da Paris de Balzac uma cidade insuperável é o esmero sobre-humano do romancista em torná-la um verdadeiro monumento literário.

Se bem que, todas as cidades resguardam em si o monumento que a enaltece: o fator humano. De modo que as ruas da Buenos Aires de Borges estendem-se junto às calçadas da Porto Alegre de Mario Quintana, que se cruzam aos becos da Paris de Balzac. Cada ser carrega em si uma parte de suas cidades. Cada um realiza seus lugares a partir de suas experiências pessoais.

Numa cena pintada pelo artista plástico Rob Gonsalves⁸, intitulada “Aí vem a inundação” (ver Figura 3), pode-se observar pessoas que caminham pelas ruas de uma cidade levando sob as suas cabeças blocos retangulares espelhados que refletem as construções a sua volta.

Como um grande rio correndo por entre as casas, a “inundação” representada na tela de Rob Gonsalves, vai tomando conta das ruas. A cena remete à poética errática de Veneza, e só destoa dessa associação porque, no caso da pintura, as pessoas é que são as responsáveis pela inundação.

⁸ O canadense Rob Gonsalves é um dos principais representantes na atualidade de um estilo de arte que remete ao surrealismo, mas que é melhor definido como “realismo mágico”, tendo recebido influências diretas das artistas como René Magritte e M. C. Escher.

Figura 3. “Aí vem a inundação”. GONSALVES, Rob. “*Here Comes the Flood*”, 1994, Tinta acrílica sobre tela, 46 x 61 cm. Fonte: Al Seckel (2004, p. 122)

Alegoricamente ou não, os lugares são sempre criações do homem. Eles nascem das práticas cotidianas e resistem como partes da vida das pessoas envolvidas. Comporta o material concreto, mas não existe sem a abstração das experiências humanas, estas abastecem os lugares como as águas que enchem um oceano, ou como as areias que formam o deserto.

Do realismo mágico presente na pintura de Rob Gonsalves, dá-se um salto ao realismo fragoso do cinema do diretor alemão Wim Wenders. Da tela inundada de gente à secura do deserto que tange a concepção de lugar existencial na obra do cineasta. A referência em questão é a aclamada produção cinematográfica “Paris,

Texas⁹” (1984), um filme que escarna as Geografias de seus personagens através das lentes de Wenders.

Na primeira cena do filme, vê-se uma tomada em plano aberto de um grande deserto. Um falcão observa atento à aridez da paisagem, e um homem solitário vagueia aparentemente sem destino algum. Este homem é Travis, personagem protagonista da película de Wenders. Ao som de uma trilha sonora sombria, o sujeito caminha pelo deserto vestindo um terno surrado e um boné vermelho desbotado.

Travis está perdido. Perdido num deserto total. Mas ele também está a caminho, está indo para algum lugar. Uma melancólica música o acompanha, e é como se a trilha sonora composta pelo músico Ry Cooder fosse a sua própria voz ecoando pelo deserto, em plena harmonia com a aspereza da paisagem. De fato, trata-se de um personagem áspero, atormentado e angustiante.

Depois de quatro anos desaparecido, Travis é resgatado por seu irmão Walt, no estado americano do Texas. Travis é encontrado vagando pelo deserto, ele não fala e aparentemente está sem memória. Em uma cena bastante simbólica, Walt encontra Travis caminhando sob trilhos de trem que cortam a paisagem desértica, então, Walt, visivelmente aflito com o estado do irmão, pergunta a Travis: “Para onde você está indo? O que tem lá?”. A câmera de Wenders mostra que “lá”, na direção em que Travis estava caminhando, não havia nada, a não ser mais deserto e a continuação dos trilhos.

Em seguida, os dois irmãos partem em uma viagem de “volta” para casa. De carro, estrada a fora, eles atravessam o deserto do Texas. Aos poucos, Travis vai retomando a fala e a espontaneidade com seu irmão. A longa viagem torna-se uma

⁹ O filme “Paris, Texas” foi o ganhador da “Palma de Ouro” no ano de 1984, prêmio concedido pelo Festival de Cinema de Cannes, na França. O filme é considerado pela crítica, a obra-prima do diretor Wim Wenders, um dos nomes responsáveis pelo êxito do cinema alemão. Deve-se destacar que Wenders é um dos principais representantes do gênero “road movie” - os filmes de estrada.

jornada verdadeiramente existencial. Do lado de fora do carro, o céu azul contrasta com a aridez do deserto e com a própria aridez emocional de Travis.

Estradas intermináveis, placas, postos de gasolina e hotéis de beira de estrada são elementos que aparecem constantemente nas cenas da viagem. Como um elogio de Wim Wenders aos “não-lugares”, já descritos, inclusive, por Marc Augé, esses símbolos da falta de identidade e da evasão constituem a atmosfera que marca o estilo “*road movie*” do cineasta.

Em dado momento, o título do filme é esclarecido pelo próprio protagonista; Travis carrega consigo a foto de um lugar totalmente ermo, aparentemente em meio ao deserto e que tem uma placa cravada no chão. Travis conta ao irmão que a foto é de um terreno comprado antes de seu desaparecimento, e que está situado num lugarejo chamado Paris, no Texas. Travis revela, ainda, que lá ele foi “concebido” por seus pais, numa Paris que em nada lembra a capital francesa, mas que de certa maneira, é a “sua” Paris, é o seu lugar primeiro no mundo. E Travis diz ao irmão: “Eu comecei ali!”.

Desse modo, fica-se sabendo um pouco mais sobre a vida do “anti-herói” da história. Ao chegar à casa do irmão, Travis depara-se com um autêntico lar. Ele reencontra o filho de sete anos que agora vive com Walt e sua afetuosa mulher, já que após o desaparecimento de Travis, o menino fora abandonado também pela mãe e, por isso, acolhido pelo tio.

A aproximação entre pai e filho se dá aos poucos e as histórias do passado começam a vir à tona. No início, há uma certa resistência da parte de ambos, mas aos poucos se reconstrói uma relação de cumplicidade. Contudo, Travis não consegue se enquadrar na atmosfera de um lar familiar, e isso o constrange. De

modo que ele decide voltar à estrada, só que desta vez vai à procura de sua mulher e na companhia de seu filho.

O filme de estrada recomeça, e a viagem ressurgue como uma busca que agora tem destino certo, o de reencontrar a mulher que os une, a mãe capaz de restaurar o cerne familiar. E eles a encontram, depois de mais uma sucessão de estradas, pontes, viadutos e prédios que vão surgindo do lado de fora do carro no decorrer da viagem, Travis descobre o paradeiro de sua mulher.

Na cena desse reencontro, num instante clímax do filme, Travis revela parte de seus segredos mais íntimos a ela. Sobre o tempo em que eles ainda viviam juntos, formando uma família, sobre as obrigações do trabalho, os problemas diários e o ciúme que ele sentia por ela, Travis, falando em terceira pessoa sobre si mesmo, explica o motivo de seu desaparecimento: “... ele desejou que estivesse longe... perdido na imensidão de um país em que ninguém o conhecesse. Algum lugar sem língua... e ruas. E ele sonhou com esse lugar sem saber qual era o nome¹⁰”.

Como se vê, a busca de Travis não é assim tão simples. E mesmo depois de encontrar a mãe de seu filho, e de reaproximá-los, ele “foge” outra vez. Para onde ele vai? Não há como saber. Talvez volte para o Texas, em busca de sua Paris. Ou, quem sabe, continue rodando as estradas da América à procura de um lugar em que possa finalmente sentir-se em casa.

Assim é o cinema de Wim Wenders, cheio de criaturas atormentadas e conflitos existenciais. Travis é uma síntese desses personagens levados à tela pelo cineasta alemão. Em um filme mais recente, “Palermo Shooting¹¹”, Wenders

¹⁰ Trecho original da fala do personagem Travis: “... he wished he were far away... lost in a deep, vast country where nobody knew him. Somewhere without language... or streets. And he dreamed about this place without knowing its name”.

¹¹ Produção Alemã de 2008, mas ainda inédito no Brasil.

apresenta a história de um jovem fotógrafo alemão talentoso e bem sucedido, de renome internacional, mas que passa por um sério momento de embate pessoal.

Inquieto com o mundo à sua volta, vazio de expectativas, o rapaz vê a vida passar através do zoom e do foco da câmera fotográfica, e escuta o mundo por meio das músicas que ouve, ininterruptamente, em fones de ouvido ligados ao *Mp3 player*. Mas o que ele nem imagina é que ao viajar à Itália, para a realização de um trabalho, o destino de sua vida mudará radicalmente.

Ao chegar à cidade de Palermo, uma sucessão de eventos o faz ponderar coisas que o angustiam. A enigmática Palermo o faz ver e sentir um envoltório “sobrenatural” e, a partir desse momento, num lugar recheado de histórias e que esconde na etimologia do próprio nome o significado de “grande porto¹²”, sua vida toma um rumo inesperado.

O que fica claro no cinema de Wenders é a sua obsessão pela diversidade dos lugares do mundo. Consequentemente, o seu fascínio estende-se às pessoas que estão envolvidas na realização desses lugares. Wenders é um contador de histórias simples e banais, mas, ao mesmo tempo, absolutamente complexas, assim como os reais paradoxos da vida.

Em seu documentário “Buena Vista Social Club”, Wenders explora a música vibrante de Cuba. Através de imagens gravadas pelas ruas e calçadas de Havana, o diretor vai construindo uma narrativa que está muito próxima ao dia-a-dia daquele povo. Os sets de gravações são casas e becos onde a vida se desenvolve na total normalidade.

O filme reverencia a cultura cubana ao apresentar para o mundo um grupo de cantores que foram e ainda são, idolatrados na ilha de Fidel Castro. São figuras

¹² Essa é uma revelação feita ao personagem protagonista em uma cena crucial do filme.

encantadoras como Compay Segundo, Ibrahim Ferrer e Omara Portuondo, entre outros, verdadeiras personalidades que representam com autenticidade os costumes e as tradições de Havana.

No documentário, a música desses cantores e instrumentistas é levada aos palcos de Amsterdã e Nova York, em apresentações comoventes de antigos companheiros de estrada. Como num encontro de despedida, os velhos amigos rememoram através da música que os une, suas histórias, amores e um profundo sentimento de patriotismo. As apresentações são intercaladas por depoimentos e relatos dos próprios artistas em sua terra natal, e por narrações do músico e produtor musical Ry Cooder¹³, o idealizador do documentário de Wim Wenders.

Através dos lugares, das pessoas e da música, Wenders compõe a sua tradução de mundo. Seus filmes parecem tentar mensurar em imagens e sons um pouco da dor, do amor e da poesia que se ancoram sobre os homens da terra.

Nesse sentido, o cinema de Wim Wenders se junta às demais expressões artísticas citadas até o momento para auxiliar na elucidação de questões que estão sensivelmente ligadas ao plano do mundo vivido, à essência dos lugares.

O exercício de coletar esses fragmentos em meio às artes do homem, neste caso com a finalidade de evocar os sentimentos de lugar, surge como alternativa de abordagem possível na Geografia Humanista, evidenciando, assim, o interesse particular do Humanismo pelos proveitos da imaginação.

Por sinal, sobre a imaginação, Morin (2005, p.126) escreve que ela “é a louca e a fada da casa”. É o mais fértil artifício do ser humano, já que “torna-se um elemento necessário à verdadeira lembrança” (CASSIRER, 1997, p.89).

¹³ O mesmo músico responsável pela melancólica guitarra na trilha sonora de “Paris, Texas”.

Às coisas que se emprega a imaginação tendem a se iluminar, o imaginário desconhece os riscos e transgredir as barreiras da precaução. Sartre (1996, p.165) entende que “a imaginação é um ato mágico”, pois ao imaginar o homem vê-se encantado.

De acordo com Sartre (1996, p.193):

Preferir o imaginário não é apenas preferir uma riqueza, uma beleza, um luxo enquanto imagem à mediocridade presente apesar do seu caráter irreal. É também adotar sentimentos e um comportamento “imaginários”, por causa de seu caráter imaginário. Não escolhemos apenas esta ou aquela imagem, escolhemos o estado imaginário com tudo quanto comporta [...].

A própria escolha do imaginário remonta a um ato de sublimação ao pressupor que nesse ponto também se adote sentimentos e comportamentos de caráter imaginário. A imaginação revigora o pensamento. De modo que o imaginário não ameaça a razão, mas, pelo contrário, encoraja-a. E não importa se essa razão pende mais para o lado da razão dialética abordada por Sartre, ou da razão analítica defendida por Lévi-Strauss (1989).

A imaginação, como recurso essencial ao pensamento, é uma prática que não deveria ser desperdiçada jamais, sobretudo às mentes menos criativas. Para Cassirer (1997, p.83):

Se o homem começou a dirigir os olhos para os céus, não foi para satisfazer uma curiosidade meramente intelectual. O que ele realmente procurava no firmamento era o seu próprio reflexo e a ordem de seu universo humano. Sentia que seu mundo estava preso por muitos laços visíveis e invisíveis à ordem geral do universo – e tentou penetrar nessa conexão de mistérios.

Mais encorajador é acreditar que a necessidade da prática científica tenha surgido do pensamento livre, da imaginação e da subjetividade. Que a ciência seja sempre entendida como uma resultante e, caso o homem primitivo seja dotado naturalmente de uma ciência do concreto, como pretende Lévi-Strauss (1989, p.15),

que essa ciência traga a marca da poesia anunciada por Cassirer, ao revelar que antes de chegar às estrelas, o homem se dispôs a contemplá-las.

Possivelmente, ao lançar-se estrada a fora um peregrino abdicaria do cajado e do mapa, mas nunca de uma mente imaginativa. Às mentes mais férteis, nem mesmo a estrada é preciso quando transborda o sumo da imaginação.

Da poesia ao cinema, o caminho percorrido até aqui esteve guarnecido pelo valor imagético da casa, da rua, da cidade e da pátria. Escalas diferentes de lugares essencialmente humanos e humanizados. Exemplos do que o geógrafo Yi-Fu Tuan chama de toponímia. Referências genuínas aos vínculos de afetividade estabelecidos entre o homem e o espaço.

A fonte que unge as reflexões até então apresentadas é demasiadamente fértil e suas vertentes adquirem substância na diversidade do pensamento. As combinações de seus arranjos são múltiplas, como as do próprio conhecimento humano, e registram os intrincados mundos que tangem as experiências do ser.

Cabe ao homem se deixar afetar por essas reflexões, e permitir que as suas ciências também se beneficiem com o vigor das expressões artísticas: com todo o amor, poesia e imaginação que emanam delas. Essa tríade está ligada às abordagens essencialmente humanistas, e é a respeito das contribuições deste enfoque para o estudo do lugar na ciência geográfica que se escreverá a seguir.

1.2 A Geografia Humanista e o entendimento das experiências de lugar

O filósofo Edgar Morin (2005, p.290), também geógrafo e historiador, diz que “viver por viver significa viver poeticamente”. Ele questiona se um dia a humanidade poderá habitar poeticamente a terra e transformar a “hominização” em “humanização”. Este aprazível devaneio mencionado por Morin, sobre a possibilidade de o homem habitar poeticamente o planeta em que vive, enquadra-se perfeitamente no plano de estudo dos geógrafos humanistas.

Para Roux (2004, p.43), “habitar é uma arte, a arte de domesticar o espaço na sua adversidade e sua complexidade”. Desde o princípio de sua existência, o homem tem feito esforços para transformar o mundo em lar, isso reflete o inerente desejo da humanidade por sentir-se em casa.

Os rincões desbravados sinalizam a obstinação humana pelo conhecimento do espaço. E o homem, seja indivíduo ou sociedade, que descobre os meios de levar uma vida em harmonia com o espaço, experimenta o sabor inebriante de uma Geografia vívida, poética e dinâmica.

Decerto, cabe afirmar que a notável relação do homem com a terra constitui o tema primordial da Geografia humana. No tocante à Geografia Humanista, o interesse pelo que há de existencial nessa relação é o que move o espírito científico dos geógrafos. Estes se empenham em compreender as experiências que o homem tece com o espaço, aproximando o rigor das abordagens científicas a um pensamento filosófico com base na Fenomenologia.

É possível dizer, inclusive, que o interesse dos geógrafos humanistas pela Fenomenologia está marcado por um ano de nascimento: este é 1952, ano em que o geógrafo Eric Dardel apresentou seu pequeno livro “*L’Homme et La terre – nature de la réalité géographique*”. Essa obra é considerada um dos passos mais representativos para a difusão do pensamento Humanista na Geografia, situando Dardel como o precursor da abordagem fenomenológica na ciência geográfica.

Com clara influência de filósofos como Husserl, Heidegger e Bachelard, Dardel (1952) afirma que do par “terra/homem” – relação a qual se refere como “visceral” – é que depende o entendimento da natureza geográfica.

O autor menciona que além de ser científica, a Geografia também deveria servir como instrumento de descoberta e de aventura para a humanidade. De acordo com Dardel, o espaço geográfico exige uma atitude exploratória que alie ciência e observação poética, e, com isso, a Geografia deve se ocupar com a aventura de decifrar os signos ocultos da terra.

Desse modo, Dardel (1952, p.98) explora a temática do espaço a descobrir, a partir da expressão “*géographie héroïque*”: uma Geografia praticada por homens corajosos, num mundo de terras e mares ainda virgens, repleto de espaços a serem desbravados – alegoricamente ou não. A propósito dessa abordagem, o autor escreve sobre heróis, aventureiros, exploradores lendários e outros personagens que permeiam as fábulas e os mitos universais.

Ao fazer alusão às sagas históricas, como as dos povos nórdicos, aos poemas épicos, como “A Odisséia” de Ulisses, e às viagens dos grandes navegadores, como as de Cristovão Colombo, Dardel resgata a natureza audaciosa dessas figuras marcantes da história humana. São personagens míticas que

desvelam espíritos verdadeiramente valentes, e ecoam mais fortes do que simples metáforas do pensamento errante de Dardel.

Através dos relatos de descobertas de novos mares e terras, o autor evoca o sentimento de natureza a fim de caracterizar a disposição humana pela Geografia. Com isso, Dardel retoma a idéia de que o geógrafo, para descobrir o mundo através do empreendimento de sua pesquisa, deve lançar-se na exploração das terras desconhecidas, assim como os antigos aventureiros.

A idéia de “Geografia heróica” está ligada ao que Lucien Febvre chamou de “*géographie de plein vent*” – uma oposição à Geografia de gabinete ou de laboratório praticada na época. Essa expressão diz respeito à necessidade de o geógrafo entrar em contato com o ambiente estudado, a fim de restabelecer um retorno à natureza.

Seguindo essa prerrogativa, ao considerar a importância de o homem sair “a pleno vento”, correr o mundo para melhor conhecê-lo, Dardel (1952, p.1-2) utiliza-se do termo “*géographicité*” para refletir sobre o contato do homem com a terra.

A partir da concepção de geograficidade, e unindo ciência e filosofia, Dardel orienta o conhecimento empírico à luz da Fenomenologia, que oferece proposições eidéticas como rechaço aos mandamentos positivistas.

Desse modo, o olhar fenomenológico, “a doutrina universal das essências” (HUSSERL, 1986, p.22), torna-se a principal fonte a irrigar os estudos humanistas na Geografia, dispostos a compreender a essência do envolvimento humano com o mundo. Com a aproximação da ciência geográfica à filosofia das essências, a Geografia Humanista impõe seu forte teor antipositivista, amparada pelas raízes da Fenomenologia existencial.

Segundo Entrikin (1980, p.17):

O espaço existencial é essencial para a perspectiva Humanista em Geografia. Para o geógrafo humanista, o espaço existencial é um

espaço não-geométrico de interesse e envolvimento humano. Uma das metas prioritárias do geógrafo humanista é a compreensão da estrutura de seu espaço existencial. O geógrafo humanista aceitou a visão do espaço da Fenomenologia existencial.

O método fenomenológico marcou a Geografia Humanista como a ramo da ciência geográfica que procura valorizar a experiência do indivíduo e/ou do grupo, em prol de compreender o comportamento e as maneiras de sentir e agir das pessoas em relação aos lugares (CHRISTOFOLETTI, 1985).

A abordagem fenomenológica de Eric Dardel acabou influenciando grande parte dos geógrafos em suas pesquisas de cunho Humanista, especialmente os representantes da Geografia cultural norte-americana.

Essa observação é relevante porque a Geografia Humanista surge como disciplina nos Estados Unidos, ao final da Segunda Guerra Mundial, entrelaçando-se aos temas e abordagens da Geografia cultural que na época era desenvolvida por Carl Sauer, na Escola de Berkeley (HOLZER, 1993).

A Geografia cultural é formada como campo da Geografia no ano de 1925, a partir da obra intitulada "*The Morphology of Landscape*", de Carl Sauer. Desde o momento em que surgiu, a Geografia Cultural de Berkeley caracterizou-se por um forte componente antideterminista, ponto epistemológico essencial diante da conjuntura paradigmática da época (AZEVEDO; PIMENTA, 2006, p.2).

Do mesmo modo que contribuiu para a criação de uma base Humanista na Geografia cultural, Holzer (1993, p.114) entende que a leitura da obra de Eric Dardel é uma obrigatoriedade para todos que desejem trilhar o caminho da epistemologia geográfica, principalmente sob o esteio do Humanismo.

Poder-se-á afirmar o mesmo sobre a obra do geógrafo chinês, radicado nos EUA, Yi-Fu Tuan, um dos expoentes máximos da Geografia Humanista norte-americana. Professor emérito na Universidade de *Wisconsin-Madison*, a obra de

Tuan elucida as formas como o homem entende e experiencia o mundo, traçando uma perspectiva bem semelhante ao pensamento de Dardel.

Dentre os geógrafos humanistas que ajudaram a disseminar o pensamento de Yi-Fu Tuan, destacam-se: Anne Buttimer, Edward C. Relph e J. Nicholas Entrikin. No Brasil, a geógrafa Livia de Oliveira (1996), professora que constituiu carreira acadêmica na Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, foi a pioneira na adoção de um pensamento humanista na Geografia, e a maior responsável pela introdução e difusão das pesquisas de Yi-Fu Tuan em território nacional¹⁴.

Por meio das variáveis da percepção e da experiência humana, Tuan reúne elementos que o ajudam a pensar a respeito do mundo vivido. Os conhecimentos, as atitudes e os valores do homem são levados em conta para que o espaço e o lugar adquiram dimensões de grande apelo sentimental, artístico e poético.

Envolto pela atmosfera Humanista, Tuan (1980) trabalha com a concepção de topofilia, termo associativo de lugar com sentimento, que lhe acompanhará no decorrer de seus inúmeros trabalhos.

De acordo com Tuan (1980, p.5), a topofilia é difuso como conceito, mas vívido e concreto enquanto experiência pessoal. À Geografia, a topofilia é um lampejo de puro Humanismo que está amparado pela concepção existencial do espaço afetivo, ao levar em conta as experiências humanas de lugar.

¹⁴ Livia de Oliveira alicerçou seu pensamento inspirada pela obra de Jean Piaget, o expoente máximo no estudo da cognição humana. De fato, a teoria piagetiana acompanharia a geógrafa em seus trabalhos sobre percepção do meio ambiente, apontando para uma “Abordagem Perceptiva em Geografia”, definição que Livia de Oliveira faz questão de diferenciar de “Geografia da Percepção”. Atualmente, dentre os pesquisadores brasileiros que abordam a Geografia Humanista, além de Livia de Oliveira, que continua contribuindo ativamente para a produção acadêmica, há que se destacar os trabalhos de João B. F. de Mello (1990; 2001), Werther Holzer (1993; 1999; 2001) e Eduardo Marandola Jr.(2010). Sobre a trajetória e a obra de Livia de Oliveira, cabe mencionar o artigo “Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil” (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003).

O conceito de lugar, em comparação às demais categorias geográficas, foi o que recebeu maior atenção por parte dos geógrafos humanistas (ENTRIKIN, 1980, p.17). De acordo com Holzer (1999, p.70):

A preocupação dos Geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da Fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos “espaço”.

Como já visto anteriormente, a pátria, a cidade, a rua e a casa são exemplos indicativos de lugares que podem surgir em escalas diversas. Por sinal, o exemplo da casa faz-se bastante recorrente, pois sempre traz à tona a discussão de quão íntima e relacional ela é, ou pode vir a ser. Sob esse aspecto, a Fenomenologia bachelardiana serve perfeitamente para basear as reflexões elaboradas pelos geógrafos humanistas.

Segundo Bachelard (2008, p.25), “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa”. O que resulta dessa afirmação é a certeza de que a experiência de habitar transforma o espaço, o lugar, em lar. O lar se caracteriza pela noção de familiaridade, e esta se conecta ao passado, às coisas que evocam um sentido relacional.

A familiaridade faz parte do passado e o lar é uma imagem desse passado (TUAN, 1983, p.142). Por essa razão é que o homem esforça-se tanto para transformar o mundo em casa, para que seja possível associar o espaço indiferente a um lugar natal.

A casa representa como imagem a familiaridade, o passado e o lar. O lar é o lugar da existência. Quando se tem a possibilidade de escolher um lugar para morar, está-se escolhendo um estilo de vida, um tipo de rotina, uma forma de viver o/no mundo. Seja uma grande cidade, um vilarejo litorâneo ou as coxilhas de um rincão

longínquo, os lugares a serem habitados anunciam as experiências e promessas de uma vida.

A casa, como um verdadeiro exemplo de lugar dos sonhos, não se sustenta apenas pela estética de sua arquitetura. A imagem da casa só adquire consistência de lar a partir de sua habitação. Caso contrário, ela é pura geometria. Faz-se notar que uma casa simples e humilde, mas recheada de paz e tranquilidade, revela-se como um lugar de sonhos bem mais promissores do que a casa pomposa e sofisticada abismada em desalentos.

O sonho do “lar doce lar” está menos relacionado à construção da casa, do que à vida que se leva dentro dela. E isso também se pode observar com os demais lugares. O lugar ideal é aquele no qual as experiências de vida ecoam ditosamente. Férias malogradas podem transformar o paraíso num verdadeiro inferno. Ou seja, os sonhos e os pesadelos que o homem tem com os lugares são matizados principalmente por suas próprias experiências.

Por sinal, a categoria de lugar está intimamente relacionada à concepção de experiência. De maneira que definir o que se entende por experiência também é fundamental para que se possa levar a diante um estudo da categoria de lugar sob o enfoque da Geografia Humanista.

Para Tuan (1983, p.10-11), a experiência é a capacidade que o homem tem de aprender a partir de suas próprias vivências, estando ela – a experiência – plenamente constituída de sentimentos e pensamentos. De fato, experiência é uma palavra chave na obra de Tuan, porque está diretamente relacionada à maneira como a realidade é entendida e construída pelas pessoas.

De acordo com Tuan (1983, p.20), o lugar atinge uma realidade concreta quando a experiência humana com ele é total, quer dizer, por meio de todos os

sentidos: cinestesia, visão, tato, audição, olfato e paladar, devendo-se incluir a esses cinco sentidos uma mente ativa e reflexiva.

Entretanto, Tuan (1983, p.13) destaca a cinestesia, a visão e o tato como as faculdades espacializantes que melhor permitem que o homem tenha uma experiência notável de espaço. O espaço é experienciado quando há uma possibilidade de movimento, seja abrindo os braços, esticando as pernas, mudando a posição do corpo ou andando de um ponto a outro.

A experiência de lugar também está relacionada com a percepção cognitiva que se tem do ambiente. Nesse processo que envolve percepção e senso espacial, cabe destacar que as três dimensões do espaço são percebidas pela superposição bifocal e estereoscópica da visão humana, e o tato obtém dos objetos as dimensões da forma, do tamanho e a textura.

À medida que adquire definição e significado, o espaço transforma-se em lugar (TUAN, 1983, p.151). Ou seja, Tuan entende que o conhecimento do espaço se dá pela identificação de pontos de referências e conjuntos de significação. Na tentativa de ilustrar a ideia de que o lugar define o espaço, Tuan (1983, p.20) explora a figura geométrica do triângulo, que, para ser compreendido como tal, deve ter os ângulos previamente reconhecidos.

Nessa ilustração, o triângulo é o espaço e os ângulos são os lugares. O reconhecimento dos ângulos é o que diferencia o triângulo de qualquer outra forma geométrica. Do mesmo modo, para alguém recém chegado a uma cidade, a estratégia primeira será a de reconhecer locais que futuramente servirão como pontos referenciais. Com o passar do tempo, esses pontos revelam suas particularidades e deixam para trás a imagem de um espaço estranho.

Aos poucos, o espaço indiferente torna-se o bairro familiar e a casa nova ganha uma dimensão de lar. Quanto mais íntima as experiências constituídas, maior será a caracterização do espaço como lugar afetivo. Afinal, são as experimentações do espaço que acentuam o sabor do lugar.

Talvez, esse seja o sentido fundamental do que se pretende conceber aqui como experiência de lugar: Experiência diz respeito àquilo que se prova. Sobre o significado etimológico dessa palavra, Larrosa (2002, p.25) escreve:

A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. [...] há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele a sua oportunidade, sua ocasião. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.

Experimentação requer o envolvimento temporal. Por isso, o tempo é a categoria de base da experiência. E também para o lugar, o tempo é um determinante de sua condição. Tuan (1983, p.198) aborda a relação entre tempo e lugar a partir de três vertentes, são elas: o tempo como movimento ou fluxo e o lugar como pausa na corrente temporal; a afeição pelo lugar como uma função de tempo; e o lugar como tempo visível, enquanto memória e lembrança do passado.

Na comunicação dessas vertentes, pode-se definir o lugar como sendo marcos no tempo e pausas no movimento. Tuan diz que se o espaço é algo que permite o movimento e evoca a ideia de circulação, então o lugar é a pausa. Para Tuan (1983, p.6), “cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar”.

A pausa faz com que o homem se relacione com o espaço mais intimamente. O espaço pode ser apreciado de muitas maneiras, mas a experiência de lugar envolve necessariamente a passagem do tempo e a ação da pausa. Ao refletir sobre a experiência humana na contemporaneidade, Larrosa (2002, p.24) apresenta uma valiosa lição que pode ser aplicada, com propósito, às considerações feitas até o momento:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Também seria incorreto pensar que apenas a duração do tempo é capaz de conferir ao espaço um envolvimento afetivo de lugar. O que dita tal condição é a qualidade e a intensidade das experiências que se cultivam nos lugares, e essas podem levar dias, anos ou uma vida inteira. Sem dúvida, a ligação humana com os lugares depende em grande parte da intensidade das experiências que homem vive em determinado espaço, mas depende ainda mais da familiaridade.

Quando apropriado, vivido e imaginado em intensidades diferentes, o espaço se torna um lugar repleto de definições e significados. Mas, como a experiência de lugar está inevitavelmente associada à passagem do tempo, nem sempre uma experiência muito intensa, porém breve, poderá ser caracterizada como uma experiência íntima de lugar. A fim de se chegar a esta, portanto, é ao passar do tempo que se deve consagrar o mérito de uma experiência exequível.

Do passar do tempo depende a experiência histórica na vida do homem, e a experiência de lugar pressupõe o mesmo. Faz-se oportuno lembrar que quando o

filósofo Walter Benjamin, em meados do século XX, declara a derrota da experiência humana, ele estará se referindo à privação da experiência histórica na vida do homem moderno, onde as vivências do presente suplantam os aprendizados do passado.

Com isso, Benjamin entende que o tempo da modernidade foi reduzido a um grau mínimo de valores e significações. Esvaziado de experiência, esse tempo já não traz mais a riqueza dos ensinamentos transmitidos de geração para geração. A relação entre o presente e o passado, que no entender de Benjamin (1985, p.114) é mediada pela tradição, exauriu-se. Não havendo mais a experiência do tempo compartilhado, o presente torna-se um tempo sem registros, débil de conteúdo ou, até mesmo, vazio.

Seguindo o norte da crítica benjaminiana, sobre a escassez da experiência na modernidade, a filósofa Olgária Matos (2009) trata a respeito do “devir vazio do tempo”. Quer dizer, do tempo que esvaziado de experiência “converte-se num presente perpétuo carente de recordação”. A autora pensa, pois, sobre um tempo que se sucede no eterno presente e que não sugere nem antecipação, nem prospecção. Esse é o tempo que só existe no agora, anulando passado e futuro.

Trazer a lume a crítica de Walter Benjamin sobre a pobreza da experiência na modernidade parece ser contraditório, ou até mesmo inadequado, já que o objetivo aqui é o de tratar a respeito do quão importante e definitiva é – ou ao menos deveria ser – a experiência de lugar para o homem. Mas, do mesmo modo que é impossível idealizar o significado da verdadeira experiência sem a mediação entre passado, presente e futuro, também impossível entender o lugar sem a associação temporal.

Ora, sem a expressão da passagem do tempo a experiência se esvazia, e, da mesma forma, na falta da memória o lugar não se realiza plenamente. Sobre esse aspecto, Tuan (1983, p.203) escreve que:

O homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação de lugar é superficial. Essa é uma sabedoria convencional. O conhecimento abstrato sobre o lugar pode ser adquirido em pouco tempo se se é diligente. A qualidade visual de um meio ambiente é rapidamente registrada se você é um artista. Mas 'sentir' um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos.

Os lugares se realizam no presente, mas subsistem nos registros do passado. O passado é o que torna um lugar inesquecível. Esse é o tempo que faz o homem querer retornar aos lugares sempre que possível, ou evitá-los com o mesmo fervor. O passado é a lembrança que não se apaga e que mantém a centelha dos lugares iluminada, transformando em topofilia a relação do homem com o espaço.

O futuro, por sua vez, é o vislumbrar dos lugares do amanhã, dos novos lugares que ainda estão por vir, ou dos mesmos lugares de ontem redescobertos em novas experiências. Amiúde, o futuro traz consigo o encantamento do novo, e as promessas dessa aventura trazem à tona o sentido etimológico da palavra experiência: travessia e perigo.

O presente, por sua vez, é o eixo que separa e aproxima passado e futuro. No presente é que se vive, e enquanto tempo da ação é nele que o lugar se realiza diariamente. Contudo, sem a impressão do passado não há familiaridade e na ausência das promessas do futuro a expectativa inexistente. Por isso, a experiência de lugar só se sustenta sob o chão dos três tempos.

Uma constatação banal, mas relevante, sobre o tempo, é a de que um dia o futuro terá passado. Essa é uma das razões pela qual a sensação de tempo afeta

diretamente a sensação de lugar. A expectativa de mudança para uma nova casa só abranda quando se passa a habitá-la. E com o tempo, argumenta Tuan (1983, p.203), a nova casa deixa de chamar a atenção de seus moradores, tornando-se confortável e discreta como um velho par de chinelos.

De acordo com Buttimer (1985, p.190):

Se as pessoas forem crescendo mais adaptadas ao dinamismo e poeticismo do espaço e do tempo, e ao significado do meio na experiência da vida, poder-se-ia literalmente falar da vocação e da personalidade do lugar, que emergiria de experiências humanas partilhadas e dos ritmos têmporo-espaciais deliberadamente escolhidos para facilitar tais experiências.

As experiências de lugar também estão significativamente vinculadas aos relacionamentos interpessoais. Tuan conta que para Santo Agostinho, Tagasta, a cidade em que nascera, transformou-se significativamente após a morte de uma pessoa muito querida. Tomado por um profundo pesar, Santo Agostinho (apud TUAN, 1983, p.155) descreve o sentimento gerado pela ausência do amigo:

Meu coração estava agora dilacerado pela dor e para todos os lados que eu olhasse só via a morte. Meus lugares familiares tornaram-se cenários de tortura para mim, e meu próprio lar tornou-se um sofrimento. Sem ele, tudo que fizemos juntos tornou-se uma experiência insuportavelmente dolorosa. Meus olhos continuam procurando-o sem achá-lo. Odeio todos os lugares onde costumávamos nos encontrar, porque eles não podem me dizer: 'Olhe, aí vem vindo ele', como faziam antes.

Essa melancólica confissão revela que a experiência íntima de Santo Agostinho com os lugares de sua cidade natal estava fortemente condicionada à figura do amigo. Há, portanto, uma indicação clara de que a experiência íntima de lugar diz respeito tanto à relação individual que o homem estabelece com o espaço, quanto aos relacionamentos interpessoais que nele se desenvolvem.

Tais lugares são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato (TUAN, 1983, p.156) e declaram seus afetos por outrem. O quarto da mãe, a cadeira do pai, a casa da avó, a praça que lembra

uma namorada, a esquina que marca o início de uma amizade, a rua que remete aos colegas de trabalho, são alguns exemplos de lugares íntimos que estão ligados às pessoas e povoam as memórias afetivas.

Esses lugares não podem ser guardados em compartimentos, como se fossem velhas recordações materiais. Mas, permanecem inscritos na memória e ligados às experiências do passado, de modo semelhante aos demais relacionamentos que marcaram a vida de alguém. Assim como os amores, os lugares não se repetem, pois são sempre vividos de maneira particular e em tempos distintos.

Não soaria errado afirmar que “um lugar tem a cara” de uma pessoa. Santo Agostinho enxergava o amigo morto em todos os cantos de Tagasta. A cidade estava impregnada de seu amigo. Possivelmente, em vida o amigo se deixou impregnar por Tagasta. De fato, os lugares se imprimem nas pessoas e também ficam impressos por elas.

Por isso, os lugares da vida de um homem revelam muito a seu respeito, existindo como frutos de seus pensamentos, ações e atitudes. Os lugares são como as cores que saem da paleta de um pintor e passam a compor em conjunto a sua obra de arte. Nesse sentido, Relph (1979, p.18) entende que:

Os lugares que conhecemos e gostamos são todos lugares únicos [...]. Se conhecemos lugares com afeição profunda e genealógica, ou como pontos de parada numa paisagem através do mundo, eles são colocados à parte porque significam algo para nós e são os centros a partir dos quais olhamos, metaforicamente pelo menos, através dos espaços e para as paisagens. E se nos encontramos aprisionados pelas circunstâncias ou ambientes de nossa própria escolha, estamos sempre dentro dum lugar que é colorido por nossas intenções e experiências, que também as modificam.

A gravura criada pelo artista húngaro István Orosz, intitulada “Teatro de Shakespeare” (ver Figura 4), foi inspirada por uma passagem da obra “Ricardo II”, de Willian Shakespeare. A imagem é uma “anamorfose”, técnica recorrente na criação de Orosz. Nela, vê-se um teatro elisabetano – o interior do edifício – com muitos detalhes minuciosamente captados pelos traços do artista.

Figura 4. “Teatro de Shakespeare”. OROSZ, István. “Shakespeare Theater”, 2001-2002, Gravura, 59 x 20 cm. Fonte: Al Seckel (2004, p. 241).

A gravura por si só já revela a impressionante habilidade artística de seu criador, mas torna-se ainda mais surpreendente quando se descobre o que os detalhes ocultam. Observando-a de modo enviesado, a partir de sua lateral, eis que surge o próprio Willian Shakespeare. A face do dramaturgo torna-se ainda mais visível quando se alongam as extremidades superiores e inferiores da imagem (ver Figura 5).

Figura 5. Perspectiva de revelação da face de Shakespeare.

O Willian Shakespeare desvelado na imagem de um teatro é uma sensível expressão daquilo que obra do escritor inglês representa para a arte teatral. O espaço físico do teatro, lugar plenamente associado à figura de Shakespeare, personifica-se: o lugar torna-se o homem, e o homem o lugar. Para Pocock (1981, p.337), “na simbiótica relação entre homem e meio ambiente, lugares devem ser considerados como pessoas e pessoas como lugares”.

Um efeito semelhante é apresentado por István Orosz, na gravura que reproduz a imagem do artista holandês M. C. Escher, intitulada “Escher na Itália” (ver Figura 6). Nesta, Orosz transforma o semblante de Escher em parte da ruela

observada pelo artista através da janela. O rosto de Escher confunde-se com a paisagem externa, numa verdadeira fusão entre homem e lugar.

Figura 6. “Escher na Itália”. OROSZ, István. “Escher in Italy”, 1987, Gravura, 50 x 34,5 cm Fonte: Al Seckel (2004, p. 245).

A gravura, uma homenagem de Orosz à fértil temporada que Escher passou na Itália, aonde, inclusive, casou-se e teve três filhos, exprime o sentimento de um ser humano por um lugar que o acolheu, e inspirou suas ideias e pensamentos.

Com efeito, a vida vivida intensamente num lugar atribui ao espaço uma parte substancial da humanidade que o homem carrega consigo. E a trama de lugares tecida pelos seres humanos nesse espaço, confunde-se com a qualidade múltipla de seus modos de viver o/no mundo.

Gaston Bachelard (2008) apresenta a ideia de “imensidão íntima”, que evoca a multiplicidade das variações experienciais que o homem é capaz de tecer com o

espaço. Remetendo à concepção de dialética dinâmica do espaço, também elaborada pelo filósofo e já mencionada na primeira parte desse capítulo, a imensidão, essa “categoria filosófica do devaneio”, tem o poder de colocar o mundo sob o signo do infinito (BACHELARD, 2008, p.189).

Imensidão é um atributo cabível para o universo, e intimidade qualifica apropriadamente uma pequena concha, mas também vice-versa. Na dialética espacial bachelardiana, o universo e a concha trazem em suas essências um cosmo pleno de imensidão e intimidade, assim como o homem que resguarda em si, intimamente, a imensidão (BACHELARD, 2008, p.190).

Tal como Bachelard, Morin (2005, p.291) afirma que “carregamos em nós a vida e o cosmo”. O posicionamento de ambos reflete as experiências humanas de lugar. Nesse sentido, pode-se dizer que a casa, a rua e a cidade são universos íntimos que o homem carrega consigo e que dificilmente desaparecem com o passar do tempo. Lugares que, na maioria das vezes, permanecem intactos e coexistindo no decorrer de uma vida.

O que acontece, por exemplo, com os lugares da infância que voltam a ser reencontrados na fase adulta? Para quem se depara com um lugar de sua infância, e surpreende-se com seu tamanho “apequenado”, o reencontro reserva uma experiência profundamente existencial. Acreditar que o lugar tenha diminuído com o passar do tempo ou que a pessoa tenha crescido exageradamente, não faria muito sentido. Mas, de fato, a sensação que se tem é que algo realmente aconteceu em relação ao tamanho do lugar.

O que terá sucedido, então? Por que a dimensão do lugar parece ter se alterado com o passar dos anos? Qual é, afinal, a mágica que reside nesse estranhamento da idade adulta?

Primeiramente, deve-se ressaltar que as perspectivas da visão da criança e do adulto se diferem. Os olhos não buscam as mesmas angulações, porque a criança vê o mundo de baixo para cima e o adulto o encara de frente. Isso se reflete na imagem da dimensão que se tem do espaço, quer dizer, na forma que o lugar se apresenta à percepção visual.

Curiosamente, a lembrança que o homem tem da dimensão de um lugar da infância é bem mais um sentimento espacial do que um plano geométrico, por isso é tão difícil de explicá-lo. O modo como o adulto passa a enxergar esses lugares parece trair as recordações que estiveram guardadas até então, pois parece haver uma subversão das imagens capturadas na fase da infância.

O segundo ponto relevante é de que o tempo da infância não é o mesmo da fase adulta. Para o adulto o tempo corre, mas para a criança o tempo para (TUAN, 1983, p.205). O tempo da infância tem a cadência da juventude eterna, como na história de Peter Pan, a mítica personagem do conto de J.M. Barrie, que por se recusar a crescer acaba vivendo num mundo de fantasias juvenis.

Entretanto, o teor existencial deflagrado pela experiência de retorno ao lugar da infância reside, sobretudo, numa terceira apreciação do fato: O que acontece é que não há como reviver as coisas do passado. O lugar continua familiar, mas não é mais o mesmo lugar de outrora.

Quando se volta a um lugar afetivo, seja da infância ou não, a primeira reação é a de buscar aquilo que soe familiar. Tende-se a perseguir uma essência do lugar, que na verdade é a soma das experiências passadas. E tratando-se das experiências da infância, pode-se dizer que elas são demasiadamente intensas.

Para a criança, os lugares tornam-se verdadeiros templos de descobertas e experimentações. E é aí que mora a magnitude do lugar da infância, na forma como

a criança experiencia o espaço, e na dimensão que a sensibilidade de uma mente jovem é capaz de dar ao lugar transformando-o em mundo. Sem dúvida, as crianças são especialmente talentosas na transformação do mundo em lugar, e vice-versa.

Na sugestiva pintura de Rob Gonsalves, “Bedtime Aviation” (ver Figura 7), o quarto de dormir de três crianças ganha as cores do mundo exterior. As camas transformam-se em vales e campos esparsos encobertos por diferentes tonalidades. Num audacioso devaneio juvenil, a menina voa pelo céu acompanhando o sobrevoo de um avião, e o menino se prepara para também embarcar nessa fantasia.

Figura 7. “Aviação da hora de dormir”. GONSALVES, Rob. “Bedtime Aviation”, 2001, Tinta acrílica sobre tela, 76 x 61 cm. Fonte: Al Seckel (2004, p. 129).

É uma pena que os adultos reduzam uma significativa parcela da dimensão dos lugares ao exacerbar a relevância dos elementos reais e geométricos. Ao contrário, caso se permitisse imaginar e recriar os lugares, o homem não seria tão refém de sua limitada e preconceituosa visão de adulto.

Ora, sobre os sentimentos de lugar, dever-se-ia aprender com as crianças, ou com as recordações dos lugares da infância, a fim de serem reverenciados como possibilidade genuína de fruição do espaço.

Na aventura de sonhar o lugar, o homem se surpreenderia ao descobrir que as experiências que ele tece com os lugares lhe comunicam mais sobre as dimensões espaciais do que as escalas preconcebidas. No enalço dessa prerrogativa, poder-se-á afirmar que a chance de alguém se perder no íntimo e se encontrar na imensidão não é assim tão absurda, muito pelo contrário.

Por exemplo, a sensação de que o mundo se tornou insuportavelmente pequeno e apertado seria finalmente compreendida. É claro que essa sensação não diz respeito à demografia, mas a um estado de espírito que reflete os sentimentos de mundo. Quer dizer, para um casal apaixonado, o céu tem o tamanho de um botão de rosa... Mas, para quem acabou de perder um grande amor, a pequenina cama outrora partilhada com alguém não se parece menor do que um planeta gelado à deriva no universo.

Essas sensações são cultivadas a partir das experiências de lugar. Ao não se permitir experienciar o lugar em toda a sua plenitude, lamentavelmente, o ser humano perde a oportunidade de reconhecer espaços profundamente existenciais.

Pregos, madeira, tijolos e argamassa bastam para levantar paredes, mas não para realizar o lugar essencial. São as experiências humanas que concedem às construções um conteúdo de lugar.

O lugar roga pela multiplicidade das experiências humanas, ferramenta determinante para que o homem conheça e se relacione com o mundo. A fim de tornar realidade o sonho do lugar ideal, é necessário que se comece a realizá-lo no dia-a-dia. Em meio às experiências mais intensas e banais da vida diária é que o

lugar se converterá numa realidade absoluta: tão real como as vigas de uma casa; tão lugar quanto o cosmo que habita dentro dela...

1.3 Lugares Urbanos: viver, imaginar e amar a cidade.

Quanto de amor pode haver entre o homem e a cidade em que vive?

Esse questionamento é bastante pertinente para inaugurar as reflexões que ora se seguem. Talvez, o amor não seja um sentimento facilmente associado às cidades. Quer dizer, outros sentimentos poderiam ser expressos com maior ímpeto quando o assunto em questão é a urbe. No entanto, não é de se estranhar que as pessoas revelem sentimentos profundos por suas cidades de residência, ou que demonstrem uma paixão entusiástica pela cidade visitada nas últimas férias.

A partir desses dois exemplos, pode-se inferir que se está falando de duas formas diferentes de envolvimento afetivo: o amor do residente por sua cidade natal, e o fascínio do turista pelo lugar visitado.

Contudo, seria realmente necessário fazer distinção entre essas duas formas de envolvimento? Não serão essas duas formas, exemplos concretos do que se tem chamado até aqui de topofilia? Ver-se-á que, para Tuan, há distinções importantes nesses dois casos de vínculo afetivo pelo lugar.

Um exemplo recorrente de lugar que desperta sentimentos afetivos, seja no residente ou no turista, é a cidade de Paris. A “cidade luz”, como é mundialmente conhecida, é uma cidade adorada por seus residentes e também por visitantes do mundo todo. Ícone do turismo global, Paris é uma cidade que encanta e seduz por sua alma, espírito e história de vida...

Não sem razão, o historiador Colin Jones (2009) atribuiu a seu livro sobre a capital francesa, o título de “Paris: biografia de uma cidade”. Versando a respeito da milenar história de Paris, Jones apresenta um valioso estudo de veia Humanista, ao abordar a cidade de Paris tal como ela foi vivida, experienciada e imaginada através dos tempos.

Na introdução, por exemplo, Jones explora a idéia da Paris que persiste na memória coletiva universal e que resiste como mito. Para tanto, o autor se mune de pensamentos que o ajudam a capturar a magnitude histórica dessa cidade. Nesse sentido, ao citar o barão de Pöllnitz (apud JONES, 2009, p.15), que em 1732 dissera que “Paris já foi tão descrita e tanto já se ouviu falar dela, que a maioria das pessoas sabe como ela é sem nunca a ter visto”, Jones explora a imagem de Paris como uma das cidades mais evocadas do mundo.

Ao fazer referência à expectativa cultural despertada por Paris ao longo dos séculos, Jones (2009, p.16) cita Konstantin Pausovsky: “Um homem pode morrer sem nunca ter visto Paris. E, no entanto, ele terá estado lá e a terá visto nos sonhos e na imaginação”.

Abordando o pensamento do escritor italiano Edmondo De Amicis, Jones (2009, p.15) escreve, também, que as pessoas nunca veem Paris pela primeira vez, mas sempre a veem de novo...

Tais referências dizem respeito à cidade que permeia o imaginário universal, e que se consolidou a partir da disseminação de sua história, cultura, arte, atributos estéticos e capital humano.

Sem dúvida, a maioria das pessoas espera alguma coisa realmente extraordinária de Paris, pois assim a cidade foi concebida por poetas, artistas,

intelectuais, viajantes, enfim, por todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram e estão envolvidos na disseminação de sua história e imagem.

De acordo com Jones (2009, p.16), não é de hoje que Paris é uma cidade prometedora:

Os viajantes medievais também tinham expectativas ao se aproximar da cidade pela 'primeira' vez: muitos esperavam uma Jerusalém ou uma Babilônia (e outros, uma mistura de Sodoma e Gomorra). Por sua vez, os visitantes dos séculos XX e XXI têm bagagem cultural ainda maior, acumulada a partir de uma sucessão infinita de influências: pintores impressionistas, poetas surrealistas, filósofos existencialistas, escritores de ficção policial, cineastas clássicos, fotógrafos urbanos, cartões-postais turísticos – e outras histórias de Paris.

Para os viajantes, Paris tem sido o destino certo de uma boa viagem. Não por acaso, o turismo mundial promulgou a capital francesa como a cidade turística por excelência. Paris tornou-se a Meca dos turistas, uma cidade para todos os gostos: bonita, suntuosa, erudita, orgulhosa de suas conquistas, declaradamente romântica, etc. Ou seja, absolutamente enquadrada num ideal de lugar dos sonhos...

É verdade, entretanto, que o olhar do turista sempre é esperançoso quanto àquilo que presume encontrar nos lugares visitados. Na maioria das vezes, o turista procura ver apenas o que há de melhor em cada lugar.

A cidade no olhar do turista é a cidade dos cartões postais. A vivência, não raramente, é estandardizada, e nesse sentido, pode-se falar até mesmo em consumo consumptivo do espaço turístico, sobrepondo-se a seu consumo produtivo (RODRIGUES, 1997, p.29).

Ironicamente, o turista, sobretudo o que segue um turismo de massa, busca o que outros turistas já testaram e aprovaram, pois ele precisa ter a certeza de que seu empreendimento não será em vão e que seu dispêndio será recompensado.

Da reafirmação de sua imagem enquanto cartão postal, é que nasce um lugar turístico. O emblema do cartão postal forja o atestado de segurança que o turista

necessita antes e depois de sua viagem. Nesse quesito, Paris tem cartões postais suficientes para criar profundas expectativas e fazer bater mais forte o coração de turistas que já visitaram ou pretendem visitar a capital francesa.

Então, indo na contramarcha do argumento proferido inicialmente, sobre a possível insociabilidade entre o amor e a urbe, pode-se afirmar, sem medo de cometer equívoco, que é bem fácil amar uma cidade como Paris. E não só Paris, como tantas outras cidades mundialmente conhecidas por seus cartões postais encantadores... De fato, amá-las não requer esforços nem traumas.

Porém, o que se pode pensar sobre a cidade que está além do cartão postal? Em meio a todos os problemas e conflitos, a cidade da vida diária se diferencia em muitos aspectos do destino turístico que atrai os turistas. Amar uma cidade em seu dia-a-dia, com tudo o que ela representa e comporta, é um exercício contínuo de entrega e sacrifícios (diga-se de passagem, muito semelhante a um casamento ou qualquer outra relação que envolva certo grau de intimidade).

Na cidade da vida diária, reconhecem-se as penas e agruras de uma relação talhada no cerne da intimidade. A cidade pode ser afetuosa em seu dia a dia, não obstante, a condição empedernida é a que prevalece. Especialmente a grande cidade, esta consegue ser áspera e cruel no transcorrer de seus segundos.

Em Ferragus, Balzac já alertara, descrevendo a Paris ameaçadora da época do império, que a cidade e seus lugares são resultados das decisões, escolhas e interesses da sociedade que lhe é responsável. Ora, o que a cidade proporciona ao homem, é um reflexo das próprias ações humanas, sejam elas duras ou afáveis, provindas da maioria ou de uma pequena parte da população.

De acordo com Brandão (2006, p.61):

A cidade é o lugar doador de sentido à existência individual e do aprimoramento de nosso corpo, nosso espírito e dos usos e hábitos

de nosso tempo. Seu espaço, apesar dos tempos atuais, não é mera extensão somatória dos espaços privados, pois a sua natureza, sentido e função são completamente diversos e, por excelência, é nele que a 'humanidade do homem' se forma.

Os adjetivos humanos também são passíveis para qualificar o urbano. Assim como o bem e o mal se incorporam à vida dos homens, a cidade igualmente admite-os. Por isso, poucos lugares são tão deflagradores de amor e ódio como a cidade, pois esta sempre é uma composição social: o urbano são pessoas¹⁵.

Quer dizer, as cidades estão expressivamente ligadas ao ser humano, são construídas por eles, mas também vividas e imaginadas. Mongin (2009, p.23) entende que “a cidade não se resume a uma experiência territorial, material, física; ela está na cabeça, ela é mental”. Ora, é claro que tal pensamento também deve intuir que a cidade está no coração, pois ela é emocional.

Com um foco semelhante ao evidenciado por Mongin, Canclini (2008, p.15) escreve que:

¹⁵ Por mais que se esteja refletindo sobre a cidade e os lugares urbanos a partir de um enfoque Humanista, observa-se a necessidade de apontar alguma definição mais abrangente sobre seus significados para a Geografia. Logo, pode-se levar em consideração a seguinte abordagem de Lencioni (2008, p.114), a respeito dos conceitos de cidade e urbano: “A discussão do conceito de cidade nos conduz a pensar na discussão de um objeto que evoca várias ideias. [...] Já ao refletirmos sobre o conceito de urbano, esse é visto mais como um fenômeno do que como um objeto. [...] Tanto a cidade, como objeto, como o urbano, como fenômeno, se situam no âmbito das reflexões sobre o espaço e a sociedade, pois são produtos dessa relação; mais precisamente, são produzidos por relações sociais determinadas historicamente”. O pensamento da autora consiste em associar a cidade e o urbano às categorias de espaço e sociedade, pois estas se caracterizam como pontos de intersecção fundamentais da Geografia, e sustentar o caráter histórico dessa relação. Para um aprofundamento sobre Geografia urbana, os seguintes autores podem ser consultados: M. Santos (1989; 1994); Souza (1994); Carlos (1994; 2001); Damiani (2004; 1999). Uma visão crítica sobre o urbano, e de grande influência para a Geografia, pode ser encontrada em Lefebvre (1991; 1999). Por se tratar de um assunto recorrente entre os teóricos da arquitetura, a cidade é o foco da abordagem de Arantes; Vainer e Maricato (2002) e Borigas (2004). Como abordagem sociológica que inter-relaciona as categorias de “urbano” e “lugar”, sugere-se a consulta de Castells (2003), a respeito de suas análises sobre a sociedade em rede.

As cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes. O sentido e o sem sentido do urbano se formam, entretanto, quando o imaginam os livros, as revistas e o cinema; pela informação que dão a cada dia os jornais, o rádio e a televisão sobre o que acontece nas ruas. Não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou o GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais.

Há que se ter em mente de que a cidade pode ser amada como um ente, como um organismo cheio de sentimento e vida. Quando reconhecida como lugar afetivo, a cidade se torna um centro de significados, um ponto de referência, um refúgio, um abrigo, etc. Torna-se o lugar mais desejoso do mundo, um ninho protegido da intempérie e dos predadores. Na dialética dinâmica que transforma a cidade em lugar, o lugar é convertido em mundo e o mundo em lar.

Onde quer que haja o encontro de pessoas, haverá também o misto de sentimentos que delas nasce. Uma ilha deserta não é a imagem ideal do lar, porque, afinal, ela está desabitada. O deserto, aliás, não desperta sentimentos de familiaridade, pois oculta a arte da sociabilidade. O pior castigo para um detento é a “solitária”, ou seja, a privação absoluta da liberdade e do contato humano.

A cidade possibilita o encontro, o contato e a troca. Em meio ao que de pior a espécie humana é capaz de promover, o melhor também é gerado na cidade. No cotidiano das ruas, na cultura dos becos, nas conversas dos bares, nas escolas dos bairros, no pensamento das universidades, enfim, onde quer que se dê o encontro entre pessoas, haverá a expectativa de que algo inesperado e surpreendente aconteça.

De acordo com Hissa (2006, p.90-91):

Na cidade o ambiente é o homem: feito de suas amarguras e sonhos. Na cidade, as densas relações entre os indivíduos estimulam o conflito e a contradição, mas, também, a aproximação entre o eu e o outro. [...] Para o eu, a própria cidade é, quase sempre, o outro: de algum modo desenraizado, o eu vê, na cidade, o outro no qual não se reconhece. Mas, é no outro que se vê a si próprio. Ao se perceber na cidade, nela se reconhecendo, o eu reconhece em si mesmo algo do seu interior. Assim, a cidade reproduz a existência e os seus significados: também, por isso, na cidade reside a possibilidade da vida.

Viver a cidade significa relacionar-se socialmente. A cidade e seus lugares são realizações do “eu” e do “outro”, e por isso está sob o signo da diversidade humana. A cidade tem mil facetas e caracteres, sua personalidade é múltipla e se revela na multiplicidade de seus lugares. Tais características dão substância ao arcabouço complexo das cidades.

Ítalo Calvino, em “As Cidades Invisíveis”, descreve a excitação do Imperador tártaro Kublai Khan, ao ouvir as narrações de viagem de Marco Polo, de suas aventuras por cidades fantásticas. Os relatos enunciam que uma cidade traz em sua essência um pouco de todas as outras, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, cada uma se constitui por diferentes combinações de enigmas que as tornam absolutamente singulares.

Em meio aos meandros do que possa ser ou representar as cidades invisíveis, Calvino (1998, p.44) escreve:

É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

Como dos sonhos, pode-se esperar tudo de uma cidade. O imaginário urbano é coberto pelo mesmo tecido ornado de abstração e subjetividade que funda os sonhos.

Toda cidade comporta um texto particular. A cidade é como um livro em que as histórias são preenchidas com o passar dos dias. Aliás, ler os lugares da cidade como se lê um livro é uma experiência humana valiosíssima de (re)conhecimento do espaço, do eu e do outro. Não por acaso, Walter Benjamin (2000, p.195) qualifica a experiência de flunar por Paris como sendo um passeio por um “grande salão de biblioteca atravessado pelo Sena”.

Anteriormente a Benjamin, Baudelaire, ao assistir as transformações da capital francesa pelo urbanismo, já cantava em prosa e poesia a modernidade do séc. XIX. Para tanto, o poeta cria os arquétipos do cidadão que vive a descoberta dos novos lugares urbanos, eternizando o “*flâneur*” como a personagem mais emblemática desse período.

Sobre um “*flâneur* perfeito”, Baudelaire (1993, p.18) escreve:

Estar fora de casa e, no entanto, sentir-se em todo o lado em casa; ver o mundo, estar no centro do mundo, e permanecer escondido do mundo [...] O observador é um príncipe que goza por todo o lado do seu estatuto de incógnito. [...] O amante da vida universal entra assim na multidão como num imenso reservatório de eletricidade.

A aura do *flâneur* está constantemente presente na obra de Baudelaire. E a cidade que corre às vistas do transeunte serve de referencial à poética baudelairiana, transformando o simples passear do vivente cidadão em experiências de redescobertas diárias.

De fato, Baudelaire procurou captar as experiências urbanas escrevendo sobre os novos modos de vida que se apresentavam à modernidade. Modos de viver e experienciar a cidade que, diga-se de passagem, tornaram-se símbolos de sua época, sendo copiados por muitas outras cidades do mundo. Certamente, Baudelaire foi um dos maiores responsáveis pelo enraizamento de uma crítica às

práticas citadinas modernas, e sua poesia representou a nostalgia humana diante da inovação urbana.

Ao comentar sobre Baudelaire, Berman (2007, p.169) esclarece que:

seu gênio poético e sua realização, mais que em qualquer outro poeta, antes e depois dele, são argamassados com a específica realidade material: a vida cotidiana – e a vida noturna – das ruas, dos cafés, das adegas e mansardas de Paris. Até mesmo suas visões transcendentais se enraízam em um tempo e espaço concretos.

Para Baudelaire, o modo de vida moderno estava sensivelmente associado à cidade, ou melhor, àquilo que o poeta observara no dia a dia da capital francesa. Em “*Spleen de Paris*”, Baudelaire escreve que a vida moderna está envolvida por uma linguagem diferenciada, e sobre essa nova linguagem, o poeta prossegue dizendo que ela se refere a:

uma prosa poética musical, mas sem ritmo e sem rima, suficientemente flexível e suficientemente rude para adaptar-se aos impulsos líricos da alma, às modulações do sonho, aos saltos e sobressaltos da consciência.

Baudelaire relata isso ao observar o desenvolvimento da grande cidade e o surgimento de um modo de vida diferente. A partir daí, o poeta entende que sobreviver à grande metrópole será um exercício tão ou mais difícil quanto reconhecer na cidade moderna seus novos cenários e lugares. A cidade transformou-se em selva, mas por conta de seus descaminhos, lugares incógnitos e esconderijos improváveis.

A propósito, Walter Benjamin (2000, p.73), num momento de verdadeira epifania inspiradora, ao recordar a Berlim da sua infância, redige a famigerada sentença: “Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução”.

A celebrada frase de Benjamin, uma epígrafe constante para os roteiros de viagens alternativas, retoma a essência da *flânerie* baudelairiana e a poética que

envolve a cidade. Há que se ter instrução para perder-se nos lugares de uma cidade, perder-se, entretanto, “com todas as emoções que isso implica”, como diria Bachelard (1990, p.163). Instrução e emoções comuns aos dos aventureiros que em busca do oásis escondido se embrenham na vastidão da selva.

Os cenários são diferentes, cidade e floresta, mas o exercício de transformar um no outro, e vice-versa, condiz com a experiência poética de criar, recriar e descobrir novos espaços. Mudar o cenário requer instrução e emoção. A cidade é sempre mil cidades, e os lugares comportam a sobreposição de outros tantos lugares.

Na cena intitulada “Uma mudança de cenário” (ver Figura 8), pintada por Rob Gonsalves, um jovem constrói a sua própria cidade a partir das páginas de um livro aberto sobre um banquinho de madeira.

O formato das torres dos prédios fora criado na cortina que encobre a janela do recinto, e as luzes dos arranha-céus são efeitos do brilho das estrelas. Do lado de fora, observa-se uma paisagem bucólica, muito diferente do que se vê numa grande cidade como a da foto que o jovem está se baseando, mesmo assim, nada o impede de sonhar com uma mudança radical de cenário.

A mudança se dá de dentro para fora, como um sentimento restaurado a fim de adquirir nova dimensão. Uma aura onírica abastece a pintura de Rob Gonsalves. Na mescla de lugares tão distintos, a cidade esconde algo que é de sua essência, uma natureza que só se revela a partir do empenho de reordenar-se a percepção e os sentimentos.

Figura 8. “Uma mudança de cenário”. GONSALVES, Rob. “*A Change of Scenery*”, 1996. Tinta acrílica sobre tela, 61 x 71 cm. Fonte: Al Seckel (2004, p.125).

Na verdade, qualquer lugar está sujeito a uma troca de cenário¹⁶. Para os habitantes de uma cidade, as trocas de cenários são estratégias legítimas de desenvolvimento, progresso e/ou sobrevivência, sejam essas trocas concretas ou não. A partir das intervenções e recriações humanas, a cidade tem seus cenários modificados real ou imaginariamente.

¹⁶ A noção de cenário que ora se está sendo empregada não tem nenhum sentido semelhante a de qualquer outra categoria geográfica, como espaço, lugar, paisagem etc. Nem mesmo a idéia de cenário deverá ser entendida, aqui, como uma categoria espacial. Ao mesmo tempo, essa noção de cenário deve ter menos a dimensão da cena que acontece no palco do que uma criação imaginária passível de ser realizada na vida diária, e que envolve, daí sim, as categorias espaciais trabalhadas pela Geografia.

Dos burgos às metrópoles, as cidades foram criadas e transformadas concretamente pelas mãos dos homens. Antiga, medieval, barroca, moderna, etc., com o passar do tempo a cidade se reinventou como imagem, estrutura e organização, mas nunca deixou de ser o lugar por excelência do fator social.

Não basta dizer, apenas, que o mundo mudou. Na verdade, além de mudar o mundo, o homem também mudou significativamente. Ao deixar para trás a alcunha de moderno, por exemplo, o homem tramou novas dinâmicas para a urbe. Se ainda hoje a *flânerie* concentra algo de atual enquanto atitude exploratória do mundo e da diversidade urbana, pode-se afirmar que cada vez perde mais espaço para o ritmo acelerado da vida contemporânea.

Num cenário “pós-moderno”, o *flâneur* de Baudelaire surgiria ainda mais alegórico do que na modernidade, entretanto, continuaria soando como um manifesto contrário ao *zapping* da vida nas grandes cidades. Realmente, parece não haver mais espaço nas calçadas para um passeio descompromissado com o tempo e com o ritmo frenético da vida urbana. E, de fato, nenhuma cidade do mundo foi tão responsável por essa concepção de vida como Nova York.

Se no século XIX, Paris alcançou o patamar de cidade símbolo da modernidade, tornando-se referência ao modelo de cidade a ser seguido, o século XX teve a cidade de Nova York como a mais icônica das metrópoles. Pioneira em muitos aspectos, Nova York apontou tendências, estabeleceu padrões e fundou o sentido de metrópole que inspira o ocidente ainda nos dias atuais.

Sobre os esforços para transformar Nova York na capital do século XX, há que se levar em conta a seguinte abordagem feita por Berman (2007, p.337):

Por mais de um século, Nova York tem servido de centro para as comunicações internacionais. A cidade deixou de ser mero teatro, para se transformar a si mesma numa produção, num espetáculo multimedia cuja audiência é o mundo inteiro. Isso deu ressonância e profundidade especiais à maior parte do que é dito ou realizado aqui. Boa parte da construção e do desenvolvimento de Nova York ao longo do século passado [XIX] deve ser vista como ação e comunicação simbólicas: tudo foi concebido e executado não apenas para atender às necessidades econômicas e políticas imediatas, mas, pelo menos com igual importância, para demonstrar ao mundo todo o que os homens modernos podem realizar e como a existência moderna pode ser imaginada e vivida.

Ao se tornar referência mundial, Nova York estabeleceu-se como a cidade definitiva do primeiro mundo. Assentada nos ideais desenvolvimentistas de seus colonizadores, na obsessão pelo pensamento de vanguarda e no patriotismo exacerbado de algumas camadas da sociedade, Nova York erigiu-se como símbolo do poder econômico, da diversidade étnica e do multiculturalismo, ajudando a alçar os Estados Unidos da América à potência mundial.

O arquiteto holandês Rem Koolhaas (2008), em seu manifesto retroativo a uma “Nova York delirante”, fala sobre os famosos arranha-céus da cidade, marcos do propósito desenvolvimentista que visava transformar Nova York na capital do mundo, erguendo-a mais a cima do qualquer outra cidade do planeta.

O delírio da verticalização despertou Nova York para o mundo, mas antes a desvelou para seus próprios habitantes. Afinal de contas, como apresenta Koolhaas (2008), a primeira estrutura a arranhar o céu de Nova York foi o chamado “Observatório Latting”, uma torre de 106, 68 metros de altura, que funcionava como mirante da cidade.

Fabricada com madeira e braçadeiras de ferro, a torre, situada na ilha de Manhattan e inaugurada na Feira Internacional de 1853, possuía lojas em sua parte térrea e um elevador movido a vapor que conduzia os visitantes a telescópios estrategicamente instalados em suas plataformas superiores.

De fato, a construção do “Observatório Latting” representou um gigantesco avanço arquitetônico para a cidade de Nova York, e, mais do que isso, tornou-a visível a seus habitantes, que puderam experimentá-la sob perspectivas diferentes.

A respeito desse grandioso evento, Koolhaas (2008, p.43) escreve que:

Pela primeira vez os habitantes de Manhattan podem inspecionar seus domínios. Perceber a ilha como um todo é também estar consciente de suas limitações, da irrevogabilidade dessa condição insular. Se essa nova consciência limita o campo de suas ambições, só pode lhes aumentar a intensidade. Tais inspeções do alto se tornam um tema recorrente no manhattanismo; a autoconsciência geográfica assim gerada é traduzida em jorros de energia coletiva, de metas megalomaniacas em comum.

É provável que essa “autoconsciência geográfica” tenha contribuído para a formação de uma consciência coletiva de espaço e lugares urbanos. Passado o estranhamento inicial, a adoção de um novo ponto de vista da cidade eleva o grau de familiaridade dos habitantes, estabelecendo novos meios de aproximação.

O edifício arranha-céu, por sua vez, nasce em etapas entre 1900 e 1910, também em Manhattan, algumas décadas depois da inauguração do Observatório, sinalizando ambições ainda mais ousadas para o futuro das metrópoles.

A verticalização se tornaria a chave para o aproveitamento do espaço urbano, além de espelhar a imagem do progresso que a arquitetura e a engenharia urbanas eram capazes de apreender. O arranha-céu se tornaria, desse modo, o símbolo da indubitável capacidade humana de criar e transformar o mundo para melhor atender às suas próprias necessidades.

Interessantemente, os “teóricos do arranha-céu” encaravam esse “delírio” da construção moderna como uma forma de distanciamento necessário daquilo que um dia representou as antigas catacumbas. Mas também o viam como um modo que de tornar o homem mais humano (KOOLHAAS, 2008, p.137).

“A cidade do século XX desafia o céu, não mais num impulso em direção a Deus, mas numa afirmação do homem”, dirá Le Goff (1997, p.126), referindo-se ao *Empire State Building*, um dos arranha-céus mais famoso de Nova York.

A idéia de que o homem possa se tornar mais humano através de seus arranha-céus até poderia soar estranha, caso não se levasse em conta que “as cidades guardam, enigmáticas, em seus planos e edifícios, as chaves de uma civilização” (GORELIK, 2008, p.9). A cidade projetada para ser um espelho das realizações humanas transforma seus habitantes em seres igualmente grandiosos.

Na imponência de seus edifícios, o homem se observa refletido. Grandes construções tornam-se berço de grandes feitos, e entram para história como monumentos que representam o progresso da humanidade. Não raramente, a própria cidade é encarada como monumento (TUAN, 1980, p.228), e isso a enaltece enquanto símbolo de referência para o mundo.

Sem dúvida, Nova York tem se representado como monumento ao longo dos anos, e simbolizado os avanços, as conquistas e promessas da grande cidade. De acordo com Ianni (2003, p.129-130):

A rigor, faz tempo que Nova York é uma singular síntese de realizações e ilusões da modernidade e pós-modernidade. Desde fins do século XIX, no mesmo curso da expansão econômica, política e cultural dos Estados Unidos, a cidade adquiriu as características de metrópole nacional e internacional. Ali chegavam, e continuaram a chegar, não só mercadorias e visitantes, mas também idéias e imigrantes. Sob certos aspectos, a Estátua da Liberdade, às portas da cidade, é bem um emblema da modernidade presente, mais ou menos nos mesmos termos, de outras cidades do antigo Novo Mundo, como algo procedente da Europa, doado, emprestado ou adotado. À medida que corre o tempo, no entanto, Nova York se transforma em um laboratório excepcional de exercícios de modernidade e pós-modernidade, não só na arquitetura e no urbanismo, mas também nas artes em geral. Aí passa a predominar um clima no qual se mesclam a organização e o caos. Por sob a disciplina sistemática pragmática, o caleidoscópio labiríntico babélico.

Percebida como monumento, a cidade é reverenciada por seus habitantes com maior veemência. Não é à toa que os monumentos são colocados em lugar de

destaque, é para que sejam venerados... Como monumento, a cidade estreita os laços de reciprocidade com seus residentes; como símbolo, ela se amarra ao mundo todo. Tuan (1983, p.191) escreve que “a cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo”.

Desse modo, a cidade pode ser o que bem quiser: Nova York é “*The Big Apple*”, “a capital do século XX”, “o coração pulsante do mundo”, etc. Todas essas adjetivações engrandecem o símbolo que a cidade de Nova York representa. São os cognomes usados para promover a imagem do lugar.

Além de serem eficientes, principalmente para o turismo, slogans como “*I Love NY*” também comprovam que uma frase atraente fornece a imagem (TUAN, 1980, p.236) e estimula a imaginação referente ao lugar. Acompanhado do cartão postal, o slogan atrativo se configura como uma estratégia bastante eficaz para a promoção da cidade.

Não é à toa que os residentes de Nova York se comprometeram com essa campanha política e publicitária que objetivava associar o nome da cidade ao amor. Isso atraiu olhares do mundo todo, provando que uma campanha publicitária como essa, de grande apelo afetivo, é realmente capaz de “penetrar no mundo de sonhos dos turistas” (RODRIGUES, 1997, p.27).

A premissa é simples: uma cidade amada por seus habitantes deve ser um ótimo lugar para se conhecer nas férias... Bonés, camisetas, adesivos, etc., transformaram Nova York numa marca comercialmente atrativa e rentável. Um coração vermelho, símbolo universalmente reconhecido e de fácil assimilação, estampado entre a palavra “Eu”, “I”, e as iniciais “NY”, bastaram para fazer de Nova York um lugar adorado por turistas do mundo todo.

De acordo com Tuan (1980, p.259):

Uma cidade grande é frequentemente conhecida em dois níveis: um de grande abstração e outro de experiência específica. Em um extremo, a cidade é um símbolo ou uma imagem (expressa em um cartão postal ou num lema) pela qual podemos nos orientar; no outro, é o bairro intimamente experienciado.

No plano do símbolo e da imagem, Nova York foi e continua sendo bastante explorada pelos meios de comunicação e diferentes segmentos da cultura pop. Competindo com Paris, Nova York é uma das cidades mais cantadas e filmadas do planeta. Nesse sentido, a música, o cinema e a literatura ajudaram a compor o imaginário da cidade de Nova York como o lugar da efervescência, da diversidade cultural e dos relacionamentos improváveis.

A Nova York símbolo é uma cidade musical e cinematográfica. A ela, Frank Sinatra, uma das vozes mais prestigiadas dos Estados Unidos, cantou e imortalizou o tema “*New York, New York*”.

Já o célebre cineasta Woody Allen direcionou o foco de suas câmeras, inúmeras vezes, para a cidade de Nova York. A partir de seus roteiros, ele expôs ao mundo as crônicas da vida diária que compõem a metrópole americana. A cada nova película, uma confissão apaixonada de Allen à sua cidade natal.

De fato, são muitas as referências midiáticas a Nova York. Além dos filmes, seriados produzidos por emissoras da televisão norte-americana também colaboram na promoção da imagem da cidade. Um exemplo bastante ilustrativo nesse caso é a *sitcom*¹⁷ “*Friends*”, transmitida pela NBC.

Friends caiu mundialmente no gosto popular ao apresentar o cotidiano de seis amigos vivendo situações engraçadas, conflitos e amores em Greenwich Village, um

¹⁷ Abreviatura da expressão em inglês “*situation comedy*”, “comédia de situação”, em tradução livre para o português. Seriado de humor típico da televisão norte-americana.

tradicional bairro da cidade de Nova York. Esta aparece como uma metrópole que entoa um ritmo de vida autoastral, recheada de pequenas surpresas diárias.

Lugar ideal para o cultivo de grandes amizades e de outros tantos relacionamentos mais ou menos fugazes, a Nova York de *Friends* traz os cafés, restaurantes e teatros como alguns dos ambientes de consumo mais frequentados pelos descolados personagens da série.

A aceitação mundial de “*Friends*” demonstra que a vida em uma cidade como Nova York cria admiração e empatia geral. Porém, antes de cruzar as fronteiras dos Estados Unidos e conquistar a audiência de outros países, o cotidiano dos seis amigos nova-iorquinos firmou suas referências entre os norte-americanos, a fim de atender os anseios particulares do público interno¹⁸.

“*Sex and the city*”, outra série de grande sucesso nos Estados Unidos, tratava de forma bem humorada sobre a vida de quatro mulheres beirando os quarenta anos da idade, seus relacionamentos amorosos, atitudes e valores.

Comprometidas com o dinâmico estilo de vida da metrópole, elas se vêem intensamente, e até mesmo sexualmente, envolvidas com Nova York. Esta é a personagem central da série. Nesse sentido, a “cidade que nunca dorme” é o epicentro de acontecimentos ousados que espelham o universo feminino.

Entretanto, a fim de traçar diferenciados perfis da mulher urbana, *Sex and the city* se rende a conflitos bastante superficiais e futilidades do mundo da moda e do

¹⁸ Para se ter uma idéia do poder comercial e ideológico de *Friends* nos EUA, a *sitcom* foi gravada entre 1994 e 2004, mas ainda hoje suas reprises são garantia de audiência para as emissoras de TV. A série teve 263 episódios, o episódio final foi ao ar nos EUA em 06 de maio de 2004, e assistido por mais de 50 milhões de pessoas. Na última temporada da série, cada um dos seis atores que interpretavam os personagens principais recebeu o valor de 1 milhão de dólares por episódio, totalizando 18 milhões de dólares para cada um, somente ao longo da 10ª temporada. Contudo, propagandas entre os intervalos do último episódio da série custavam em média 2 milhões de dólares cada 15 segundos. Depois dos ataques de 11 de setembro, a série manteve a normalidade, mas reteu homenagem à cidade de Nova York e seus habitantes. Sem concentrar atenção aos ataques terroristas, o inabalável astral dos seis amigos certamente ajudou a recobrar a auto-estima e o sentimento de segurança dos nova-iorquinos.

consumo, como se esses fossem os principais interesses na vida das mulheres contemporâneas.

Refletindo uma opinião contrária à expressada anteriormente, Marshall Berman (2009) afirma que *Sex and the city* foi superficial apenas no ano de sua estreia, em 1998, mas que depois, inesperadamente, a série comprovou seu brilhantismo e profundidade.

De fato, essa mudança foi alcançada a partir da abordagem de temas polêmicos e urgentes como a diferença e igualdade entre os sexos e os dilemas envolvendo o feminismo às portas de um novo milênio.

De qualquer maneira, o grande filão de *Sex and the city* sempre foi, do início ao fim, a solteirice da mulher de meia idade e suas peripécias sexuais. A condição desse estado civil, numa idade em que convencionalmente se estaria com a família constituída, é a premissa para o esboço e desenvolvimento da série.

A contrapelo do politicamente correto, as fêmeas de *Sex and the city* seguem a cartilha do “troca-troca”, pois vivem numa cidade que lhes permite agir dessa maneira. Porque, afinal de contas, Nova York também é de todo mundo, ao mesmo tempo em que não é de ninguém.

Sobre “*Sex and the city*”, Berman (2009, p.162) escreve:

O espetáculo apresenta um conjunto vibrante de ‘mulheres de Manhattan vestidas com seda e cetim’, [...]. As nossas heroínas são trabalhadoras, mas elas trabalham na bolha de plástico que Nova York vem se transformando cada vez mais, impulsionadas pelas indústrias de serviço e espetáculos de Manhattan. Na justiça, na publicidade, no jornalismo, no mercado das artes, elas vendem os seus cérebros, beleza, charme e energia, conseguindo geralmente boas transações para si mesmas e muitas belas roupas de estilistas para exibir.

Inegavelmente, o estereótipo da mulher que preconiza a fruição dos prazeres da metrópole delineia o fio da meada em *Sex and the city*. O sexo e a cidade são tratados de modo análogo, e a “grande maçã” é devorada pelo sexo frágil sem

sentimento de culpa ou medo do pecado. Aliás, pecado é não fazer de Nova York, tanto na ação quanto na narração, um paraíso perfeito para o deleite e a perdição.

Assim, a partir de filmes, músicas e séries de televisão, foi-se estabelecendo o tipo de relação que o sujeito deve ter com a cidade de Nova York. Possivelmente, do mesmo modo que a poesia do século XIX ajudou Paris a se firmar como a mais representativa das cidades modernas, Nova York projetou-se para o mundo através da indústria cultural norte-americana. Nesse aspecto, Nova York apontou estilos de vida urbanos, e cunhou um significado próprio de diversidade urbana.

Cabe afirmar, entretanto, que a Nova York do cinema e da televisão, que tanto comunica aos turistas que visitam a metrópole, é diferente da cidade vivida e experienciada diariamente por seus residentes. Claro que essa proposição caberia para qualificar quaisquer cidades do mundo. Contudo, por se tratar de uma cidade tão visada como Nova York, tal proposição ressoa ainda mais categórica.

Alguém pode facilmente cultivar a sensação de que “conhece” Nova York sem nem ao menos a ter visitado pessoalmente. Aliás, falou-se, anteriormente, de como isso tende a acontecer com Paris. Essa intimidade inexplicável por um lugar que se torna conhecido através de filmes, livros, músicas, fotos, mapas, narrações de viagens, internet, guias turísticos e, principalmente, por meio dos sonhos, é uma sensação que não deveria ser subestimada jamais.

Diga-se a propósito, qualquer viagem que envolva grandes expectativas se inicia por ou como um sonho: o sonho de conhecer e/ou estar em determinado lugar. Sonhar com o lugar é o passo inaugural para a realização da viagem, e recorrer a artifícios imagéticos representa uma estratégia legítima de se acumular um pouco mais de informações e sensações sobre o lugar sonhado.

Contudo, a concretização da viagem sonhada está mesmo em conhecer o lugar fisicamente. Somente nesse momento, é que o turista se vê dentro do lugar, é quando este fica aos seus pés, ao seu redor e sob sua cabeça. No instante em que o turista é tomado pelo lugar, todas as informações acumuladas previamente permanecem em suspense diante da possibilidade de uma experiência in loco.

Na prática, tudo se revela muito mais intenso e prometededor do que o conhecimento prévio restrito ao plano das expectativas e lucubrações. Porém, deve-se levar em conta que não há como apagar ou deixar de lado, pelo menos não de uma hora para a outra, o sonho e a imagem prévia há muito tempo cultivados.

É quase impossível, por exemplo, suprimir do pensamento a Nova York memorável do cinema e da televisão. As imagens, trilhas sonoras e outras tantas referências já feitas a essa cidade, estão internalizadas a tal ponto que nenhum clichê a que ela tem direito há de ser ignorado por quem visitá-la.

A reprise contínua das referências transforma o lugar em lugar-comum. Quem visita Nova York não espera por maiores surpresas, não é o inesperado que faz dessa cidade um lugar atrativo à maioria dos turistas, pelo contrário, o previsível é que garante a transformação do sonho em realidade.

Para Onfray (2009, p.55), “ir a qualquer lugar é, na maioria das vezes, dirigir-se a lugares-comuns associados desde sempre à destinação eleita”. Ora, uma Nova York branca de neve no natal é um sonho feito sob medida e perfeito demais para ser superado por percepções apreendidas a partir da realidade local.

De fato, trata-se de um exercício penoso dissolver da ideia a luz de neon que ilumina e encobre tudo o que se viu e se ouviu falar sobre Nova York, sem nunca antes haver estado por lá. Rodrigues (1997, p.27) escreve que “o turismo introduz novos códigos culturais e propõe novos sistemas de símbolos baseados em

imagens que substituem a realidade e conduzem a julgamentos segundo códigos impostos pela mídia”.

Logo, é de se esperar que a bagagem imaginária dos turistas que visitam uma cidade como Nova York esteja abarrotada de pensamentos, ideias e sensações pré-concebidas. Como essa bagagem de referências preexistente não pode ser desfeita em curto espaço de tempo, deve-se considerar que o envolvimento do turista com os lugares é algo que no limite beira as convenções impostas pelo lugar-comum.

Em relação às experiências de lugar, é evidente que o turista e o residente não têm o mesmo grau de envolvimento com os lugares, tratam-se, pois, de experiências distintas. Em face dessa afirmação, a topofilia pode ser considerada como a pedra de roseta para a construção de uma análise mais concisa.

Quer dizer, de acordo com Tuan, o sentimento do turista pelo lugar visitado não revela vínculos de topofilia, porque o lugar turístico não tem a representatividade e a densidade do lar, para os turistas.

Mesmo que sobre referências previamente adquiridas, o “lugar turístico” continuará carente de familiaridade e desligado das experiências de vida do turista. Não se tratando de um destino recorrente para a pessoa, o lugar que é visitado por primeira vez é sempre um espaço estranho e vivido dentro de um limite de tempo que compromete o grau de envolvimento.

É bem provável que o turista passional se defenderia dizendo que bastou um rápido panorama do avião para que se visse apaixonado por Paris, ou que uma única manhã de passeios pela Times Square fora suficiente para amar a cidade de Nova York. Decerto, não há como subestimar o lapso emocional vivido por essa pessoa. Tampouco, entretanto, pode-se afirmar que envolvimento assim definidos se caracterizem como sentimentos de topofilia.

Anteriormente, escreveu-se que o amor pelo lugar é uma questão de tempo e movimento, ou melhor, é uma experiência que remete à consciência do passado e ao ato da pausa. Somado a esses requisitos, deve-se ter em mente que a topofilia não existe sem um profundo grau de intimidade, sendo que esta depende do envolvimento que flui na desaceleração do tempo.

Sabe-se que o tempo é um artigo caro demais para os turistas, pois sempre há roteiros a serem seguidos que não dão margem a um envolvimento natural com o lugar¹⁹. Todavia, Tuan (1980, p.110) alerta para um importante paradoxo: se por um lado, o envolvimento do turista com o lugar não revela laços topofílicos por conta da superficialidade do contato, por outro, um envolvimento radical também teria poucas chances de revelar.

Para o turista, a falta de tempo pode gerar uma superficialidade extrema na relação com o lugar, ou, ao contrário, despertar uma urgência de entrosamento que o levaria a um contato baseado em excessos. As duas vivências se distanciam da experiência de topofilia, que deve soar como uma experiência bem mais suave e duradoura, ao invés de radical e transitória.

Em abordagem contígua, Tuan revela que sejam quais forem as vivências acumuladas pelos turistas nos lugares, elas não expressam uma realidade absoluta por muito tempo. Essa única observação já cabe para desassociar o sentimento de

¹⁹ Sem entrar no mérito das distinções tipológicas, deve-se chamar a atenção para um perfil de turista que prefere ser reconhecido como viajante. Em suas viagens, o viajante procura um contato mais natural e íntimo com os lugares. Esse indivíduo, portador de espírito e comportamento diferenciados, mas ainda assim um turista, já que está longe de sua residência e depende de equipamentos turísticos específicos (como restaurante, meios de transporte e de hospedagem), viaja por motivos menos comerciais do que o turista convencional. Trata-se do “viajar autenticamente” descrito por Rodrigues (1997, p.28), que nas palavras da autora significa “partir do conhecido ao desconhecido, de dentro para fora, do interior de si mesmo para o exterior do outro” e sintetiza um modo de deslocamento bem mais existencial. Nas práticas turísticas, não raramente, o turista está submisso a um tempo que lhe permita conhecer o maior número possível de atrativos. Dessa forma, o turista empenha-se numa rápida fruição dos lugares visitados. Aliás, Ferrara (1997, p.23) aponta como uma “opção de inteligibilidade” o fato de “perceber a distinção entre a viagem e o turismo”. Sem dúvida, a atividade do turismo segue na contramarcha da viagem como experiência libertária que pressupõe aventuras e descobertas.

topofilia das práticas turísticas, afinal, o amor pelo lugar é fruto de uma relação talhada num espaço real, tendo o respaldo de sentimentos e ações reais.

De acordo com Tuan (1983, p.161-162):

O real são os afazeres diários, é como respirar. O real envolve todo o nosso ser, todos os nossos sentidos. Em férias, embora os problemas tenham ficado para trás, uma parte importante de nós também ficou para trás; tornamos-nos especializados e desligados, turistas que experimentam a vida sem esforço. [...] Os turistas buscam novos lugares. Em um novo ambiente, são forçados a ver e a pensar sem o apoio de todo um mundo de vistas, sons e cheiros conhecidos que dão peso ao ser: os lugares de férias, apesar de encantadores, depois de algum tempo parecem irreais.

Deixando de lado, por ora, os excessos e as efemeridades vividas pelos turistas em suas práticas turísticas, voltar-se-á ao que Tuan destacou como sendo o outro nível de reconhecimento da cidade, quer dizer, o extremo contrário da cidade que se pretende símbolo/imagem... Trata-se, pois, da cidade (re)conhecida a partir dos lugares experienciados intimamente, e que está relacionada a seus residentes.

No início do capítulo, cogitou-se que amar a cidade cartão postal é uma ideia de fácil acolhimento; amá-la em seu dia-a-dia, entretanto, requer dedicação e renúncias. O envolvimento dos habitantes com os lugares da cidade sucede-se na repetição das atividades diárias e está assentado no tripé do tempo.

Por isso, amar a cidade mais em sua adversidade do que em sua diversidade é um exercício extremo de comprometimento com a vida urbana.

Decerto, imediatamente após os ataques terroristas sofridos por Nova York em 11 de setembro de 2001, o amor de seus habitantes pela cidade deu lugar ao medo. Drasticamente afetados, o orgulho e o sentimento de segurança foram sendo gradualmente recuperados na medida em que a rotina restabelecia-se.

A urgência na recuperação da rotina de uma cidade está associada à importância de se voltar ao contato íntimo com os lugares. A rotina, e tão somente ela, leva à constatação da normalidade.

Um retorno à intimidade tem a poder de recuperar o amor abatido. Pequenos gestos dão o tom da relação do homem com os lugares. Na costura desses lugares, o sujeito vive e tece uma concepção de cidade. Os lugares da vida diária estão fixados à rotina, dependem das ações banais orquestradas em repetição.

A partir da experiência rotineira, os lugares se realizam e se incorporam à vida de outrem. Ir ao trabalho, voltar para casa, a caminhada matinal, o trajeto da ida à padaria e/ou o passeio descomprometido com o cachorro, são deslocamentos que levam o homem a compor a trama dos lugares de sua vida.

Ao apresentar Quinn, personagem central de “A cidade de vidro”, um dos três contos que compõe “A trilogia de Nova York”, Paul Auster escreve sobre a fixação que Quinn sente por caminhar diariamente pela cidade. Com chuva, frio ou calor, Quinn deixa-se, simplesmente, ser movido pelas ruas de Nova York, sem um destino certo, perdendo-se e reinventando-se, descobrindo a cidade.

A intimidade adquirida a partir dos sucessivos deslocamentos permite que Quinn transforme Nova York em qualquer coisa, inclusive, em lugar nenhum. Sobre a “cidade lugar nenhum”, descoberta por Quinn em suas andanças diárias, Auster (1999, p.10) relata que:

Nova York era um espaço inesgotável, um labirinto de caminhos intermináveis, e por mais longe que ele andasse, por melhor que conhecesse seus bairros e ruas, a cidade sempre o deixava com a sensação de estar perdido. Perdido não apenas na cidade, mas também dentro de si mesmo. Toda vez que saía para dar uma volta, tinha a sensação de que estava deixando a si mesmo para trás e, ao se entregar ao movimento das ruas, ao reduzir-se a um olhar observador, ele se descobria apto a fugir da obrigação de pensar, e isso, mais do que qualquer outra coisa, lhe trazia uma certa paz, um saudável vazio interior. [...] O movimento era a chave da questão, o ato de colocar um pé adiante do outro e se abandonar ao fluxo do próprio corpo. Ao caminhar sem rumo, todos os lugares se tornavam iguais e já não importava mais onde estava. Em suas melhores caminhadas, chegava a sentir que não estava em parte alguma. E isso, afinal, era tudo o que sempre pedia das coisas: não estar em lugar nenhum. Nova York era o lugar nenhum que ele havia construído em torno de si mesmo, e Quinn se deu conta de que não tinha a menor intenção de um dia deixá-la outra vez.

As sensações de Quinn refletem as de muitos outros habitantes das metrópoles, que, assim como o personagem, também sentem a urgência de fazer da cidade um lugar nenhum. Seja por pressão do cotidiano ou simples exercício imaginário, o homem reinventa os lugares e, dessa forma, modifica-se a si mesmo.

Na transformação do lugar, o eu se reinventa e transforma-se no outro, ou, até mesmo, torna-se “ninguém”. Na cidade, lugar por excelência dos encontros, conflitos, tensões e embates entre o eu e o outro, almejar ser ninguém em lugar nenhum é um sentimento legítimo de uma relação firmada entre sujeito e urbe.

O plano consiste em deixar de ser, para, em seguida, renascer. Depois da caminhada sem rumo, do perder-se incessante dentro da cidade e de si mesmo, Quinn se dá conta de que justamente a Nova York dos lugares infinitos e dos caminhos intermináveis, pode ser apenas um único lugar, e mais do que isso, pode vir a ser a experiência definitiva do lugar nenhum de seus devaneios.

Aí está um complexo paradoxo do lugar urbano: este tem a capacidade de ser tudo e nada ao mesmo tempo. De modo que o sujeito que experimenta esses lugares complexos também sente a vontade de ser o que bem quiser. Como

evidência da diversidade urbana, a cidade e seus lugares propiciam a seus habitantes a experiência de poder ser tudo ao mesmo tempo.

Ao falar sobre o “um século de Times Square”, Berman (2009, p.16) relata que só a experiência de estar nesse “bairro hiperurbano” de Nova York (ver Figura), já provoca uma emoção, uma agitação, uma onda de poder nas pessoas. De acordo com Berman (2009, p.30):

Só por estar nessa rua, nessa multidão, o indivíduo pode ser uma estrela. [...] Essa Square é um capital de abertura e inclusão sociais. Junta multidões de pessoas lado a lado com multidões de outras pessoas; e não só com outros, mas com pessoas a quem o eu vê como ‘o Outro’; e não só para coexistir, mas realmente para encontrar o outro, dar de cara com o outro de um modo íntimo que mudará todo mundo. Esses encontros criam uma nova realidade em que as pessoas podem ser mais do que são.

Eis o resultado principal do que se espera conquistar com a urbanidade: o convívio social. A celebração maior de viver a cidade é dar-se conta de que a realização de cada lugar depende do envolvimento e da conjunção das ações humanas. Por sinal, mencionou-se anteriormente que os lugares são sempre composições humanas, pois cabe afirmar, então, que o lugar urbano cintila de tanta humanidade.

É fato de que a pergunta que abriu este capítulo continuou vagando por entre linhas até aqui. É possível, no entanto, que se tenha chegado a uma resposta para ela... Quanto de amor, afinal, pode haver entre um homem e sua cidade?

Ora, decerto, todo o amor que o eu for capaz de dar ao outro, no regozijo conjunto e diário que é a realização dos lugares urbanos.

Na grande cidade, que tanto possibilita ao ser humano, não deve haver limites para as experiências afetivas de lugar. O lugar urbano é sempre uma consequência de ações, valores, pensamentos e sentimentos mesclados, onde amor e ódio são dois sentimentos antagônicos, mas limítrofes, que compõem uma mesma aliança.

CAPÍTULO 2

UM LUGAR CHAMADO AVENIDA PAULISTA

2.1 História com aroma de café

“A avenida mais amada dos paulistanos”... Com essa frase seria possível introduzir as reflexões sobre a Avenida Paulista. Todavia, começar-se-á dizendo que esse lugar recebeu o nome de Avenida Paulista em homenagem a todos os habitantes do estado de São Paulo, e não apenas aos residentes da capital desse estado, os paulistanos.

É inegável, porém, que a Avenida Paulista acabou se tornando um dos principais símbolos da cidade, devido à sua peculiar história e importância para o cotidiano dos habitantes da cidade. Não sem razão, no ano de 1991, a Avenida Paulista foi eleita o símbolo da capital paulistana, no concurso “Eleja São Paulo”.

Mas, até aí, até o dia de sua eleição como símbolo da cidade, cem anos se passaram desde seu nascimento, em 08 de dezembro de 1891. Foi nesta data, que o engenheiro uruguaio Joaquim Eugênio de Lima, contrariando a solicitação dos amigos para que desse ao lugar o seu próprio nome, proclamou: “Meus amigos! [...] ela se chamará Paulista! Avenida Paulista, em homenagem aos paulistas!” (MARQUES, 1966, p.44).

Dessa forma, Joaquim Eugênio de Lima²⁰, associado a José Borges de Figueiredo e João Augusto Garcia, levou adiante o seu arrojado empreendimento urbano. Regada por investimentos públicos e privados, essa extensa área até então dominada pela natureza silvestre, foi completamente modificada a partir de loteamentos, construções de suntuosas residências e obras de planejamento urbano, dando origem, assim, à Avenida Paulista (ver Figura 9).

Figura 9. Inauguração da Avenida Paulista. Aquarela pintada por Jules Martin, em 1891. Fonte: TOLEDO, Benedito L. de (1987, p.127).

Para a realização da obra foi contratado o agrimensor Tarquinio Antônio Tarant, e o próprio Joaquim Eugênio de Lima ficou encarregado de estabelecer os

²⁰ Este foi o homem mais importante na história da Paulista, uma figura definitiva no processo de implementação da avenida. Joaquim Eugênio de Lima “trazia consigo toda uma ideia de modernidade. Uma nova ideia, no qual o passado – colonial – não tinha mais sentido e cujo presente e futuro imediato revestiam-se de uma especial urgência. Como referência básica para levar adiante seus projetos urbanos, ele se reportava seguidamente às grandes cidades européias que conhecia muito bem e, além do mais, demonstrou uma sensível percepção do processo de urbanização que se instalava em larga escala, identificando as formas e a rapidez com que isso se manifestava” (MORAES, 1995, p.53).

padrões da nova Avenida (TOLEDO, 1987, p.12). A antiga “Estrada da Real Grandeza”, como era até então conhecida, uma trilha rústica aberta para o passo de tropeiros e carros de boi em meio à mata Alto do Caaguaçu, converteu-se na mais importante expressão da modernidade da cidade de São Paulo.

Localizada no ponto mais alto da cidade, a Avenida Paulista reúne as seguintes características descritas por Ab’Saber (1957, p.108):

O alongado e estreito espigão, de topo aplainado, que avança de SE para NW, a partir aproximadamente do centro da bacia de São Paulo, constitui a principal plataforma interfluvial do sistema de colinas da região paulistana. Trata-se do mais importante e bem definido dos elementos geomorfológicos do sítio urbano da capital paulista. O espigão central adquire suas formas mais características a partir do Jabaquara, do Aeroporto de Congonhas e de Vila Mariana, ao sul da cidade, prolongando-se por 13Km na direção de NW, até perder sua linha de continuidade nas colinas do Sumaré. Entre Jabaquara e Vila Mariana, numa distância de 5Km, sua direção é rigorosamente S-N. Nos limites entre Vila Mariana e o Paraíso, o eixo do espigão inicia sua deriva para o ocidente, passando a ter o rumo SE-NW. Cumpre notar que, do Jabaquara até a porção central da Avenida Paulista (Parque Siqueira Campos), serve ele de divisor de águas entre os afluentes da margem direita do Pinheiros e os pequenos e ativos riachos tributários do Tamanduateí (Ipiranga, Cambuci, Anhangabaú, Saracura Grande e Saracura Pequeno). É somente a partir do Parque Siqueira Campos que o espigão central passa a ser, diretamente, o principal divisor entre o Tietê e o Pinheiros. Em quase toda sua extensão, o espigão central apresenta altitudes homogêneas e relativamente constantes. [...] passando a ter de 100 a 300 metros de largura, em sua porção plana superior, e mantendo-se na altitude média de 815-820m.

Com o projeto urbanístico inspirado nos bulevares parisienses, a Avenida Paulista dividia-se em três faixas paralelas, cada qual destinada a bondes, carruagens e cavaleiros, além das calçadas para pedestres. Ao longo de seus 2.800 metros de extensão e 30 metros de largura, a Paulista apresentava vias recobertas por pedregulhos brancos e macadames, adornadas por plátanos, ipês e magnólias (ver Figura 10).

Figura 10. Vista da Avenida Paulista, 1902, olhando-se na direção do Paraíso. Foto de Guilherme Gaensley. Fonte: TOLEDO, Benedito L. de (1987, p.100).

De acordo com Moraes (1995, p.54):

[...] a construção da Avenida Paulista enseja uma ordem de preocupações do ponto de vista urbano e conceitual, que se caracterizaram como extremamente inovadoras naquele período. A começar pela dimensão, o lugar escolhido, o projeto de implantação, a preocupação com o ambiente e a infraestrutura necessária a uma determinada ocupação, que muito se diferenciavam do repertório usual das características urbanas do restante da cidade. Desse modo, com esse conjunto de elementos, pensados previamente, deu-se a forma na qual Joaquim Eugênio de Lima e seus sócios entenderam comportar uma grande Avenida para São Paulo.

O deslumbramento das elites pela modernidade atinge em cheio a concepção do que a Avenida Paulista representaria para a cidade. Já no final do século XIX, a capital paulistana experimentava os efeitos de uma urbanização acelerada²¹, e isso refletia as condições do estado de São Paulo, detentor de uma economia próspera e

²¹ Para se ter uma ideia, a população da cidade no ano de 1872 era de aproximadamente 31 mil habitantes, e no ano de 1900 já chegava a 240 mil. O número de edificações da cidade de São Paulo dá um salto de 3 mil, em 1875, para 21 mil em 1900 (MORAES, 1995).

dinâmica, que começava a se abrir às novas atividades alavancadas pelo processo de industrialização, ainda que em ritmo lento na primeira metade do século XX.

Entretanto, o principal fator de enriquecimento das elites era, sem dúvida, a produção agrícola, em especial por conta do cultivo do café. A cafeicultura financiava o desenvolvimento do estado e, por conseguinte, da cidade de São Paulo. Esta, “enriquecida pelo ouro negro, despia sua fisionomia colonial assumindo ares de cidade moderna” (MESGRAVIS, 1975, p.316).

Com o fortalecimento da economia cafeeira, promovido pelos inúmeros investimentos realizados em prol dessa atividade, sucederam-se transformações profundas na estrutura social da época, o que culminaria com a industrialização e a modernização da região sudeste do país.

Na capital paulistana, as elites que dominavam a produção cafeeira também eram responsáveis pela criação das primeiras indústrias, empresas de estradas de ferro e muitas outras melhorias urbanas (MESGRAVE, 1975, p.321). A própria Avenida Paulista estava inserida nesse contexto de melhorias para a cidade, pois fora concebida para atender às necessidades da elite.

Nessas circunstâncias, os barões do café, condes e fazendeiros que até então residiam no centro da capital, passaram a se deslocar na direção da Paulista²², a fim de ficarem mais próximos da proposta de modernidade ostentada pela nova avenida.

²² O êxodo ocorrido na região central da cidade de São Paulo deu-se seguindo o traçado sudoeste que compreendia os bairros de Campos Elíseos, Consolação e Higienópolis, onde a Avenida Paulista, devido seu posicionamento geográfico na parte mais elevada da cidade, aparecia como ponto de maior ascensão social.

A aristocracia passou a investir recursos na compra de terrenos e na contratação de arquitetos capazes de projetar mansões que estivessem em sintonia com o arrojo e elegância desse grandioso empreendimento urbano²³.

Na Paulista, a presença dos barões do café se deu, pelo menos, até a crise de 1929, a qual afetou profundamente a atividade agrícola brasileira. Por conta desse evento de impacto mundial, parte da elite que ocupava a Avenida Paulista, e que estava ligada à economia cafeeira, se viu obrigada a vender seus imóveis para imigrantes abastados originários da Europa (FRÚGOLI, 2006, p.114).

A busca das elites pela região da Paulista, sobretudo a elite estrangeira, que por sua expressiva presença acabou marcando a Avenida Paulista pelo ecletismo arquitetônico das construções residenciais, é citada por Prado Jr. (1972, p.127) na seguinte passagem de texto:

[...] à procura de terrenos mais altos e saudáveis. E subindo sempre, alcançaram o alto do espigão, onde se instala, acompanhando-o fielmente, a Avenida Paulista. Já então a progressão cafeeira se interrompera, as novas fortunas saem da indústria e do comércio quase todo em mãos de estrangeiros, imigrantes enriquecidos nesta Canaã americana: a Avenida Paulista será o bairro residencial dos milionários desta nova fase da economia paulista, estrangeiros ou de recente origem estrangeira quase todos. E a arquitetura do bairro o dirá.

As obras de melhorias realizadas na Paulista estavam voltadas à satisfação das elites e à ostentação da avenida como um marco de referência para a cidade. Em 1900 e 1909, respectivamente, os residentes e frequentadores da avenida foram agraciados com a chegada do bonde elétrico e do asfalto, ambas as implementações tornaram a Paulista ainda mais visada como um lugar privilegiado de São Paulo.

²³ Apesar de a Avenida Paulista, na virada do século XIX para o séc. XX, contar com cerca de 50 residências, nos primeiros anos de sua existência ela servia bem mais como local de veraneio ou opção de segunda residência. Isso se deve ao fato de que até 1900, a Paulista não estava provida de saneamento satisfatório, transporte público de qualidade e outros importantes equipamentos urbanos (D'ALESSIO; SOUKEF; ALBARELLO, 2002, p.26).

Os novos aparatos urbanos, hábitos e comportamentos acarretados pelo início do século XX, contribuíram fortemente para engrandecer a imagem da Avenida Paulista. Esta, ao longo das primeiras décadas, foi o mais importante laboratório da modernidade de São Paulo.

Ligada ao poder do café e do incremento industrial, a Avenida Paulista provou o apogeu do prestígio entre a sociedade paulistana e transformou-se num dos maiores bens paulistanos.

No quesito lazer, a Avenida Paulista destacou-se desde 1892 com a inauguração do Parque Villon, que levava o nome do paisagista responsável pelo projeto. O parque incluía restaurante e uma área ajardinada em meio à Mata Atlântica remanescente. Com a prefeitura sob a gestão do Barão de Duprat, no ano de 1911, o Parque Villon foi remodelado pelo paisagista inglês Barry Parker e rebatizado como Parque Trianon²⁴ (LIMENA, 1996, p.56).

Num barranco posicionado à frente do Parque Trianon, do outro lado da avenida, fora construído o belvedere do Trianon, cujo projeto ficou a cargo do arquiteto Ramos de Azevedo. Materiais importados, como cimento sueco, mármore de Carrara, espelhos venezianos, lustres franceses, porcelana inglesa, foram utilizados em sua construção.

Por conta de tamanho requinte, o belvedere, que reunia restaurante, sala de chá e salão de baile, constituiu-se como o ponto de encontro favorito da elite paulistana (MORAES, 1995, p.132-133).

²⁴ Nos anos de 1930, o Parque Trianon recebe o nome de Parque Tenente Siqueira Campos, em homenagem a esse oficial do exército que falecera durante uma missão da Revolução de 1930 (MORAES, 1995, p.122), mas ainda hoje o parque é amplamente conhecido como Trianon. Em 1968 o parque passaria por uma nova reforma, desta vez liderada pelo paisagista Burle Marx e pelo arquiteto Clóvis Olga.

O corso (ver Figura 11), versão do *footing* ocorrido no centro, também era uma importante opção de lazer da avenida, que antes de acontecer na Paulista, realizava-se na Avenida Higienópolis.

Figura 11. Corso. Desfile de automóveis praticado pela elite, que consistia em percorrer a Avenida Paulista de ponta a ponta. Fonte: TOLEDO, Benedito L. de (1987, p.161).

O corso era um desfile de automóveis promovido pela alta burguesia, mas que atraía um expressivo público proveniente de outros bairros. No carnaval, o corso era ainda mais badalado, pois os foliões motorizados percorriam a Paulista com seus carros decorados, ao som das famosas marchinhas e sob chuva de confetes e serpentinas (D’ALESSIO; SOUKEF, 2002, p.53).

Cabe observar, que a legenda impressa na foto acima traz a inscrição “Avenida Carlos de Campos”. Isso ocorre porque no ano de 1927, o nome da Avenida Paulista fora substituído pela municipalidade como forma de homenagear o ex-governador do estado, falecido nesse mesmo ano. Por sorte, a mudança durou

pouco tempo, e o nome original da avenida foi restabelecido depois da Revolução de 1930 (D’ALESSIO; SOUKEF, 2002, p.53).

A partir da década de 1940, a Paulista adentra uma fase de mudanças profundas. As mansões cedem espaço a novas edificações, é o início, pois, da verticalização. Na verdade, toda a cidade de São Paulo se transforma por conta da intensa urbanização, e é claro que a Avenida Paulista não escaparia desse processo de reordenação espacial e reinvenção da paisagem urbana.

Ao abordar o processo de produção e ocupação do espaço no município de São Paulo, Souza (1994, p.52) identifica o período de 1945 a 1964 como a fase de verticalização da metrópole. A autora escreve que nesse momento “inicia-se a incorporação imobiliária e o adensamento advindos da verticalização. Acentua-se o caos urbano em face do intenso processo de expansão, que é, apesar de tudo, acompanhado de planejamento e modernização”.

A última mansão a ser construída na Avenida Paulista, foi inaugurada no ano de 1935 e projetada pelo arquiteto Ramos de Azevedo para sua filha Lúcia Azevedo Dias de Castro (D’ALESSIO; SOUKEF; ALBARELLO, 2002, p.53).

Em 1936, a lei que autorizava a construção de edifícios residenciais e comerciais na Paulista foi promulgada, mas somente depois da Segunda Guerra é que a demolição das mansões se intensifica²⁵.

O primeiro prédio residencial construído na Avenida Paulista recebeu o nome de seu proprietário, “Camille Sabagh”. A edificação tinha sete andares e situava-se na esquina da Paulista, nº2000, com a Rua Frei Caneca. Acabou sendo demolida no

²⁵ A lei que libera a Avenida Paulista para a construção de edifícios residenciais e comerciais é sancionada pelo prefeito em exercício, Fábio da Silva Prado. Nesse momento, grande parte da elite que residia na Paulista mudava-se para o bairro dos Jardins.

final da década de 1960. O terreno, adquirido por grandes incorporadores, foi comprado pelo Grupo Sul América (MORAES, 1995, p.161).

Durante a década de 1950, os conjuntos habitacionais que dariam início à alteração do perfil e dos referenciais da Paulista começam a surgir. O primeiro deles seria o edifício Anchieta, datado de 1941, situado entre a Rua da Consolação e a Avenida Angélica. Dentre outros, também se pode citar os edifícios Savoy, de 1947; Três Marias, de 1952; Nações Unidas, de 1953; Saint-Honoré, de 1953; Baronesa de Arary, de 1953; Paulicéia, de 1955 (MORAES, 1995, p.164).

A última mansão a ser levantada foi justamente uma das únicas que resistiu à aniquilação das construções primordiais da Avenida Paulista²⁶. Com a demolição das mansões e a multiplicação dos edifícios residenciais, a Paulista começava a se despedir de seu semblante de outrora.

O relato explicitamente afetivo de Figueiredo Ferraz (1995, p.34-35), descreve algumas dessas transformações:

Mudança rápida. O carro expulsando o automóvel, o ônibus eliminando o bonde. Os trilhos arrancados. A tranquilidade cedendo lugar à agitação. [...] Lembro-me dos primeiros prédios de apartamento. Um, logo no começo da Paulista, no Largo Oswaldo Cruz. O velho Byington o mandara construir. Lá morou minha avó. Vieram outros. Muitos. Uma onda avassaladora. As mansões, uma a uma, inexoravelmente destruídas. Nada sobrou. Quase nada. A vegetação e os arvoredos então existentes, deram lugar como que a árvores de concreto armado. Onde alguns poucos residiam, centenas aí se alojariam. Veio o condomínio. Mudança total. A riqueza estática, suave, harmônica, substituído pela riqueza dinâmica, trepidante. Os grandes edifícios, disputando as alturas em desbragada competição de forma e porte. E a Avenida Paulista, rica que fora, se transforma radicalmente, ainda que para permanecer grande, rica, imponente. No decorrer de toda essa transformação, já me via formado, Engenheiro. Estava escrito: a Avenida Paulista e eu estaríamos, ambos, unidos para sempre.

²⁶ A já citada mansão projetada por Ramos de Azevedo, e inaugurada em 1935, atualmente é conhecida como “Casa das Rosas”, por conta de seu belo jardim externo que pode ser observado por quem passa pela calçada da avenida, e figura como um dos principais símbolos de resistência da história da Paulista.

O engenheiro Figueiredo Ferraz ocuparia o cargo de prefeito da cidade de São Paulo entre os anos de 1971 a 1973, tendo em sua curta gestão uma ligação bastante próxima com a Avenida Paulista. Mas, antes de 1971, e de todas as mudanças que essa década acarretaria, a Paulista estaria prestes a passar por um decisivo período de transição ainda na década de 1950.

Mais especificamente, foi no ano de 1952 que o argentino José Tjurs, empresário dos ramos hoteleiro e imobiliário, adquiriu um grande terreno na Avenida Paulista, e demonstrando um ousado tino empreendedor, como se pudesse prever o futuro da Avenida, mandou construir aquele que se tornaria o principal símbolo da fase de verticalização da Paulista, e um verdadeiro marco da arquitetura modernista brasileira: o Conjunto Nacional.

Este gigantesco empreendimento começou a ser construído em 1955, ocupando uma quadra inteira da Avenida Paulista, entre as ruas Augusta, Alameda Santos e Padre João Manuel²⁷. Pensado por José Tjurs como um misto de hotel e centro comercial, o plano do primeiro mostrou-se impraticável, e o edifício acabou servindo seus espaços a empresas, ao comércio e habitação.

Dispondo de um bloco de apartamentos residenciais e dois blocos para escritórios, além de uma ampla praça para o comércio varejista, o Conjunto Nacional entrou para história como o primeiro prédio comercial da Avenida Paulista. Em meio aos casarões e edifícios residenciais, o empreendimento surgiu na Paulista como um protótipo dos Shoppings Center, ao dispor de amplas áreas para o comércio e a circulação de pessoas.

²⁷ No terreno de aproximadamente 14.600 metros quadrados, onde hoje existe o Conjunto Nacional, estava construída a mansão da família do empresário Horácio Belfort Sabino. Projetada pelo arquiteto francês Victor Dubugras, um precursor do modernismo, a casa foi construída de 1902 a 1904, e ocupava uma pequena parte frontal do lote. Este possuía, ainda, um pomar, uma horta, um tanque para peixes, uma quadra de tênis, construções de apoio como garagens, residências para empregados da família, cocheiras e um pequeno bosque (VIÉGAS, 2003, p.49). No ano em que José Tjurs adquiriu a propriedade, a residência foi demolida.

A aposta de Tjurs era ousada, pois arriscava desviar o foco comercial do centro da cidade para a Avenida Paulista. José Tjurs via o Conjunto Nacional como a pedra fundamental da fase de transformações da Paulista. O diálogo de Tjurs com José Caribé, reproduzido por Iacocca (1998, p.56), dá uma ideia das expectativas criadas em torno desse empreendimento:

Certa vez em São Paulo, na esquina das avenidas São João e Ipiranga, depois de um cumprimento efusivo, Tjurs falou:

- Vou precisar de você. Afinal, chegou o momento de trabalharmos juntos. Acabo de comprar um terreno onde construirei uma pequena cidade. Hotel, lojas, cinemas, bares, escritórios, *nightclubs*, tudo vai ser feito num conjunto só. O comércio vai ser uma beleza.

- Mas onde é esse terreno?

- Na Avenida Paulista.

- Mas José, aquilo só tem mansões, casas residenciais importantes, não comércio. Este está todo localizado no centro da cidade. [...]

- E daí? Não tem a menor importância. Eu construo o conjunto e mudo o comércio fino para lá, tá?

A fim de fazer valer o que parecia ser apenas uma ideia excêntrica, Tjurs contratou para a execução do projeto o arquiteto mineiro David Libeskind²⁸. Este propôs distribuir o espaço do terreno por um enorme bloco horizontal, que abrangeria a parte da área destinada ao comércio varejista. Erguendo-se sobre esse bloco, uma lâmina vertical seria dividida em três torres contíguas de vinte e cinco pavimentos cada, e com um recuo de distância da Avenida Paulista de setenta e dois metros (D'ALESSIO; SOUKEF, 2002, p.67), sendo duas para a venda e locação de salas comerciais e uma habitacional.

²⁸ O projeto do Conjunto Nacional foi escolhido em concurso fechado, como explica o próprio arquiteto David Libeskind (apud MORAES, 1995, p.174): "Em 1957, eu tinha 25 anos de idade, era recém formado em arquitetura em Belo Horizonte. Ouvi dizer que estava havendo um concurso fechado para um projeto de construção num grande terreno da Avenida Paulista. Procurei o proprietário, Sr. José Tjurs, e ele me disse, em tom de brincadeira, que eu tinha o prazo de uma semana para apresentar alguma proposta. [...] O Tjurs não sabia exatamente o que pretendia. Foi mudando de ideia à medida que a construção avançava. Pensou num hotel, mas teve problemas com a prefeitura. Pensou em apartamentos residenciais e acabou fazendo também uma ala comercial. Me lembro uma vez que ele disse o seguinte: 'Eu quero fazer da Paulista a Quinta Avenida brasileira. As famílias desses barões que moram aqui hoje ainda vão me pagar royalties pela valorização dos terrenos'. Era um homem muito ousado, muito inteligente embora quase analfabeto, que começou a vida como motorista de praça".

Em 1957, com as obras do Conjunto Nacional em andamento, acontece a inauguração da luxuosa confeitaria pertencente à família Fasano. Em seguida, outros estabelecimentos comerciais de renome também seriam atraídos pelo magnetismo do Conjunto Nacional²⁹. Dentre os quais, a Galeria de Arte Milan, o Cine Astor e a Livraria Cultura (D’ALESSIO; SOUKEF, 2002, p.71), esta, a única dos três que ainda hoje mantém unidades no prédio.

Com as construções finalizadas em 1962, o Conjunto Nacional constitui-se como a obra de referência do momento em que a Avenida Paulista se abre para o segmento comercial. Por sua vez, o projeto de David Libeskind, persiste como um exemplo do que há de mais significativo na arquitetura modernista brasileira.

Com a instalação do Conjunto Nacional na Avenida Paulista, outros prédios para fins comerciais começaram a ser projetados e entregues. Em 1962, surge o primeiro edifício exclusivamente comercial, pertencente ao Banco Sul Americano do Brasil, e que posteriormente seria incorporado ao Grupo Itaú. A obra reflete outro marco da construção civil na Avenida Paulista, com projeto arquitetônico encabeçado por Rino Levi (D’ALESSIO; SOUKEF, 2002, p.62).

No final da década de 1960, com a multiplicação dos prédios comerciais na Paulista, restavam poucos vestígios da paisagem de início do século. Se no final do século XIX, a cidade de São Paulo pretendia alcançar a modernidade tendo como parâmetro as cidades européias, e a construção da Avenida Paulista é um exemplo desse momento, durante a verticalização a maior influência veio dos Estados Unidos da América, e de suas metrópoles.

²⁹ Um ano após a abertura da confeitaria, esta considerada o primeiro estabelecimento comercial do Conjunto Nacional, o restaurante Fasano é inaugurado no mezanino do prédio, onde são promovidos jantares dançantes prestigiadíssimos pela burguesia paulistana. No badalado jardim de inverno do restaurante, apresentaram-se grandes personalidades da música internacional, como Nat King Cole e Marlene Dietrich. Com a grande visibilidade alcançada, alguns órgãos importantes, como os Conselhos dos Estados Unidos e da França, logo se instalariam nas dependências do Conjunto Nacional.

Sobre essa questão, Limena (1996, p.81) escreve que:

Em muitos aspectos, as cidades norte-americanas passariam a se constituir no modelo dos novos rumos em direção ao progresso, graças ao avanço tecnológico, ao concreto armado, às edificações ciclópicas. O arranha-céu, conquista do desenvolvimento da tecnologia, passa a ser o símbolo do progresso, este, portanto, associado à altura: quanto mais alto, mais próximo do progresso.

De certo modo, a Paulista evoca uma interessante metáfora a respeito do primeiro arranha-céu da cidade de São Paulo. Assim como o Observatório Latting, a torre de Manhattan que, segundo Koolhaas (2008, p.42), revelou Nova York para seus habitantes, a Avenida Paulista, por localizar-se no ponto mais alto da cidade, também pode ser considerada como o primeiro lugar a descortinar os domínios da cidade de São Paulo aos paulistanos³⁰.

Moraes (1995, p.137) fala sobre o “mirante da Paulista”, ponto onde antigamente se iniciava a avenida, mas que nos dias atuais, de acordo com a contagem de sua numeração, localiza-se na parte final.

Hoje, a Paulista inicia-se no Largo do Paraíso estendendo-se até a Praça Marechal Cordeiro de Farias, local do antigo mirante, também conhecida como Praça dos Arcos. Levando-se em conta essa direção, a avenida apresenta em seu lado esquerdo a numeração ímpar, e em seu lado direito a numeração par.

Aonde atualmente se situa a Praça dos Arcos, antigamente existia ali um dos melhores pontos do espigão para que se pudesse apreciar a paisagem de São Paulo. Por esse motivo, era usufruído como uma espécie de mirante pela população.

³⁰ Cabe assinalar que, de acordo com Souza (1994, p.61), o marco da verticalização de São Paulo foi um edifício comercial de sete andares construído em 1912, e situado na Ladeira Dr. Falcão, esquina da Rua Líbero Badaró. Contudo, há que se destacar que o primeiro edifício arranha-céu da cidade de São Paulo, que é considerado, inclusive, o primeiro da América Latina, é o Edifício Martinelli. Este possui 30 pavimentos, 130 metros de altura e está localizado no centro da cidade, num triângulo formado pelas Ruas São Bento, Líbero Badaró e Avenida São João. Idealizado pelo imigrante italiano Giuseppe Martinelli, com projeto arquitetônico do húngaro William Fillinger, membro da Academia de Belas Artes de Viena, o edifício teve suas obras iniciadas no ano de 1924, e apesar de ter sido inaugurado já em 1929, suas construções foram finalizadas apenas em 1934.

Sobre o que os paulistanos podiam avistar lá de cima, Moraes (1995, p.139) escreve:

Inicialmente, o vale do riacho do Paca-yembó – córrego das pacas – e o Morro do Jaraguá eram dois dos lugares especialmente apreciados a partir desse ponto. Posteriormente, com o correr dos anos, veria-se, também, o casario que se espalhava pelos vales e encostas dos morros, os novos bairros que se formavam, as novas avenidas, os altos prédios; enfim, uma série de outros componentes urbanos que se incorporavam e modificavam a cada instante a esta paisagem da cidade.

Do alto do mirante da Paulista, os paulistanos tomaram conhecimento da amplidão de seu território, e puderam testemunhar as transformações espaciais acarretadas com o passar do tempo. Naquela parte inicial da avenida, a Geografia se encarregou de encravar uma arquibancada para que as gerações pudessem contemplar o espetáculo da urbanização seguida pela espantosa metropolização da capital paulistana.

A transformação da São Paulo correria às vistas de seus residentes. No mirante, olhando de cima para baixo, poder-se-ia notar a verticalização e o adensamento urbano de algumas regiões.

Voltando-se o olhar para a Paulista, encarando-a de frente na direção SE, as transformações que podiam ser observadas eram as seguintes: inicialmente, a ocupação da área com a construção de mansões suntuosas, seguido-se pela demolição de tudo o que se tinha construído, de cada fortuna ali empregada, para que se desse início a uma paisagem totalmente distinta.

O belvedere do Trianon (ver Figura 12) era outro ponto de grande apelo paisagístico da Avenida Paulista, por conta do panorama que se tinha de cima do ensolarado terraço, de onde era possível avistar o centro da cidade de São Paulo e a Serra da Cantareira.

Figura 12. Belvedere do Trianon, década de 1940. Na imagem observa-se o Parque Trianon com o pavilhão do Belvedere à sua frente. No plano abaixo está a Avenida Nove de Julho e os túneis que recém haviam sido inaugurados. Fonte: D’ALESSIO e SOUKEF (2002, p.43).

Mas o Trianon, requintado espaço destinado à diversão e ao lazer das elites, berço dos famosos bailes de carnaval da Paulista, não contava mais com o prestígio de outrora, muito pelo contrário, deteriorava-se e estava fadado a um fim implacável.

No dia 11 de fevereiro de 1950, o salão de bailes do Trianon receberia o seu derradeiro baile à fantasia, organizado pela Senhora Yolanda Penteado³¹, e ironicamente batizado de “Triunfo do mau gosto” (MORAES, 1995, p.135). No ano de 1951, pouco tempo depois do último baile, o Trianon foi demolido e seu espaço serviu para abrigar o pavilhão da I Bienal de São Paulo.

Contudo, o panorama que se tinha daquele ponto da Paulista (ver Figura 13), ainda podia ser contemplado. Apesar de não ser a mesma paisagem que se tinha na

³¹ Yolanda Penteado foi membro de uma tradicional família da aristocracia paulista, e casada com Francisco Matarazzo Sobrinho, outra figura de grande influência na sociedade da época.

ocasião da inauguração do Trianon, afinal de contas, mais de três décadas haviam se encarregado de transformá-la, ainda assim, a grandiosa vista podia ser apreciada, e, o mais importante, estaria para sempre garantida.

Figura 13. Panorama da região central da cidade de São Paulo, observado a partir do mirante do belvedere do Trianon, na Avenida Paulista. Fonte: TOLEDO, Benedito L. de. (1987).

Felizmente, o próprio idealizador da Avenida Paulista preveniu-se de garantir que tal panorama nunca fosse prejudicado. Como era o dono do lote que abrangia o parque e o belvedere do Trianon, Joaquim Eugênio de Lima exigiu, no momento da doação do terreno à prefeitura, que qualquer construção que viesse a ocupar a área do belvedere não obstruísse a vista que dali se tinha da cidade (D’ALESSIO; SOUKEF, 2002, p.78).

Sendo assim, após a demolição do Trianon, a área em frente ao parque ficou-se aberta e vazia, permanecendo à espera de algum monumento ou construção que honrasse sua privilegiada vista panorâmica.

Já no ano de 1946, todavia, um importante plano para a cidade de São Paulo começava a ser traçado, o que, passado alguns anos, acarretaria numa solução definitiva para a ocupação do espaço deixado pelo antigo belvedere.

Tratava-se, pois, da ideia de investir na criação de um museu para a cidade de São Paulo, ideia esboçada por Francisco de Assis Chateaubriand³². A escolha da capital paulistana para sediar o museu, estava ligada à proeminente condição financeira do estado. Com a certeza de que este seria o lugar ideal para abrigar um importante espaço destinado às artes, Chateaubriand fundamentava a escolha dizendo: “o café ainda dá” (MORAES, 1995, p.187).

Acerca da personalidade polêmica de Assis Chateaubriand, seus planos audaciosos e talento para alcançar o que queria, seu colaborador Pietro Maria Bardi (1992, p.19-20) relata:

³² Jornalista, advogado e membro da Academia Brasileira de Letras, o paraibano Assis Chateaubriand ficou conhecido como o “rei da comunicação”, por ter constituído o império midiático dos Diários Associados, que na época era a maior rede de comunicações do Brasil, incluindo 34 jornais, 36 emissoras de rádio, 18 estações de televisão, uma agência de notícias e uma editora responsável pela publicação da revista “O Cruzeiro”, a mais lida entre 1930 e 1960 (DUPRAT, 2009, p.09).

Ele tinha sempre em mente obter algumas das tantas coisas que faltavam ao País, ou tentar melhorar o que já se fazia. Imediatamente aparecia o modo de intervir, transformava seus auxiliares em participantes ou coadjuvantes dessas tarefas. Certo de conseguir aquilo a que se propunha, andava para frente, autônomo, persuadido de que os meios necessários apareceriam e a finalidade se cumpriria. Demonstrava a utilidade de seus projetos com a convicção e a urgência de providenciá-los. [...] Para ser franco repito que, em minha opinião, a finalidade do audacioso Assis era pescar nas águas de um rio inundado de ouro. [...] Nos Estados Unidos, os grandes museus foram feitos pela burguesia que se comprazia em doar obras para as coleções, aqui, Chateaubriand sabia que os doadores deviam ser cutucados. [...] Do ponto de vista da economia, era um prodígio no resolver as mais impossíveis questões. Seu princípio era: os ricos pagam pelos pobres, opinião nem sempre compartilhada. Sua fama não se espelhava na correção burguesa. Era um homem como os outros, porém quem o conheceu sabe que a sua personalidade expressava uma filosofia livre. Detestado por muitos [...]. Autêntico manipulador da opinião pública, conhecia a prole dos abastecidos com tamanha familiaridade que surpreendia, ficando difícil imaginar a fonte da informação. Sabia tudo de todos. Ninguém escapava de seu retrato de candidato a doador do MASP. Era difícil, diria impossível, recusar um pedido seu.

Em poucos meses, o que era apenas o esboço de uma ideia transformou-se em realidade. Inaugurado em outubro de 1947, o MASP, Museu de Arte de São Paulo, foi aberto no centro da cidade, ocupando 1.000m² do primeiro andar do Edifício Guinle, na Rua Sete de Abril, 230, no prédio que então abrigava os Diários Associados, propriedade de Assis Chateaubriand.

Em sua inauguração, o MASP já contava com uma pequena exposição de obras doadas por Assis, dentre as quais se destacavam um quadro de Picasso e outro de Rembrandt (DUPARAT, 2009, p.09). A direção do museu, bem como a tarefa de montar o acervo internacional, ficou sob a responsabilidade do antiquário e mercante de arte italiano Pietro Maria Bardi. Este idealizou o MASP como sendo um museu instrutivo, ligado à educação e formação da sociedade.

Por conta da enorme influência que exercia sob o empresariado brasileiro, Chateaubriand captava doações de obras de arte e recursos financeiros para a aquisição de outras obras em galerias e leilões do mundo todo, e Bardi era quem viajava para arrematá-las.

Dessa maneira, foi se constituindo uma pinacoteca repleta de grandes nomes da pintura ocidental, onde algumas das obras mais valiosas foram adquiridas no período pós-guerra, a valores considerados módicos se levado em conta a importância de seus autores.

Três anos depois da inauguração, e tendo se beneficiado com inúmeras aquisições e doações de obras de arte, o MASP passaria a ocupar mais três andares do Edifício Guinle. A italiana Lina Bo Bardi, formada arquiteta em Roma, e esposa de Pietro Bardi, assume, mais uma vez, o projeto de adequação e reforma dos novos espaços do museu.

Por volta de 1957, o MASP já era internacionalmente reconhecido e considerado o maior museu da América Latina. Exposições itinerantes de sua coleção particular corriam os principais museus do mundo, concedendo-lhe ainda mais prestígio.

No Brasil, as atividades didático-culturais promovidas pelo MASP ampliavam-se cada vez mais, assim como o seu acervo permanente. Por conta do crescimento e da projeção do MASP, o espaço físico do edifício que até então o abrigava acabou se tornando insuficiente³³.

Nessas circunstâncias, após se iniciarem as buscas por um novo espaço que servisse para comportar as instalações do MASP, Lina Bo Bardi teve a ideia de levar

³³ Na pressa de encontrar um novo lugar para o MASP, Pietro Maria Bardi chegou a levar seu acervo para o edifício da FAAP, Fundação Armando Álvares Penteado, no bairro do Pacaembu, mas logo constatou que havia cometido um erro, como relata o diretor do museu, Bardi (1995, p.30): “Contatos foram feitos e ficou acertado que o MASP teria ali um espaço, no qual seria exposto seu acervo, ao qual se juntariam as obras da coleção do fundador da FAAP. Nossas obras chegaram a ser colocadas para uma experiência, nas salas da Fundação, porém a qualidade de algumas peças a serem incorporadas à coleção era questionável. Perturbado pelas dúvidas, [...] rocambolescamente voltei com tudo para a Rua Sete de Abril [...]. Este episódio teve como única consequência a permanência dos cursos criados pelo Museu na FAAP. Como esta foi criada com objetivo de ser um centro educacional, a incorporação dos cursos já estruturados do MASP, [...] atendeu plenamente essa proposta”.

o Museu de Arte de São Paulo para a Avenida Paulista. Especificamente, para o terreno que até 1951 tinha abrigado o belvedere do Trianon.

É claro que a construção a ser feita naquela área deveria respeitar a condição preestabelecida por Joaquim Eugênio de Lima. Por sua vez, Lina Bo Bardi estava ciente dessa exigência e disposta a encarar o desafio.

O projeto apresentado pela arquiteta, não apenas respeitava a condição imposta, como também valorizava imensamente a área vazia em frente ao Parque Trianon, e a Avenida Paulista em geral.

Em pouco tempo, dar-se-ia início às obras da nova sede do MASP, fruto do projeto arquitetônico de Lina Bo Bardi, associado à arrojada engenharia tornada possível pela execução de cálculo estrutural e inovadora metodologia de protensão, desenvolvidas, respectivamente, pelos engenheiros José Lourenço Castanho e José Carlos de Figueiredo Ferraz.

Quase dez anos se passariam entre o projeto inicial e a conclusão das obras do museu, inaugurado em 1968. Grandes mudanças se anunciavam para a Avenida Paulista na década de 1970, e teria o MASP como um marco de todas elas.

Porém, a atmosfera perfumada pelo aroma do café que um dia financiou as riquezas e os costumes desta avenida paulistana, abrandara já nas duas décadas antecedentes à inauguração do MASP.

O preço pago pelas famílias que viveram na Paulista no início do século XX acabou sendo caro demais, de seus registros e passagem pela avenida não restaria quase nada³⁴.

³⁴Benedito Lima de Toledo (2004, p.77) refere-se à cidade de São Paulo, destacando os exemplos da Avenida Paulista e do Anhangabaú, como sendo um “Palimpsesto”, ou seja: “um imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos, para receber outra nova, de qualidade literária inferior, no geral”.

O próprio edifício do MASP, da maneira que foi projetado, não estaria onde está caso tivesse existido uma preocupação com o mantimento do patrimônio original da Paulista. Quer dizer, se em algum momento essa preocupação tivesse se concretizado, talvez o antigo belvedere do Trianon, assim como as demais construções que um dia formaram a Paulista, não teria deixado de existir.

De qualquer maneira, deve-se ressaltar que no momento da inauguração do MASP, a Avenida Paulista já não era a mesma. Muita coisa havia mudado, e a tendência era de que tudo continuasse mudando. Com efeito, essas mudanças refletiam o lema amparado por um ideal de progresso urbano, que evoca a ideia de “deixar de ser como antes”, para progredir.

Por sinal, a própria concepção da Avenida Paulista teve suas raízes entranhadas no ideal de progresso suscitado pela modernidade. Trata-se, pois, de uma dinâmica que visa construir, destruir, modificar e reinventar a paisagem urbana.

Nesse longo processo de transfiguração, os resultados são positivos e/ou negativos. Muitas vezes, os resultados de uma mudança radical são até mesmo melhores, ou então, ao contrário, inquestionavelmente piores.

No caso da Paulista, hoje ela não pode ser encarada como algo melhor do que ontem, afinal, sua fisionomia sofreu alterações tão severas que muitos registros de sua história foram diluídos. Às portas de um novo tempo, a antiga Paulista ficou para trás, abrindo espaço para uma avenida diferente, refeita noutras linhas e cores, transformada num lugar do mundo.

Não se pode negar que a centenária Avenida Paulista tem a cara dos tempos atuais, já que suas características urbanas são traduzíveis pela contemporaneidade. Trata-se de um lugar que reflete o ideal global e toda a complexidade e diversidade que a metrópole paulistana comporta em si. Não por acaso, é um lugar que

desperta, ainda hoje, os mais distintos sentimentos em seus habitantes, a ponto de ser considerado o símbolo da cidade de São Paulo.

Espera-se que essa afirmação antecipe o desenrolar dos acontecimentos. Afinal, antes de se tratar sobre o quão importante a Avenida Paulista é para os paulistanos hoje, sobre como ela é amada por sua gente, há que se atentar para alguns acontecimentos sucedidos nas três últimas décadas do século passado.

Entender-se-á que o ano de 1968, com a inauguração do MASP na Paulista, marca factualmente a história dessa avenida, e por esse motivo se define como um momento chave para a abordagem que se segue.

Mencionou-se que antes mesmo de receber o MASP, a Paulista já havia mergulhado num processo de mudanças significativas da sua paisagem. Nesse sentido, a construção e inauguração do MASP tiveram menos expressão do que a presença do Conjunto Nacional, por exemplo.

De acordo com Ursini (2004, p.65), “se o projeto do Conjunto Nacional inaugura uma nova fase da Avenida, a demolição do Belvedere do Trianon em 1950 encerra a anterior”. Com efeito, cabe afirmar que a inauguração do MASP segue a marcha modernista do projeto do Conjunto Nacional, mas sinaliza, também, novos caminhos e enlaces.

À Paulista, o MASP acarreta uma mudança de ordem contextual, que não está ligada nem às finanças, novo foco da avenida a partir de 1960, nem à habitação, antiga via de regra. O Museu de Arte de São Paulo representa, sim, o *turning point* para o estabelecimento da cultura na Avenida Paulista, mas não como evento decisório que transformaria drasticamente sua forma-conteúdo, pois há de se entender que essa é uma virada que acontece a partir das primeiras demolições.

Ora, se as construções originais da Avenida Paulista tivessem sido mantidas, hoje ela seria como um grande museu a céu aberto. Quer dizer, parece digno pensar que a Paulista estava predestinada a sediar uma instituição cultural como o MASP, que vinha já firmada pela insígnia da educação e da história.

De modo que ao servir como sustentáculo para um museu de tal importância, a Avenida Paulista estaria se comprometendo, enfim, com a preservação do patrimônio e o respeito à memória.

2.2 MASP: Um astro a iluminar a “Nova Paulista”

Assim como outros lugares da Avenida Paulista, e até mesmo como ela própria, o MASP nasce e prospera amparado por grandes ideias. A ideia que tornou possível o plano de um museu para a capital paulista, e que deve ser considerada como a primordial, tem Assis Chateaubriand como mentor absoluto.

Foi, no entanto, Pietro M. Bardi quem idealizou o MASP como sendo um espaço vívido e dinâmico capaz de dialogar com a comunidade, características, aliás, que sinalizaram os rumos dessa instituição e que continuaram acompanhando-a ainda nos dias de hoje.

À Lina Bo Bardi, por sua vez, deve-se a ideia de querer levar o Museu de Arte de São Paulo para a Paulista, iniciativa que iria transformar o MASP no que ele é atualmente: O maior símbolo dessa avenida, um importante ícone da cidade de São Paulo e uma das principais instituições culturais do Brasil.

Com certeza, o passado da Avenida Paulista conecta-se a história de vida de grandes homens e suas ideias não menos grandiosas: De Joaquim Eugênio de Lima

a Figueiredo Ferraz, passando por José Tjurs e Lina Bo Bardi, a Paulista é uma soma dos pensamentos e das ações dessas e de tantas outras personalidades.

Para chegar ao que a Avenida Paulista é nos dias de hoje, esse lugar passou e tem passado por diferentes fases que vêm alterando sua forma-conteúdo. Acerca desta, cabe observar a definição elaborada por Milton Santos (1996, p.83):

A forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações.

A “ideia” de forma-conteúdo responde a uma definição teórica bastante ampla, e, sobretudo, perfeitamente adequada à análise espacial. A Avenida Paulista, como realização sócio-espacial que é, reúne os substantivos que dão peso a essa conceituação de forma-conteúdo.

Apesar de agregar o elemento “resultado” em sua definição, a forma-conteúdo não exprime algo que está terminado, pelo contrário, indica o tempo futuro como possibilidades de ação e restauração praticadas pelo sujeito.

No caso do MASP, faz-se oportuno observar que a presença deste na Paulista denota uma interlocução entre as formas geométrica e a forma-conteúdo. Quer dizer, a primeira aponta para a materialidade do museu, ou melhor, diz respeito à sua arquitetura e construção monumental. Refere-se, também, à materialidade da própria Paulista, que nos dias de hoje, por sinal, está em consonância com os símbolos e signos da contemporaneidade, ao ocultar características ultrapassadas.

De fato, é difícil imaginar a Paulista como sendo uma avenida centenária, sem a identidade cosmopolita que tão bem a representa. Nesse sentido, a materialidade da Paulista é contemporânea, mas fruto de transformações ocorridas ao longo das décadas.

Essas transformações, porém, não são apenas alterações de linhas, traços e demais aspectos físicos ligados à sua geometria, são mudanças que sinalizam, acima de tudo, complexos processos sócio-espaciais.

Entre a primeira mansão levantada no final do século XIX e a pedra fundamental do MASP, lançada em meados do século XX, uma constelação de ações e interferências bordou o céu da Paulista.

Foi no ano de 1968, contudo, que o maior astro (no sentido astronômico, de fato) começou a brilhar na avenida. O MASP, Museu de Arte de São Paulo, a estrela da Paulista, por assim dizer, atravessaria as próximas décadas, e se perpetuaria como o lugar mais expressivo e brilhante da centenária avenida paulistana.

“O terrenozinho pelado frente à mata brasileira do Parque Trianon” (ver Figura 14) e que na época pertencia à prefeitura, “era o único lugar onde o Museu de Arte de São Paulo podia ser construído” (BO BARDI, apud P.M. BARDI, 1992, p.103), assim surgiu a ideia estrelada de Lina Bo Bardi.

Acerca da transferência do MASP para a Avenida Paulista, Pietro M. Bardi (1992, p.29) relembra a importante participação de Edmundo Monteiro, o mais íntimo colaborador de Chateaubriand em seus negócios, e o responsável pelas finanças do museu. A concretização da ideia de Lina Bo Bardi deve-se, em grande parte, ao empenho de Edmundo Monteiro, que se encarregou de levar pessoalmente a proposta para o então prefeito da cidade de São Paulo, Adhemar de Barros.

Figura 14. Fundações do MASP na Avenida Paulista, local do antigo belvedere do Trianon. Fonte: Masp 60 anos (2008).

Como o prefeito concorreria à reeleição naquele ano, Edmundo Monteiro, em nome de Chateaubriand, ofereceu a Adhemar de Barros a divulgação de sua campanha eleitoral pelos Diários Associados, gratuitamente, desde que, caso fosse reeleito, aprovasse a construção da nova sede do MASP na Avenida Paulista.

Sob a égide do império midiático de Chateaubriand, o prefeito Adhemar de Barros acabou se reelegendo e cumprindo o acordo: autorizou a realização da obra e também arcou com a construção do novo edifício do MASP³⁵ (BARDI, 1992, p.31).

No ano de 1957, Assis Chateaubriand foi nomeado embaixador brasileiro em Londres e presidente de honra do MASP. Nesse mesmo ano, deu-se início às

³⁵ Além de doar o terreno ao MASP, a municipalidade também custeou a obra de construção de sua nova sede na Paulista, ficando a cargo do museu, as despesas com o projeto estrutural, arquitetura e demais instalações técnicas (MASP 60 ANOS, 2008).

construções da nova sede na Paulista, com projeto arquitetônico assinado por Lina Bo Bardi, e obra de engenharia realizada pelo esforço conjunto de alguns dos mais importantes engenheiros de São Paulo na época.

Curiosamente, a singularidade da característica que iria se destacar no projeto elaborado por Lina, e que elevaria significativamente o grau de complexidade da obra a ser realizada, ecoava como consequência direta da determinação feita por Joaquim Eugênio de Lima, na ocasião de doação da área à prefeitura.

Isso porque o projeto do MASP na Paulista incluía um enorme vão livre, pensado para preservar, justamente, a função panorâmica do antigo belvedere. A fim de garantir a vista que se descortinava dali, a monumental estrutura do MASP seria suspensa sob quatro colunas ligadas por duas vigas de concreto, formando, assim, um vão de oito metros de altura e setenta metros de extensão.

Sobre as características de seu audacioso projeto, que ocuparia cerca de dez mil metros quadrados de área na Paulista, Lina Bo Bardi (1967, p.20) descreve:

Acima do Belvedere, ao nível da Avenida Paulista, ergue-se o edifício do Museu de Arte de São Paulo. O prédio, de setenta metros de luz, cinco metros de balanço de cada lado, oito metros de pé direito livre de qualquer coluna, está apoiado sobre quatro pilares, ligado por duas vigas de concreto protendido na cobertura e duas grandes vigas centrais para sustentação do andar que abrigará a pinacoteca [...].

Por conta da complexidade do projeto, e entendendo que sua execução demandaria um excepcional envolvimento técnico-intelectual, Lina, após cogitar alguns nomes, recorre ao engenheiro José Carlos de Figueiredo Ferraz, docente da Escola Politécnica e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e convida-o a participar de tal empreendimento.

Figueiredo Ferraz, que havia sido secretário de obras do Prefeito Adhemar de Barros, não hesitou em aceitar o desafio de tornar concreta a ideia de Lina, mesmo

pensando ser “utópico” o projeto estrutural preconcebido, que embaralhava os conceitos básicos de segurança e estabilidade da engenharia na época.

De qualquer maneira, Ferraz acabou colocando em prática o método “calda de injeção”, desenvolvido e patenteado por ele, a fim de tornar viável a complexa estrutura de concreto protendido exigida pela obra (ASSUNÇÃO, 1995, p.13).

Sobre a hercúlea tarefa de içar o prédio do MASP (ver Figura 15), permitindo, assim, a abertura do gigantesco vão livre, Figueiredo Ferraz (apud ARRUDA E COSTA, 1995, p.39) escreve o seguinte:

Essas vigas, que todos vêem, dão impressão de uma certa simplicidade pelo tamanho, mas, nós [Figueiredo e Lina] sempre dissemos, juntos: ‘como é complicado o simples’. O simples é complicado. [...] Esta viga enorme que quase vence um vão de oitenta metros, nós, para que pudéssemos protendê-la, colocar os cabos que lhe dessem harmonia e resistência, tivemos que fazê-la boiar! Boiar. Com mil e trezentas toneladas de cada lado, para que essa protensão pudesse ser executada.

Figura 15. Obras da construção do MASP na Avenida Paulista, década de 1960.
Fonte: Prefeitura de São Paulo (2010).

O complexo cálculo de projeto estrutural ficara a cargo do engenheiro José Lourenço Castanho. O acompanhamento da obra foi feito pela construtora “Heleno e Fonseca” e engenheiros da secretaria de obras da prefeitura da cidade.

A construção da nova sede do MASP atravessou a gestão de três diferentes prefeitos: Teve início na prefeitura de Adhemar de Barros; estagnou-se no período governado por Prestes Maia; foi finalizada com ampla assistência concedida pelo prefeito Faria Lima (BARDI, 1992, p.31).

Na gestão de Prestes Maia, a obra chegou a ser embargada por conta do desalinhamento que apresentava em relação aos demais prédios da avenida, essa, uma estratégia pensada para dar maior visibilidade à edificação do museu.

Figueiredo Ferraz (apud ARRUDA E COSTA, 1995, p.39), que havia sido aluno do prefeito Prestes Maia, expõe os argumentos que usou para solucionar o problemático impasse com a prefeitura, e para que a obra fosse continuada:

Senhor prefeito [...] essa obra é excepcional. Essa obra não pode ser ditada por regulamentos municipais. Ela vai se impor, por que ela é singular. Ela vai desrespeitar, por que ela tem algo de notável. E ele concordou comigo. E a obra foi posta fora de alinhamento.

Enfim, no dia 7 de novembro de 1968, o MASP foi inaugurado na Paulista, abarcando cerca de dez mil metros quadrados dessa avenida. A solenidade oficial contou com a ilustre presença da Rainha Elizabeth II da Inglaterra, pompa que abrilhantou ainda mais o evento e atraiu o interesse de grande parte da população.

Por uma triste ironia, entretanto, a ausência de Chateaubriand fora sentida com tremendo pesar, pois o jornalista havia falecido há alguns meses antes da inauguração. Logo, diante da perda de seu emérito fundador, o MASP passou a se chamar Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

Conforme havia prenunciado Figueiredo Ferraz, o prédio do MASP na Paulista se faria notável... De fato, os paulistanos puderam testemunhar a criação de

um verdadeiro monumento na Avenida Paulista, o qual sua singular arquitetura espelhava uma história vibrante e igualmente extraordinária. Uma obra de arte criada para resguardar a arte. Um astro feito para brilhar.

“Estético e estático”, em tradução composta por seu engenheiro Figueiredo Ferraz (FERRAZ, apud ARRUDA E COSTA, 1995, p.38), a realização da nova sede do MASP confirmaria o sucesso da união entre a forma e o conteúdo.

Além de assinar o projeto arquitetônico do MASP, Lina Bo Bardi, que doou os honorários recebidos por esse trabalho, também fora responsável pela criação do mobiliário interno do prédio.

Para a exposição das peças do museu, por exemplo, Lina ousou ao criar um sistema no qual os quadros eram afixados em lâminas de cristal temperado, firmadas por blocos crus de concreto (ver Figura 16), em que as obras pareciam flutuar elegantemente no ar, dispensando paredes para serem escoradas.

Além da arquitetura, Lina Bo Bardi também transitou por áreas da cultura, ao participar de projetos no teatro e no cinema. Dentre as atividades a que se dedicava, Lina destacou-se como cenógrafa, artista plástica, curadora e designer de móveis, objetos e jóias.

O professor P. M. Bardi, por sua vez, comandou o MASP por mais de quatro décadas e meia, da fundação em 1947 até o ano de 1992, aposentando-se como “chefe” do museu (MASP 60 ANOS, 2008). Paralelamente ao cargo de diretor do MASP, Bardi atuava como ensaísta, crítico de arte, pesquisador e marchand.

Figura 16. Lina Bo Bardi ao lado de uma tela de Van Gogh, abaixo do vão livre do MASP ainda em construção. Fonte: Masp 60 anos (2008).

O casal Bardi chegou ao Brasil em 17 de outubro de 1946, na cidade do Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, um pouco antes de desembarcarem em território nacional, Pietro Maria Bardi e Achillina Bo casaram-se na Itália, seu país de origem. Ao deixar para trás uma Europa devastada pela Segunda Guerra, o casal aportou no Brasil em busca de uma nova vida.

Dentro do porão alugado do navio cargueiro Almirante Jaceguay, P. M. Bardi trazia consigo 54 obras de arte, pinturas que iam do século XIII ao XVIII. Os quadros foram apresentados aos cariocas numa exposição de arte italiana, aonde Bardi acabou conhecendo Assis Chateaubriand, e recebeu o convite para participar da criação do Museu de Arte de São Paulo (MASP 60 ANOS, 2008, p.11).

Decerto, a história do MASP confunde-se com a inefável união do casal Bardi, ao representar o encontro da paixão pela arte com a própria arte: o coração de Pietro e a inventividade de Lina. Uma perfeita simbiose, expressada por jorros de engenho e sensibilidade, evidenciando que conteúdo e forma não se apartam.

O MASP teve seu acervo tombado em 1969, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, hoje denominado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Dentre as peças de seu acervo, havia pinturas das escolas francesa e italiana, datadas desde o século XIII, criadas por artistas da envergadura de Rafael, Botticelli, Monet, Van Gogh, Matisse, entre outros³⁶.

Ocupando o número 1578 da Avenida Paulista, o edifício sede do MASP foi tombado no ano de 1982, primeiramente pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT), e em 2003 pelo IPHAN.

Porém, já no final da década de 1960, a inauguração do MASP na Paulista fora reverenciada como um dos mais importantes acontecimentos históricos ocorridos na avenida, senão o mais importante de todos. De acordo com Frúgoli Jr. (2006, p.120-121):

A transferência do MASP do Centro para a Paulista não só conferiu considerável relevância às futuras atividades culturais na região, como antecipou-se à grande migração de empresas, principalmente bancos, que se daria sobretudo a partir dos anos 70, sem contar que, a partir dos anos 80, seu vão livre tornou-se um importante espaço público, com manifestações, shows, eventos etc.

No início da década de 1970, houve a intensificação do projeto “Nova Paulista”, que propunha uma intervenção de grande porte no sistema viário da

³⁶ Na época da transferência do MASP para a Paulista, o acervo do museu contava com 700 peças. Para se ter um ideia, passados 40 anos, o MASP chegou a contabilizar em 2009 aproximadamente 8 mil obras em seu acervo (DUPRAT, 2009, p.17).

Avenida Paulista, e havia sido elaborado pela administração do prefeito Faria Lima, ao final dos anos 60³⁷.

Apesar de as obras terem sido iniciadas nesse período, as reformas mais significativas aconteceriam apenas na administração do prefeito Figueiredo Ferraz, quando este assumiu a prefeitura da cidade entre 1971 e 1973.

Figueiredo Ferraz, que já havia tido uma participação decisiva na construção do MASP, ao assumir como prefeito de São Paulo dedicou-se de modo especial ao projeto Nova Paulista, que já estava sob a responsabilidade de seu escritório durante a gestão de Faria Lima.

O projeto Nova Paulista sinalizava um ambicioso plano de remodelação para a avenida. Como consequência, a Avenida Paulista estaria inserida adequadamente no processo de metropolização que se intensificava a cada dia na capital paulista.

O plano sugeria um rebaixamento da avenida como medida de alocar o fluxo de veículos a um pavimento intermediário, que estivesse acima do metrô, que seria construído no futuro, e abaixo da via superficial da avenida, destinada apenas ao trânsito de veículos locais e à instalação de bulevares que privilegiariam o passeio dos pedestres.

Figueiredo Ferraz (1970 apud FRÚGOLI Jr., 2006, p.123) encarrega-se de explicar a necessidade de implementação desse complexo projeto:

³⁷ Convém destacar que o projeto “Nova Paulista” surge como desdobramento de um plano urbanístico homônimo lançado em 1965 pelo arquiteto e urbanista Jorge Wilhelm. A proposta consistia no alargamento de 13 km do espigão central de São Paulo, estendendo-se do Jabaquara até o Sumaré, passando pela Avenida Paulista (WILHEIM, 1965).

Situada no espigão que divide a cidade em duas áreas distintas, é de se compreender que, para de uma área atingir-se a outra, ou se percorre ou se cruza a avenida Paulista. Assim, um volume colossal de tráfego, que a ela não se destina, dela se serve, para criar condições de tráfego insuportáveis. Por outro lado, o tráfego, que intrinsecamente lhe pertence e que deve alimentá-la, é bloqueado, sufocado. Como corrigir, então, tamanha distorção? [...] Por um processo lógico de confrontos e eliminação sucessivos alcançou-se então a solução mais adequada, fruto de um trabalho grande. Assim, a Avenida Paulista, já alargada, manterá suas pistas laterais para o seu tráfego local, com acesso fácil e desembaraçada movimentação junto às ruas transversais. Em nível mais baixo, uma via expressa subterrânea, bidirecional, com seis faixas de tráfego, acompanha o eixo da avenida Paulista.

A remodelação urbanística da Avenida Paulista acabou se tornando uma das principais bandeiras da prefeitura de Figueiredo Ferraz. Além de oneroso em tempo e recursos financeiros, o projeto também acabou gerando muita polêmica pela mudança radical que acarretaria à paisagem da Paulista.

Em consequência de uma série de questões político-administrativas, das quais, muitas nem sequer foram esclarecidas, Figueiredo Ferraz foi exonerado do cargo em agosto de 1973, antes do término de seu mandato na prefeitura, pelo próprio governador que o nomeara. Consequentemente, as obras da Paulista foram interrompidas por seu sucessor, o prefeito Miguel Colassuono.

A reforma de alargamento da Avenida Paulista prosseguiu por mais alguns meses, chegando a ser concluída. Mas a abertura da via subterrânea resumiu-se ao rebaixamento de um pequeno trecho localizado no final da avenida, na região da Consolação, entre a Praça Marechal Cordeiro de Farias e a Rua Haddock Lobo (ver Figura 17).

Figura 17. Canteiro de obras na região da Consolação, durante as reformas do Projeto Nova Paulista, década de 1970. Fonte: D’ALESSIO e SOUKEF (2002, p.83).

O preço do metro quadrado da Avenida Paulista foi sensivelmente afetado pelo anúncio das obras da Nova Paulista, valorizando demasiadamente a área. No decorrer das obras, sessenta mansões foram substituídas por edifícios comerciais (FRÚGOLI JR., 2006, p. 131), de modo que no início da década de 1970, a Paulista fora tomada de assalto por um momento balizador de sua história dali para frente.

É nesse momento, de fato, que a avenida sofre uma avassaladora expansão imobiliária e, em consonância a esse período, passam a se instalar ao longo de sua via, sedes de importantes bancos, empresas multinacionais, firmas e instituições de grande poder capital.

Frúgoli Jr. (2006), ao analisar a Avenida Paulista como sendo um desdobramento da centralidade urbana na cidade de São Paulo³⁸, entende que esse é o instante de “consagração do ‘Centro [Avenida] Paulista’”³⁹. Sobre tal processo que adquiriu substância nos anos 70 e estendeu-se pela década de 1980, Frügoli Jr. (2006, p. 130) escreve:

O crescimento corporativo das sedes do setor financeiro entre o Centro Principal e o Centro Paulista podem dar uma ideia do crescimento do último: das 89 sedes de bancos no estado de São Paulo, em 1968, 70 estavam no Centro Principal, na área do triângulo; no final dos anos 70, 81,1% desse total ainda estavam no Centro Principal, mas o Centro Paulista já contava com 16,6%; já em 1987, havia 50 sedes no Centro Principal e 80 no Paulista [...] se até 1970 havia ali [no Centro Paulista] apenas duas agências e duas matrizes, em 1983 observavam-se 38 agências e 23 matrizes.

Essa impetuosa ocupação das sedes de bancos na Paulista acabou delineando a identidade de “centro financeiro” que a avenida conserva ainda nos dias de hoje. Data daí, então, a gênese de seu famigerado cognome.

Por mais que a Paulista tenha estado, desde a sua concepção, relacionada à especulação capitalista, na década de 1970 essa relação é escancarada a partir de sua recomposição espacial. Ao abrigar essas poderosas instituições financeiras, a Paulista assume uma paisagem que comunica o poder do capital.

Em artigo intitulado “Avenida Paulista: a produção de uma paisagem de poder”, Oliveira (2000) trata exatamente sobre essa relação. Contudo, apesar de prenciar no título um enfoque sobre a paisagem, o autor faz uma abordagem

³⁸ Além do “Centro Paulista”, Frügoli Jr. (2006) também aborda o “Centro Principal”, que no seu entender é o pólo de onde a metrópole foi irradiada, e as avenidas Berrini e Marginal Pinheiros, autodenominadas como área do “Novo Centro de São Paulo”. Essas centralidades observadas pelo autor são definidas como “expansão da centralidade de São Paulo, rumo ao ‘vetor sudoeste’”.

³⁹ Mais recentemente, a Avenida Paulista vem sendo estudada a partir desse enfoque que trata sobre a sua centralidade, tanto na perspectiva levantada por Frügoli Jr., de “novo centro”, quanto a partir de terminologias análogas, como “centro expandido”. Tourinho (2006), porém, ao ressaltar distinções entre essas terminologias que emergem do conceito de “centro”, rebate a proposição de Frügoli Jr., ao afirmar que a Avenida Paulista nunca foi um “subcentro” ou um “novo Centro” da metrópole paulistana. Na visão da autora, a Paulista em si é um centro, uma “experiência única na cidade”, que expressa os anseios de uma “burguesia industrial e financeira” que pretendia alcançar patamares de primeiro mundo (TOURINHO, 2006, p.284).

crítica, mais direcionada à imagem do que à paisagem, relacionando a imagem a um reflexo daquilo que, no seu entender, a globalização faz com os “lugares” que cedem à especulação do capital: transforma-os em “paisagem do poder”⁴⁰.

Sem dúvida, a paisagem da Paulista transformou-se, adaptando-se a um espaço que também sentia a urgência de se adaptar às novas ordens de escala global e diretrizes urbanas mundiais.

O projeto Nova Paulista, por sinal, evidencia essa adaptação ao anunciar-se como um plano de “internacionalização” que se enquadrava na perspectiva globalizante da época. Para Souza (1986, p.149), esse é o período da “arquitetura internacional”, que reproduz a “presença do capital monopolista” na avenida.

Nessa Paulista anunciada pela década de 1970, as edificações que iam se aglutinando por sua via pareciam digladiar entre si, ao disputar o mais alto posto de reverência na nova configuração de sua paisagem. Talvez, essas construções estivessem travando uma disputa com a representatividade da própria avenida, ou então, com a notável arquitetura do MASP.

Considerando-se que o MASP comunica a partir da notável arquitetura de sua sede as virtudes da arte, figurando como o símbolo absoluto da cultura na Paulista, não se pode deixar de mencionar que o prédio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) é o que encerra em sua edificação a mais explícita simbologia do poder.

De fato, a sede da FIESP⁴¹ na Paulista impôs-se por seu formato piramidal (ver Figura 18). A suntuosa construção, projetada em 1969 pelo escritório do arquiteto Rino Levi, e inaugurada dez anos depois, salienta-se na paisagem da

⁴⁰ Por tratar o tema a partir da comunhão paisagem/imagem, e dar mais ênfase à segunda, Oliveira acaba se aproximando muito mais da semiótica do que da Geografia.

⁴¹ A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo é a principal interlocutora do setor produtivo paulista, e tem como propósito o fomento, modernização e adequação desse setor.

avenida como uma enorme pirâmide negra, que tem sua base visível desde diferentes pontos da Paulista.

Figura 18. FIESP. Fotografia atual do edifício na Paulista. Fonte: arquivo pessoal do autor, set/2010.

Por certo, a imponência do prédio, bem como a escolha da Avenida Paulista para sediá-lo, sinalizou, desde o início, quais eram as reais pretensões da FIESP: ascender não só em cenário local e regional, como em todo o território nacional e em escala global. Com efeito, tornou-se a sede da maior e mais poderosa entidade de classe da Indústria brasileira⁴².

⁴² Atualmente, a FIESP responde por 132 sindicatos patronais que representam aproximadamente 150 mil indústrias de diferentes portes e cadeias produtivas (FIESP, 2010).

O antropólogo italiano Massimo Canevacci (2004, p.157-158) mune-se de uma interpretação crítica a respeito da forma e dos propósitos da edificação da sede da FIESP na Avenida Paulista:

A pirâmide é o poder. [...] Realmente, o desenho frontal é uma diagonal ascendente, isomórfica tanto na parte da frente como na de trás. O poder escolhe apresentar-se em público com formas piramidais ainda do tipo faraônico, a pirâmide truncada ascende com cores sérias, cinzento-escuro, erguida da terra como se quisesse significar um senso de levitação, de ascensão, de astronave-edifício futurível. [...] O poder não tem janelas. Ou pelo menos assim parece: uma grade metálica protege-o dos olhares indiscretos, numa mensagem evidente. O poder pode ver tudo, seu modelo é 'panóptico', que controla com olhar enregelador todo o mundo circunvizinho, permanecendo ao mesmo tempo invisível para seus súditos. Ninguém pode ver o que se passa no interior do coração do poder. Não existe reciprocidade.

Talvez, o destino anunciado pela Paulista dos anos 70 fosse, de fato, a falta de reciprocidade e o encarceramento de suas pulsões vitais. De certa forma, semelhante ao que ela já havia sido em seu passado mais remoto, no início do século XX, quando ela ainda era um espaço destinado às oligarquias.

Ao conhecer a cidade de São Paulo e a Avenida Paulista em meados da década de 1980, Canevacci (2004, p.157) chega a escrever que, antes de mais nada, a Paulista parece “ter sido desenhada com a finalidade única de permitir” que pontificasse a “pirâmide truncada do poder”, da FIESP.

Em sua visão circunscrita a um radicalismo crítico, Canevacci identifica o poder nas linhas ostentadas pelo prédio da FIESP, mas falha por não suscitar uma reflexão igualmente incisiva a respeito da natureza libertária que dá forma e sentido à sede do MASP.

Se por um lado, a pirâmide da FIESP encerra o poder em sua forma, por outro, o vão do MASP encarna o espaço absoluto da inclusão. Com efeito, o compositor John Cage, ao ver o MASP por primeira vez, disse que aquela era a própria “arquitetura da liberdade”.

A obra de Lina Bo Bardi realmente evidencia a busca pelo atributo libertário, desimpedido. O vão, o vidro, o espaço franco, etc., são elementos sempre presentes em sua arquitetura, e o MASP é uma expressão manifesta desse ideal.

De modo que o vão não iria servir apenas para descortinar o panorama do centro da cidade e a Serra da Cantareira, aquele espaço desentrincheirado seria abraçado pelos cidadãos como um lugar de encontros, protestos e comemorações⁴³.

Assim, a mesma Paulista firmada pelo capital financeiro reagiria para se pôr em evidência como lugar do capital humano. Os eventos e manifestações ocorridos na Paulista refletem sua condição de lugar que admite a diversidade, e que, se oferece visibilidade aos mais poderosos, também dá voz à sociedade.

Comemorações de títulos de campeonatos de futebol e de eleições políticas, atos de protestos, manifestações de sindicatos, movimentos pelos direitos humanos, gritos de excluídos e de minorias, todas essas esferas se encontram e ganham força na Avenida Paulista.

O vão criado por Lina Bo Bardi trouxe à Paulista uma dimensão de lugar possível para todos. O museu, por sua vez, irradiou pela avenida uma luz que é própria da cultura, e que também deveria ser possível para todos.

⁴³ Dentre os protestos que marcaram a história da Paulista, pode-se destacar as manifestações do movimento “Fora Collor”, ocorridas em 1992, que culminou com o impeachment do presidente Fernando Collor De Mello. Quanto aos eventos, vale lembrar que desde a noite de 31 de dezembro de 1921, a Avenida Paulista tem sido o ponto inicial da “Corrida de São Silvestre”, tradicional evento esportivo da cidade de São Paulo, que reúne atletas do mundo todo. Mas, é provável que o maior exemplo da diversidade das manifestações já sediadas na Avenida Paulista, tenha sido a realização do evento “Marcha para Jesus”, encontro de fiéis das igrejas evangélicas, antecedendo, em apenas um dia, a “Parada do Orgulho Gay”, uma das maiores manifestações desse gênero no mundo.

Indubitavelmente, o MASP tem sido democrático e agregador desde sua concepção na década de 1940. Mas, com sua sede situada na Paulista, ele acaba estreitando ainda mais os vínculos com a comunidade⁴⁴.

Por certo, ao transferir-se para a Paulista, o MASP não despertaria apenas o interesse da comunidade. As instituições de mercado também passariam a se aproximar fisicamente do museu. Marcas de adesão multinacional perceberiam que a Paulista do MASP, o lugar por excelência da cultura na cidade de São Paulo, haveria de ser um bom lugar para se investir.

Nesse sentido, o poder de atração cultural do MASP, ou ainda, o brilho e o magnetismo que emanam de toda a massa que constitui esse astro, chamou para perto de si outros tantos corpos interessados em banharem-se em sua luz.

Do mesmo modo que o museu atraiu para a Paulista outros focos de cultura e de arte, como é o caso dos cinemas e dos espaços culturais que se instalaram na avenida ao longo dos anos, involuntariamente, talvez, o MASP também acabou atraindo outros nichos não-culturais.

O certo é que a inauguração do MASP na avenida coincide com o Projeto Nova Paulista e com a acentuada fixação de instituições financeiras. Isso, apesar de não comprovar muita coisa, é capaz de gerar, ao menos, uma reflexão sobre quanto expressivo é o poder da cultura, sobretudo associada ao poder do capital.

⁴⁴ Ainda hoje, mesmo não estando mais sobre as rédeas de seu diretor P. M. Bardi, o MASP continua servindo à comunidade como espaço aberto e democrático. O museu tem uma extensa programação cultural gratuita e de altíssima qualidade. Seu acervo permanente e exposições itinerantes convidam a sociedade para que entrem contato direto com as artes. Às terças-feiras a entrada é franca, sendo que nos demais dias da semana o preço do ingresso é de 15 reais (a esse preço aplica-se o desconto de 50% para estudantes, professores e aposentados. Menores de 10 anos e maiores de 60 estão isentos do pagamento). Biblioteca, cursos e conferências também preenchem a agenda e os espaços do museu, envolvendo escolas e a comunidade acadêmica.

Não é necessário aprofundar-se nas relações entre corporações de mercado e o universo das artes para dar-se conta de que os benefícios da conexão de uma marca empresarial a um estabelecimento cultural são contabilizados em liquidez.

Aliás, a pesquisadora taiwanesa Chin-tao Wu (2006), no livro “Privatização da Cultura”, trata exatamente sobre a intervenção das elites corporativas nas artes, em meio à sociedade capitalista. Sobre esse tema, Wu (2006, p.30) escreve que:

[...] a arte contemporânea, ao lado de outros produtos culturais, funciona como moeda de valor simbólico e material para as corporações [...]. Os altos executivos, ‘uma elite dentro da elite’, em particular, os que comandam grandes corporações, são em geral apresentados na mídia como tendo uma grande e até mesmo ‘louca’ paixão pela arte. Seu envolvimento nas atividades corporativas ligadas à arte não pode ser entendido como puramente acidental, mas, pelo contrário, como meio de distinção social da qual depende sua condição de elite e suas aspirações de classe.

Os edifícios da Paulista não foram tomados apenas por instituições financeiras e grandes empresas, muitos profissionais liberais também procuraram se estabelecer na avenida. Engenheiros, arquitetos e advogados abriram seus escritórios ao lado de consultórios médicos e odontológicos.

Esses profissionais, representando algumas das áreas de maior prestígio social, dividiam entre si os espaços da Avenida Paulista. Mas, sobretudo, dividiam também o prestígio e o status de serem vizinhos do Museu de Arte de São Paulo.

Quem sabe um dia, possivelmente algum zoólogo se empenhe em fazer um estudo semiológico para descobrir como a águia, ou mesmo o tubarão, enxerga a arte: se, de fato, é exclusivamente pela ótica da cifra comercial.

Por ora, entretanto, ficar-se-á com a visão de quem entendia a arte como substrato da própria vida. Orgulhoso que era de seus anos dedicados ao MASP, trabalho isento de honorários, como bem gostava de ressaltar, P. M. Bardi (1992, p.40) faz um balanço de sua trajetória e de seu legado:

Dediquei minha vida no Brasil ao MASP e sobrevivi graças à minha profissão de antiquário e mercante de arte, atividade que também me trouxe a esse país em 1946. [...] Sempre pensei num museu abrangendo todas as artes plásticas. Talvez por isto minha casa [a famosa casa de vidro projetada por Lina Bo Bardi no bairro do Morumbi, em São Paulo, residência do casal] pareça, como define o arquiteto Marcelo Ferraz, um armazém: é uma *assemblage* de coisas que julgamos [Pietro e Lina] interessantes e que foram fazendo parte de nosso cotidiano. Esta é a ocasião para afirmar que tudo o que lucrei aqui, como antiquário, inclusive minha residência, deixo para o Brasil para finalidades culturais. O importante é transitar neste setor pensando nos outros e não em nós mesmos, era idêntica a resolução de Lina [...]. Estamos nos primeiros anos do último decênio do Novecento, um século que consegui viver quase intensamente [...]. Cada um de nós se acerca da satisfação no momento crucial das contas para apresentá-las não se sabe a Quem. Aqui termina a novela do Bardi que, diretor do Masp, aos noventa anos pensou em se demitir. [...] Concluo esse relato manifestando a esperança de saber o MASP a caminho de atividades sempre maiores.

Pietro Maria Bardi faleceu em 1999, aos 99 anos de idade, alguns anos depois da morte de Lina, falecida em 20 de março de 1992. Os dois deixaram legados imensuráveis na área da cultura. Mas, é à história do Museu de Arte de São Paulo que ambos estarão para sempre ligados.

Das valiosas lições de arquitetura praticada por Lina, o MASP é, sem dúvida, o projeto que será lembrado como sua obra de referência máxima. O enorme vão livre que dá forma à esplanada de uso público, democrático, é o trunfo maior de uma vida dedicada às criações e transformações do espaço. Esplanada que hoje, aliás, leva o nome de sua idealizadora.

Gigante das artes, o MASP vive na Avenida Paulista, “centro financeiro do país”, para lembrar a todos sobre o real valor das artes, e sobre a importância de se ter zelo pelo patrimônio cultural, defendendo-o contra o esquecimento.

Seja por seu papel como órgão mantenedor da arte, seja pelo efeito avassalador de sua arquitetura, o museu monumento criado por Lina Bo Bardi é o astro maior do universo/lugar Avenida Paulista.

É difícil afirmar com absoluta precisão o quanto o MASP foi e tem sido importante para a Paulista, contudo, não seria um exagero dizer que a sua simples presença redefiniu a história, projetou o presente e continuará sinalizando o futuro dessa avenida.

Por outro lado, ou melhor, pelo lado contrário da mesma moeda, a obsessão capitalista da década de 1970 ecoou tão fortemente na Paulista que acabou forjando para a posteridade uma imagem de lugar.

Ao impregnar-se pela aura do capitalismo, a Avenida Paulista estaria predestinada, a partir de então, a passar pelo crivo incessante e anacrônico das (des)qualificações. Ora demonizada por quem contesta a gerência inescrupulosa da especulação de seus espaços; ora exaltada por quem lhe entende como símbolo irrepreensível da metrópole que ambicionou aproximar-se da cabine de comando.

De qualquer maneira, admitindo-se crítico ou a favor dessa avenida, não há como negar que a Avenida Paulista de hoje é um esboço da velha “Nova Paulista”. Paradoxalmente, tampouco se pode continuar insistindo na afirmação de que a Avenida Paulista do século XXI ainda seja o “centro financeiro do país”.

Sem dúvida, essa é uma interpretação *démodé*, fundamentalmente inspirada nos anos 70. Não obstante, mais do que datada, a interpretação da Paulista como centro financeiro é uma visão simplificadora do que a avenida realmente é.

Em 1991, na ocasião de seu centenário, a Avenida Paulista foi eleita o símbolo da capital paulista, num concurso de votação popular intitulado “Eleja São Paulo”⁴⁵. Deixando de lado possíveis conexões escusas, de empresas interessadas

⁴⁵ O concurso foi realizado pelo Banco Itaú, em parceria com a Rede Globo e com o apoio da Associação Paulista Viva, os três com unidades situadas na Paulista e, por essa mesma razão, refletindo um grande interesse pela promoção e ampliação da imagem dessa avenida. De modo que a Avenida Paulista foi eleita com 332,4 mil dos 1.454,211 votos (22% do total), vencendo o Parque do Ibirapuera, o Vale do Anhangabaú, o Viaduto do Chá, a Catedral da Sé, entre outros (FRUGOLI JR, 2006, p.135).

em promovê-la como símbolo da cidade, poder-se-á afirmar que a Avenida Paulista simboliza, de fato, a metrópole paulistana, mas não mais por ser a artéria financeira.

Se ao eleger a Paulista como o símbolo de São Paulo, o concurso pretendeu resgatar a imagem da pujança da metrópole, o tempo encarregou-se de mostrar que esse lugar chamado Avenida Paulista reserva traços bem mais representativos e simbólicos do que os exibidos por sua fisionomia embotada.

Sobre o peso de um símbolo urbano realmente significativo, Lynch (1990, p. 132-133) escreve:

Precisamos de um meio ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico. Deveria falar dos indivíduos e da sua sociedade complicada, das suas aspirações e tradições históricas, do conjunto natural e das funções e movimentos complicados do mundo citadino. Mas a clareza de estrutura e vivacidade de identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes. Aparecendo como um local notável e bem conseguido, a cidade pode constituir uma razão para a associação e organização destes significados e associações. Um tal sentido de lugar reforça todas as actividades humanas aí desenvolvidas, encoraja a retenção na memória deste traço particular.

Devido à intensidade nela vivida, à reunião de gente tão díspar, a cidade é um local romântico, rico em pormenores simbólicos. [...] Uma arte do *design* urbano bastante desenvolvida está ligada à criação de uma audiência crítica e atenta. Se a arte e a audiência crescerem juntas, as nossas cidades serão uma fonte de prazer diário para milhões de habitantes.

A respeito de uma Avenida Paulista que é símbolo, mas que também é vida, que é de ouro, mas igualmente é de carne, que representa o poder, assim como a liberdade, tratar-se-á no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

ITINERÁRIOS GEOGRÁFICO-SENTIMENTAIS DA AVENIDA PAULISTA

Dentre todos os possíveis modos de se conhecer um lugar, o mais revelador é, certamente, aquele que admite a experiência *in loco*. Essa ação participativa que o ser humano estabelece com o espaço, e que lhe permite ser autor e/ou cúmplice da/na realização dos lugares, engendra itinerários pessoais e desvela Geografias verdadeiramente íntimas e sentimentais.

Neste terceiro capítulo, apresentar-se-á uma leitura de alguns itinerários relatados por pessoas que também são autores e cúmplices da/na realização do lugar. De modo que o texto das páginas que se seguem deve ser compreendido, acima de tudo, como um afago às experiências, aos sentimentos e percepções de pessoas que se vêem envolvidas, das mais diferentes formas, na realização desse importante lugar da cidade de São Paulo, chamado Avenida Paulista.

Cabe destacar, então, algumas considerações sobre esse procedimento metodológico, instante em que se eleva o tom da análise e da crítica feita ao recorte espacial estudado, neste caso, a Avenida Paulista, a partir das observações e apreciações deflagradas pelo pesquisador em seu contato pessoal.

Entre os dias 27 de agosto e 12 de setembro de 2010, o pesquisador esteve na Avenida Paulista, abordando de forma aleatória algumas pessoas, com o intuito de aplicar-lhes uma entrevista sobre essa avenida de São Paulo. Dez entrevistas

foram selecionadas para integrar o quadro referencial da pesquisa de campo, a partir de critérios que levaram em conta a qualidade dos relatos concedidos.

Uma das entrevistas diferencia-se das demais pelo fato de que o entrevistado em questão era um grupo formado por cinco pessoas, e não apenas uma pessoa como nos demais casos. Apesar de ir contra a proposta inicial, a de que considera que o entrevistado não poderia ter suas respostas influenciadas por outros, achou-se por bem incluir no trabalho o relato desses jovens, cinco amigos reunidos dentro do Parque Trianon, na Paulista, em confraternização pelo aniversário de um deles.

As entrevistas seguem um conceito semiestruturado de perguntas, dando margem a perguntas diferenciadas de acordo com as respostas emitidas pelos entrevistados. Convém destacar, ainda, que a pesquisa de campo não leva em consideração o número de amostragem, e sim a qualidades dos relatos. Tampouco há uma preocupação quantitativa no tratamento dado às respostas.

Com exceção dos cinco jovens, as demais pessoas abordadas responderam individualmente às perguntas, e só tomaram conhecimento sobre o tema da entrevista após o início da mesma. Antes disso, os entrevistados apenas eram informados de que as perguntas se refeririam à cidade de São Paulo.

O grupo de amigos, por sua vez, fora alertado desde o princípio que as perguntas tratavam sobre a Avenida Paulista. Isso se fez necessário para facilitar a abordagem ao grupo que estava em confraternização. Por esse motivo, a entrevista não segue a mesma estrutura das demais, tendo muitas das perguntas subtraídas por conta da dificuldade de lidar com mais de um entrevistado ao mesmo tempo.

As dez entrevistas foram incluídas ao final da dissertação (ver Apêndice A), transcritas integralmente, com o intuito de expor seus conteúdos com maior detalhamento, evidenciando, desse modo, a riqueza das respostas elaboradas por

cada um dos entrevistados. Quando costuradas às perguntas, essas respostas dizem muito, e desvelam preciosas reflexões sobre a Avenida Paulista.

Enfim, cabe explicar que ao longo desse último capítulo expor-se-á uma leitura geral, mas não menos interessada e analítica, feita pelo pesquisador a respeito de algumas das respostas emitidas pelos entrevistados⁴⁶.

Entrelaçadas aos relatos de pessoas igualmente envolvidas com a Avenida Paulista, e que também ajudarão a compor as reflexões elaboradas a seguir, as respostas dos entrevistados na pesquisa de campo servirão para aclarar um franco diálogo com o estudo que se desdobrou até o momento.

3.1 Das nostalgias e recordações

Quando o famoso cineasta Salvatore di Vitto retorna à sua cidade natal, décadas depois de tê-la abandonado, volta para cumprir a triste tarefa de enterrar seu velho amigo Alfredo, o projecionista do inesquecível cinema de sua infância: o Cinema Paradiso.

Neste filme de Giuseppe Tornatore, “Cinema Paradiso” (1988), Salvatore, personagem que durante a infância fora conhecido como Totó, rememora sua vida e sua paixão pelo cinema, ao receber a notícia da morte de Alfredo, um dos principais responsáveis por sua devoção à sétima arte.

Quando criança, no pequeno vilarejo de Giancaldo, na Itália, Totó costumava passar horas observando o trabalho de Alfredo na sala de projeção do Cinema

⁴⁶ Ao aparecerem citados por primeira vez no texto, os entrevistados serão devidamente referenciados através de nota de rodapé, dispensando referências posteriores quando aparecerem citados novamente no texto.

Paradiso. Nasce, a partir de então, uma cumplicidade inabalável entre o menino e o projecionista, uma amizade que se estenderá vida afora, de ambos.

Dentre as divertidas e emocionantes histórias partilhadas pela dupla protagonista, um episódio dramático, num instante clímax do filme, acaba redefinindo os itinerários de suas vidas. Alfredo perde a visão, após sofrer um acidente dentro da cabine de projeção, no qual tem a vida salva por Totó. Por conta disso, é levado a transferir sua função de projecionista a seu amigo e aprendiz.

A cargo dessa apaixonante atividade, Totó empenha os anos de sua infância e adolescência, descobre o amor por uma bela jovem, vive e amadurece. Mais tarde, entretanto, desiludido por causa de sua vida amorosa, e seguindo os conselhos de seu mentor Alfredo, Totó vai embora de Giancaldo, deixando para trás a família, os amigos e seu querido Cinema Paradiso.

Décadas depois, ao retornar ao vilarejo como respeitado cineasta, Salvatore reencontra sua velha mãe, e se depara, ainda, com uma cidade que já não reconhece mais, com a triste ausência de Alfredo, e com seu Cinema Paradiso em ruínas, prestes a ser demolido pela prefeitura.

Após o enterro de Alfredo, Salvatore faz um último percorrido por dentro do cinema, entre restos de películas, poltronas deterioradas, teias de aranha e muitas lembranças, Totó emociona-se ao despedir-se de suas memórias ali guardadas. Em seguida, atônito, assiste a implosão do Cinema Paradiso.

O filme “Cinema Paradiso”, além de uma declaração de amor à sétima arte, também soa como homenagem às antigas salas de cinemas, aos bons e velhos cinemas da infância, e a tudo o que eles representam enquanto templos de experimentações, desejos e sonhos. Enquanto pórticos que levam as pessoas aos mais diferentes devaneios e itinerários.

Sobre o cinema e a experiência fílmica, Azevedo (2006, p.78) escreve:

Esta viagem proporcionada pelo filme ao espectador aparentemente imóvel, transportado pela fantasia e pelo desejo, torna-o um viajante/explorador que vagueia nos territórios mobilizados pela experiência fílmica, através das mais diversas paisagens cinemáticas. A navegação ficcional do observador por estes territórios imaginários, conectando e dando sentido às referências espaciais do filme, objetiva a sua prática do lugar fílmico. Corporizando o movimento do filme, o observador atravessa e interpreta os mundos que se vão articulando no écran, construindo o seu próprio itinerário fílmico. Desse modo, o consumidor de cinema torna-se um viajante itinerante pela prática imaginária e intersubjetiva de cada paisagem cinemática.

De modo que a experiência do cinema, ou seja, a prática que se desenvolve no espaço físico da sala de cinema, somada aos territórios e paisagens cinemáticas da própria película, compõe um arranjo essencial de lugar. Nesse sentido, o cinema da infância surge como uma das mais vívidas lembranças de lugar afetivo.

O cinema está relacionado aos lazes da vida diária, a momentos de intenso prazer e descontração, mas também a muitos aprendizados. Os filmes divertem, mas também educam. Ora, é claro que a sala de cinema é o lugar por excelência do entretenimento, mas ela também subsiste enquanto instituição de ensino.

Não é à toa que grandes mestres do cinema, como Charles Chaplin e Akira Kurosawa, por exemplo, fizeram de seus filmes verdadeiras lições de conhecimento. Com esses professores, a sala de cinema se transforma em escola, em universidade que acolhe diferentes princípios, métodos e sistemas de ideias.

Em 27 de setembro de 2010, o Cine Gemini, tradicional cinema de rua da cidade de São Paulo, localizado na galeria de número 807 da Avenida Paulista, e inaugurado em 1975, apresentou sua derradeira sessão, encerrando, assim, sua longa história na cena cultural paulistana.

Por ironia ou, talvez, planejamento prévio, às 19 horas e 50 minutos, horário da penúltima sessão a ser exibida no Cine Gemini, a película selecionada intitulava-se: “Tudo pode dar certo”, filme do cineasta norte-americano Woody Allen.

Às 22 horas, porém, o filme que encerraria, de uma vez por todas, a trajetória de trinta e cinco anos do Cine Gemini, denominava-se “Cabeça a prêmio”, produção do cinema brasileiro, dirigida pelo cineasta e ator paulistano Marco Ricca.

A notícia sobre o fim de um dos mais antigos cinemas da Avenida Paulista foi recebida com pesar por seus frequentadores, os quais, diga-se de passagem, não eram muitos. A afirmação de que o Cine Gemini não chegava a receber um público muito expressivo, responde pelo fato de que o cinema se mantinha distante das inovações que vieram para incrementar esse mercado no século XXI.

Em tempos de cinemas com projeção digital, telas gigantescas em formato IMAX⁴⁷ e imagem em três dimensões, além de salas dotadas de equipamentos de som e imagem hipermodernos e poltronas confortabilíssimas, o Cine Gemini parecia ter parado no tempo, correndo, inclusive, contra a lógica de mercado ditada pelas redes “*multiplex*” de cinema, frutos do modelo norte-americano.

O Gemini, dotado de duas salas gêmeas (daí o nome do cinema) enormes, cada uma com 328 lugares, já não recebia um grande público nem aos finais de semana. Aliás, sessões de filme para solitários não chegava a ser um fato incomum.

Os títulos em cartaz nunca eram os famosos “*blockbusters*”, essas produções hollywoodianas feitas à base de muito dinheiro, efeitos especiais e celebridades do momento. É claro que, eventualmente, o Gemini punha em cartaz filmes de maior apelo popular, como numa tentativa de sobreviver à concorrência desleal.

Do contrário, os filmes costumavam se enquadrar no dito cinema alternativo, que estréia fora do circuito comercial. Em sua maioria, eram filmes europeus ou de estúdios independentes, que haviam passado rapidamente por outros cinemas da

⁴⁷ A tecnologia IMAX propõe ser a “experiência definitiva de cinema”, desenvolvida para tornar as produções de Hollywood ainda mais impressionantes. Além de apresentar imagens de altíssima resolução, as telas dos cinemas IMAX chegam a medir mais de quinze metros de altura, passando, muitas vezes, dos vinte e cinco metros de comprimento.

cidade, ou então, que haviam conquistado o público em salas que também adotam perfil semelhante ao do Gemini, apostando em películas de status “*cult*”.

Com jeitão de hotel decadente, luz difusa, pisos e paredes acarpetadas em que predominavam as cores vermelho, amarelo e azul, grandes espaços vazios e *bomboniere* de aparência *retrô*, o Gemini conservava uma atmosfera antiquada, e por isso mesmo, bastante diferenciada dos demais cinemas que se multiplicam pelos shoppings da cidade.

Nada da assepsia primada pelos cinemas dos bairros mais nobres, nem do enjoativo cheiro de fritura que impregna, não raramente, os cinemas dos shoppings de São Paulo, abastecidos por toneladas de pipoca.

O Gemini, por sua vez, tinha cheiro de passado, para não dizer de mofo, e pose de senhor, para não dizer de velho... Mas, era um dos únicos, para não dizer o último, de sua geração.

De fato, tratava-se de uma nostálgica opção de lazer ou pausa para quem estivesse passando pela Paulista, quer fosse numa tarde de segunda ou terça-feira chuvosa, quer fosse num final de semana ensolarado. Opção bem mais econômica, diga-se de passagem, do que os cinemas dos shoppings da região, e com cardápios de filme bem mais diversificados.

O site G1, ao noticiar o fechamento do cinema, destacou que os apreciadores da sétima arte consideravam o Cine Gemini um “símbolo da resistência” (G1, 2010). Na reportagem, um rapaz entrevistado pondera que assistir a um filme no Cine Gemini era diferente do que ir a uma sessão de cinema no shopping.

No caso do Gemini, avalia o entrevistado, o foco era o filme, o ato de ir ao cinema, já no caso de assistir filmes num cinema de shopping, o programa se torna engessado, com lugar para estacionar o carro, fazer as refeições, as compras, etc.

Ou seja, mesmo observando-se uma proliferação de redes de cinema pelos shoppings da cidade, o que não é possível é acreditar na ideia de que todo mundo esteja interessado em pacotes culturais standardizados.

A própria Avenida Paulista, graças a seu público, é um exemplo de que o cinema de rua, o cineclube, os cinemas de arte ou alternativos, têm uma demanda expressiva em São Paulo⁴⁸. No entanto, não dá para negar que os shoppings, por suas facilidades, segurança e marketing ostensivo, continuam atraindo multidões.

Uma semana antes do anúncio do fechamento do Cine Gemini, outra notícia envolvendo a Paulista antecipava, de certo modo, essa lógica de mercado voltada ao crescimento das grandes redes e incorporações. A reportagem do caderno “Cotidiano” do jornal Folha de São Paulo, publicado em 19 de setembro de 2010, trazia o seguinte título: “Casarão da Paulista teve tombamento cancelado” (IZIDORO, 2010).

A essa chamada, seguia-se o esclarecimento de que após duas décadas de impasses, o terreno no qual se situava a mansão do industrial Francisco Matarazzo, na Avenida Paulista, daria lugar a uma megatorre comercial, dotada de escritórios, shopping center, cinemas, teatro e vagas para até 1.557 carros, distribuídas por sete níveis de subsolo, construídos em vinte pavimentos e ocupando uma área de 124,5 mil metros quadrados.

O casarão da família Matarazzo já não existe mais, fora demolido em 1996 (ver Figura 19) durante a gestão do prefeito Paulo Maluf. É provável que, assim

⁴⁸ Em dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Stefani (2009) explora o tema das grandes redes de cinema e da territorialidade dos cinemas de arte na cidade de São Paulo. Na pesquisa, o autor esclarece as diferentes tipologias que se referem aos espaços de cinema, como, por exemplo, os *multiplex*, os cinemas de bairro e os cineclubes. Stefani aborda o circuito exibidor de São Paulo, apontando características e tendências desses equipamentos de lazer, além de destacar as questões referentes ao mercado. Em momento específico, a pesquisa ressalta a centralidade da Avenida Paulista como chamariz de um público interessado em cinema de arte, firmando-a, a Paulista, como expressão de territorialidade nesse segmento.

como as demais mansões da Avenida Paulista, que igualmente sucumbiram à passagem do tempo, até o ano de 2014 quaisquer vestígios da antiga residência Matarazzo deixem de existir por completo⁴⁹.

Figura 19. Demolição do casarão da família Matarazzo, ocorrida ano de 1996. Fonte: D’ALESSIO, V; SOUKEF, A (2002, p.87).

O terreno de número 1.230 da Avenida Paulista, esquina com a Rua Pamplona, local onde se situava a antiga mansão, ainda conserva um pórtico que remete à arquitetura da construção original, além de ostentar aproximadamente sessenta árvores remanescentes daquela época (ver Figura 20).

⁴⁹ A mansão foi demolida após a família conseguir na justiça a reversão do tombamento do imóvel, que havia sido facultado pela prefeitura de São Paulo no início da década de 1990. Em 1989, a então prefeita Luiza Erundina tentou desapropriar a casa para construir ali o “Museu do Trabalhador”, no entanto, ela não obteve sucesso. Em 1992, a construtora Gafisa apresentou o projeto de uma torre que levaria o nome “Matarazzo”, e que seria erguida nos fundos do terreno, preservando, dessa maneira, a mansão que seria restaurada e transformada em centro cultural. Todavia, esse projeto também fracassou. No ano de 2007, enfim, o terreno foi vendido ao grupo Cyrela Paulista e Camargo Corrêa, pelo valor de 125 milhões de reais. Essas duas empresas serão as responsáveis pela construção da torre que deverá estar pronta até 2014, já que em 2010, o Conpresp autorizou o cancelamento do tombamento, possibilitando, assim, novos usos daquela área. Cabe destacar que desde 1995, a área é ocupada por um estacionamento que chega a medir o tamanho de dois campos de futebol.

Figura 20. Pórtico que remete à antiga mansão Matarazzo, localizado na Avenida Paulista, esquina com a Rua Pamplona. Fonte: arquivo pessoal do autor, set/2010.

As notícias da construção da megatorre e do fechamento do Cine Gemini, sinalizam questões que dialogam entre si. Questões, aliás, que fazem transparecer a história e as transformações pela qual a Paulista passou e tem passado ao longo dos anos: Significativas mudanças em sua paisagem e reestruturações de sua forma-conteúdo.

Em relação aos cinemas, há que se ressaltar que a Paulista evoca uma intensa ligação com esse meio⁵⁰. Os paulistanos vêem o cinema como uma das

⁵⁰ Cabe destacar que a “Mostra Internacional de Cinema” de São Paulo, um dos mais importantes eventos do gênero no Brasil, originou-se na Avenida Paulista, como parte das comemorações do aniversário de 30 anos do MASP, em 1977. Realizada até 1984 nas dependências do museu, principalmente com exhibições abertas ao público no vão livre, o evento, que acontece anualmente ao

principais referências da avenida, e sentem a nostalgia das salas que já não existem mais. Assim como o Gemini, outras tradicionais salas de cinema da cidade, que um dia situaram-se na Paulista, também fecharam suas portas.

Ao recordar as vivências da adolescência, a arquiteta Carla Caffé traz à tona uma Avenida Paulista repleta de cinemas, dos quais muitos só continuam existindo como frutos de suas recordações:

A Avenida Paulista foi uma das primeiras avenidas que eu comecei a percorrer sozinha (com quinze, dezesseis anos), e eu considero que essa é uma passagem marcante da minha vida, porque foi quando eu comecei a andar de ônibus pela cidade, para ir à Paulista. Porque eu acho que essa coisa de descobrir a cidade, sem a companhia dos pais, é um grande passo. Dessas saídas, eu me lembro especialmente dos cinemas... Na verdade, eu comecei a conviver com a Paulista, por causa dos cinemas, esse era o grande programa: ir ao cinema. Era o programa que eu mais fazia com a minha turma de colegial. E a gente ia muito pra Paulista... Tinha o Cine Gazeta, que agora é o Reserva Cultural, o Gemini [Na ocasião da entrevista, o Gemini ainda estava em funcionamento, portando, não se sabia que logo encerraria suas atividades], o Cine Arte, o Ástor, que hoje é a Livraria Cultura, tinha o Bristol, que pegou fogo... Então, a Paulista era um ponto de encontro, porque a gente se encontrava para ir ao cinema (informação verbal)⁵¹.

Curiosamente, Carla Caffé nunca mais abandonou o gosto pela sétima arte, depois de adulta, acabou se envolvendo na direção de arte de vários filmes⁵². Além dessa atividade ligada à produção cinematográfica, a formação superior em arquitetura também resultou de outra paixão da infância de Carla Caffé: o desenho, ou melhor, o fascínio por desenhar a cidade⁵³.

Sobre a prática do desenho, Carla Caffé rememora uma vívida experiência da infância, de quando desenhava debruçada no banco de trás do carro dos pais, com

final do mês de outubro, ainda concentra a maior parte de sua programação nas salas de cinemas da Paulista e região.

⁵¹ Relato concedido por Carla Caffé ao pesquisador. São Paulo, 2010.

⁵² No cinema, Carla Caffé colaborou na direção de arte de filmes como “Central do Brasil” (Dir. Walter Salles, 1998) e “Bossa Nova” (Dir. Bruno Barreto, 2000). Além de trabalhar em parceria com a irmã e cineasta Eliane Caffé, nos filmes “Kenoma” (Dir. Eliane Caffé, 1998) e “Narradores de Javé” (Dir. Eliane Caffé, 2003).

⁵³ Durante quatro anos, Carla Caffé desenhou diferentes lugares da cidade de São Paulo na coluna semanal “Cidade Nua”, da Folha de São Paulo. Também realizou trabalho semelhante num projeto intitulado “Passagens”, ao desenhar as cidades de Nova York e Paris.

o veículo rodando pela cidade. “Eu desenhei muito ali, eu adorava aquele lugar para desenhar, e acho que isso me pegou tão profundamente, que eu passei a gostar de desenhar na rua... Para mim, a rua é um lugar de acolhimento, é meu momento mais criativo”, explica Carla (informação verbal).

De tal modo, Carla Caffé levanta a hipótese de ainda hoje estar buscando os lugares que inspiraram os desenhos de sua infância, lugares urbanos, que na realidade estão por todos os cantos da cidade de São Paulo, por onde o fusca de seus pais passou. “O que a cidade proporciona é uma coisa fascinante”, resume a arquiteta, ao avaliar o seu “amor pela urbe”.

“Eu amo muito São Paulo”, diz Carla. E vai além, ao confidenciar um sonho: “Eu sonho com coisas da cidade... Eu sonho com a Paulista”. Em seguida, Carla Caffé descreve a Avenida Paulista de seus sonhos:

De repente, eu vejo que a Paulista poderia ser totalmente diferente do que ela é. Ela poderia ter sido, ela não pode mais. Mas, eu sonho que a Paulista poderia ser o que ela era há cem anos... Então, penso numa avenida alargada, com aquele canteiro central de árvores maravilhosas. Penso nela com casas belíssimas, restaurantes, espaços culturais, lojas de costureiros... E nas ruas paralelas, subsequentes, como na Alameda Santos, aí sim, os grandes prédios, os arranha-céus. Algo como acontece hoje com a Casa das Rosas, só que em toda a avenida. A Casa das Rosas é uma forma de assentamento que poderia ter sido uma saída para a Avenida Paulista. Por que será que a gente não consegue, na nossa cidade, conviver com o passado e com o futuro (informação verbal)⁵⁴?

Esse sentimento nostálgico por um lugar que nem ao menos foi vivido por aquele que está a sentir a nostalgia, sinaliza um envolvimento bastante complexo. É claro que por ter a Paulista como um dos lugares de sua vida, e, sobretudo, por conhecer a história dessa avenida, Carla Caffé entende que a Paulista poderia ser ainda mais notável do que ela é hoje. Esse sentimento se baseia no que a Paulista já foi um dia, “há cem anos”, como bem observa Carla.

⁵⁴ Relato concedido por Carla Caffé ao pesquisador. São Paulo, 2010.

No entanto, cabe fazer aqui uma pequena provocação: é bem provável que muitas das pessoas que vivem a Paulista atual, isto é, que fruem seus espaços de hoje, sintam-se absolutamente satisfeita com o que a Paulista é. Porque, afinal de contas, parece estranho sentir nostalgia por algo que não se viveu, não é verdade?

Mas, essa nostalgia, outrora evidenciada por Carla Caffé, é bem o fruto de um sonho. E, de fato, na experiência subjetiva dos sonhos, o tempo e os lugares são representações de História e Geografias vivenciadas em universos psíquicos, ou seja, absolutamente possíveis nessa esfera.

No entanto, quando a nostalgia permanece viva, mesmo depois do sonho terminado, ela poderá ser explicada por outros vieses, dentro dos quais, distingi-se o poder transformador revelado pelo conhecimento.

Quer dizer, quando se conhece a história de alguma coisa, pessoa ou lugar, quando se aprofunda um entendimento sobre tais, o que ressoa é o ato sublime dessa revelação. Seja teórico, subjetivo ou prático, o conhecimento revelado de um lugar pressupõe envolvimento, pois tais formas de conhecimentos conduzem o sujeito a tecer fortes referências e criar itinerários sentimentais nostálgicos.

De todo modo, a sensação nostálgica por um lugar pretérito que não foi vivido pelo indivíduo, é uma ditosa sensação semelhante àquela que se cultiva ao ler os poemas de um poeta, o qual, com o passar do tempo, tornar-se-á um bom e velho companheiro de viagens.

Por outro lado, a própria dimensão artística é capaz de resultar em efeito semelhante. O artista acumula sensações sem as ter vivido in loco, de tal forma que consegue transpô-las à sua obra. Um artista é capaz de escrever sobre os lugares, pintá-los, transformá-los em poemas, tudo sem conhecê-los, unicamente a partir de suas sensações, daquilo que se reconhece por sensibilidade artística.

Para Maramgoní, artista plástico paulistano, a Avenida Paulista que mais lhe encanta, ele nem ao menos chegou a conhecer (ver Figura 21). Na verdade, Maramgoní tem certa predileção por pintar cenas urbanas em tempos que ele não viveu, ao menos, não com a consciência de tê-los vivido. É assim com a cidade de São Paulo, e com cidades como Nova York, Londres e Paris⁵⁵.

A respeito de seu interesse por pintar cenas urbanas antigas, Maramgoní confidencia: “Eu queria muito ter vivido na época dos meus avós, e é por isso que eu pinto o antigo”, e prossegue dizendo, “eu quero estar ligado a esse antigo dos meus quadros” (informação verbal)⁵⁶.

Figura 21. Avenida Paulista, ano de 1911. MARAMGONÍ. Tinta acrílica sobre tela, 100 x 200 cm. Fonte: Imagem de arquivo pessoal do artista.

⁵⁵ De São Paulo para o mundo, assim surgiu e perseverou o gosto de Maramgoní por pintar os lugares urbanos e suas arquiteturas. Por sinal, o artista faz questão de dizer que procura retratar a arquitetura dos lugares com o máximo de fidelidade. Dentre suas obras, destacam-se pinturas que remetem a cenas urbanas da cidade de São Paulo no início do século XX. Muitos de seus quadros são pintados em preto e branco, o que acaba auxiliando na recriação de uma atmosfera urbana antiga, além de revelar com maior intensidade um dos efeitos característicos de sua arte: a luminosidade incandescente que Maramgoní explora nas cenas retratadas. O artista pinta esses lugares tendo como referência fotografias tiradas por ele mesmo ou impressas em livros. No ato da pintura, Maramgoní faz uso do pincel diretamente na tela, sem antes esboçar o desenho com um lápis. Dessa forma, nasce uma leitura particular dos lugares de sua vida, em São Paulo, e dos outros que procura conhecer em suas viagens. As pessoas retratadas nos quadros são inventadas por ele, ou seja, não estavam presentes nas fotos. Para Maramgoní, criar as pessoas para esses lugares é uma forma de deixar aflorar sua sensibilidade, é quando sua inventividade fala mais alto.

⁵⁶ Relato concedido por Maramgoní ao pesquisador. São Paulo, 2010.

Maramgoní esclarece, ainda, que sua predileção por pintar o espaço urbano vem da busca pessoal por uma identidade artística, em que ele se deu conta de que deveria pintar aquilo que ele mais gostasse. E “o que é que eu mais adoro [?]”, questiona-se o artista. “Eu adoro São Paulo. Adoro o que eu vivi aqui e aquilo que eu ainda vou viver”, conclui.

Algumas das obras de Maramgoní, que retratam a Avenida Paulista, fazem transparecer um tempo meio indefinido, pelo menos, partindo de uma análise pessoal de espectador. Quer dizer, em alguns quadros, o momento histórico em que a Paulista é situada não fica muito claro, mesmo margeada por edifícios e à sombra de grandes antenas no topo desses prédios, subsiste um quê de nostalgia.

Tal sensação, de uma Paulista atual situada em tempos remotos, transmite-se pela própria técnica de pintura explorada pelo artista. Transitando entre alguma década incógnita e a contemporaneidade, Maramgoní faz a Paulista pairar num contexto têmporo-espacial que oscila entre o antigo e o atual (ver Figura 22).

Figura 22. Avenida Paulista. MARAMGONÍ. Tinta acrílica sobre tela, 100 x 200 cm.
Fonte: Imagem de arquivo pessoal do artista.

Sobre os possíveis tempos de sua Avenida Paulista, Maramgoní diz que é “um pouco de cada”, ou melhor, uma “composição de períodos” (informação verbal). Essa afirmação demonstra que o artista tem um entendimento bastante conciso sobre a realização dos lugares, já que estes são, pelo menos a partir da perspectiva que vem sendo traçada nessa pesquisa, uma soma de tempos distintos.

É interessante insistir na ideia de que mesmo para os que não viveram os lugares em determinado momento, há um sentimento muito forte quando se entra em contato com o passado e as histórias desse lugar.

Logo, faz-se oportuno afirmar que a fundação do lugar sob a égide dos três tempos é o princípio maior da noção de lugar, e que o passado é o mais afetivo dentre os três tempos, por engendrar as lembranças e nostalgias d'outrora.

Ao contrário do que muitas vezes aparenta, ao menos aos que não o vivenciaram, o passado de um lugar, esse tempo-espço que não raramente está envolto por sentimentos nostálgicos, pouco tem extraordinário. Quer dizer, o passado de um lugar remete às práticas diárias, ao cotidiano, e este se compreende, principalmente, pela ausência de episódios inesperados.

Ora, o que outorga substância ao cotidiano do lugar são os acontecimentos corriqueiros, e não os imprevistos. Decerto, os imprevistos também se incorporam ao cotidiano, mas tendem a ser transpostos pela rotina. Esta é a que reflete a familiaridade pelo lugar, ou seja, o reconhecimento da vida que nele se dá a partir das vivências diárias.

Tuan (1983) escreve que “ninguém exalta uma rotina”, porque um ritual diário não se traduz por fatos extraordinários, e sim pelo habitual. Esse pensamento não subestima a rotina e/ou o lugar, mas, muito pelo contrário, comprova como ambos, rotina e lugar, estão intimamente ligados e refletem a vida das pessoas.

Sebastiana⁵⁷, natural da Bahia, mas há trinta anos residindo na cidade de São Paulo, ao responder se gosta ou se não gosta da Avenida Paulista, diz que esta é “um lugar qualquer”. Um “lugar como outro qualquer”, afirma Sebastiana. Em sua opinião, a Paulista de hoje em dia não guarda mais aquela “coisa impactante” de quando ela a conheceu.

Há trinta anos, quando Sebastiana ainda morava em Salvador, a ideia de conhecer a Avenida Paulista era “um sonho”. A lembrança do primeiro passeio na Paulista, num “Volks velhinho” de seu tio, continua latente na memória. A impressão de uma “rua super elegante”, frequentada por pessoas bem trajadas, continua viva em seu pensamento.

Quando questionada se prefere a Paulista atual, ou a que conheceu há trinta anos, Sebastiana não hesita em dizer que “o certo é se andar para frente”... Mas, em seguida responde que prefere a avenida de antes, a Paulista “mais residencial”.

Trinta anos depois, a Paulista dos sonhos de Sebastiana tornou-se um “lugar como outro qualquer”. No entanto, ainda hoje, ao voltar a Salvador, Sebastiana se depara com uma curiosidade que é a de “todo mundo”: conte logo, falam as pessoas, “como é a Avenida Paulista?”.

Colaborando para aumentar ainda mais a curiosidade de quem quer saber como é a mais famosa das avenidas de São Paulo, Sebastiana vai logo avisando que em Salvador não tem uma avenida que possa ser comparada à Paulista.

Ora, a noção de “lugar qualquer” que Sebastiana alimenta acerca da Avenida Paulista, não poderia ser diferente. Curioso seria se trinta anos depois de ter

⁵⁷ Sebastiana integra o grupo de pessoas entrevistadas na pesquisa de campo realizada pelo pesquisador na Avenida Paulista, entre os dias 27 de agosto e 12 de setembro de 2010. Para detalhamento da entrevista concedida por Sebastiana, ver “Transcrição das entrevistas” (Apêndice A).

chegado a São Paulo, Sebastiana ainda tivesse a mesma sensação de impacto que teve quando a conheceu.

Isso não quer dizer que Sebastiana não sinta mais nada por esse lugar que um dia, aliás, chegou a sonhar em conhecer, ao contrário, ela o incorporou ao seu cotidiano, à paleta de lugares da sua vida, tornando-o rotineiro... “Ninguém exalta uma rotina”, diria Yi-Fu Tuan (1983).

Aos 83 anos de idade, Mafalda Marchetti vê a Paulista como uma extensão de seu apartamento. Há cinquenta anos que ela mora num dos condomínios mais antigos e tradicionais da Avenida Paulista, o Ed. Baronesa de Arary. Da janela de sua quitinete, descortina-se uma vista para o MASP e para o Parque Trianon, ao qual d. Mafalda se refere carinhosamente como “jardim” (ver Figura 23).

Figura 23. Vista da janela do apartamento de d. Mafalda Marchetti, na Avenida Paulista. Fonte: GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. Setembro de 2010.

Questionada sobre a Paulista de outros tempos, e as transformações que nela se sucederam, d. Mafalda é enfática ao responder:

Quando eu vim morar aqui na Paulista, não tinha nada. Tinha umas arvorezinhas ali no meio da avenida, tinha aqueles casarões... Agora tiraram tudo, agora é só prédio, e agora é que a Paulista tá chique. Tiraram as arvorezinhas e fizeram um canteiro bonito... Antes não tinha nada. Morar na Paulista não era uma coisa cara, agora é. Só prédio e mais prédio, agora a Paulista só tem prédio. Eu acho que a Paulista tá boa agora. Ela é bonita agora, você não acha (informação verbal)⁵⁸?

Num primeiro instante, o posicionamento de d. Mafalda parece estar na marcha contrária de tudo o que foi dito até aqui, sobre a Paulista. No entanto, o fato é que a sinceridade do relato de d. Mafalda expressa um entendimento bastante pessoal e diferenciado das transformações da Avenida Paulista.

D. Mafalda acompanhou essas transformações de perto, ocorrendo através da janela de sua sala, ano após anos, dia após dia, e nesse olhar de dentro, nessa rotina de viver o cotidiano do lugar, d. Mafalda observou mudanças positivas.

No final das contas, ao fazer um balanço, d. Mafalda percebe que a Paulista ficou mais “bonita”, mais “moderna”, como ela mesma diz. “Agora a Paulista tá linda”, afirma d. Mafalda, a Avenida Paulista de hoje, que entra todas as manhãs pela janela de sua casa.

Em seguida, d. Mafalda também aproveita para falar da reforma que está fazendo no apartamento, auxiliada pelo sobrinho que mora noutra cidade. Dessa maneira, é possível compreender que assim como a janela da casa de d. Mafalda estão abertas para a beleza que ela diz enxergar do lado de fora, também as portas se abrem para que essas renovações adentrem.

“Estou dando uma embelezada no apartamento.”, comenta d. Mafalda. Ora, é compreensível o fato de que, ao cruzar a marca dos oitenta anos de idade, d.

⁵⁸ Relato concedido pela Sra. Mafalda Marchetti ao pesquisador. São Paulo, 2010.

Mafalda prefira e opte por ficar com a beleza do novo, e nesse ímpeto demonstre seu contentamento por estas modernizando o próprio lar, deixando-o “melhor e mais bonito”, assim como a atual Avenida Paulista.

Na parede da sala do apartamento, d. Mafalda ostenta uma tela com a pintura da Paulista, contemporânea é claro. Próximo a essa pintura, mais para o lado esquerdo da parede, está o retrato de uma jovem Mafalda, com não mais do que trinta anos de idade.

Talvez, seja esta a maior das nostalgias de d. Mafalda: a idade, a juventude... “Já fui jovem”, diz. “Agora é que eu estou velha”, conclui d. Mafalda, olhando para o retrato pendurado na parede.

Ao ser interpelada para que fale sobre a Avenida Paulista de cinquenta anos atrás, d. Mafalda precipita-se dizendo: “Perto do que ela era... hoje é que a Paulista está bonita”. É como se, para d. Mafalda Marchetti, a Paulista tivesse percorrido o sentido inverso ao da vida humana: já foi velha, e agora é que está jovem (ver Figura 24).

Figura 24. Senhora Mafalda Marchetti observa, da janela de seu apartamento, a Avenida Paulista. Fonte: arquivo pessoal do autor, set/2010.

O jovem Adriano⁵⁹, de apenas 19 anos de idade, considera um “pecado” a Paulista ter tido sua história “devastada” para dar lugar a prédios e centros comerciais. Ressentido, Adriano lamenta o fato de a Paulista estar muito diferente do que ela era no passado, e entende que, por conta disso, a Avenida Paulista de hoje não mereceria ser considerada o símbolo da cidade de São Paulo.

⁵⁹ Adriano integra o grupo de pessoas entrevistadas na pesquisa de campo realizada pelo pesquisador na Avenida Paulista, entre os dias 27 de agosto a 12 de setembro de 2010. Para detalhamento da entrevista, ver “Transcrição das entrevistas” (Apêndice A).

É curioso como um pensamento conservador evidenciado por alguém tão jovem, aparece em contraposição ao relato de uma senhora, como o declarado por d. Mafalda. Igualmente curioso, porém, é o fato de a Paulista gerar comoção e nostalgia por um passado que as pessoas nem sequer o vivenciaram, na mesma medida em que ela responde aos anseios dos que a querem contemporânea.

Nesse sentido, o sonho outrora confidenciado por Carla Caffé, cala fundo na concepção de um lugar ideal, ao contemplar uma Avenida Paulista antiga e contemporânea, coexistindo harmoniosamente.

Como exercício imaginário, supor-se-á, então, que nessa Paulista pudesse haver espaço para o antigo cinema e para a mais moderna das torres; para os velhos casarões tornados museus e para os badalados shopping-centers. Quer dizer, haveria espaço, assim, para a verdadeira diversidade...

Nesse sonho de lugar ideal, Carla Caffé reverencia a Casa das Rosas como um exemplo do que poderia ter sido feito na Paulista. A respeito do que se observa atualmente com a Casa das Rosas, e o edifício construído em seu costado, Carla Caffé captou, através de seu desenho, a imagem daquilo que tentou definir como sendo uma forma de coexistência (ver Figura 25).

Figura 25. Ilustração da Casa das Rosas, com o moderno edifício da Fundação Japão ao fundo. Fonte: CAFFÉ, Carla (2009, p.35).

Atualmente, a Casa das Rosas é a única mansão em perfeito estado de conservação na Avenida Paulista⁶⁰. Servindo como espaço cultural, a Casa das Rosas abriga a biblioteca particular do poeta Aroldo de Campos, falecido no ano de 2003, e promove, com frequência, saraus de poesia, encontros literários,

⁶⁰ Contudo, cabe ressaltar que a Casa das Rosas foi projetada tardiamente, em 1928, se comparada às mansões inauguradas no início do século XX. Das construções antigas ainda existentes na Paulista, há que se fazer referência ao Instituto Pasteur, de 1904, ao Hospital Santa Catarina, de 1906, e à Escola Rodrigues Alves, de 1919, todos em funcionamento na Avenida Paulista.

lançamentos de livros e muitas outras atividades artístico-culturais abertas ao público em geral.

Assim como fez com a Casa das Rosas, Carla Caffé desenhou outros tantos lugares da avenida, no livro intitulado “Av. Paulista”. Neste, a autora passeia pela Paulista fazendo registros pessoais e eternizando os lugares a partir de suas ilustrações. Comprometida com um olhar “de perto e de dentro”, parafraseando, aqui, o antropólogo José G. Magnani, Carla Caffé estabelece uma conexão íntima com a avenida que permeia os seus sonhos.

No itinerário geográfico-sentimental traçado por Carla Caffé na Paulista, em meio aos prédios enfileirados da avenida, outra mansão é descoberta e enaltecida em seu caderno de desenhos: trata-se do casarão de Joaquim Franco de Mello (ver Figura 26), a mais antiga mansão ainda existente e situada no número 1919 da Avenida Paulista.

Infelizmente, a situação do casarão, datado de 1905, é de total abandono, a degradação do imóvel é visível. Por mais que o desenho de Carla Caffé não aparente essa realidade, o estado da construção é verdadeiramente crítico, revelando o descaso com mais esse patrimônio da Paulista.

Carla Caffé ornamenta a ilustração com decalques antigos de sua coleção particular, como numa homenagem ao passado daquele lugar, às histórias, vidas e personagens que por ali passaram e deixaram seus registros.

Figura 26. Ilustração da mansão de Joaquim Franco de Mello, inaugurado em 1905. Fonte: CAFFÉ, Carla (2000, p.10).

Os desenhos de Carla Caffé são leituras bastante pessoais dos lugares que compõem o lugar Avenida Paulista. As ilustrações, dotadas de grande sensibilidade artística, traçam os itinerários da desenhista, numa jornada por lugares de ontem e de hoje. Lugares que ressoam como gritos de resistência, e outros que, talvez, deixem de existir e sejam lembrados, no futuro, como evidências do descaso.

Exemplo disto é o olhar da artista sobre as salas do agora extinto Cine Gemini (ver **Figura 27**), que Carla Caffé, felizmente, teve a oportunidade de eternizá-las antes do fechamento do cinema. Na gravura, observa-se um delicado bailado de cores que permanecerão inalteradas, luzidias, na memória de todos aqueles que um dia passaram por ali.

Figura 27. Ilustração do Cine Gemini, espaço interno. Fonte: CAFFÉ, Carla (2009, p.25).

Um lugar comprova que é amado quando deixa saudades, quando evoca sentimentos nostálgicos e ditosas recordações. A Paulista é um desses lugares, seja para paulistanos de procedência, ou para paulistanos de coração. A grande avenida paulistana se inscreve na vida das pessoas deixando marcas profundas. Para quem a vive hoje, ou para quem a viveu no passado, a Paulista é um exemplo de lugar inolvidável, e por assim dizer: eterno.

Símbolo, ícone, cartão postal, coração... Nas palavras das pessoas que fruem a Paulista de hoje, ela é tudo isso e muito mais. Talvez, Ariane⁶¹ tenha sintetizado “tudo isso” numa única palavra capaz de descrever a Avenida Paulista: ela é “tudo”.

A Paulista é tanta coisa que parece impossível escapar da conceituação banal de que ela representa, antes de mais nada, a “diversidade”. Ora, mas, o que é a diversidade de um lugar, se não a sua predisposição em comportar a totalidade, o “tudo” descrito por Ariane?

Porém, na Paulista atual parece não haver espaço para os lugares do passado... O cinema de trinta e cinco anos de história deixa de existir, enquanto a moderna torre é uma promessa do que está por vir. Onde reside, então, o poder da Paulista em congregar a qualidade do diverso, do diferente, a que algumas pessoas se referem quando são convidadas a pensar nela?

Assim como a “diversidade”, outro atributo mencionado pelos entrevistados, a fim de caracterizar a Avenida Paulista, é o “movimento”. Sem querer antecipar uma resposta ao questionamento levantado no parágrafo anterior, cabe afirmar que essas duas qualificações atribuídas à Paulista, a “diversidade” e o “movimento”, estão intimamente conectadas.

De modo que na continuidade deste capítulo, em sua segunda metade a ser exposta a seguir, apresentar-se-á um vislumbre daquilo que os entrevistados, paulistanos e não paulistanos, acham sobre a Paulista de hoje. Sobre o que eles pensam a respeito desse lugar chamado Avenida Paulista (ver Figura 28), que se traduz de maneira plural, ao mesmo tempo em que é verdadeiramente singular na vida de cada um.

⁶¹ Ariane integra o grupo de pessoas entrevistadas na pesquisa de campo realizada pelo pesquisador na Avenida Paulista, entre os dias 27 de agosto a 12 de setembro de 2010. Para detalhamento da entrevista, ver “Transcrição das entrevistas” (Apêndice A).

Figura 28. Avenida Paulista a partir da Rua Pamplona. MARAMGONÍ. Tinta acrílica sobre tela, 100 x 200 cm, díptico. Fonte: Imagem de arquivo pessoal do artista.

Para o escritor José Arrabal, que há alguns anos mora nos arredores da Paulista, o tempo e as transformações trouxeram a essa avenida uma aura mais popular, menos elitista. Os poucos casarões que ainda restam na avenida provam que um dia a Paulista já foi de uma minoria, mas atualmente, entende Arrabal, ela é de muitos:

A presença dessas casas antigas que ainda restaram na Paulista, eu sinto como se fossem fantasmas do tempo de uma Paulista que eu não conheci, do tempo da oligarquia do café. Hoje a Paulista é a avenida de todos os povos, e não mais apenas dos oligarcas cafeeiros. Eu tenho a impressão de que no passado ela não era tão agradável, que ela não era um corredor tão popular quanto ela é hoje (informação verbal)⁶².

Os lugares têm seus tempos. O espaço do homem não é esvaziado de tempo, pelo contrário, nutre-se dele. A transformação dos lugares é resultado desse tempo que lhe insiste em acompanhar.

Para uns, as transformações soam como derrocadas, como agressão à história do lugar. Para outros, as mudanças trazem a promessa do novo, do

⁶² Relato concedido por José Arrabal ao pesquisador. São Paulo, 2010.

desenvolvimento. Para todos, entretanto, transformações e mudanças implicam em nostalgias e recordações.

Em determinado momento de “Cinema Paradiso”, Alfredo, o projecionista, referindo-se ao pequeno vilarejo de Giancaldo, fala a seu amigo Totó:

Quando você está sempre aqui, sente-se no centro do mundo. Parece que nada muda nunca. Aí você fica longe um ano ou dois e, ao voltar, mudou tudo. Algo se quebrou. Você não acha quem procura. As tuas coisas não existem mais, é preciso ir embora por muito tempo, por muitos e muitos anos, para encontrar, na volta, a tua gente... A terra onde nasceu.

É claro que os lugares, assim como as pessoas, passam por mudanças. Assim como as pessoas, os lugares, caso deixem de existir fisicamente, também continuam subsistindo na memória de outrem. Como a saudade deixada pelas pessoas em suas ausências, na falta dos lugares, a entoada da nostalgia é a que se sente mais forte, que o digam os combatentes e poetas exilados.

Evocação de tempo e espaço, a nostalgia é a mais pura expressão de uma ausência de lugar. Versos, relatos, sons, cheiros e outros tantos fatores de estímulo são capazes de trazer à tona uma profunda e nostálgica recordação espacial.

Caráter manifesto do sentimento topofílico, a nostalgia se traduz por recordações entranhadas e se inscreve incólume no coração e no pensamento de quem se propõe a nutrir-lhe. Inesquecíveis são os lugares de ontem, mesmo para quem não os vivenciou. Possíveis, entretanto, são os lugares de hoje e de amanhã, para quem os vive e para quem os há de viver.

3.2 Sobre as certezas de hoje e esperanças futuras

“Não consigo ver a Paulista em preto e branco”, revela Maramgoní. Sobre as Paulistas que pintou utilizando-se dessa tonalidade ausente de cores vivas, o artista assume que, de fato, não são as suas preferidas, pois a Paulista de sua percepção artística é colorida (ver Figura 29).

Figura 29. Avenida Paulista em Cores. MARAMGONÍ. Tinta acrílica sobre tela, 100 x 200 cm. Fonte: Imagem de arquivo pessoal do artista.

Curiosamente, uma Paulista colorida também é fruto da percepção da maioria dos entrevistados durante a pesquisa de campo. Quando indagadas sobre a cor da Paulista, as pessoas procuraram fugir da resposta que seria, de certo modo, a mais presumível de todas: “cinza”.

Não raramente, as pessoas tendem a qualificar as grandes cidades como sendo de cor acinzentada, por conta do excesso de concreto e poluição.

O livro “São Paulo imaginado”⁶³ (GONÇALVES et al., 2006) apresenta uma pesquisa desenvolvida sob o esteio da percepção cognitiva dos cidadãos residentes na cidade de São Paulo, em que utilizou-se de métodos variados a fim de se apontar lugares, ideias, personagens e acontecimentos relacionados ao imaginário urbano da capital paulista.

A partir dessa pesquisa, constatou-se que a São Paulo imaginada por seus habitantes é de cor cinza. Em contrapartida, na pesquisa de campo que ora se insere, e que não tem por interesse trabalhar sob o enquadramento de amostragens e quantificação de dados, os entrevistados fizeram questão de ressaltar o “colorido” da Avenida Paulista.

Esta é a cor da Paulista para Ariane e Edna: “colorida”. André⁶⁴, turista do Mato Grosso do Sul, achando que iria surpreender com sua resposta, diz: “Eu vou te dar uma resposta que você nem imagina... A Paulista é colorida”.

O pensamento de André evidencia à ideia que as pessoas têm sobre São Paulo, principalmente quem é de fora da cidade, como sendo uma metrópole estéril de cores vivas. De fato, a mídia reproduz imagens que, na maioria das vezes, abarcam apenas o panorama de caos e de concreto da cidade de São Paulo.

Com isso, as pessoas que não vivem o cotidiano da cidade acabam se convencendo de que uma imagem panorâmica, afastada, basta para enunciar com precisão o colorido de metrópole. Opaca, densa e triste, essas são algumas das

⁶³ “São Paulo imaginado” (2006) é o sexto volume da coleção intitulada “Cidades Imaginadas”, série de livros que apresenta os resultados de pesquisas que tratam a respeito de algumas das mais importantes cidades da América Latina e da Espanha. Promovido pelo “Convênio Andrés Bello” e pela Universidade Nacional da Colômbia, o projeto “Culturas urbanas na América Latina e na Espanha desde seus imaginários sociais”, sob a supervisão do professor Armando Silva, elegeu São Paulo como sendo a cidade brasileira a ser agraciada por uma extensa pesquisa de campo envolvendo métodos quantitativos e qualitativos na coleta e análise dos dados e informações. O estudo sobre São Paulo foi elaborado por pesquisadores brasileiros provindos de diferentes áreas das ciências sociais e humanas.

⁶⁴ Assim como Ariane e Edna, André integra o grupo de pessoas entrevistadas na pesquisa de campo realizada pelo pesquisador na Avenida Paulista, entre os dias 27 de agosto a 12 de setembro de 2010. Para detalhamento da entrevista, ver “Transcrição das entrevistas” (Apêndice A).

adjetivações da cor cinza. No entanto, seriam essas, também, as qualificações que resumiriam a vida e a diversidade da cidade de São Paulo?

“Azul” é a Paulista de Fernando⁶⁵. Para ele, que mora no interior do estado de São Paulo, depois que a pessoa conhece a Avenida Paulista, passa a ver São Paulo “de outra maneira”... Deixa de ver só “engarrafamento”, “concreto”, “poluição” etc., e passa a ver “São Paulo vivo”.

A metrópole viva descoberta por Fernando, parece uma contradição daquela que ele observa nas revistas, nos jornais e na televisão. A cidade de São Paulo viva que ele encontra ao conhecer a Avenida Paulista, revela cores igualmente vivas, menos enfadonhas, que matizam o cotidiano dessa gigantesca cidade.

“Olhe primeiro para a vida de um indivíduo em vez de olhar para uma cidade”, dirá Tuan (1983, p.216), ao chamar a atenção para a riqueza dos lugares urbanos.

De fato, a deturpação da imagem de São Paulo é, na maioria das vezes, o resultado de uma síntese midiática que distancia o lugar da vida humana. E isso faz com que até os próprios habitantes da cidade passem a perceber São Paulo através de lentes míopes, que distorcem a paleta de cores da metrópole, resumindo-as ao denominador desinteressante da cor cinza.

A Avenida Paulista, entretanto, se destaca no imaginário social por conta do seu leque de cores. Para Ricardo⁶⁶, inclusive como referência ao movimento gay, a Paulista é um “arco-íris”. De fato, há alguns anos a Paulista tem recebido as cores desse badalado evento que acontece todos os anos na cidade de São Paulo⁶⁷.

⁶⁵ Fernando também integra o grupo de pessoas entrevistadas na pesquisa de campo realizada pelo pesquisador na Avenida Paulista, entre os dias 27 de agosto a 12 de setembro de 2010. Para detalhamento da entrevista, ver “Transcrição das entrevistas” (Apêndice A).

⁶⁶ Ricardo integra o grupo de pessoas entrevistadas na pesquisa de campo realizada pelo pesquisador na Avenida Paulista, entre os dias 27 de agosto a 12 de setembro de 2010. Para detalhamento da entrevista, ver “Transcrição das entrevistas” (Apêndice A).

⁶⁷ Sobre a “Parada do Orgulho GLBT”, uma das mais importantes datas do calendário oficial de eventos da cidade de São Paulo, Shibaki (2007) trata sobre sua relevância para a cidade e para a

Por sua vez, pensando nas cores dos prédios da avenida, Bastiana, esta sim surpreendendo com a resposta, afirma que a cor da Paulista é “creme”. Tal apreciação demonstra o quanto a percepção da paisagem do lugar, quando expressada a partir de um olhar pessoal, é variável e diversificada.

Quer dizer, sabe-se que a percepção é culturalmente formada e que responde a imposições do meio e da mídia. Entretanto, a questão mais relevante que se apresenta, e que deve ser analisada, impreterivelmente, levando-se em conta as condicionantes pessoais, é que a percepção da paisagem também diz respeito às práticas e aos usos que cada pessoa faz dos lugares.

Para Lucas, por exemplo, a Paulista é escura porque ele quase nunca a vê durante o dia. O uso mais frequente que o jovem faz da avenida acontece durante a noite, e pelas madrugadas, por conta de suas práticas como skatista.

Para o confeitiro Everaldo⁶⁸, que veio do Rio Grande do Sul para procurar emprego em São Paulo, a Avenida Paulista, velha conhecida de outras visitas à cidade, é “cinzenta sempre”.

Curiosamente, na percepção de Everaldo, a beleza da Paulista se traduz por seu “comprimento”, por ser “uma avenida extensa”, já que este atributo permite que o horizonte seja visto ao longe. Em compensação, o que Everaldo menos gosta na Paulista, é dos “prédios” que “vão beirando a avenida”.

Do mesmo modo que tantas outras pessoas escolhem São Paulo para tentar uma vida melhor, Everaldo também vem atrás desse resultado. Contudo, é bem

Avenida Paulista, já que o desfile da Parada, que atrai anualmente milhares de turistas a São Paulo, tem seu início e principal trecho ocupando as ruas e calçadas da avenida. De modo que a abordagem de Shibaki suscita, também, uma pertinente discussão acerca do uso e da apropriação do espaço urbano público.

⁶⁸ Assim como Lucas, Everaldo também integra o grupo de pessoas entrevistadas na pesquisa de campo realizada pelo pesquisador na Avenida Paulista, entre os dias 27 de agosto e 12 de setembro de 2010. Para detalhamento da entrevista, ver “Transcrição das entrevistas” (Apêndice A).

provável que São Paulo não seja, nem de longe, o lugar dos sonhos de Everaldo, já que ele reconhece sua predileção pelo “verde” de um sítio ou de uma chácara.

Na opinião de Everaldo, o seu desagrado a respeito dos edifícios da Paulista tem a ver com o fato de que eles tapam a vista do céu. Alguns dos entrevistados, como Sebastiana, por exemplo, ressaltaram a imagem de “selva de pedra” que São Paulo e a Avenida Paulista ostentam.

Adriano, um dos jovens do grupo de amigos que fazia um piquenique no Trianon, se diz incomodado pelo fato de a Avenida Paulista ser considerada o “cartão postal” de São Paulo, porque, em sua opinião, o concreto e a cor cinza não deveriam ser as principais referências desse cartão postal.

Para Adriano, exprimindo certa consonância com o pensamento de Everaldo, a área verde do Ibirapuera seria um cartão postal mais adequado. João⁶⁹, um dos amigos de Adriano, alerta que a beleza de São Paulo é uma criação da “mão do homem”, diferente das belezas naturais que, no dizer de João, são resultados da “mão de Deus”.

Apesar de todos os cinco amigos concordarem que a maior beleza é da natureza, nem todos concordam com Adriano, ao afirmar que o verde deveria colorir o cartão postal da cidade de São Paulo. Para Caroline⁷⁰, por exemplo, “São Paulo é bacana”, exatamente, “por causa da selva de pedra” que é.

Decerto, Everaldo sabia o que esperar de São Paulo, pois já a havia visitado outras vezes. Mesmo assim, ele preteriu a selva pela pedra, ao resolver ganhar a vida na metrópole paulistana. No dia da entrevista, Everaldo estava visitando o

⁶⁹ João integra o grupo de pessoas entrevistadas na pesquisa de campo realizada pelo pesquisador na Avenida Paulista, entre os dias 27 de agosto e 12 de setembro de 2010. Para detalhamento da entrevista, ver “Transcrição das entrevistas” (Apêndice A).

⁷⁰ Assim como João, Caroline também integra o grupo de pessoas entrevistadas na pesquisa de campo realizada pelo pesquisador na Avenida Paulista, entre os dias 27 de agosto e 12 de setembro de 2010. Para detalhamento da entrevista, ver “Transcrição das entrevistas” (Apêndice A).

acervo do MASP, recém chegado a São Paulo, ainda conservava um semblante cheio de expectativa, mas, ao mesmo tempo, bastante marcado pela preocupação.

Esquivo durante as perguntas que lhe foram dirigidas, Everaldo não estava se sentindo à vontade, talvez por conta de todo o estranhamento que uma mudança é capaz de provocar, talvez. O fato é que ele ainda não havia encontrado um lugar, na cidade de São Paulo, ao qual pudesse reconhecer como lar.

Quando questionado se moraria ou não na Paulista, respondeu sem muita certeza que moraria. Mesmo preferindo o verde, Everaldo não se importaria em habitar o acinzentado. Numa Paulista “cosmopolita” (em suas próprias palavras), “de muito trânsito” e “barulho”, cheio de prédios dos quais não gosta, Everaldo moraria, trabalharia e levaria a sua nova vida.

O confeitiro fala sobre o Teatro do Sesi⁷¹, no prédio da FIESP, quando solicitado a pensar na Paulista. Dentre as peças de teatro que lá assistiu, Everaldo recorda-se de uma intitulada “Muito Romântico”. Além do teatro do Sesi, outros lugares que lhe atraem na Paulista, são: o MASP, o Conjunto Nacional e a Livraria Cultura.

Seu apreço pela arte, e por atividades culturais como um todo, torna-se evidente a partir de suas respostas. Diferentemente do verde, Everaldo sabe que arte e cultura são duas coisas que ele certamente encontrará em meio ao barulho e o cinza da Avenida Paulista.

⁷¹ Atualmente, o “Teatro do Sesi” integra o “Centro Cultural FIESP - Ruth Cardoso”, este é um espaço anexo ao prédio da FIESP, projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha e inaugurado em 1998. O centro reúne galeria de arte de mil metros quadrados, espaço para exposições temporárias e o teatro, que conta com programações de alta qualidade artística, gratuitas ou a preços populares. A sala do Teatro do Sesi, por sua vez, foi inaugurada em 1977, e já entre 1981 e 1983 chegou a atrair 600 mil espectadores na encenação da peça “Santo Milagroso”, comédia de Lauro César Muniz. Mais recentemente, em 2005, o espetáculo “Avenida Dropsie”, inspirada na obra de Will Eisner, foi assistida por mais de 36 mil pessoas (SESI SP, 2010).

Por essa razão, quando questionado se indicaria a Avenida Paulista como sendo um atrativo turístico da cidade de São Paulo, Everaldo responde que “não” indicaria “só a avenida”, mas que indicaria aqueles lugares que citou como lhe sendo atrativo: o MASP, o Teatro do Sesi, etc.

É interessante a dissociação que Everaldo faz dos lugares que lhe atraem na Paulista, da avenida como um todo. Quer dizer, ele não percebe a Avenida Paulista como um lugar atrativo que comporta demais lugares que lhe atraem. Certamente, falta a Everaldo algumas referências, quer dizer, experiências e vivências pessoais, que atribuam à Paulista uma consciência de lugar.

Demonstrando uma percepção contrária a de Everaldo, Fernando, quando interrogado sobre um lugar da Paulista que melhor represente a avenida, diz que não há esse lugar, porque a Paulista “é um todo”. “A Paulista é a Paulista, não tem como definir um símbolo da Paulista”, afirma Fernando.

No entendimento de Fernando, a escolha de um lugar que simbolizasse a Paulista significaria uma injustiça com outros lugares que também a representam muito bem. Quer dizer, por si só, o lugar Paulista representa-se como totalidade a partir dos lugares que comporta.

No que se refere ao símbolo que melhor representa a Paulista: Ricardo e Edna responderam o MASP; o historiador André citou a arquitetura; a bancária Bastiana referiu-se ao prédio do Banco Central; Fernando mencionou a “grandiosidade”; e Ariane, por sua vez, disse que símbolo da Paulista é o “movimento”.

Aliás, a palavra “movimento” foi repetida várias vezes no decorrer das entrevistas, certamente referindo-se ao caráter de uma Paulista que não para nunca, que está em constante agitação. Everaldo, inclusive, chegou a dizer que a Paulista

“é um lugar de passagem”, “no sentido de ser um caminho para quem quiser passar”. Essa opinião evidencia a situação de Everaldo na cidade em São Paulo, a de alguém que está chegando e pedindo passagem...

Nos capítulos anteriores, comentou-se que os lugares ganham forma, sentido e substância a partir das ações e do estado de espírito das pessoas. Com a Paulista não é diferente: para a turista Edna, a Paulista é um “lugar bem astral”.

Aliás, Edna compara a Avenida Paulista a uma avenida da cidade onde mora, dizendo que a “Avenida Boa Viagem” é adorada por “todo mundo” no Recife, e por isso é possível a associação. “A Paulista é uma Avenida Boa Viagem sem o mar”, explica Edna.

Por sua vez, Lucas, jovem skatista paulistano, acha que a Paulista “concentra a diversidade”; Ricardo, que se diz uma pessoa sem muito senso espacial, vê a Paulista como um “ponto de referência”, a partir dela ele consegue situar-se em São Paulo; já para a publicitária Ariane, a Paulista é um estímulo ao uso da criatividade.

Tamires, em alguns momentos da entrevista, queixa-se do clima “gelado” da Paulista, referindo-se, também, à frieza das construções e das pessoas. Quando perguntada se a Avenida Paulista é um bom lugar para estar, Tamires diz que é difícil responder, porque ela já viveu coisas boas e ruins nesse lugar. Em seguida, relembra o término de seu primeiro namoro, ocorrido numa “travessa da Paulista”, num dia de “muito frio”.

A condição climática da Paulista, associada ao abalo sentimental vivido por Tamires, reflete um determinismo que expõe a ligação absolutamente afetiva que a jovem tem com esse lugar. As Paulistas de Tamires são palcos de manifestações políticas, que ela faz questão de frisar que as viveu, são lugares de termos e

inícios de relacionamentos, e também representam a diversidade, tanto humana, quanto culturas e sexual. São muitas as Paulistas de Tamires...

Não sem razão, no dia em que foi entrevistada, Tamires havia recém chegado com mais duas amigas da cidade de Santos; Tamires estava apresentado a Paulista às duas. A resposta à pergunta se ela indicaria ou não a Paulista como sendo um atrativo turístico da cidade tornou-se óbvia. No instante em que concedia a entrevista, suas amigas visitavam a Livraria Cultura, e Tamires esperava-as sentada num dos bancos da área interna do Conjunto Nacional, rodeada de mochilas.

A loja principal da Livraria Cultura no Conjunto Nacional, inaugurada no ano de 2007, já é uma das importantes referências culturais da Avenida Paulista, sendo recorrentemente lembrada pelos entrevistados. A loja ocupa o enorme espaço de 4.300 metros quadrados de área deixada pelo antigo Cine Astor⁷², e chega a receber um público diário de cinco mil pessoas.

Diante da grandiosidade do espaço interno da Livraria Cultura não há quem entre por primeira vez sem sentir-se extasiado. Os três pavimentos da livraria formam um grande centro cultural com cafeteria, banca de revistas, teatro, além de inúmeras seções destinadas à venda dos livros, CDs e DVDs. Poltronas e pufes espalhados pelo ambiente transformam a livraria em biblioteca e dão um toque acolhedor, convidando as pessoas a conhecer e ler as obras, sem restrições, dentro da própria loja.

Não sem razão, o escritor português José Saramago, ao entrar na loja da Livraria Cultura, do Conjunto Nacional, registrou em seu blog pessoal “O Caderno de Saramago”:

⁷² O Cine Astor chegou a ser considerado o maior e mais moderno cinema da cidade de São Paulo, inaugurado no ano de 1961, tinha capacidade de 1268 lugares e funcionou por 45 anos. Encerrou as atividades no ano de 2001, em completa decadência por falta de manutenção e investimento.

A última imagem que levamos do Brasil é a de uma bonita livraria, uma catedral de livros, moderna, eficaz, bela. É a Livraria Cultura, está no Conjunto Nacional. É uma livraria para comprar livros, claro, mas também para desfrutar do espectáculo impressionante de tantos títulos organizados de uma forma tão atractiva, como se não fosse um armazém, como se de uma obra de arte se tratasse. A Livraria Cultura é uma obra de arte.

Sem dúvida, essa “catedral do livro” merece não só a atenção de um dos mais importantes literatos do século XX, como foi Saramago, mas igualmente a atenção de todos que passarem pela Avenida Paulista.

A Livraria Cultura é uma parada obrigatória, seja para quem quer exercitar-se no ato do consumo, seja para quem busca a mais pura fruição cultural. Aos que desejam apenas contemplar seu espaço verdadeiramente espetacular, a livraria se apresenta como “obra de arte”.

Por falar em “arte”, Ricardo pensa que “obrigação moral” é conhecer o MASP (ver Figura 30), isso para quem é de São Paulo e para quem vem de fora. No entanto, mesmo tendo essa certeza, de que conhecer o Museu de Arte de São Paulo deveria constar, obrigatoriamente, no itinerário de todas as pessoas, Ricardo demonstra certa dificuldade ao tentar definir qual seria o primeiro lugar da Paulista que ele faria questão de acompanhar um amigo numa visita.

Figura 30. Ilustração do MASP. Fonte: CAFFÉ, Carla (2009, p.15).

Durante a entrevista, Ricardo acaba fazendo uma revelação bastante pessoal. Quando questionado sobre o que não gosta na Paulista, a resposta vem em tom, no mínimo, controverso: “Eu não gosto muito das pessoas, eu tenho algum problema com gente. Eu não gosto de gente”.

Todavia, esse posicionamento radical explica-se pelo tipo de pessoas a que Ricardo está se referindo, quer dizer, ele se refere a pessoas mal educadas que, no seu ponto de vista, estão por todos os cantos da cidade, e não apenas na Paulista.

De qualquer maneira, ao pensar em qual seria o primeiro lugar que levaria um amigo na Paulista, Ricardo acaba optando pelos bares de calçada (“botecos”, como os paulistas costumam dizer) situados numa badalada esquina da Avenida Paulista, conhecida como “prainha”. Ali está localizado um tradicional bar chamado “Prainha Paulista”, que leva esse nome por evocar uma atmosfera de rua praiana em plena Avenida Paulista.

O motivo da escolha de Ricardo? “Porque você vai sentar ali e vai ver o povo passar, todos os tipos de pessoas, não vai se trancar num lugar”. Mesmo arredio às pessoas, Ricardo não se furtaria da experiência de sentar com um amigo num bar de calçada da Paulista, para ver gente e sentir a “barulhação” (termo utilizado por Ricardo, para associar barulho e aglomeração) da avenida.

Assim como pessoas, o barulho é outro elemento que transborda na Paulista. Para Canevacci (1997, p.14), por exemplo, a cidade de São Paulo é um exemplo explícito da “cidade polifônica”, que se compara a um “coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, isolam-se ou se contrastam” (CANEVACCI, 1997, p.17).

Na opinião de Fernando, o som da Paulista é “progressivo”, nesse sentido, o entrevistado, que mora no interior do estado de São Paulo, numa pequena e tranquila cidade, escuta a Paulista como sendo um som que não cessa, e que, por não parar nunca, faz soar uma melodia moderna e transgressora.

Não raramente, o som da Paulista foi associado pelos demais entrevistados ao barulho provocado pelo trânsito de pessoas e, sobretudo, de veículos, ou seja, ao som do movimento.

Para Ariane, esse “lugar de movimento” que é a Paulista, também é, ao mesmo tempo, “o melhor lugar para pensar”. Em sua opinião, a Paulista “tem tudo”, e esse “tudo” descreve, de certa forma, o próprio paulista. No entendimento de Ariane, “todos” são os públicos da Avenida Paulista, o que não haveria de ser diferente, afinal, uma avenida que tem tudo, tem todos.

Essa variedade de público, essa mistura humana, é uma característica citada em larga escala pelos entrevistados. Trata-se de algo que o escritor José Arrabal denomina como sendo os “tipos” da Avenida Paulista. É claro que, na qualidade de

inventor de personagens, Arrabal se nutre dessa diversidade humana que dá vida à Paulista:

O movimento das pessoas é incrível. Você vê gente de todo o tipo, com todas as caras, de todos os lugares, andando pra lá e pra cá. Você vê desde o típico *office-boy* até o executivo, com aquele terno escuro, sóbrio, acompanhado de outros da mesma linhagem. Você vê moças de vestido, outras de calça, dois rapazes de mãos dadas, um casal de velhinhos japoneses... Isso tudo me fascina muito. No Conjunto Nacional, por exemplo, que é um lugar muito importante para mim, não só pela Livraria Cultura, que eu considero como se fosse a minha própria casa, mas, porque, às vezes, eu fico lá dentro só observando os tipos... E isso está ligado ao trabalho do escritor: observar tipos (informação verbal)⁷³.

Além de observar os tipos que passam pelo Conjunto Nacional, Arrabal revela que outro lugar pelo qual também sente grande apreço é o metrô. Na cidade que se arrasta pelo subterrâneo da metrópole paulistana, por debaixo de suas ruas e calçadas, há um movimento tão intenso e frenético quanto ao da cidade de cima.

O trecho da Paulista, que corresponde à linha verde do metrô de São Paulo, agita uma verdadeira profusão de tipos, transpondo à Paulista, todos os dias, um mar de gente. Dentre as quatro estações que servem à Avenida Paulista, a da Consolação (ver Figura 31) é a que mais seduz José Arrabal. Nela, o escritor inspira-se com os tipos românticos...

Gosto muito do metrô. Estou doido para fazer 65 anos, porque daí eu vou poder andar de metrô de graça [risos]. Olha, vou te contar, eu gosto demais do metrô. Há qualquer coisa no metrô da Paulista que me faz achá-lo mais carinhoso e mais bonito do que os outros metrôs. A estação de metrô da Consolação, então, tem uma atração especial para mim, porque, às vezes, eu vou até lá, na sexta ou no sábado à noite, só pra ver pessoas esperando suas namoradas ou seus namorados... 'À espera do amor'. Mas isso é coisa de escritor, sabe?! Porque acho que eu não sou mais nada, a não ser um escritor... Eu tenho até medo de um dia virar uma palavra (informação verbal)⁷⁴.

⁷³ Relato concedido por José Arrabal ao pesquisador. São Paulo, 2010.

⁷⁴ Idem.

Figura 31. Ilustração da Estação Consolação, subterrâneo da linha verde do metrô.
Fonte: CAFFÉ, Carla (2009, p.4).

O relato de José Arrabal revela outra questão interessante sobre a Paulista, a respeito do sentimento de segurança que a avenida lhe desperta. Arrabal diz: “às vezes, eu estou escrevendo de madrugada, e aí saio de casa pra tomar um café ou ir à farmácia. Atravesso a Paulista tranquilamente às 3 horas da manhã”. Em seguida, o escritor pondera: “essa sensação de segurança eu não encontro em outros lugares da cidade de São Paulo”.

A sensação de segurança que Arrabal alimenta em relação à Paulista, também se evidencia a partir das respostas de outros entrevistados. Para Lucas, jovem que mora na zona leste da cidade, uma das regiões mais inseguras de São Paulo, por conta da concentração de favelas, “São Paulo inteira é insegura”, mas na Paulista é diferente, ele consegue se sentir seguro.

Na concepção dos entrevistados, a Avenida Paulista é segura por conta de ser um lugar de grande circulação de pessoas, de um movimento de gente que, mesmo perdendo intensidade nas madrugadas, não para nunca, preenchendo as vinte e quatro horas do dia.

Ariane, entretanto, relembra o dia em que a avenida que nunca para, parou por causa da violência. Ela se refere aos ataques ocorridos em maio de 2006,

instaurados por uma facção criminosa que atua no estado de São Paulo, e se auto-intitula pela sigla “PCC”⁷⁵.

Sobre o episódio na capital paulista, Coelho (2008, p. 181) escreve que esse foi “o dia em que a incultura tomou conta”. O autor reflete com indignação o fato de ninguém, com exceção dos criminosos, ter reagido aos atentados, de não ter existido nenhum ato de indignação, nenhum movimento de união social. Coelho (2008, p. 183) descreve como “apatia e anomia” os dias de maio em que a violência paralisou São Paulo.

O interessante, neste caso, é como que a ausência de pessoas, a inércia instaurada como fator de contrariedade ao movimento, caracteriza tanto a incultura quanto à insegurança.

Quer dizer, assim como a cultura requer a ação humana, a segurança também a exige. Do mesmo modo, por ser fruto das ações humanas, o lugar está sensivelmente atrelado ao movimento, e deste depende a sensação de segurança que se absorve do lugar.

Na Paulista existe um espaço em que o movimento de pessoas é substituído exclusivamente pelo movimento dos carros que por ali transitam, esse espaço é conhecido como “buraco” da Paulista.

Trata-se de uma obra de engenharia urbana, situada no final da avenida, entre a Praça Marechal Cordeiro de Farias e a Rua Haddock Lobo, que serve para ajustar o fluxo de veículos que busca acesso à Av. Doutor Arnaldo, e desta à Paulista, passando por debaixo da Rua da Consolação⁷⁶.

⁷⁵ Os atentados, que espalharam terror entre a população e contabilizaram dezenas de mortes, sucederam-se, principalmente, contra a polícia, afetando de forma drástica o sistema de segurança do estado de São Paulo e a vida dos paulistas.

⁷⁶ A obra do Buraco na Paulista data do ano de 1971, do já referido “Projeto Nova Paulista”, instituído pelo então Prefeito Figueiredo Ferraz.

Com a pista rebaixada, aonde se forma um viaduto com paredes cobertas por desenhos de grafiteiros e pichadores⁷⁷, o buraco, como tantas outras obras de mesma função urbanística na cidade, acabou se tornando um espaço degradado e com aparência ameaçadora, servindo de abrigo para moradores de rua e usuários de drogas.

Contudo, Carla Caffé considera que dentre as ilustrações da Paulista, o Buraco é um de seus “desenhos mais geniais” (ver Figura 32). Demonstrando um apreço bastante especial por esse lugar, Carla relata:

Eu vejo o Buraco dos grafiteiros como um óculos de natação que dá vontade de colocar. Acho o lugar mais *pop*, mais legal da cidade de São Paulo. Para mim, sempre foi o lugar mais emocionante. Ele é super perigoso, mas mesmo assim eu me enfio dentro dele... Tem muito trânsito e uma moçadinha meio barra pesada lá dentro, mas, mesmo assim eu encaro (informação verbal)⁷⁸.

Figura 32. Ilustração do buraco da Paulista. Fonte: CAFFÉ, Carla (2009, p.1).

Não tão ameaçador, mas tampouco atrativo, é o Parque Trianon (ver Figura 33) na Avenida Paulista. Pode-se dizer que dentre os lugares da avenida, o parque foi o mais injustiçado pelos entrevistados na pesquisa de campo. Injustiçado porque uns sequer o citaram, e outros o trataram com certo desprezo.

⁷⁷ O buraco é considerado um dos principais pontos do grafite na cidade São Paulo. Em janeiro de 2007, o buraco teve seus 2200 metros quadrados de muro pintados por aproximadamente 150 grafiteiros, que se revezaram durante 48 horas para pintar um enorme painel em homenagem ao centenário da imigração japonesa.

⁷⁸ Relato concedido por Carla Caffé ao pesquisador. São Paulo, 2010.

Figura 33. Ilustração do Parque Trianon. Fonte: CAFFÉ, Carla (2009, p.14).

Para Ariane, por exemplo, o Parque Trianon está “perdido” ali na Paulista. De fato, se comparado a outros parques da cidade, como o Ibirapuera ou Villa Lobos, o Trianon até pode ser considerado um parque ausente na memória dos paulistanos.

Mas, para os jovens amigos que o escolheram para fazer um piquenique numa tarde de terça-feira, o Parque Trianon tem o diferencial da facilidade de acesso por conta do número de estações de metrô que servem à Paulista.

O fato de ser um parque pouco lembrado pelas pessoas reflete o tratamento que esse patrimônio da cidade tem recebido pelos órgãos públicos. Nota-se que a percepção que as pessoas têm do parque é fruto, bem mais, do desconhecimento do que da real condição do Trianon.

Alguns dos entrevistados alegam que o parque é pouco atrativo por conta de seu estado de conservação, por estar mal cuidado, sujo e faltar-lhe segurança. No entanto, a real situação do parque não é assim tão problemática, pelo contrário, o

Trianon tem manutenção diária, é limpo e não oferece maiores riscos a seus frequentadores, pois, está cercado por grades de ferro, possui vigilância e apenas duas entradas/saídas, uma ao lado da outra, dispostas à margem das calçadas da Avenida Paulista.

De maneira que as pessoas baseiam seus argumentos na falta de contato que elas têm com o parque, buscando, assim, desculpas para essa falta de interesse. Ocorre que há uma carência de planos municipais ou estaduais que visem integrar o Trianon ao cotidiano das pessoas que fruem a Avenida Paulista.

É bem verdade, porém, que aos finais de semana, e principalmente aos domingos, a presença de público no parque é bem mais expressiva. Aos domingos, essa maior visitação é influenciada por uma feira de artesanato montada na calçada da Avenida Paulista, em frente ao portão de entrada. O que prova que o parque é mais atrativo quando conta com o auxílio de outros instrumentos de atração.

Nos demais dias da semana, porém, sem o chamariz da feirinha domingueira, o parque é visivelmente pouco frequentado. Para algumas pessoas, é possível que a tímida atração despertada pelo Parque Trianon esteja relacionada a uma de suas características naturais.

O Trianon conserva uma mata bastante densa, com copas de árvores que se unem criando um telhado verde em cima de todo o parque, impedindo que entre luminosidade em abundância e reduzindo sensivelmente a temperatura interna.

Além da pouca luz e da baixa temperatura, fatores que provavelmente contribuam para essa falta de interesse das pessoas pelo Trianon, outra razão a ser considerada é levantada por José Arrabal:

O Parque Trianon é um negócio muito engraçado, porque, ao mesmo tempo em que tem um pessoal fazendo exercícios pela manhã, tem os garotos de programa que fazem ponto lá durante o dia, dentro e nos arredores. Então, me dá a impressão de que são dois parques:

um que é ponto de prostituição e outro que é o dos velhinhos que vão lá pra se exercitar ou passar o tempo. Eu acho que o Parque Trianon tá ligado a uma aura de ameaça por conta da prostituição que ronda aquele lugar. Sinceramente, eu prefiro ficar sentado dentro do Conjunto Nacional a ficar no Parque Trianon⁷⁹.

Em seu mais recente livro, “O Lobisomem da Paulista”, que apresenta contos voltados ao público juvenil, José Arrabal, no conto de título homônimo ao da obra, leva à Avenida Paulista a figura mitológica do lobisomem e, com efeito, é no Parque Trianon que a “ameaçadora” criatura vive.

Mas, impressões à parte, o lobisomem da Paulista, criado por Arrabal, não é uma fera maléfica, e sim um ser atormentado por uma fatídica história de amor. Em seu “causo”, Arrabal cria uma insólita lenda urbana para a capital paulista, ao contar a fabular história de um lobisomem cujo uivo é “mais triste que assustador”.

Na verdade, a história dessa criatura metamorfoseada, que percorre madrugada afora as ruas da Paulista e de suas adjacências, soa como uma homenagem íntima do autor aos lugares que compõem os itinerários de sua vida diária, a Geografia de seu mundo pessoal.

Eis que Arrabal (2010, p.7-8) escreve ao introduzir seu conto:

⁷⁹ Relato concedido por José Arrabal ao pesquisador. São Paulo, 2010.

São poucos os que ousam negar a sua existência. Alguns fogem do assunto. Muitos são os que afirmam ouvir o seu uivo intenso, ora em alguma esquina, canto da Bela Cintra, quarteirão da Itapeva ou na Carlos de Pinhal, sempre em madrugadas quentes já sem passantes nas ruas.

- É um uivo de coioote, longo, vibrante, vivo, que nem sirene noturna. Não é uivo de assustar – quem escuta tranquiliza.

Nas noites de forte chuva, sua sombra e seu latido acompanham a travessia, no percurso do metrô que vem da Consolação e alcança o Paraíso. Metroviários, contudo, tratam de desconversar quando são interrogados a respeito desta história.

Mas, não procedem assim os seguranças de empresas e os porteiros dos prédios, trabalhadores da noite na região da Paulista. Garantem e não desmentem os estranhos comentários que circulam na avenida. Os taxistas antigos, precavidos, sempre avisam e temem o grande cão que assusta os automóveis na Alameda Casa Branca. Há aqueles que evitam ir por esse trajeto, onde passam a contragosto mal começa a escurecer.

Há também os que asseguram que no verão esse cão percorre bem sossegado as calçadas da Augusta, num tranqüilo vai-e-vem entre a Luis Coelho e a Peixoto Gomide. Sem perturbar os boêmios, costuma satisfazer-se com pedaços de pão e a carne que lhe dão. Nessas mesmas madrugadas de calor e tempo seco ronda ainda o calçadão do outro lado da avenida e se mistura à moçada na agitação dos bares. Tem vez que vai à Itu, à Lorena, à Oscar Freire. Até mesmo vai além, sem meter qualquer temor.

Há, porém, os que advertem que se trata de animal sempre bravo e peludão. Que numa noite de chuva, furioso, ele atacou uma jovem solitária numa travessa que leva à Praça XIV Bis. Que de outra feita cercou e pôs em fuga apressada, perto do amanhecer, todo um bando de rapazes no pátio detrás do Masp.

Ciclistas da madrugada contestam essas histórias que consideram maldosas, tudo perversa invenção, calúnia por covardia. Confirmam que o lobisomem, com seu corpo Fila, em boa paz, animado, acompanha os que seguem pela pista da avenida guiando suas bicicletas. Entregadores de pizza nunca se incomodam. Muitos despreocupados, falam das tantas vezes que viram o lobisomem no decorrer da Paulista. Outros o ignoram, sem ter o que assuntar.

Fato ou mito, o que acontece gera sempre controvérsia, seja medo ou destemor entre a crença e a descrença.

A Avenida Paulista, apesar de sua importância e simbologia, foi e tem sido pouco explorada pela literatura, poesia, música e cinema, diferentemente de outras grandes avenidas do mundo, a Paulista foi pouco imortalizada pelas artes. O que, de fato, é uma pena, porque conteúdo e riqueza de personagens não lhe faltam.

A dívida para com a Paulista não se aplica somente às artes, dívida semelhante registra-se na academia. A escassa quantidade de pesquisas e obras de referência tendo como foco de estudo essa avenida, seus aspectos históricos,

sociológicos, geográficos, arquitetônicos, culturais, entre outros, não condiz com sua incontestável relevância.

Rica em histórias e em passado, a Paulista é um lugar que comporta lugares fantásticos, muitos dos quais estão assentados no imaginário de que vive a/na metrópole paulistana. Mas, o significado da Avenida Paulista também atravessa as fronteiras da cidade e do estado, permeando o imaginário de muita gente, nos mais longínquos rincões do país.

Para André, turista em visita a São Paulo, a Avenida Paulista “cala fundo no imaginário”. Símbolo, ícone, representação máxima da cidade, essas também são algumas das interpretações de quem a percebe de fora. Decerto, tais apreciações sobre a Paulista assemelhem-se às dos residentes, mas com pontos que destoam por a conectarem sobremaneira a uma identidade de “centro financeiro do país”.

Segundo Carvalho (2001, p.75), “ver a Avenida Paulista como o lugar dos grandes negócios, do grande capital, das grandes firmas, da grande especulação imobiliária, é uma grande simplificação de sua realidade”.

Essa simplificação enunciada pela atual paisagem da Paulista, por seu conjunto de imponentes edifícios que sediam poderosas instituições, não tem sido, e nem é, o foco de interesse dessa pesquisa. Mesmo que intimamente ligada à categoria de lugar, a paisagem da Paulista dialoga de longe com a ideia primordial que aqui vem sendo explorada: o elemento humano.

Não obstante, a paisagem da Paulista, assim como a de qualquer outro lugar urbano, reflete a ação do fator humano. No entanto, o estudo sob o qual se debruçou até o momento teve por interesse a caracterização da humanidade como agente qualificador deste fator humano e, da mesma forma, como substrato da categoria de lugar.

A humanidade, ela é que atribui à paisagem uma aura de lugar e o que dá vida ao espaço, tornando-o lugar.

No decorrer deste capítulo, apresentaram-se desenhos que retratam alguns dos lugares da Avenida Paulista. Diferentemente das pinturas de Maramgoní, nenhuma das gravuras, de autoria da desenhista Carla Caffé, exibe pessoas. Contudo, faz-se notar que os traços do elemento humano, presentes nessas gravuras, moram na leitura Humanista que a artista concede a esses lugares. São essas leituras, íntimas e particulares, que tornam os desenhos absolutamente humanizados.

As gravuras de Carla Caffé são resultados de um olhar que se mescla às suas percepções e experiências pessoais, sem dúvida, representações daquilo que ela vê, mas sob o crivo de suas emoções e vivências íntimas.

Ao contrário da desenhista, Maramgoní insere a figura humana nas paisagens de seus quadros que retratam cenas urbanas. A seu bel-prazer, o artista introduz pessoas que não estavam presentes nas fotos sob as quais ele se baseou para pintar os lugares. Mesmo que procurando registrar a arquitetura desses lugares com o máximo de acuidade, Maramgoní introduz o elemento humano em suas telas a partir de seu senso criativo particular.

Por sua vez, Carla Caffé opta por ocultar as pessoas de seus desenhos, mas insere elementos figurativos que atribuem características íntimas a esses lugares. Aliás, características que reproduzem tanto particularidades do próprio lugar, quanto percepções da artista a respeito destes.

Por exemplo, a Casa das Rosas é adornada pelas flores que lhe sugerem o nome: rosas que ainda hoje embelezam o jardim da mansão; um olhar em raio-x do MASP, deixa transparecer algumas das obras de arte ali resguardadas; o casarão

de Joaquim Franco de Mello abriga decalques de uma coleção particular da desenhista; por ser um dos lugares da cidade que mais lhe chama a atenção, a ilustração do Buraco da Paulista é vibrante em movimento e cores; o Parque Trianon, no entanto, sugere apenas uma sombria bifurcação...

Essas duas formas de representação artística, desenho e pintura, revelam as matizes da humanidade do lugar, sejam elas literais e/ou figurativas. Ora, o maior excedente desse lugar chamado Avenida Paulista, bem mais do que concreto ou asfalto, é o da humanidade que abastece seu dia a dia. É a partir desse excesso que se pode pensar no “movimento” e na “diversidade” que tão bem a caracterizam.

Ao contrário do artista que interfere de várias maneiras em sua pintura ou desenho, a fim de fazer valer aspectos que estejam mais ligados à criatividade e à imaginação do que à representação exata da cena, o fotógrafo tem na força de seu instrumento de trabalho um compromisso mais rigoroso com os fatos.

Para Jefferson Coppola, repórter fotográfico do jornal Folha de São Paulo, a fotografia significa aproximação. Explorando esse entendimento, Coppola relata:

Eu aprendi fotografia chegando perto do assunto. Se a foto não ficou boa é porque não cheguei perto o suficiente da cena. Apesar de a imprensa pedir uma visão mais geral, o que me encanta é a possibilidade de ver uma coisa de longe e conseguir chegar perto para registrá-la, sentir o cheiro, o barulho, etc. (informação verbal)⁸⁰.

Em matéria realizada para a “Revista da Folha”, extinto suplemento dominical da Folha de São Paulo, publicada em novembro de 2009, os jornalistas Jefferson Coppola e Gustavo Fioratti registraram um período de 24 horas ininterruptas, passadas na Avenida Paulista.

⁸⁰ Relato concedido por Jefferson Coppola ao pesquisador. São Paulo, 2010.

A experiência dos dois repórteres, transcrita por Fioratti e retratada por Coppola, rendeu a reportagem de capa da revista, intitulada: “Paulista 24 horas: Cenas, histórias e personagens da avenida-símbolo de São Paulo” (ver Anexo A).

A partir de um mosaico de cenas e ocorrências, a matéria descreve o passar de um dia na Avenida Paulista. Das seis horas da manhã de uma sexta-feira, às seis horas da manhã de um sábado, os repórteres estiveram atentos ao ritmo intenso e ao compasso acelerado dessa avenida.

As fotos apresentadas na reportagem fazem um panorama da diversidade e do movimento que preenchem as horas da Paulista. Aliás, a captação do intenso movimento da Paulista foi uma das maiores preocupações de Coppola, ao assumir a tarefa de retratá-la.

Na reportagem sobre a Paulista, eu busquei o inusitado. Mas uma das minhas principais preocupações era com a aglomeração, porque eu achava que era importante conseguir captar o movimento da avenida. Muita coisa eu deixei de fotografar, porque acontecia tudo ao mesmo tempo, e nem sempre eu estava preparado para registrar a cena sob o melhor ângulo e luz. A Paulista é uma loucura, tem sempre alguma coisa acontecendo, se não é por cima é por baixo... Sempre tem gente trabalhando, sempre tem alguma coisa para acontecer com o objetivo de acontecer (informação verbal)⁸¹.

Para um fotógrafo que diz pensar incessantemente no “ápice do movimento”, a missão de registrar o frenesi da Paulista, certamente, deve ter significado uma aventura estimulante. Quando questionado qual é a sua imagem da Paulista atualmente, depois de seu trabalho para o jornal, Coppola responde:

⁸¹ Relato concedido por Jefferson Coppola ao pesquisador. São Paulo, 2010.

A minha imagem da Paulista é uma via reta, cheia de prédios, entrando luzes por frestas que iluminam um imenso trânsito de pessoas. Essa é uma característica importante da avenida, as pessoas estão sempre indo e vindo (informação verbal)⁸².

Mais uma vez, o que se faz notar é o movimento, o trânsito, o ir e vir de pessoas. Assim são as vinte e quatro horas da Paulista. Assim também são as mais de oito mil horas que dão repertório a um ano inteiro dessa avenida... Sempre repleta de gente, e por assim dizer, recheada de vida.

Recheio, aliás, que Ignácio de Loyola Brandão (2002, p.08) caracterizou com absoluta propriedade:

Desde que aqui cheguei costume, ao menos uma vez por semana, andar por ela [pela Avenida Paulista], de ponta a ponta. [...] Quantas vezes contei meus passos de homem de 1,70 metros. De ponta a ponta são 3.818. Outros com pernas compridas darão passos maiores, talvez. [...] Andar pela Paulista, a avenida dos protestos dos sem-tetos, dos sem-terras, a passarela do Gala Gay, o palco para torcedores campeões extravasarem a euforia por campeonatos. A rua das antenas de rádio e tevês, e dos centros culturais que se esparramam.

Ando por ela, muitas vezes, ao meio-dia, tentando ouvir a célebre sirene comprada na Europa pelo jornalista Casper Líbero e que, por anos, tocou no alto do prédio inacabado, o famoso 900 da Paulista. Não ouço mais. Silenciou ou o ruído da cidade não me deixa ouvir? Mitos caíram, outros se formaram. Grandeza e decadência. Mutação. Paulista, uma rua viva, nervosa, inquieta, cheia de si, louca, divertida, paradoxal, narcisa. Talvez por tantas contradições eu a ame. Talvez por tantas incoerências ela represente, como nunca, esta cidade. Síntese do Brasil e suas transformações. Nobre, aristocrática, plebéia, brega, elegante. Nunca monótona, jamais entediante. Cheia de adrenalina, sempre.

É um engano achar que apenas o terno e a gravata dão o tom da moda na Paulista; Que os passos apressados são a exclusividade de suas calçadas... A diversidade contradiz essas duas falsas noções, e é a prova de que o movimento de pessoas que existe na Paulista não se enquadra dentro de nenhuma simplificação descritiva ou de imagem.

⁸² Relato concedido por Jefferson Coppola ao pesquisador. São Paulo, 2010.

Os idosos estão por lá, todos os dias. São facilmente vistos pelo Parque Trianon ou pelo vão livre do MASP, pensando na vida e tomando um pouco de sol, sempre que este resolve dar as caras no nebuloso céu da metrópole.

Os jovens, por sua vez, estão em maioria e circulam por todos os lados da avenida, dia e noite. Aliás, a noite da Paulista é dominada por eles. Sozinhos ou em bandos, os jovens invadem-na com seus skates e tribos, transformando-a numa profusão de costumes dionisíacos.

Skatistas, grafiteiros, punks, hippies, *rappers*, roqueiros, “baladeiros”, “moderninhos”, *clubbers*, *fashionistas*, “emos”, gays, “mauricinhos”, “patricinhas”, só para citar alguns dos gêneros e arquétipos humanos que transitam pela madrugada da Avenida Paulista, por suas travessas e encruzilhadas.

Durante as manhãs e tardes, todas essas figuras se misturam para compor a multidão de pessoas que transforma a Avenida Paulista num lugar de todos: dos trabalhadores, aposentados e desempregados; dos executivos, empresários e ambulantes; dos estudantes, vagabundos e turistas...

Essas pessoas que por ali passam, com ou sem destino certo, fazem da Paulista um lugar de seus itinerários pessoais. Todas estão envolvidas na realização desse lugar chamado Avenida Paulista. Há quem o realize como o melhor lugar do mundo, mas há também quem a veja como o pior. Há quem faça da Paulista sua própria casa, e há os que sequer encontraram na vida um lugar para chamar de lar.

Toda essa gente vive em busca de um lugar melhor, de um lugar no mundo, um lugar dos sonhos, que seja mais humano e menos indiferente. A Paulista é um lugar a ser levado às últimas consequências, a ser “sentido com os músculos e os ossos”, parafraseando Tuan (1980). Como sentimento de lugar, a Avenida Paulista enuncia e reverbera recordações d’outrora, certezas de hoje e esperanças futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um indivíduo pode cultivar o sentimento de que, apesar de todos inconvenientes, a cidade de São Paulo ainda é um bom lugar para viver. Já a Avenida Paulista, ah, esta reúne uma porção de indivíduos que a considera um dos melhores lugares do mundo.

Decerto, as pessoas que conhecem a Paulista profundamente são capazes de lhe atribuir uma dimensão afetiva de lugar. Ela está repleta de coisas que a torna agradável para muita gente: tem seus lugares de cultura e de lazer, tão convidativos à diversão e ao envolvimento; tem as calçadas largas, propícias para o passeio e para o encontro social; os prédios e escritórios que abrigam os afazeres de tantas pessoas...

Pessoas, isto é o que a Avenida Paulista mais tem. Tem gente de todo os estados do Brasil, e de muitos outros países. E é claro que a Paulista também está cheia de paulistanos e paulistas. Estes, por sinal, se sentem intensamente envolvidos com essa avenida chamada pelo mesmo nome que designa o povo do estado de São Paulo.

O sentimento de pertencimento une o paulista e a Paulista, como se ambos fossem um só organismo: diverso, complexo, vivo. Alguém ousaria dizer que os lugares não são como as pessoas?

Ora, lugares são pessoas, porque as pessoas são os lugares. Ah, o lugar... A mais humana das categorias geográficas.

Espera-se que estas palavras finais não representem um ponto final; quiçá reticências por algo que ainda tem muito o que dizer e ser estudado... Por certo, não se pode esperar que ao término de uma pesquisa em ciências humanas, o universo estudado tenha sido dissecado pelo pesquisador.

A fertilidade dos assuntos concernentes às humanidades não se esgota, ao contrário, sinaliza novas perspectivas. Estas hão de inspirar outros enfoques, fundar abordagens diferenciadas, multiplicar as reflexões, aprofundá-las, debatê-las, etc.

No tocante à ciência, isso é o que deve se suceder à pesquisa, para que esta subsista como produto acadêmico valorativo. Particularmente sobre esta pesquisa, assume-se que, por diversas vezes, o estudo apresentado ousou transitar por terrenos de acesso restrito na ciência, mas sempre em busca da valoração.

Foram inúmeros os momentos em que se evocou a criatividade, a poética e as expressões artísticas, como forma de se alcançar os objetivos. Não foram poucas, também, as circunstâncias em que se apelou a uma visão transdisciplinar, tão necessária na academia, mas tão pouco empregada.

Engana-se aquele que pensa que atingir uma densidade racionalista, mediada pela lógica e pela objetividade, é mais complexo e/ou científico do que alcançar uma dimensão humanista.

O processo evolutivo das ideias que alimentam o pensamento humanista se faz por caminhos intrincados. O desvelamento das questões que envolvem o humano gera um forte conflito de ideias, pois exige apuro de conhecimento estético, porque a humanidade é bela, ao mesmo tempo em que clama pelo conhecimento analítico, porque o homem é um ser complexo.

Logo, o Humanismo depende não só de um pensamento instruído, como também de um posicionamento espontâneo. De maneira que o enfoque situado

nessa perspectiva não poderia abrir mão nem da imaginação, nem, muito menos, do entrelaçamento disciplinar.

No decorrer de toda a pesquisa, a ciência geográfica e o estudo do lugar estiveram sob as lentes do enfoque humanista. Decerto, esse ponto adquire um sentido peremptório para o entendimento dessas linhas finais.

Todas as reflexões trazidas até aqui respondem a um posicionamento: a um modo de ver as coisas, de tratar as pessoas e de conhecer os lugares. Estes, no entendimento humanista, são tão complexos quanto o próprio homem; porque são tão humanos quanto a própria humanidade.

O amor pelo lugar, a topofilia, é um sentimento que o ser humano constrói para o outro, ou para si mesmo. Ninguém ama um espaço sem sentido, sem história, esvaziado de nostalgias e recordações. Normalmente, todos esses sentimentos estão relacionados às pessoas. O lugar é uma expressão sentimental que remete às experiências d'outora e aos indivíduos que estiveram envolvidos em sua realização.

As lembranças do lugar predileto nunca se desassocia dos sentimentos. O lugar mais importante da vida de um homem é aquele que ele leva por toda sua existência, entranhado em seus afetos e sonhos.

A recordação desse lugar está gravada no coração do indivíduo e não em seu intelecto. É por isso que os lugares mais queridos são conhecidos de cor, no sentido da expressão idiomática “saber de coração”.

O coração dimensiona os lugares, e nesse sentido é capaz de comportar o mundo todo: imensidão e intimidade convivendo em pacífica aliança.

Objetivamente, entretanto, o lugar exige reconhecimento, não só locacional, mas experiencial. Os lugares da vida de outrem só se realizam a partir dos acontecimentos que se alastram tempo afora.

Os sentimentos que o homem nutre pelos lugares são registros de suas experiências, uma vez que estas constituem o cerne de cada lugar. No entanto, a quintessência dos lugares é a própria vida humana, é a partir dela que os lugares se realizam e é para ela que eles permanecem existindo e coexistindo.

O lugar é sempre humano, do princípio ao infinito de sua existência...

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo. 1957. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1957.
- ARRABAL, José. O lobisomem da Paulista. In. José Arrabal. **O lobisomem da Paulista e outras histórias para o ano inteiro**. Ilustrações de Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2010.
- ARRUDA, Pedro Vaz de; COSTA, Rui Alexandre Correia. O estético é estático. **Revista Cidade**. Revista do Departamento do Patrimônio Histórico. Ano 2, nº 2, p. 38-39, nov. 1995.
- ASSUNÇÃO, Silvana. Tributo a Figueiredo Ferraz. **Revista Cidade**. Revista do Departamento do Patrimônio Histórico. Ano 2, nº 2, p. 5-31, nov. 1995.
- AUSTER, Paul. **A trilogia de Nova York**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 337p.
- AZEVEDO, Ana Francisca. Geografia e Cinema. In. SARMIENTO, J; AZEVEDO, A. F de; PIMENTA, J. R. (coordenação). **Ensaio de Geografia Cultural**. Porto: Figueirinhas, 2006. p.1-19.
- AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro. Geografia Cultural circa 2000 d.C. In. SARMIENTO, J; AZEVEDO, A. F de; PIMENTA, J. R. (coordenação). **Ensaio de Geografia Cultural**. Porto: Figueirinhas, 2006. p.1-19.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BACHELARD, Gaston. O labirinto. In. _____. **A terra e os devaneios do repouso**. Ensaio sobre as imagens da intimidade. 1ª. Ed. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.
- BALZAC, Honoré de. **Ferragus**. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.
- BARDI, Lina Bo. O novo Trianon, 1957-67. Mirante das artes, Etc. nº. 5, set/out. São Paulo, 1967.
- BARDI, Pietro Maria. **História do MASP**. São Paulo: Empresa das Artes, 1992.

- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. 3ª reimpressão (Obras escolhidas; v.2). Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BERMAN, Marshall. **Um século em Nova York**: espetáculos em Times Square. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BONNEMAISON, Joël. **Culture and Space**: conceiving a new cultural geography. Introduction by John Agnew. Translation: Josée Pénot-Demetry. New York: I. B. Tauris & Co. Ltd., 2005.
- BONNEMAISON, Joël. **Les gens des lieux**: Histoire et Géosymboles d'une société enracinée: Tanna. Paris: Éditions de l'Orstom, 1997.
- BORGES, Jorge Luis. **Fervor de Buenos Aires**. Buenos Aires: Emece Editores, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. (org.). **As cidades da Cidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Sempre adrenalina, nunca o tédio. D'alessios, Vito; Soukef, Antonio; Albarello, Eduardo. **Avenida Paulista**: a síntese da metrópole. São Paulo: Dialetto Latin American Documentary, 2002.
- BUENA VISTA SOCIAL CLUB. Direção: Wim Wenders. Produção: Road Movies/Filmproduktion – Berlin. Personagens: Ry Cooder, Joaquim Cooder, Ibrahim Ferrer, Rubén Gonzales, Omara Portuondo, Compay Segundo e outros. 1998, 90 min., color., 35 mm.
- BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: Christofletti, Antonio; (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p.165-193.
- BUTTIMER, Anne. **Geography and the human spirit**. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1993.
- CAFFÉ, Carla. **Av. Paulista**. São Paulo: Cosac Naify/Edições SESC, 2009
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 10ª reimpressão. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Imaginários culturais da cidade. In: Teixeira Coelho (Org.) **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.
- CARLOS, Ana Fani A. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. 1. ed. SÃO PAULO: EDUSP, 1994.

- CARLOS, Ana Fani A. **Espaço-tempo na metrópole**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2001. 368 p.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.
- CARVALHO, P. F. de . Lazer e turismo em espaços urbanos: o caso da Avenida Paulista - SP. In: FARIA, Ivani Ferreira de. (Org.). **Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local**. 1 ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001, p. 73-100.
- CASSIRER, Ernst. O mundo humano do espaço e do tempo. In. **Ensaio sobre o Homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos Estudos Geográficos. In: Christofolletti, Antonio; (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- CINEMA PARADISO. Direção: Giuseppe Tornatore. Produzido por Salvatore Cascio. Coprodução franco-italiana, RAI/TRE. Les filmes Ariane – Cristal di film. Intérpretes: Philippe Noiret, Jacques Perrin, Salvatore Cascio, e outros. Música de Ennio Morricone. Roteiro: Giuseppe Tornatore. 1988, 124 min., color.,35 mm.
- COELHO, Teixeira. O dia em que a incultura tomou a cidade. In. Teixeira Coelho (Org.) **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.
- COLIN, Jones. **Paris: biografia de uma cidade**. Tradução de José Carlos Volcato e Henrique Guerra. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- D'ALESSIOS, Vito; SOUKEF, Antonio; ALBARELLO, Eduardo. **Avenida Paulista: a síntese da metrópole**. São Paulo: Dialeto Latin American Documentary, 2002.
- DAMIANI, Amelia Luisa . Urbanização crítica e situação geográfica a partir da metrópole de São Paulo. In: Ana Fani Alessandri Carlos; Ariovaldo Umbelino de Oliveira. (Org.). **Geografias de São Paulo**, 1 Representação e crise da metrópole. 1.ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, v. 1, p. 19-58.
- DAMIANI, Amelia Luisa . A Crise da Cidade: os Termos da Urbanização. In: Amélia Luisa damiani; Ana Fani Alessandri Carlos; Odette Carvalho de Lima Seabra. (Org.). **O Espaço no Fim de Século: a nova raridade**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 1999, v. 1º, p. 118-131.
- DARDEL, Eric. **L'homme et la terre. Nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

- DICKINSON, Emily. **Poemas escolhidos**. Tradução de Ivo Bender. Porto Alegre: L&PM Pocket Plus, 2007.
- DRUPAT, Carolina. **MASP, São Paulo**. Coleção Folha Grandes Museus do Mundo. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2009.
- ENTRIKIN, Nicholas J. O Humanismo em Geografia. Boletim de Geografia Teórica. Rio Claro, 10 (19), p. 5-30, 1980.
- ENTRIKIN, Nicholas J. **The betweenness of place**: towards a geography of modernity. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1991.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: Vicente Del Rio e Livia de Oliveira (orgs.). **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza. (orgs.). **Turismo: Espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- FRÚGOLI JR., H. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 264 p.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; (et. al.). **São Paulo imaginado**. Convenio Andrés Bello. Distribuidora y Editora Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, S.A., 2006.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana; CORGOSINHO, Rosana Rios. Recortes de lugar. Geografias: Revista do Departamento de Geografia, UFMG – Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 7-21, jan/jun 2006.
- HOLZER, Werther. A Geografia Humanista anglo-saxônica - de suas origens aos anos 90. Revista brasileira de Geografia. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 90-109, jan/dez, 1993.
- HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. Revista Território. Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p.67-78, jul./dez. 1999.
- HOLZER, Werther. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: Zeny Rosendal e Roberto Lobato Corrêa (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1986.
- IANNI, Octavio. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- IZIDORO, Alencar. Casarão da Paulista teve tombamento cancelado. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 set. 2010. Cotidiano, p.7.
- KOOLHAAS, Rem. **Nova York delirante**: um manifesto retroativo para Manhattan. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.
- KONDER, Leandro. **Sobre o amor**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- LA BLACHE, Vidal de. As características próprias da geografia. In: Christofolletti, Antonio; (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, nº 19, p. 20-28, jan/abr, 2002.
- LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, nº24, pp.109 – 123, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrine. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1989.
- LIMENA, Maria Margarida C. **Avenida Paulista, imagens da metrópole**. São Paulo: EDUC, 1996.
- LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: Christofolletti, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Maria C. T. Afonso. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor (Org.) ; TORRES, L. L. (Org.) . **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. 2. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000. v. 1. 320 p.
- MAGRITTE, René. **Centenary Exhibition**. Royal Museums of Fine Arts of Belgium. Belgium: Ludion, 1998. 335p.
- MARQUES, Gabriel. A Avenida do Caaguaçu. In:_____. **Ruas e tradições de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1966.
- MARANDOLA JR. Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. Geografia. Londrina, v.12, n.2, p. 5-19, jul/dez, 2003
- MARANDOLA JR. Eduardo. Tempo e espaço cotidiano – crônicas de um tecido inacabado. In. Eduardo Marandola Jr.; Lúcia Helena Batista Gratão (Org.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In. Arantes, Antonio A. **O espaço da diferença**. Campinas: Ed. Papirus, 2000, p.176-186.
- MATOS, Olgária. Tempo sem experiência. Conferência apresentada no programa “Invenção do contemporâneo”. TV Cultura, jun/2009.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. A Geografia Humanista: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. Revista Brasileira de Geografia. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE. Rio de Janeiro, v.52, n. 4, p. 91-114, out/dez, 1990.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yu-Fu Tuan. In. Zeny Rosendal e Roberto Lobato Corrêa (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- MESGRAVIS, Laima. A elite cafeicultora e a estrutura social paulista. Anais do II Congresso de História de São Paulo. Organização: Prof. Edgard Carone. São Paulo, 1975.
- MEURIS, Jacques. René Magritte 1898 – 1967. Redação e produção: Beatrix Shomberg. Tradução: Casa das Línguas, Ltda. Printed in Spain: Benedict Taschen Verlag GmbH, 1999. 216p.
- MONGIN, Oliver. **A condição urbana**: a cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- MORAES, Flávio Luiz Marcondes Bueno de. Estudo Crítico e Histórico da Avenida Paulista. 1995 p.215 Dissertação (Mestrado) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1995.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.
- NERUDA, Pablo. **Memorial de Isla Negra**. Tradução de José Eduardo Degrazia. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma interpretação fenomenológica na geografia. In. Silva, Aldo Dantas da. ; Galeno, Alex. (organizadores). **Geografia**: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- NORA, Pierre (org.). **Les lieux de mémoire**. Vol. 1: La République. Paris: Gallimard, 1984.

- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- OLIVEIRA, Livia de. Percepção e Representação do Espaço Geográfico. Percepção Ambiental: a experiência brasileira. In. Vicente Del Rio e Livia de Oliveira (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- OLIVEIRA, Marcelo Nahuz. Avenida paulista: a produção de uma paisagem de poder. In. ARANTES, Antonio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Ed. Papirus, 2000, p.176-186.
- PALERMO, Shooting. Direção: Wim Wenders. Produção: Neue Road Movies GmbH. Alemanha. Intérpretes: Campino, Giovanna Mezzogiorno, Dennis Hopper, Lou Reed e outros. Roteiro: Wim Wenders. 2008, 124 min., color.,35 mm.
- PARIS, Texas. Direção: Wim Wenders. Produção: Road Movies/ Filmproduktion – Berlin/ Argos Films- Paris. Alemanha/França. Intérpretes: Harry Dean Staton, Nastassja Kinski, Dean Stockwell, Aurore Clement, Hunter Carson e outros. Roteiro: Sam Shepard. 1984, 148 min., color.,35 mm.
- POCOCK, Douglas C. D. 1981. Place and the Novelist. Transactions of the Institute of British Geographers. New Series 6, 337-347.
- PRADO JR. Caio. **Evolução Política do Brasil e outros estudos**. 8ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1972.
- QUINTANA, Mario. **Poesia completa** – homenagem ao centenário do poeta. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005.
- RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. Revista Geografia, 4 (7), 1-25. Abril 1979.
- RODRIGUES, Adyr A. Balastreri. Espaços de turismo e de lazer urbano - uma leitura geográfica. Revista Aportes y Transferências, v.1, p.22-42, 2007.
- RODRIGUES, Adyr A. Balastreri. Lazer e espaço na cidade pós-industrial. Revista Licere, Belo Horizonte, CELAR-UFGM, v.5, n.1: p.149-164, 2002.
- RODRIGUES, Adyr A. Balastreri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- ROUX, Michel. O re-encantamento do território (o território nos rastros da complexidade). In. SILVA, Aldo Dantas da. ; GALENO, Alex. (organizadores). **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 42-66.
- SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

- SANTOS, Milton. **Por uma Economia Política da Cidade**. São Paulo: Hucitec/EDUSC, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário. Psicologia fenomenológica da imaginação**. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- SCARLATO, Francisco. Busca do centro – o reencontro com a cidade. In: CARLOS, Ana Fani A.; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (organizadores). **Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SHIBAKI, Viviane Veiga. Avenida Paulista: da formação à consolidação de um ícone da metrópole de São Paulo. 2007 p.198 Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SOUZA, Maria Adelia. **A Identidade da Metrópole - A Verticalização em São Paulo**. 01. ed. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1994. 230 p.
- STEFANI, Eduardo Baider. A geografia dos cinemas no lazer paulistano contemporâneo: redes de cinema multiplex e territorialidade de cinemas de arte. 2009 p.298 Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009
- TOURINHO, Andréa de O. Centro e centralidade: uma questão recente.. In: CARLOS, Ana Fani A.; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (Org.). **Geografias das Metrópoles**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, v. 01, p. 277-299.
- TOLEDO, Benedito Lima de. **Álbum iconográfico da Avenida Paulista**. São Paulo: Ex-Libris/ J. Fortes Engenharia, 1987.
- TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: Três cidades em um século**. 3. ed. São Paulo: Cosac & Naify, Duas Cidades, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- TUAN, Yi-Fu. **Scapism**. Autor: Yi-Fu Tuan. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1998.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1980.
- URSINI, M. Entre o Público e o Privado: Os espaços francos na Avenida Paulista. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

- VALMORBIDA, Nedli Magalhães. Uma leitura do espaço da casa na obra de Mario Quintana: um convite ao devaneio. 2007 p.133 Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade de Santa Cruz, Rio Grande do Sul, 2007.
- VIÉGAS, Fernando Felipe, Conjunto Nacional: A construção do espigão central. 2003 p.315 Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- WU, Chin-tao. Privatização da cultura. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2006

APÊNDICE

Apêndice A – Transcrição das entrevistas

Para um melhor aproveitamento da leitura e compreensão das entrevistas transcritas integralmente a seguir, faz-se oportuno levar em consideração algumas orientações prévias, são elas:

Todas as interferências feitas pelo pesquisador/entrevistador na transcrição das respostas dadas pelos entrevistados estarão delimitadas pelo sinal gráfico de colchetes “[]”.

O sinal de parênteses “()” será utilizado nos casos em que o próprio entrevistado fizer uma interrupção, desvio ou digressão da frase a fim de acrescentar informações de relevância.

Optou-se pelo excessivo uso do sinal de reticências “...” para melhor expressar as pausas, hesitações e descontinuidades presentes na elaboração das respostas dadas pelos entrevistados, servido, quase sempre, para dimensionar a emoção e os ímpetos de subjetividade que compõem o pensamento de cada indivíduo.

Sobre o início das respostas dos entrevistados, logo após a formulação da pergunta elaborada pelo entrevistador, considerou-se um tempo normal para o entrevistado começar a responder a pergunta como sendo de até oito segundos passados imediatamente após a pergunta ser finalizada.

As respostas que comecem a ser respondidas dentro de no máximo oito segundos, não apresentarão referência ao tempo de início de resposta dada pelo entrevistado.

No entanto, para auxiliar numa leitura mais realista das entrevistas, optou-se por sinalizar o início de algumas das respostas dadas pelos entrevistados, indicando a demora do tempo para a resposta começar a ser elaborada imediatamente após a finalização da pergunta feita pelo entrevistador.

As indicações farão referências às respostas imediatas, ou seja, que não tiveram nenhum segundo de espera ao final da elaboração da pergunta, indicando, assim, rapidez na assimilação à pergunta, pleno acordo ou pleno desacordo do entrevistado. E também será feita referência às respostas que tiverem os seus níveis de demora marcados acima de oito segundos, indicando maior lentidão no processo de assimilação do questionamento, impacto ou esforço diferenciado do entrevistado para encontrar a melhor resposta diante da concretização da pergunta.

Logo, nesses dois casos, as respostas estarão precedidas por sinais de referência ao seu tempo de demora, representados respectivamente da seguinte maneira:

[IIR] “Início Imediato de Resposta”. Resposta iniciada imediatamente ao término da pergunta;

[IDR] “Início Demorado de Resposta”. Início demorado para a resposta começar a ser oralizada pelo entrevistado, com marca de tempo acima de oito segundos;

Exemplo: Entrevistador – Você gosta da Avenida Paulista?

Entrevistado – [IIR] Sim.

Entrevistador – Por quê?

Entrevistado – [IDR] Ah, porque eu me sinto bem aqui.

Entrevistada Ariane

Local de aplicação da entrevista: Área interna do Conjunto Nacional

Dia: 27 de agosto de 2010, sexta-feira, às 19h05min

Nome: Ariane Idade: 24

Ocupação: Publicitária

Escolaridade: Curso superior completo

Local de Residência: Bairro de Cerqueira Cesar, São Paulo – SP (Natural de São Paulo, SP)

Entrevistador: Se eu pedir para que você pense num lugar da cidade de São Paulo, qual é o primeiro que vem à sua cabeça?

Ariane: Parque Villa Lobos

Entrevistador: Ok, você deve ter os seus motivos para ter pensado primeiramente no Parque Villa Lobos. Mas, e se eu pedir para que você pense na Avenida Paulista...

Ariane: [IIR] Certo.

Entrevistador: O que é a Paulista, para você?

Ariane: É um lugar de movimento. É o melhor lugar para pensar... tem um monte de gente diferente, tem estímulo para usar a criatividade. Isso é sensacional para quem é publicitário. É o que eu preciso: estímulos de criatividade. Tem tudo! Tem o astral da Paulista, a correria da Paulista... A Paulista descreve o paulista, é simples!

Entrevistador: Como assim “descreve o paulista”?

Ariane: Se você for para qualquer estado do Brasil, quando eles falam assim: a Paulista é o quê? É correria, é fria, é cinza... exatamente como dizem que é São Paulo. Você também tá descrevendo o paulista. Correria! A gente tá no centro financeiro de São Paulo...

Entrevistador: E você concorda com essa descrição que as pessoas fazem do paulista?

Ariane: Mais ou menos. O paulista não tem como não ser uma pessoa corrida, não tem como não ser um pouco frio. Você vai para o Nordeste, e é tudo lindo, é calor, tem praia, é outra temperatura. São Paulo é corrido mesmo...

Entrevistador: E você acha que a Avenida Paulista expressa esse modo de vida corrido do paulistano?

Ariane: [IIR] Sim, sim. Por exemplo: agora tá acontecendo um ensaio fotográfico no meio da Paulista, você vê a galera passando e a galera não dá atenção pra isso. Se você vai pro interior de São Paulo, vai pra Ribeirão Preto, por exemplo, você para a cidade se você está fazendo isso. Assim, quando eu faço evento no interior de São Paulo, é um inferno, porque o evento para a cidade inteira, movimentando a cidade inteira, e São Paulo não. O cara tá praticamente nu na Paulista, e a galera tá passando, olhando, ‘ah, legal!’, ‘tá bom’, e sai andando, não tá nem aí, e o cara tá lá só de calça social e sem camisa.

Entrevistador: O que pararia a Paulista? Que evento pararia a Paulista?

Ariane: Parada Gay. Parada Gay para a Paulista.

Entrevistador: Você já participou da Parada Gay?

Ariane: [IIR] Todos os anos. Isso para. Violência para a Paulista. Como aconteceu há dois ou três anos, com o ataque do PCC [Ariane refere-se aos ataques do PCC, ocorridos em maio de 2006]. Eram seis horas da tarde e não tinha um carro na Paulista. Parou a Paulista! Parou São Paulo... São Paulo inteira parou por causa da violência, porque o PCC tava invadindo geral... Três horas da tarde e as empresas estavam liberando a galera para ir pra casa, porque estavam com medo de que acontecesse qualquer coisa. Eu lembro que eu cheguei em casa do trabalho, liguei a tv e o jornal dizia assim: “É inédito, são seis horas da tarde e não tem trânsito na Paulista”. Não tinha nenhum carro. Não tinha uma alma na rua. Isso parou a Paulista... Foi um inferno! Parou. Parou a Paulista! Foi o único dia que eu vi a Paulista completamente parada.

Entrevistador: Foi um inferno ou foi uma paz?

Ariane: [Risos] Foi uma paz pelo silêncio, pela calma que isso gerou, mas foi um inferno pela tensão.

Entrevistador: Você passou pela Paulista nesse dia?

Ariane: Passei. Era o caos!

Entrevistador: Você lembra qual foi a sua sensação em relação ao esvaziamento que ocorreu na Paulista nesse dia?

Ariane: A Paulista esvaziou era seis e pouco, eu tava na Paulista quatro e meia, dava desespero ver a galera correndo, dava agonia, você achava que a qualquer momento ia estourar uma bomba na Paulista. Porque você não sabia o que tava acontecendo. Aí depois você vê aquela cena na Paulista, sem movimento, um milagre. Isso é um milagre. Paulista parada é um milagre! Não tem outra explicação. Você não consegue ver a Paulista parada... nem de madrugada você vê a Paulista parada.

Entrevistador: O que é melhor: uma Paulista...

Ariane: [Interrompendo a pergunta] Agitada!

Entrevistador:... tranquila ou agitada?

Ariane: [IIR] Agitada, sem dúvida! Porque você vê movimento, vê tudo circulando, vê, vamos dizer assim... o mundo em movimento. Você vê todo mundo fazendo tudo... Eu estou com você aqui, tem gente vendo uma exposição ali, tem gente procurando livro na Livraria Cultura, tem gente aqui em cima fazendo academia, você tem tudo. Tem gente saindo do trabalho agora, gente entrando pra trabalhar. Você tem tudo, e num lugar só.

Entrevistador: Qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça quando você imagina a Paulista?

Ariane: Movimento.

Entrevistador: Qual é a primeira lembrança que você tem da Paulista? Pode ser relacionado ao seu primeiro contato com ela.

Ariane: O primeiro contato foi... Ah, eu estudei na Paulista, desde criança, então foi a coisa da escola mesmo. Amigos também...

Entrevistador: Você gosta da Paulista ou não?

Ariane: [IIR] Eu amo a Paulista!

Entrevistador: E você a acha bonita ou feia?

Ariane: Eu acho ela... linda e excêntrica.

Entrevistador: Excêntrica? Por quê?

Ariane: Não consigo descrever... Sabe quando você não consegue encaixar, você sabe que é essa a palavra, mas você não encaixa?

Entrevistador: Mas você consegue vincular a excentricidade à Paulista.

Ariane: Sim.

Entrevistador: Sente que é um bom lugar para estar?

Ariane: Sinto.

Entrevistador: Quando?

Ariane: Bom, em qualquer hora do dia.

Entrevistador: Você se sente segura na Paulista?

Ariane: Sim.

Entrevistador: Por que a Paulista lhe passa essa sensação de segurança?

Ariane: Por ter tido histórias... Por ser paulista. Eu brinco com uns amigos meus que tem dois lugares de São Paulo que são super seguros: a Augusta e a Paulista. Minhas amigas dizem assim: 'Não Ariane, você é louca, a Augusta segura?'. E eu falo assim: Meu, você pode passar às duas horas da

manhã, às três horas da manhã na Augusta, você vai ver todo mundo na rua, você vai ver policiamento, em cada esquina tem posto policial (pode não ter policial, mas tem o posto policial pelo menos). Isso é o que acontece.

Entrevistador: E o que é que passa mais segurança, o policiamento ou fato de estar “todo mundo” na rua?

Ariane: Os dois [Expressando alguma dúvida]. Por que se você não tem pessoas na rua, você não tem segurança.

Entrevistador: Você sairia de casa para comprar remédio na farmácia da Paulista às três horas da manhã, sozinha?

Ariane: [IIR] Sim. Já fiz. Já fiz, faço, sem problema nenhum.

Entrevistador: O que é que mais lhe atrai na Paulista?

Ariane: A diversidade.

Entrevistador: E o que você menos gosta na Paulista?

Ariane: A sujeira.

Entrevistador: Qual o lugar ou os lugares que você mais frequenta na Paulista?

Ariane: Conjunto Nacional

Entrevistador: Se você recebesse a visita de um amigo de outra cidade, que não conhecesse a cidade de São Paulo, você indicaria a Paulista como um atrativo turístico da cidade?

Ariane: Sim [Expressando dúvida]. É... diria que sim [Com muita incerteza]. Sim.

Entrevistador: Acharia essencial que ele conhecesse a Avenida Paulista? Acha que a visão dele sobre São Paulo mudaria depois que ele conhecesse a Paulista?

Ariane: [IIR] Sim. Nesse aspecto sim. É importante que as pessoas saibam o que é a Paulista. É importante.

Entrevistador: Sob qual aspecto que Avenida Paulista deixaria de ser um atrativo turístico? Ou melhor, de que modo ela poderia não interessar o turista que visita São Paulo?

Ariane: Ela é um atrativo, mas ao mesmo tempo não é um atrativo. Porque ela é comum, ela é o que você espera de São Paulo. Você vai para São Paulo sabendo o que esperar, então você vai para a Paulista e você já sabe, vai ter um monte de gente na rua, vai ter prédio, vai ter carro, vai ter trânsito, vai ter buzina... Essa é a Paulista. Vai ter poluição, o ar vai estar seco... Essa é a Paulista.

Entrevistador: E você acha que o turista não gostaria de estar nesse ambiente?

Ariane: Eles gostam de estar. Mas não que eles falem: ‘vou para São Paulo para conhecer a Paulista. Preciso conhecer a Paulista’.

Entrevistador: Você, como turista em outra cidade, gostaria de conhecer a “Avenida Paulista” dessa cidade?

Ariane: Não

Entrevistador: Não gostaria?

Ariane: Não

Entrevistador: Caso você acompanhasse o seu amigo na visita à Paulista, qual seria o primeiro lugar que você o levaria para conhecer?

Ariane: Primeiro lugar que eu o levaria? ... Casa das Rosas.

Entrevistador: Qual é a imagem da Paulista para você? Qual é o símbolo que a representa melhor?

Ariane: Movimento.

Entrevistador: E se você pudesse escolher um lugar que melhor a representa, qual seria?

Ariane: O MASP. Trianon-Masp.

Entrevistador: O MASP só o museu, ou o museu juntamente com o Parque Trianon?

Ariane: Não. Só o MASP, o museu, sem o Trianon. O Trianon é uma coisa perdida ali.

Entrevistador: O Trianon é uma coisa perdida?

Ariane: É perdido! É um perdido bom, mas é um perdido.

Entrevistador: Qual é a cor da Paulista?

Ariane: Todas.

Entrevistador: Todas?

Ariane: Depende do ponto de vista. Se você pensar na parte física ela é cinza, mas se você pensar no contexto, então ela é colorida.

Entrevistador: Mas você consegue enxergar a Paulista com todas as cores?

Ariane: [IIR] Colorida.

Entrevistador: Qual é o som da Paulista?

Ariane: Hum, o som da Paulista??? ... Todos. Você tem gente falando, o cachorro latindo, a buzina do carro...

Entrevistador: Você acha que a Paulista é um lugar melhor para morar, trabalhar ou praticar atividades culturais e de lazer?

Ariane: Para trabalhar e se divertir, só. Já morei na Paulista e não recomendo [risos]...

Entrevistador: Já morou na Paulista e não recomenda?

Ariane: Já morei, do lado da Gazeta. Não recomendo...

Entrevistador: Por quê?

Ariane: Por que quando você tá na sua casa, você quer desligar, você quer paz. Se você tá na Paulista, você fica acelerado o tempo inteiro... Você vê gente passando, você vê coisas acontecendo. Por exemplo, eu que trabalho com publicidade, com arte, com design, com criatividade, eu preciso ter o botão de off, que é o Parque Villa Lobos, pra mim, ali é o meu off. Lá eu não vou escutar nada. Vou escutar passarinho, a criança correndo atrás da bola e gritando... E só. Lá é o meu off.

Entrevistador: O Parque Trianon, “perdido”, você não considera um bom “off”?

Ariane: É um bom off, mas é um off... mal cuidado.

Entrevistador: Mal cuidado?

Ariane: Mal cuidado. Quando eu estudava na Paulista, o Trianon pra mim era o top, era o top e eu amava de paixão. Mas aí ele começou a se perder, por isso eu falo que ele é perdido, não pela minha vivência lá dentro, mas... aí, não sei. Ele tá perdido ali, ele tá mal cuidado, as pessoas que estão frequentando ele, não tão utilizando tão bem, ele podia ser muito bem utilizado pra muitos eventos e, no entanto, ele tá ali perdido, parado. Todo mundo que tá na Paulista vai deixar de ir pro Trianon pra ir pro Villa Lobos, pra ir pro Ibirapuera, e não ir pro Trianon. Porque o Trianon não tem atrativos, ele é um parque perdido ali na Paulista.

Entrevistador: Ainda ligado à pergunta que eu lhe fiz anteriormente, sobre morar e trabalhar na Paulista, você trabalharia na Paulista, trabalha ou já trabalhou?

Ariane: Já trabalhei.

Entrevistador: Trabalhar era melhor do que morar na Paulista?

Ariane: [IIR] Sem dúvida!

Entrevistador: Como você descreveria a Paulista a alguém que não a conhece?

Ariane: [IDR] Vamos ver... Coração de São Paulo. É isso. Corrido, apressado, todos os tipos de pessoas. Você encontra de tudo...

Entrevistador: Coração de São Paulo por conta da localização geográfica da avenida?

Ariane: Não, porque tudo acontece na Paulista. Desde protestos até a Parada Gay, tudo é na Paulista.

Entrevistador: E como é que você descreveria o público que frequenta a Paulista?

Ariane: Todos os públicos. Você tem desde o mendigo até o cara que é o presidente da Votorantim. Não tem diferença de público. Não é uma coisa assim: 'Ah, quem frequenta a Paulista são só os executivos, só os bambambãs'. Não, não é verdade. Você vê o cara andando de skate e quase atropelando um mega empresário, você vê o cara passeando com o cachorrinho... Você vê tudo. Tudo você vê na Paulista.

Entrevistador: Você morou na Paulista por quanto tempo?

Ariane: Dois anos e meio.

Entrevistador: Morou com a família?

Ariane: Não. Morei sozinha.

Entrevistador: Você tinha vindo de onde?

Ariane: Eu saí da casa dos meus pais.

Entrevistador: Na época eles moravam aonde?

Ariane: Cerqueira Cesar, mesmo.

Entrevistador: Ah, mas Cerqueira Cesar já é região da Paulista, correto?

Ariane: Sim.

Entrevistador: Quando você veio morar na Avenida Paulista, você conseguiu mergulhar nesse "tudo" que você sempre descreve como sendo a Paulista?

Ariane: [IIR] Sim. É quando você se torna paulista mesmo. Quando você diz assim: Agora eu sou paulista. É isso! É quando você se define, quando você define o que você é.

Entrevistador: E quando você saiu da Paulista, bateu uma crise de identidade ou não?

Ariane: [IIR] Nossa, sofri!

Entrevistador: Sentiu algo como "agora eu deixei de ser um pouquinho paulista"?

Ariane: [Risos] Sim. Mesmo continuando a morar por perto. Faltava alguma coisa... Você sente falta do barulho. De vez em quando eu ainda acordo e penso: que silêncio! Dá uma agonia [risos]...

Entrevistador: Mas e aí, como é isso? Você reclamou exatamente da falta de paz...

Ariane: [Interrompendo a pergunta] É.

Entrevistador:...e, ao mesmo tempo, sentiu falta do barulho da Paulista. Como é que você lida com isso?

Ariane: [IIR] Venho pra Paulista [risos]. Venho pra Paulista que resolve...

Entrevistador: Sempre que pode?

Ariane: [IIR] Sempre que posso...

Entrevistador: Você arriscaria um palpite sobre a "idade" da Paulista?

Ariane: Ai...

Entrevistador: Aproximadamente. É um palpite mesmo.

Ariane: Noventa e nove [expressando muita incerteza]. Apesar de que eu acho que é mais, acho que é cento e poucos... uns cento e quinze?!

Entrevistador: E você acha que a Paulista tem cara de uma senhora de mais de cem anos?

Ariane: [IIR] Não, de maneira nenhuma. Nunca!

Entrevistador: Ariane, em 1991, a Avenida Paulista foi eleita o símbolo da cidade de São Paulo num concurso de voto popular. Você concorda com esse resultado?

Ariane: [IIR] Concordo cem por cento.

Entrevistador: Por quê?

Ariane: Porque a Paulista é São Paulo. Tudo tá aqui. É simples!

Entrevistado Fernando

Local de aplicação da entrevista: Calçada externa do Conjunto Nacional

Dia: 27 de agosto de 2010, sexta-feira, às 19h46min

Nome: Fernando Idade: 48

Ocupação: Gerente Operacional

Escolaridade: Curso técnico em contabilidade

Local de Residência: Alumínio – SP

Entrevistador: Qual o motivo de sua vinda a São Paulo?

Fernando: Eu vim trazer a minha esposa pra fazer um curso de especialização, e estou aguardando ela.

Entrevistador: Você vem com frequência para São Paulo?

Fernando: Quase que semanalmente.

Entrevistador: Certo. Fernando, se eu pedir para você pensar num lugar da cidade de São Paulo, qualquer um, mas que seja o primeiro que venha à sua cabeça, qual seria esse lugar?

Fernando: A Paulista... Avenida Paulista, com certeza!

Entrevistador: Com certeza?

Fernando: [IIR] Com certeza.

Entrevistador: Por quê?

Fernando: Cartão postal, né, cara. Tá em tudo... Você vê na mídia, em revista, sempre... É cartão postal, então, identifica uma barbaridade.

Entrevistador: Ok. Eu gostaria que você me falasse exatamente sobre a Avenida Paulista. O que você poderia me dizer sobre ela?

Fernando: Centro financeiro. Maior centro financeiro do país, eu acredito. Cara, eu acho um barato porque você vê gente de tudo quanto é jeito, entendeu?! A disparidade de pessoas, você vê pessoas de tudo quanto é forma, e eu acho muito legal isso. Muitos eventos culturais também...

Entrevistador: Quando você vem a São Paulo, costuma vir à Paulista?

Fernando: Sim, sempre que eu posso eu venho.

Entrevistador: Qual que é a primeira palavra que vem a sua cabeça quando você pensa na Paulista?

Fernando: Movimento.

Entrevistador: Você gosta da Avenida Paulista, ou não?

Fernando: Sim

Entrevistador: Você acha a Paulista bonita ou feia?

Fernando: Sim, sim, é bonita.

Entrevistador: A Avenida Paulista é bonita?

Fernando: [IIR] É bonita!

Entrevistador: Acredita que é um bom lugar para estar?

Fernando: Com certeza.

Entrevistador: Já teve tempo de passear pela Paulista, conhecê-la melhor?

Fernando: [IIR] Sim, sim... de cima a baixo, com certeza.

Entrevistador: Considera um lugar turístico da cidade de São Paulo?

Fernando: [IIR] Sim.

Entrevistador: Indicaria a um amigo que não conhece São Paulo, que viesse conhecer a Paulista?

Fernando: [IIR] Com certeza!

Entrevistador: “Com certeza” por quê?

Fernando: Por que eu acho legal, cara. Acho ela bonita, é legal mesmo. De todos os pontos aqui da cidade, o Teatro Municipal, o Anhangabaú, esses pontos turísticos que têm aqui, a Paulista é essencial, tem que passar por ela. Como eu disse no começo da entrevista, é o lugar que representa São Paulo.

Entrevistador: E o que é que mais lhe atrai aqui na Paulista?

Fernando: O movimento...

Entrevistador: Movimento?

Fernando: Esse fluxo de pessoas, o vai e vem mesmo.

Entrevistador: E tem alguma coisa que você não gosta na Paulista?

Fernando: [IDR] Não tem nada.

Entrevistador: Qual é o lugar da Paulista que você mais gostou de conhecer?

Fernando: Cara... A Livraria Cultura, com certeza. Esse Conjunto Nacional eu acho fora do comum. O espaço do MASP, também é muito legal. Especialmente no sábado na parte da tarde.

Entrevistador: Então você já passou pela Paulista no final de semana?

Fernando: Sim, sim.

Entrevistador: Você se refere a qual parte do MASP?

Fernando: Toda aquela parte de baixo...

Entrevistador: O vão?

Fernando: O vão.

Entrevistador: O que você acha de lá?

Fernando: Olha, eu acho incrível aquilo lá... A movimentação... É ponto de encontro de moçada... Há pouco tempo era ponto de encontro pra moçada trocar figurinhas da copa. Tem uma moçada que todo o sábado tá lá reivindicando a liberação da maconha, é uma meia dúzia de gato pingado, mas todo sábado eles tão lá fazendo movimento. Eu acho um barato.

Entrevistador: O que poderia ser mudado na Paulista? Você mudaria alguma coisa?

Fernando: Não mudaria nada, cara, nada.

Entrevistador: Qual é o símbolo que melhor representa a Paulista?

Fernando: Grandiosidade. Coisa grande.

Entrevistador: Poderia explicar?

Fernando: Tudo é muito, tudo é em muito, nada é em pouco. É muita gente, são muitos prédios bonitos... muita cultura... tudo é muito, muito!

Entrevistador: Entendi. E qual é a cor da Paulista, para você?

Fernando: Azul. A Paulista pra mim é azul.

Entrevistador: E o som da Paulista?

Fernando: [IDR] Qual é o som da Paulista?! O som da Paulista pra mim é... Progressivo [Convém destacar que o entrevistado levou exatamente setenta e um segundos para definir uma resposta a essa pergunta].

Entrevistador: Eu observei que essa foi a pergunta que mais lhe deixou sem resposta, que você mais pensou antes de respondê-la, por quê?

Fernando: Fiquei surpreso. Foi uma novidade essa pergunta...

Entrevistador: Você costuma ou não escutar os lugares?

Fernando: Costumo escutar, sim. Inclusive o silêncio é barulhento, chega a fazer zunido. Você já foi a um lugar que não tem barulho nenhum? Faz barulho...

Entrevistador: Mas, a Paulista definitivamente não é silenciosa, certo?

Fernando: [IIR] Não é.

Entrevistador: E por que o som dela é progressivo?

Fernando: Porque vai... vai, vai e vai sempre, não para.

Entrevistador: Você prefere o silêncio ou um barulho progressivo?

Fernando: Depende da hora. Depende, depende...

Entrevistador: Mas a Paulista, ela combina mais com...

Fernando: [Interrompendo a pergunta] Barulho, eu prefiro o barulho quando eu estou aqui.

Entrevistador: Você acredita que a Paulista seja um lugar melhor para morar, trabalhar ou para praticar atividades culturais e de lazer?

Fernando: Atividades culturais e de lazer.

Entrevistador: Mas, moraria na Paulista?

Fernando: Sim [expressando um pouco de incerteza].

Entrevistador: Sim?

Fernando: Sim.

Entrevistador: Com certeza?

Fernando: [IIR] Absoluta [resposta com forte intensidade afirmativa]!

Entrevistador: O barulho não iria lhe incomodar?

Fernando: De forma nenhuma.

Entrevistador: Você trabalharia na Paulista?

Fernando: Sim.

Entrevistador: E sobre as atividades culturais e de lazer, quais são os lugares que você consegue identificar como fazendo parte dessa área?

Fernando: Novamente: a Livraria Cultura.

Entrevistador: Você disse que a “grandiosidade” simboliza a Paulista, e qual seria o lugar que melhor a representa?

Fernando: Não entendi a pergunta.

Entrevistador: Você consegue pensar num lugar da Paulista que simbolize a avenida?

Fernando: Cara, eu acho que é um todo... Não tem. A Avenida Paulista não tem um lugar, é um todo. É o Conjunto Nacional, é o MASP, é o Prédio do SESI, você vai descendo e mais pra baixo já tem aquele hospital... o Santa... Santa Cecília [Referindo-se, na verdade, ao Hospital Santa Catarina], que é um barato. Então, a Paulista não tem só um lugar.

Entrevistador: Não tem um único lugar mais representativo, certo?

Fernando: Não, não, a Paulista é a Paulista. Não tem como definir um símbolo da Paulista. Se eu falasse aqui [referindo-se ao Conjunto Nacional], eu ficaria devendo pro MASP, ficaria devendo pro Hospital Santa Cecília [Santa Catarina], ficaria devendo pro resto dos lugares que tem aí pra baixo, e que também são demais. Então não tem como.

Entrevistador: E de que maneira você descreveria a Paulista para alguém que não a conhece?

Fernando: Não deixe de conhecer... É uma coisa fora do comum!

Entrevistador: Como você descreveria o público que frequenta a Paulista?

Fernando: Eclético.

Entrevistador: O que seria esse eclético?

Fernando: De tudo quanto é forma, tribo, de tudo quanto é credo, de tudo quanto é seita. Eclético... No sentido da palavra mesmo.

Entrevistador: Bem, eu havia lhe perguntado anteriormente sobre qual seria o lugar que melhor simboliza a Avenida Paulista. De certo modo, essa pergunta tem a ver com outra, que é a seguinte: Em 1991, a Avenida Paulista foi eleita o símbolo da cidade de São Paulo num concurso de voto popular. Você concorda que a Avenida Paulista seja um símbolo da cidade de São Paulo?

Fernando: Sim, é um símbolo.

Entrevistador: Então, voltando àquela pergunta anterior, você acha que a Paulista não poderia ter, ela própria, o seu próprio símbolo?

[apenas balança a cabeça para os lados, negativamente, sem nada responder]

Entrevistador: Porque ela já é o símbolo, talvez por isso?

Fernando: [IIR] Já é o símbolo.

Entrevistador: É isso?

Fernando: [IIR] Exatamente. É isso mesmo.

Entrevistador: Mas, a partir do momento que os paulistanos elegem a Avenida Paulista como o símbolo da cidade, eles não “ficaram devendo” a outros lugares da cidade de São Paulo? Ou você acha que, mesmo assim, foi uma boa escolha?

Fernando: Acho que foi muito bem escolhida.

Entrevistador: Você escolheria a Paulista?

Fernando: [IIR] Escolheria a Paulista. Depois que a gente passa por aqui, vê São Paulo de outra maneira.

Entrevistador: E de que maneira passa a ver São Paulo?

Fernando: Você não vê só... só trânsito, só engarrafamento. Você vê São Paulo vivo. Não vê só prédios, concreto, asfalto e poluição.

Entrevistador: “São Paulo vivo”? Teria como explicar-me essa afirmação? Como é que a Avenida Paulista consegue mudar a sua visão sobre São Paulo, a tal ponto de você passar a vê-la como uma cidade viva?

Fernando: É que daí você vê as pessoas, é outro movimento. Não é o movimento só de carros, é o movimento das pessoas mesmo.

Entrevistador: Você poderia dar um palpite sobre a idade da Avenida Paulista?

Fernando: [IDR] Acho que uns noventa anos, mais ou menos.

Entrevistador: E você consegue imaginar uma Avenida Paulista tão senhora, de noventa anos? Acha que ela tem uma história tão longa para contar?

Fernando: Acho que tem. Acho que tem sim.

Entrevistada Tamires

Local de aplicação da entrevista: Área interna do Conjunto Nacional

Dia: 27 de agosto de 2010, sexta-feira, às 20h30min

Nome: Tamires Idade: 20

Ocupação: Estudante Universitária – Curso de Nutrição

Escolaridade: Ensino superior incompleto (Cursando)

Local de Residência: Há dois anos em Santos – SP (Natural de São Paulo, SP)

Entrevistador: Levando-se em consideração que você é daqui de São Paulo, mas que há dois anos está morando em outra cidade, em Santos, você preferiria ser entrevistada como residente da cidade ou visitante? Como você se sente aqui em São Paulo, agora?

Tamires: Ai, essa pergunta é difícil...

Entrevistador: É difícil essa pergunta para você?

Tamires: É muito difícil. Eu venho pra cá quase todo fim de semana, e volto pra minha... volto pra Santos. Mas como eu morei aqui 16 anos, então, eu morei mais aqui do que lá...

Entrevistador: Mas...

Tamires: Mas, não sei...

Entrevistador: Você sente que a sua vida está mais ligada aonde?

Tamires: A Santos! É isso, a minha vida é em Santos.

Entrevistador: Então, poderemos considerá-la uma visitante aqui em São Paulo... Uma visitante da sua própria cidade.

Tamires: É. Da minha cidade.

Entrevistador: Bom, Tamires, se eu pedir para você pensar num lugar da sua cidade de São Paulo, qualquer um, mas que seja o primeiro que lhe venha à cabeça, qual seria esse lugar?

Tamires: A Paulista.

Entrevistador: Por quê?

Tamires: Acho que expressa a diversidade que é São Paulo.

Entrevistador: Expressa a diversidade de São Paulo?

Tamires: Acho que sim. Tanto é que eu estou com umas amigas que são de lá e o primeiro lugar que eu trouxe elas foi aqui [Tamires estava sentada num banco da área interna do Conjunto Nacional, tomando conta de três mochilas, a dela e a das duas amigas que estavam conhecendo a Livraria Cultura.]

Entrevistador: Elas [as amigas] são de Santos?

Tamires: Elas são do interior de São Paulo, mas estudam lá [em Santos].

Entrevistador: Por que você escolheu a Paulista como o primeiro lugar para trazê-las?

Tamires: Ah, porque eu gosto muito da Paulista... A variedade cultural é absurda! Se você for pensar nas pessoas que circulam pela Paulista, expressa a diversidade de São Paulo, né?! A cidade dormitório dos outros lugares... São Miguel, por exemplo, de onde a minha família vem, tem muita gente que vem pra trabalhar aqui de manhã e volta para casa à tarde, então a periferia circula, transpassa pela Paulista.

Entrevistador: Você acha que a Paulista propicia acessibilidade à periferia?

Tamires: Não, não acho! Tem acessibilidade ao trabalho, pra que vem trabalhar aqui e ir embora. Mas o poder de consumo aqui é diferente. As coisas são mais caras, eu acho. Eu acho isso.

Entrevistador: Quais são as suas primeiras lembranças da Paulista?

Tamires: Da adolescência, quando eu comecei a sair mais, eu fui pra Vergueiro, aí fui conhecer o HSBC Belas Artes [atual Cine Belas Artes], aí comecei a ver filmes, conheci mais a parte cultural que a Paulista tem... É um ponto de encontro, muita coisa acontece por aqui, igual eu falei, desde barzinho até uma peça de teatro que você queira ver, tem que vir pra Paulista. A Paulista é um lugar de muito movimento, transita muita gente por aqui. E eu acho que muita gente de diversos tipos, desde quem vem trabalhar, num lugar que é considerado o centro financeiro de São Paulo, até quem vem pra passear... Enfim, sei lá, consumir a arte que a Paulista produz, porque eu acho que tem alguma coisa do tipo. Lembrando que eu acho que tem dificuldade de acesso pra comprar as coisas.

Entrevistador: A que, exatamente, você se refere quando diz que tem “dificuldade de acesso”?

Tamires: Não ao acesso de estar, mas de consumir da Paulista, eu acho que existe isso...

Entrevistador: Ela não é uma avenida democrática?

Tamires: Não... Apesar de expressar a diversidade, não quer dizer que tenha grandes acessos. Pra alguém vir da zona leste pra cá, por exemplo, gasta no mínimo 10 reais.

Entrevistador: Você está dizendo que a Paulista não é para qualquer bolso?

Tamires: Pô, vai ver quanto é a cerveja no bar, muito cara...

Entrevistador: Tem diferença de preço com a cerveja vendida na periferia, então.

Tamires: [IIR] Claro. Óbvio!

Entrevistador: Mas, mesmo assim, a Paulista não deixa de ser atraente para quem mora na periferia?

Tamires: [IIR] Não deixa.

Entrevistador: Ok. Tamires, você poderia me dizer qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça quando você pensa na Paulista?

Tamires: [IIR] Concreto. Muito concreto... Muito frio.

Entrevistador: Concreto... De construção mesmo?

Tamires: [IIR] De construção.

Entrevistador: Por quê?

Tamires: Porque é muito concreto. Você chega e a primeira coisa você vê são prédios... É muito prédio, é muito concreto, é gelado, é frio! Eu acho a Paulista muito fria, não sei se eu já estou caíçara demais.

Entrevistador: A Paulista é fria?

Tamires: É fria, no sentido de clima, de temperatura, é fria.

Entrevistador: A temperatura?

Tamires: As pessoas também, dependendo do dia... Não sei se é o modo de ver as coisas, mas...

Entrevistador: As pessoas são frias?

Tamires: [IIR] Eu acho.

Entrevistador: No dia a dia?

Tamires: [IIR] No dia a dia. As pessoas estão sempre correndo, tão apressadas saindo do trabalho ou em horário de almoço. As pessoas olham com cara fechada... Essa é a cara da Paulista.

Entrevistador: E durante a noite?

Tamires: À noite já é diferente, as pessoas saem pra passear, já muda o público.

Entrevistador: E no final de semana?

Tamires: Ah, garotada, garotada vem sair no final de semana...

Entrevistador: Então são públicos diferentes?

Tamires: [IIR] Diferentes.

Entrevistador: Você acha a Paulista bonita ou feia?

Tamires: Olha, morando no litoral agora, fica difícil de responder, antigamente eu achava bonita, não sei... Acho bonita, tem uma beleza diferente. É diferente da beleza natural, beleza urbana, muito bonita, tem as construções...

Entrevistador: Você acha que a Paulista é um bom lugar para estar? Você se sente bem aqui?

Tamires: Olha, eu já tive tantas coisas aqui que é difícil falar... Acho que eu já tive coisas ruins na Paulista, coisas boas.

Entrevistador: Que tipo de coisa ruim?

Tamires: Ai, aí...

Entrevistador: É muito pessoal?

Tamires: Ai, cara, eu terminei o meu primeiro namoro na Paulista.

Entrevistador: Ah, é mesmo?!

Tamires: Na verdade, foi numa travessa da Paulista, mas foi numa esquina da Paulista. Eu também acabei conhecendo o meu segundo relacionamento por aqui.

Entrevistador: E o que é que pesa mais, terminar o namoro na Paulista ou conhecer o namorado aqui?

Tamires: [IIR] Ah, terminar o namoro foi horrível, porque tava muito frio e eu tava sem blusa... eu lembro que tava muito frio e eu saí chorando...

Entrevistador: Será que é por isso que você ainda sente muito frio na Paulista [risos]?

Tamires: [risos] Ah, não sei, acho que não... porque, na real, eu morro de frio na Paulista, mesmo.

Entrevistador: Você terminou e começou um namoro aqui, você saberia dizer o que isso interfere na ideia que você tem da Paulista?

Tamires: Ah, acho que não interfere, poderia ter sido noutro lugar. Só foi aqui.

Entrevistador: Entendi. E a Paulista é um "bom" lugar para terminar um relacionamento? Se é que existe um bom lugar para isso...

Tamires: [IIR] Não, não é não. Eu acho que em outros lugares seria tão ruim quanto, mas aqui acaba sendo pior porque as pessoas são frias.

Entrevistador: E para começar um namoro?

Tamires: Eu acho que eu to tendo sorte até agora, então eu vou falar que é bom.

Entrevistador: Quer dizer que continua com o namorado?

Tamires: Continuo.

Entrevistador: Ah, então foi bom mesmo...

Tamires: [IIR] Foi bom.

Entrevistador: Você se sente segura na Paulista?

Tamires: Comparando com aonde eu tô agora, acho que não.

Entrevistador: Não? Por quê?

Tamires: Na cidade que eu to agora as pessoas andam de bicicleta, sabe?! É outra lógica de funcionamento da cidade... Aqui se você vai ao vão do MASP à noite, é um lugar meio perigoso. Não acho que passe muita segurança.

Entrevistador: O que a Paulista tem de mais interessante?

Tamires: [IDR] Acho que arte.

Entrevistador: E onde está a arte na Paulista?

Tamires: Pô, em todo o lugar, eu acho.

Entrevistador: Tem algum lugar que te chama mais a atenção por conta do apelo artístico?

Tamires: [IIR] Eu gosto muito daqui. [Referindo-se ao Conjunto Nacional]

Entrevistador: E qual é o seu lugar preferido na Paulista?

Tamires: [IDR] Nossa... Eu acho que é a Consolação. Perto da Consolação...

Entrevistador: Que seria essa parte aqui que nós estamos agora, mais pro final da Paulista do que pro início e pro meio dela...

Tamires: É, o fim da Paulista.

Entrevistador: Início e meio, não?

Tamires: [IIR] Não, não, fim da Paulista, mesmo.

Entrevistador: Você indicaria a Paulista como um atrativo turístico da cidade?

Tamires: [IIR] Claro, óbvio, óbvio!

Entrevistador: O que poderia ser diferente aqui na Paulista, você mudaria alguma coisa?

Tamires: O preço das coisas, poderia ser mais barato.

Entrevistador: Qual é o símbolo da Paulista, em sua opinião?

Tamires: Prédio.

Entrevistador: Algum prédio específico?

Tamires: Ah não, sei lá, todos... O conjunto deles. Fica bonita [a Paulista], apesar de ser muito impactante.

Entrevistador: Qual é a cor da Paulista?

Tamires: Cinza.

Entrevistador: E o som?

Tamires: Vários. Se bem que a Paulista é bastante colorida, mas pega mais o cinza.

Entrevistador: Você acha que a Paulista é um lugar melhor para morar, trabalhar ou praticar atividades culturais e de lazer?

Tamires: Atividades de cultura e lazer.

Entrevistador: Quais tipos de atividades?

Tamires: Cinema, restaurante... Acho que entra também como lazer [referindo-se ao restaurante]. Deixa eu ver o que mais... Ver peças, ver o SESC... essas coisas. Manifestações, atos, muitos atos na Paulista, eu tinha me esquecido disso... como assim [demonstrando inconformismo com o esquecimento]?!

Entrevistador: Manifestações? De quais tipos?

Tamires: Todos que tiveram aqui, quase todas...

Entrevistador: Você as frequentou?

Tamires: Todas! 08 de março, fora Bush, já faz tempo... Eu tava aqui também.

Entrevistador: Por que você acha que a Paulista tem esse chamamento para a manifestação?

Tamires: Porque tem visibilidade, né?! Porque muitas pessoas transitam, exatamente por isso é o lugar mais dialogado da cidade. Aqui é o centro.

Entrevistador: Você moraria na Paulista?

Tamires: Hoje em dia não, antigamente sim, mas hoje em dia não.

Entrevistador: E por que hoje não?

Tamires: Cansei de stress... Dessa correria...

Entrevistador: E antigamente...

Tamires: [Interrompendo a pergunta] Era legal, assim, 'uau', muita coisa pra fazer e tal, mas hoje em dia não.

Entrevistador: Mas essa ideia que você tem de que não moraria na Paulista, é por conta do stress que ela provoca?

Tamires: Eu digo que eu não moraria em São Paulo, em nenhum lugar de São Paulo.

Entrevistador: Ah, ok, você não moraria mais em São Paulo.

Tamires: Só se eu for empurrada, eu volto pra cá. Mas eu gosto muito da cidade, eu só não acho que para viver aqui... Porque eu fui morar numa cidade que tem quinhentos mil habitantes, pequena, que você pode andar de bicicleta, correr na praia, quer dizer... As coisas não são caras, só o aluguel é caro, e eu to feliz. E aqui eu ia ter que me deslocar muito, as coisas são caras, o transporte é ruim... E as pessoas são doentes por pressa, as pessoas andam muito rápido, é muito acelerada a cidade, eu já vivi muito do que é a São Paulo acelerada, do que é a rotina de São Paulo.

Entrevistador: E você acha que a Paulista...

Tamires: [Interrompendo a pergunta] Expressa essa rotina!

Entrevistador: ...representa isso tudo?

Tamires: [IIR] Representa, é óbvio! É claro que representa.

Entrevistador: Como que você descreveria a Paulista a alguém que não a conhece?

Tamires: Primeiro eu ia falar das coisas boas da Paulista, pra pessoa ir conhecer, porque eu acho que vale a pena, assim... Acho que a beleza urbana e a diversidade. É isso!

Entrevistador: Mas, se você descrever a Paulista dessa maneira para uma amiga que não a conhece, ela vai ficar com um ponto de interrogação a respeito da "diversidade".

Tamires: Não, é... Diversidade em relação às pessoas, de andar na Paulista e ver as pessoas que tem aqui... Eu trouxe aqui [referindo-se ao fato de ter levado as amigas para conhecer o Conjunto Nacional], então eu acho que também tem um pouco a ver com livros, assim, sei lá...

Entrevistador: Livros?

Tamires: Meio estranho né?! Responder livros... Ah, por causa da diversidade cultural que tem aqui...

Entrevistador: Você arriscaria um palpite sobre a "idade" da Paulista, quer dizer, há quantos anos você acha que ela foi inaugurada?

Tamires: Ela é antiga. Do jeito que ela tá hoje não é tanto tempo, mas mais antigamente, eu acho que desde quarenta e cinco, cinquenta... não?! 1950 ela já existia, mas não do jeito que ela tá hoje...

Entrevistador: Mas ela tem cara de quantos anos?

Tamires: Não sei... Porque ao mesmo tempo que ela é muito moderna, ela é antiga... Tem mais tempo do que ela aparenta ter.

Entrevistador: Certo. O que conecta ela aos tempos de hoje, a gente é capaz de visualizar, mas e o que é que liga ela ao passado?

Tamires: O Parque que tem... esqueci o nome. Tem a Augusta que também liga ela ao antigo, eu acho.

Entrevistador: Você pensou no Parque Trianon?

Tamires: [IIR] É, o Parque Trianon...

Entrevistador: O que tem o Parque Trianon?

Tamires: Eu acho que conecta um pouco, assim... Eu acredito que essa praça sempre existiu antigamente.

Entrevistador: Você conhece o parque Trianon?

Tamires: Já fui lá umas duas vezes, eu acho. Deixa eu ver... Alguns prédios que ainda guardam arquiteturas mais antigas, eu acho que isso é menos. Ah, o formato se manteve [Referindo-se ao formato da Avenida], pelo menos o das fotos antigas. Eu acho que é isso, não sei mais.

Entrevistador: Certo. Em 1991, a Avenida Paulista foi eleita o símbolo da cidade de São Paulo num concurso de voto popular. Você concorda com esse resultado?

Tamires: Concordo, concordo. Se bem que eu gosto do centro velho, porque eu gosto de alguns lugares de lá. Mas, hoje em dia a Paulista expressa o que é a São Paulo hoje.

Entrevistador: Então você concorda com o resultado?

Tamires: [IIR] Concordo.

Entrevistador: Seria o seu voto também?

Tamires: Aí... hum, aí depende. Também não sei como era a Paulista em 1991, eu era muito pequena...

Entrevistador: Mas e se a eleição fosse refeita nos dias de hoje, você acha que ainda assim a Paulista seria escolhida como o símbolo da cidade?

Tamires: [IIR] Seria, seria.

Entrevistador: Você conhece a Casa das Rosas, O MASP...?

Tamires: [IIR] Conheço, sim.

Entrevistador: Mas, de frequentar?

Tamires: [IIR] De frequentar. O MASP então, os atos...

Entrevistador: No vão livre?

Tamires: É, no vão livre. A Casa das Rosas também conheci, com o meu namoro que acabou...

Entrevistador: Ah, é? Conheceu com o namorado?

Tamires: [IIR] Com a minha namorada. A gente sempre ia lá...

Entrevistador: Você disse que conheceu com a namorada. Posso acrescentar essa informação?

Tamires: [IIR] Pode, pode.

Entrevistador: Você falou da Augusta, falou da diversidade... Você faz essas associações como referência à diversidade sexual?

Tamires: Não, cara, eu acho assim... Diversidade ela tem independente de ela ser de orientação, eu acho que orientação soma a diversidade que já existe aqui na Paulista.

Entrevistador: Você tem algum tipo de identificação maior com a Paulista por esse ponto da diversidade sexual, ou não tem isso?

Tamires: [IIR] Não, não, não... Acho que não. Quando eu comecei a vir na Paulista, tinha mais. Mas hoje em dia não. Não acho que isso seja um motivo para a Paulista ser diferente na questão de ter diversidade, acho que acrescenta pra Paulista isso. Afinal, a maior renda da cidade de São Paulo é com a Parada Gay, né?! Movimenta muito, é aqui em São Paulo que acontece, e é na Paulista.

Entrevistador: Você já participou da Parada Gay?

Tamires: [IIR] Já, já.

Entrevistador: Você acha que a Parada Gay poderia acontecer em algum outro lugar de São Paulo, que não na Paulista, e ainda assim continuaria com o mesmo apelo?

Tamires: [IIR] Claro, inclusive, a "Conluta" ['Coordenação Nacional de Lutas' – Órgão ligado a movimentos sociais] que eu participo chama "Parada Gay em outro lugar", eu sou militante também. E a gente chama em outros lugares porque não acha que funciona só porque acontece na Paulista.

Entrevistador: Mas em outros lugares de São Paulo?

Tamires: Sim, de São Paulo, claro. No centro.

Entrevistador: Ah, certo, então você é a favor de que a Parada Gay aconteça em outro lugar da cidade?

Tamires: Mas não é pela questão da localidade, é pela questão do que a Parada Gay se tornou hoje no sentido político. A Parada Gay hoje é uma grande festa, que as organizações, principalmente as

que estão associadas com o governo, fazem. Tanto é que move a maior parte da renda do Estado, e é um dos estados em que mais homossexuais são mortos. Acho que tem uma contradição política na existência do perfil da Parada Gay como ela tá, que não tem nada a ver com ela ser na Paulista.

Entrevistador: Mas, e a grandiosidade que a Parada Gay atingiu atualmente, você acha que é resultado do evento ter se desenvolvido na Paulista?

Tamires: Não, não.

Entrevistador: Você acha que se a Parada Gay fosse noutra cidade de São Paulo, ainda assim ela teria a visibilidade que ela alcançou no mundo?

Tamires: Você quer puxar a brasa pra Paulista, né?

Entrevistador: Não, só estou lhe propondo essa reflexão, sobre a grande visibilidade que a Parada Gay de São Paulo atingiu no mundo todo.

Tamires: Eu acho que tem a visibilidade que ela tem, exatamente porque a Paulista é um ponto chave da cidade. Exatamente porque todos os atos acontecem aqui, não é à toa. Então, ajuda, ajuda ela ser na Paulista, porque tem os pontos de acesso, porque tem metrô, porque é conhecida, é mais fácil você divulgar um negócio na Paulista do que divulgar no centro histórico de São Paulo.

Entrevistador: Mas, então, você acha que a grandiosidade da Parada Gay é mais por conta de acontecer em São Paulo do que pelo fato de acontecer na Paulista?

Tamires: Isso, exato.

Entrevistador: Porque outras cidades do Brasil, como, por exemplo, Rio de Janeiro e Florianópolis, também têm Parada Gay, entretanto, elas não têm a mesma visibilidade da Parada de São Paulo, você não acha?

Tamires: Outras cidades têm também, mas falta o tamanho de São Paulo.

Entrevistador: Mas, o Rio de Janeiro tem uma grande visibilidade no mundo todo, é um “cartão postal”, tem muitas festas e parece receptivo à temática GLS, não é verdade?

Tamires: Mas não tem tanto quanto São Paulo. O Carnaval de São Paulo já está chegando lá... E ele não vai vir para a Paulista, vai continuar no Anhembi. Acontece em São Paulo, tem visibilidade, e não é na Paulista.

Entrevistador: Você acha que a Parada Gay é o evento mais representativo de São Paulo, hoje?

Tamires: Não, não... Eu não vou falar isso, não acho que seja o maior evento, ou o primeiro a ser lembrado.

Entrevistador: Qual é o evento mais marcante da Paulista?

Tamires: Pra mim foi o 08 de março de 2007, no ano em que o Bush veio pra cá. Foi uma manifestação muito grande, muito bonita, muita repercussão, num ano em que a consciência antiimperialista tava alta. Ano da ocupação da USP, inclusive. Foi muito bom.

Entrevistador: Você participou dessa manifestação?

Tamires: [IIR] Participei. Assim, não é que seja um evento periódico, mas um dos eventos que eu mais me lembro foi esse, acho até que muito mais representativo do que a Parada Gay.

Entrevistador: A concentração foi aonde?

Tamires: [IIR] Foi no MASP.

Entrevistador: Você acha que o vão do MASP tem qual função nessa história toda?

Tamires: Um ponto de encontro pra muita gente... Não, mas, mais do que isso.... Não sei dizer.

Entrevistador: Mas, você acha que aquele espaço tem qual sentido?

Tamires: Você diz em relação à arquitetura?

Entrevistador: Digo em relação ao que aquele vão possa significar. Você acha que é um espaço pensado para esse tipo de concentração pública, para o encontro das pessoas, ou apenas um conceito estético?

Tamires: Não sei. Acho que estético. Funcional, acho que nem tanto.

Entrevistado Lucas

Local de aplicação da entrevista: Vão livre do MASP

Dia: 29 de agosto de 2010, domingo, às 19h42min

Nome: Lucas Idade: 19

Ocupação: Dedicar-se ao estudo de práticas circenses, como o malabarismo, e também trabalha no restaurante dos pais.

Escolaridade: Ensino médio completo.

Local de Residência: Bairro Tatuapé, São Paulo – SP (Natural de São Paulo, SP)

Entrevistador: Lucas, se eu pedir para você pensar num lugar da cidade de São Paulo, qualquer um, mas que seja o primeiro que venha à sua cabeça, qual seria esse lugar?

Lucas: Mano, veio Ibirapuera antes de você terminar a pergunta.

Entrevistador: Ok, você deve ter os seus motivos para ter pensado primeiramente no Ibirapuera.

Lucas: Alguns motivos...

Entrevistador: Mas, e se eu pedir para que você pense na Avenida Paulista...

Lucas: Hum.

Entrevistador: Você ficaria à vontade para falar sobre ela?

Lucas: [IIR] Facilmente, é um lugar que eu venho direto. Eu frequento mais a Paulista do que o Ibirapuera, pra falar a verdade.

Entrevistador: E por que será que você não pensou primeiro na Paulista?

Lucas: Não sei cara.

Entrevistador: Não sabe?

Lucas: Ah, sei lá cara, veio o Ibirapuera na mente.

Entrevistador: Ok, beleza. Mas, então, o que você me diz sobre a Paulista?

Lucas: É o lugar que concentra a maior diversidade, eu acho. É um lugar que passou por mudanças, antigamente era de moradias, né?! Eram grandes propriedades aí, e virou grandes comércios, agora são centros comerciais internacionais. Ela é um monte de coisa que eu não concordo, mas aqui o chão é “mó” liso e é ótimo pra andar de skate [Lucas é skatista e frequenta a Paulista, principalmente, para praticar a atividade]. Então é conflitante, tipo, rola uma galera legal pra você trocar uma ideia... Aqui [Referindo-se ao vão livre], o próprio MASP, cinema, arte, não tem como discutir, pra cá é mais concentrado mesmo. Vem uma arte boa pra você apreciar aqui.

Entrevistador: Certo. Você falou sobre o “chão liso”, mas até pouco tempo atrás o chão não era liso, muito pelo contrário, ele era todo irregular...

Lucas: [Interrompendo a pergunta]... mas agora fizeram bom pra skatista.

Entrevistador: Ficou bom pros skatistas?

Lucas: [IIR] Ótimo!

Entrevistador: Mas e antes dessa mudança do calçamento?

Lucas: Antes eu ainda não andava de skate. Comecei a andar há pouco tempo.

Entrevistador: Então, o novo chão da Paulista propicia um uso diferenciado do espaço urbano, que é a prática do skate.

Lucas: [IIR] Com certeza! Porque o skate você precisa de um chão liso, diferente de bicicleta, mas os caras andam em qualquer lugar, né. Acabam dando um jeito...

Entrevistador: Mas antes de ter a possibilidade de usar a Paulista para curtir o skate, você já vinha para cá?

Lucas: Quando eu era mais novo, eu vinha pra cá mais pra essa coisa de cinema mesmo, na Augusta, o próprio MASP, aqui...

Entrevistador: O que tem o MASP?

Lucas: Ah, o bom é vir em exposições, eu venho aqui no vão do MASP pra trocar uma ideia...

Entrevistador: Encontra os amigos aqui?

Lucas: [IIR] Exatamente.

Entrevistador: É um ponto de encontro na Paulista?

Lucas: É, é um ponto de encontro.

Entrevistador: Mas é só pra encontrar pessoas ou você vem por outros motivos também?

Lucas: Ah, eu venho pra fumar aqui (pra ser sincero)... Mas é um ponto de encontro de pessoas também, você encontra diversos tipos de pessoas aqui. Que nem, eu conheço gente aqui que é muito boa no circo, e que me dá uns toques, agora que eu to começando a fazer malabarismo, por exemplo.

Entrevistador: Eu vi que você tava fazendo malabarismo.

Lucas: Então, mas eu to começando agora, ontem eu vim aqui e um cara já me deu alguns toques, então acaba aprendendo varias coisas e encontrando varias pessoas.

Entrevistador: E essas pessoas que você encontra aqui, são pessoas que você acaba conhecendo por aqui mesmo, ou você já conhecia de outro lugar?

Lucas: Eu tanto venho com pessoas que eu já conheço pra cá, que eu trago pra cá, ou que elas já vinham também, e tanto encontro e conheço pessoas, direto, aqui. Principalmente quando eu venho sozinho, eu acabo conhecendo as pessoas aqui.

Entrevistador: Quer dizer que pode rolar de você encontrar os seus amigos, como também fazer novas amizades?

Lucas: [IIR] Exatamente.

Entrevistador: E dentro do MASP, sem ser aqui no vão livre?

Lucas: Aí, geralmente eu colo com algum conhecido, ou sozinho mesmo, e daí eu sou mais focado mesmo.

Entrevistador: Focado?

Lucas: Na arte mesmo, na exposição, qualquer uma que tiver.

Entrevistador: Você frequenta com certa assiduidade as exposições do MASP?

Lucas: Não muita.

Entrevistador: Você lembra a última vez que viu alguma exposição?

Lucas: [IIR] A exposição dos Gêmeos.

Entrevistador: Dos grafites?

Lucas: É, dos grafiteiros.

Entrevistador: Mas antes dessa exposição você já tinha frequentado outras?

Lucas: Já, várias vezes. Mesmo ver a exposição dele fixa, que tem a parte dele de quadros que é deles mesmo, eu já vim várias vezes. Mas eu era mais novo.

Entrevistador: Você vem com que frequência pra Paulista?

Lucas: Quase todo final de semana.

Entrevistador: Durante a semana você não vem?

Lucas: Às vezes... Como eu não trabalho pra cá, então não venho tanto assim.

Entrevistador: Você tá trabalhando aonde?

Lucas: Tô trabalhando no restaurante dos meus pais.

Entrevistador: Lucas, qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça quando você pensa na Paulista?

Lucas: Vem esse negócio de diversidade mesmo.

Entrevistador: Diversidade?

Lucas: [IIR] Porque tem gente de todo o tipo aqui, tem gente que é a mais soberba possível, tem gente que é a mais humilde, a mais louca, todo o tipo... Diversidade mesmo.

Entrevistador: Mas, dentro dessa diversidade tem algum tipo de pessoa que se destaca mais, aqui na Paulista?

Lucas: Pra cá, pra ser sincero, você encontra mais, digamos, gente de elite, com mais dinheiro. Muitas vezes não é tão arrogante, porque geralmente quando ganha status fica arrogante. Pra cá você encontra bastante gente com dinheiro, a maioria. Mas essa questão do skate mesmo, esse negócio vai trazendo gente de outros lados, a arte mesmo. Vem gente do extremo leste da cidade pra cá, então é muito diverso o tipo de cabeça, o tipo de conhecimento... E começa que aqui pelo centro também tem, tipo, muito morador de rua, tem o problema do crack, que é muito pesado. Daí percorre por aqui o cara que anda de BMW e o cara que vai comprar pedra, sabe?! É muito, tipo, o oposto. É muito diferente mesmo.

Entrevistador: Você acha que essas diferenças são muito visíveis na Paulista?

Lucas: [IIR] Eu acho que infelizmente é uma característica do mundo, a desigualdade.

Entrevistador: Mas essa coisa de você ver “o cara andando de BMW” e o morador de rua, “lado a lado”, isso é uma coisa que você observa com mais clareza aqui na Paulista?

Lucas: Não só na Paulista, mas na Paulista eu visualizo com bastante clareza.

Entrevistador: Você gosta ou não gosta da Paulista?

Lucas: Ah... Eu gosto, porque eu sei usar.

Entrevistador: Gosta porque sabe usar? Como assim?

Lucas: Eu acho que eu sei usar ela sem causar mal a ninguém aqui. Só vou vir apreciar o que tem de bom nela.

Entrevistador: Você acha a Paulista bonita ou feia?

Lucas: Ah, eu não acho a melhor coisa do mundo... Eu gosto mais de mato mesmo, tanto que acho que foi por isso que me veio o Ibirapuera na cabeça, daí eu gosto mais dos parques mesmo. Agora, aqueles prédios gigantes de vidro, eu não fico encantado com isso, não. Nem no Natal eu não acho as lampadinhas legais.

Entrevistador: Se você simplificasse essa reflexão a tal ponto de conseguir me dizer se acha a Paulista bonita ou é feia, qual seria a sua escolha?

Lucas: Ah, acho que é bonita.

Entrevistador: Mesmo com esse monte de prédio que não encanta?

Lucas: É... Mesmo assim, acaba sendo bonita.

Entrevistador: Você acha que é um bom lugar para estar?

Lucas: É um bom lugar.

Entrevistador: Você se sente seguro aqui?

Lucas: Ah, eu sei fazer a minha segurança aqui.

Entrevistador: Como assim?

Lucas: Eu me sinto seguro.

Entrevistador: Mais seguro do que em outros lugares?

Lucas: Ah, tem lugar que eu me sinto inseguro, mas aqui eu me sinto seguro.

Entrevistador: Ok. O que é que mais lhe atrai aqui na Paulista?

Lucas: Não sei... Acho que a surpresa, mesmo, pode acontecer qualquer coisa.

Entrevistador: A Paulista é surpreendente, para você?

Lucas: Sim, não dá pra saber o que vai acontecer. Pode rolar muitas coisas...

Entrevistador: O que você menos gosta nela?

Lucas: Quando eu to andando, assim, aí passa um mendigo e uma madame olhando com nojo... Essa desigualdade, mesmo. Isso eu não gosto.

Entrevistador: Quais são os lugares que você mais frequenta aqui na Paulista?

Lucas: O vão livre aqui do MASP. A Augusta, ali no Safrá...

Entrevistador: Esquina da Paulista com a Augusta, certo?

Lucas: Exatamente.

Entrevistador: Se você recebesse a visita de um amigo de outra cidade, o qual não conhecesse a cidade de São Paulo...

Lucas: [Interrompendo a pergunta] Eu traria pra Paulista.

Entrevistador: Você traria pra Paulista?

Lucas: Um dia sim. Não sei se ia ser a prioridade de mostrar, mas eu ia acabar trazendo. Ele mesmo ia querer conhecer, eu acho.

Entrevistador: Mas, você indicaria a Paulista como um atrativo turístico da cidade?

Lucas: Ah, sim. É um lugar diferente do resto de São Paulo.

Entrevistador: Se você acompanhasse esse amigo no passeio à Paulista, qual seria o primeiro lugar que você o levaria para conhecer?

Lucas: Acho que aqui no MASP.

Entrevistador: No vão?

Lucas: [IIR] Exatamente.

Entrevistador: Se você pudesse mudar alguma coisa na Paulista, o quê mudaria?

Lucas: Maior egoísmo esse meu, mas acho que eu ia tirar todos os bancos, bancos não de sentar, os bancos de dinheiro mesmo, e colocar pistas de skate no lugar dos bancos.

Entrevistador: [Risos] Tirar os bancos de dinheiro e aproveitar para colocar mais bancos de sentar?

Lucas: [Risos] Exatamente. Eu mudaria isso. Ou fazer mais cinemas, mais museus e tirar os bancos. Tirar o dinheiro parado ali e investir direto.

Entrevistador: Em sua opinião, qual é o símbolo que melhor representaria a imagem da Paulista?

Lucas: A imagem? Nossa, teria que ser uma de cima, de satélite, que pegue ela inteira.

Entrevistador: Uma imagem vista de satélite?

Lucas: Não sei quanto que teria que ser de escala, mas a mínima possível que pegasse ela por inteiro.

Entrevistador: E qual é a cor da Paulista, Lucas?

Lucas: Cor, velho?! Nossa, eu sempre "colo" de noite aqui, a maioria das vezes, então é meio escuro pra mim, ou com luz artificial, não de sol. Mas, não sei. A cor da Paulista?! Não sei te falar isso... Não tenho nem ideia!

Entrevistador: Então, qual é o som da Paulista?

Lucas: Nossa... Esse é surpreendente, pode acontecer qualquer um. Você escuta de tudo mesmo por aqui.

Entrevistador: Você acha que a Paulista é um lugar melhor para morar, trabalhar ou curtir umas horas de lazer e de cultura?

Lucas: Pra curtir, com certeza.

Entrevistador: Você moraria na Paulista?

Lucas: [IIR] Moraria.

Entrevistador: Você trabalharia na Paulista?

Entrevistador: Trabalharia em qualquer lugar que valesse a pena.

Lucas: Como você descreveria a Paulista a alguém que não a conhece?

Entrevistador: Pô, tem a Avenida Paulista que é muito louca!

Lucas: Como você descreveria o público da Paulista, as pessoas que a frequentam?

Entrevistador: Se eu fosse explicar mesmo, eu ia dizer que tem diversos tipos de pessoas, não dá pra saber.

Lucas: Você teria um palpite sobre a idade da Paulista?

Lucas: É quase a idade de São Paulo, se eu não me engano... É menos, é bem menos! Eu acho que é cento e cinquenta...

Entrevistador: Em 1991, a Avenida Paulista foi eleita o símbolo da cidade de São Paulo num concurso de voto popular. Você concorda com esse resultado?

Lucas: Não... Se fosse pra ser sincero, o símbolo de São Paulo tinha que ser muitas outras coisas...

Entrevistador: Quais?

Lucas: Tem muito mais lugares diferentes da Paulista, do que como a Paulista, eu acho. Aqui tem esse convívio de diversidade de pessoas e não acaba acontecendo muito conflito, mas a maioria das outras áreas tem gente de baixa renda e a maioria de São Paulo é assim. Então eu acho que se fosse pra mostrar o símbolo real de São Paulo, teria que mostrar o que tem mais aqui.

Entrevistador: Que é o quê?

Lucas: Falta de educação, criminalidade, desigualdade...

Entrevistador: Mas isso simboliza aspectos negativos da cidade.

Lucas: É. Mas é símbolo. Só que eles querem mostrar a Paulista porque é essa questão de status, meu. E é isso que eu discordo. Porque eles querem ficar vivendo em cima do status, e isso não é certo. Aí é fácil você botar o símbolo da Paulista, e falar: "nossa!". Imagina se todas as ruas da cidade fossem iguais à Paulista... Aqui acontecem várias coisas, mas o policiamento é gigantesco, as pessoas fumam maconha, mas eles têm dinheiro e não acontece quase nada, não acontece muita criminalidade, anda de skate, mas não acontece quase muita coisa... Mas na cidade não é assim.

Entrevistador: Tá, mas agora eu não entendi. Para você, o fato de na Paulista existir essa permissividade, essa falta de conflito, isso é bom ou ruim?

Lucas: [IIR] É bom porque eu uso, lógico, não vou falar ruim. O ruim é que não é todo lugar assim. Não digo a questão do luxo, digo esse convívio saudável entre as pessoas.

Entrevistador: Esse convívio saudável acontece aqui na Paulista?

Lucas: Ah, da minha pessoa com as outras, sim. Aqui eu consigo viver de boa. Isso é complexo, porque pra mim, São Paulo inteira é insegura, mas aqui eu tenho uma sensação de segurança.

Entrevistador: Mas você está dizendo isso por que o grupo que você se identifica, os skatistas, vem se apropriando, de certo modo, dos espaços da Paulista... Quer dizer, digamos que vocês skatistas tomaram um...

Lucas: [Interrompendo a pergunta] Tomamos um pedaço dela.

Entrevistador: É isso?

Lucas: Sim. Até incomoda as pessoas, até queriam fazer uma lei pra proibir isso, proibir os skates nas calçadas.

Entrevistador: Nas calçadas da Paulista?

Lucas: Em qualquer calçada. Falaram que tinha aprovado, e que tinha que passar por uma outra aprovação... Ia ser noventa reais de multa, e de reincidência cento e oitenta, mas acho que isso daí vai ser uma lei que nunca vai funcionar. É que as pessoas sentem o maior medo mesmo, e às vezes os skatistas tão muito loucos mesmo.

Entrevistador: Medo de quê?

Lucas: De você bater nela e cair...

Entrevistador: Ah, sim.

Lucas: As pessoas que não estão andando de skate se assustam com os skates. Mas, meio que domina sim, à noite tem muito skatista por aqui. Mas skatista é uma tribo da paz, meu. Sério!

Entrevistador: Você acha que a Paulista é um espaço que poderia receber outros tipos de atividades urbanas como o skate? Por exemplo, o praticante de patins, de bike, do *parkour* (Tipo de atividade essencialmente urbana em que o praticante utiliza os espaços e as construções da cidade como obstáculos), etc.

Lucas: Claro. E tem mais, hoje não existe mais esse negócio de que skatista quer bater em quem anda de patins, não tem mais essa... Se o cara é gente boa, não importa o que tem no pé.

Entrevistador: Importa o que tem no quê?

Lucas: [IIR] Na cabeça. [Risos]

Entrevistada Edna

Local de aplicação da entrevista: Espaço interno do Museu de Arte de São Paulo

Dia: 31 de agosto de 2010, terça-feira, às 16h10min

Nome: Edna Idade: 42

Ocupação: Comerciária

Escolaridade: Segundo grau completo

Local de Residência: Recife – PE

Entrevistador: Se eu pedir para a senhora pensar num lugar da cidade de São Paulo, qual é o primeiro lugar que vem à sua cabeça?

Edna: [IIR] Avenida Paulista.

Entrevistador: Por quê?

Edna: Eu acho um lugar bem astral, bem legal, onde você vê de tudo.

Entrevistador: Certo, é exatamente sobre a Paulista que eu gostaria que a senhora me falasse. O que mais a senhora tem a me dizer sobre a Paulista?

Edna: Pra mim ela engloba todo o tipo de pessoas... Pessoal que vêm de outras regiões do país, que vêm pra trabalhar, né, o pessoal que mora aqui mesmo também. Anda por aí um pessoal bem diversificado, você vê de tudo. Tem um pessoal com a cabeça mais leve, mais livre... Têm, também, uns estressados, por conta dos trabalhos, afinal a Paulista é o coração financeiro do Brasil. Mas, o que eu vejo na Avenida Paulista é que ela é um lugar muito legal pra passear, pra você ver de tudo.

Entrevistador: A senhora está como turista aqui em São Paulo?

Edna: Sim, estou como turista, eu vim passar uma semana, até o feriado eu vou ficar por aqui.

Entrevistador: A senhora já conhecia a Avenida Paulista?

Edna: [IIR] Já.

Entrevistador: Nas suas vindas a São Paulo, procura sempre passar pela Paulista?

Edna: [IIR] Sempre. Às vezes fico hospedada num hotel aqui da avenida mesmo.

Entrevistador: A senhora veio sozinha dessa vez?

Edna: Não, vim com um amigo.

Entrevistador: E o seu amigo já conhecia a Paulista?

Edna: Não. É a primeira vez dele aqui na Paulista...

Entrevistador: A senhora está apresentado a Paulista ao seu amigo, então?

Edna: [IIR] É, isso mesmo...

Entrevistador: E qual foi a reação dele?

Edna: Foi boa. A gente já vê outro mundo aqui, quando a gente sai da estação de metrô.

Entrevistador: Como foi essa chegada na Paulista?

Edna: Nós saímos da República e chegamos ali na estação de metrô do MASP... E quando ele subiu, ele disse que aqui já é outro clima, ele disse bem assim.

Entrevistador: A senhora concorda que aqui na Paulista “já é outro clima”?

Edna: [IIR] Com certeza. Aqui é diferente.

Entrevistador: E aqui no MASP...

Edna: [Interrompendo a pergunta] É a primeira vez que eu venho ao MASP, por incrível que pareça.

Entrevistador: E por que nunca tinha vindo ao MASP?

Edna: Eu acho que foi, não digo nem falta de oportunidade, porque eu tive várias, eu acho que foi questão de momento, em que eu estava aqui e não deu pra vir.

Entrevistador: Mas noutras vindas a São Paulo a senhora chegou a conhecer outros museus?

Edna: Sim, conheço o MAM.

Entrevistador: Senhora Edna, qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça quando a senhora imagina a Avenida Paulista?

Edna: Trabalho.

Entrevistador: A senhora gosta ou não da Paulista?

Edna: [IIR] Gosto.

Entrevistador: Acha bonita ou feia?

Edna: [IIR] Acho bonita.

Entrevistador: Qual é a beleza da Avenida Paulista?

Edna: Eu acho que é a mistura... desse parque aí, desse Trianon, com esses edifícios... da modernidade... De todo esse lance aí.

Entrevistador: A Paulista é um bom lugar para estar?

Edna: Com certeza...

Entrevistador: A senhora sente segurança aqui na Paulista?

Edna: Sinto... Ando de madrugada aqui, na boa.

Entrevistador: Por que será que a Paulista lhe passa essa sensação de segurança?

Edna: Rapaz... pelo menos eu não vejo menino de rua, não vejo ninguém que me aborde, como eu vejo em outros locais, entendeu?! Aqui eu fico mais tranqüila mesmo.

Entrevistador: Numa próxima vinda a São Paulo pretende retornar à Paulista?

Edna: [IIR] Com certeza.

Entrevistador: O que é que lhe faz querer retornar à Paulista sempre que a senhora vem a São Paulo?

Edna: Eu gosto de andar aqui... Ver o movimento, entendeu, entrar nessas galerias, ir na Cultura ali, gosto de fazer essas coisas... Ficar olhando, observando.

Entrevistador: A senhora indicaria a Paulista como um atrativo turístico da cidade?

Edna: [IIR] Indicaria.

Entrevistador: Quer dizer que a senhora acha que ela tem um chamamento para o turista?

Edna: Acho. A questão de ser São Paulo, eu acho que é fundamental essa avenida. Quem vem pra São Paulo e não conhece a Avenida Paulista...

Entrevistador: O que é que tem?

Edna:...é a mesma coisa que ir a Roma e não ver o Papa, né [Risos]?!

Entrevistador: Em sua opinião, qual é a imagem que melhor simboliza a Paulista?

Edna: Acho que aqui... A imagem que eu tenho desse prédio, do MASP. Pode ver que a maioria das reportagens mostra o MASP.

Entrevistador: O MASP, então, é o símbolo da Paulista?

Edna: Sim, embora seja a primeira vez que eu venha nele.

Entrevistador: A senhora costuma frequentar museus na sua cidade?

Edna: Não, muito pouco.

Entrevistador: Mas quando viaja, a senhora sente vontade de visitar?

Edna: Sempre vou. Eu gosto muito do Museu da Língua Portuguesa, aqui de São Paulo. Acho ele mais interativo, mais interessante de ir ver.

Entrevistador: Talvez, para a senhora, esse seja o principal ponto de atração dele: a “interatividade”.

Edna: [IIR] Justamente!

Entrevistador: Entendi. Senhora Edna, qual é a cor da Paulista?

Edna: Colorida...

Entrevistador: Por que colorida?

Edna: [IIR] Porque vê de tudo. Geral, vê várias cores ali.

Entrevistador: E qual é o som da Paulista?

Edna: O som?! Me pegaste, agora... O som da Paulista... De motores, pronto.

Entrevistador: A senhora acha que combina o som de motor com o colorido da Paulista?

Edna: [IIR] Combina, sim. Com certeza, é uma mistura que dá certo.

Entrevistador: A senhora acredita que a Paulista seja um lugar melhor para morar, trabalhar ou praticar atividades culturais e de lazer?

Edna: [IIR] Lazer. Pra morar eu não queria, não.

Entrevistador: Bem, a próxima pergunta era exatamente se a senhora moraria na Paulista.

Edna: [IIR] Morar, não.

Entrevistador: E trabalhar, trabalharia aqui na Paulista?

Edna: Trabalharia.

Entrevistador: De que maneira a senhora descreveria a Paulista a alguém que não a conhece?

Edna: Eu daria como referência uma avenida da minha cidade...

Entrevistador: Que seria qual?

Edna: A Avenida Boa Viagem. A Paulista é uma Avenida Boa viagem sem o mar. Porque a Boa Viagem você tem o visual do mar, e aqui não, é outro visual.

Entrevistador: Quer dizer que essa avenida lá do Recife é à beira-mar?

Edna: Sim, e ela tem uma arquitetura muito bonita, como a daqui.

Entrevistador: Entendi. E o mar faz muita falta aqui na Avenida Paulista?

Edna: Não, não. De jeito nenhum.

Entrevistador: Mas, mesmo sem o mar, a senhora consegue associar a essa avenida da sua cidade?

Edna: É que todo mundo adora a Avenida Boa Viagem.

Entrevistador: É uma avenida símbolo do Recife?

Edna: Justamente.

Entrevistador: Por isso a senhora faz essa...

Edna: [Interrompendo a pergunta] Esse parâmetro.

Entrevistador:...essa associação?

Edna: [IIR] Justamente.

Entrevistador: De que maneira a senhora descreveria o público que frequenta a Paulista?

Edna: Um público bom. Inteligente. Pelo menos o pessoal que eu converso, que eu conheço aqui... Culturalmente não vou nem nessa questão... É excelente.

Entrevistador: A senhora arriscaria um palpite a respeito da idade da Paulista, há quanto tempo ela foi inaugurada? Baseado na sua sensação... Um palpite, mesmo.

Edna: Uns cem anos?

Entrevistador: Ok. Em 1991, a Avenida Paulista foi eleita, pelos paulistanos, o símbolo da cidade de São Paulo, num concurso de voto popular. A senhora concorda com esse resultado?

Edna: Concordo.

Entrevistador: Se pudesse votar, votaria na Paulista como um símbolo de São Paulo?

Edna: [IIR] Votaria. Com certeza.

Entrevistador: Sendo turista aqui em São Paulo, e conhecendo a Paulista, o que a senhora vê de diferente nessa avenida, que a faz ser diferente de outros lugares?

Edna: Aqui? Acho que a liberdade.

Entrevistador: A senhora se sente turista aqui na Paulista?

Edna: [IIR] Me sinto... [Seguido por uma prazerosa risada de típica pernambucana.]

Entrevistado Everaldo

Local de aplicação da entrevista: Espaço interno do Museu de Arte de São Paulo

Dia: 31 de agosto de 2010, terça-feira, às 16h45min

Nome: Everaldo Idade: 34

Ocupação: Confeiteiro

Escolaridade: Segundo grau completo

Local de Residência: Porto Alegre – RS [Natural do Rio Grande do Norte]

Entrevistador: Everaldo, você está a passeio aqui em São Paulo?

Everaldo: Não, na verdade eu cheguei domingo, e estou procurando um trabalho, procurando um lugar pra ficar ainda.

Entrevistador: Ah, então você veio procurar emprego?

Everaldo: Isso.

Entrevistador: Entendi. Já tinha vindo a São Paulo outras vezes?

Everaldo: Sim.

Entrevistador: Ok. Everaldo, se eu pedir para você pensar num lugar da cidade de São Paulo, qual é o primeiro que vem à sua cabeça?

Everaldo: Ibirapuera. São Paulo é muito pesado... É muito poluído...

Entrevistador: E mesmo assim, você acha que vale a pena vir morar aqui?

Everaldo: [IIR] Claro. Claro.

Entrevistador: Então o fato de ser poluído, pesado, não chega a contar tanto?

Everaldo: Não, não... Isso aí é outra coisa, tem que trabalhar né.

Entrevistador: Algum motivo especial para ter pensado no Ibirapuera?

Everaldo: Porque tem muito verde e é um lugar da cidade que é bom...

Entrevistador: Certo, mas as minhas perguntas serão a respeito da Avenida Paulista. Tudo bem?

Everaldo: Vai lá.

Entrevistador: Bem, o que você acha da Paulista?

Everaldo: É um lugar de passagem, cara.

Entrevistador: Em que sentido?

Everaldo: No sentido mesmo de ser um caminho.

Entrevistador: Um caminho pra quem?

Everaldo: Pra quem quiser passar, né. [Riso desconfortável.]

Entrevistador: Você acha que a Paulista é aberta pra qualquer pessoa, então?

Everaldo: Sim, sim.

Entrevistador: Mas as pessoas que passam por aqui têm um destino?

Everaldo: Sim, claro, provavelmente elas têm um destino.

Entrevistador: Qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça quando você pensa na Paulista?

Everaldo: O Sesi, ali.

Entrevistador: O Sesi?

Everaldo: É, o teatro.

Entrevistador: Você conhece o Teatro do Sesi?

Everaldo: Já.

Entrevistador: O que você assistiu lá?

Everaldo: Eu vi várias coisas, mas o que eu me lembro, assim, é de um espetáculo que chama 'Muito Romântico'...

Entrevistador: Você gostou do Teatro do Sesi, então?

Everaldo: Gostei, gostei.

Entrevistador: Você costuma ir a peças de teatro frequentemente?

Everaldo: Gosto, gosto.

Entrevistador: Lá em Porto Alegre, você vai?

Everaldo: Sim.

Entrevistador: Você se lembra de quanto você pagou para assistir a peça do Teatro do Sesi?

Everaldo: Foi de graça, eu acho.

Entrevistador: Você gosta da Paulista?

Everaldo: Gosto, cara, tem o MASP, o teatro que eu falei...

Entrevistador: Você acha bonita ou feia?

Everaldo: Eu acho bonito, sim, porque ela é comprida, né.

Entrevistador: Ela é “comprida”?

Everaldo: É, é bonita nesse sentido, é comprida, né, é uma avenida extensa.

Entrevistador: E isso expressa uma beleza, o fato de ela ser comprida?

Everaldo: Acho que sim. Ela é comprida, então dá pra ver, sei lá, o horizonte mais distante... Do que outras ruas que são prensadas.

Entrevistador: Você se sente seguro aqui na Paulista?

Everaldo: Acho que sim.

Entrevistador: O que é que mais lhe atrai na Paulista?

Everaldo: É isso aqui [referindo-se ao MASP]... A Cultura [Livraria], o Conjunto Nacional, isso aqui mesmo, o MASP.

Entrevistador: E tem alguma coisa que você não gosta na Paulista?

Everaldo: É desses prédios aí, enormes.

Entrevistador: Quais?

Everaldo: Esses edifícios enormes aí, da Caixa... E esses outros aí que vão beirando a avenida.

Entrevistador: Certo, você não gosta. Por quê?

Everaldo: Porque tapa a visão, tapa o céu. E também é fechado, entendeu?

Entrevistador: Você não acha que são exatamente esses prédios que dão a “cara” que a Paulista tem?

Everaldo: Acaba dando uma cara, é claro, mas eu não gosto.

Entrevistador: Você indicaria a um amigo, por exemplo, visitar a Avenida Paulista como sendo um atrativo turístico da cidade de São Paulo?

Everaldo: Só a avenida? Não.

Entrevistador: Não indicaria como sendo um atrativo turístico?

Everaldo: Não, não. Indicaria essas coisas... Isso aqui [mais uma vez referindo-se ao MASP], o teatro...

Entrevistador: Ah, porque pra você, esses lugares que você frequenta, essas coisas a que você se refere, não fazem parte de um conjunto que é a Paulista?

Everaldo: Não, não... [alguma dúvida em relação a esse questionamento] Eu acho assim, cara, acho que é separado, eu acho que esses lugares são separados.

Entrevistador: Quer dizer que você indicaria lugares específicos da Paulista como sendo os atrativos turísticos?

Everaldo: Isso. O MASP, a Livraria Cultura... Tem aquele espaço da Caixa, com exposições.

Entrevistador: O que você mudaria aqui na Paulista?

Everaldo: Esses prédios aí, mas... [risos] Não vai rolar.

Entrevistador: Em sua opinião, qual é o símbolo da Paulista?

Everaldo: Que eu me lembre, o letreiro lá em cima do Conjunto Nacional... As antenas... À noite, assim, aparecem bastante.

Entrevistador: Qual é a cor da Paulista?

Everaldo: Eu acho que ela é cinzenta sempre. Claro que não é sempre, mas, na minha cabeça eu tenho essa imagem cinzenta.

Entrevistador: E o som?

Everaldo: O som de carro.

Entrevistador: Você acredita que a Paulista deva ser um lugar melhor para morar, trabalhar ou praticar atividades culturais e de lazer?

Everaldo: Acho que tem mais a ver com essa coisa da cultura, de lazer...

Entrevistador: Moraria na Paulista?

Everaldo: Moraria, cara. [Sem muita certeza]

Entrevistador: É mesmo?

Everaldo: Ah, se não tivesse outra opção...

Entrevistador: Se não tivesse outra opção? Qual seria outra opção aqui em São Paulo, pra morar?

Everaldo: Um sítio, ou uma chácara... Bastante verde. [Risos]

Entrevistador: [Risos] Bastante verde? Você conhece o Parque Trianon?

Everaldo: Conheço. Já passei ali.

Entrevistador: Gostou?

Everaldo: Acho um espaço legal... Deveria ter mais segurança.

Entrevistador: Você trabalharia na Paulista?

Everaldo: Eu acho que sim, cara. Trabalharia, porque eu to precisando de trabalho.

Entrevistador: Como você descreveria a Paulista a alguém que não a conhece?

Everaldo: Ah, que é um lugar de muito trânsito, muito barulho.

Entrevistador: Como você descreveria o público que frequenta a Paulista?

Everaldo: É todo mundo. Vem todo mundo, é uma mistura, né, de... Que nem São Paulo inteira, é uma mistura... é uma cidade... eu acho que chama... cosmopolita.

Entrevistador: A Paulista é cosmopolita?

Everaldo: Sim.

Entrevistador: Everaldo, você arriscaria dizer qual é a idade da Paulista? Um palpite mesmo.

Everaldo: Uns quatrocentos anos, não sei. Eu já li alguma coisa sobre isso, mas eu não me lembro.

Entrevistador: Em 1991, a Avenida Paulista foi eleita pelos paulistanos o símbolo da cidade de São Paulo, num concurso de voto popular. Você concorda com esse resultado?

Everaldo: Acho que não. Não concordo. Acho que tem outros lugares.

Entrevistador: Por exemplo?

Everaldo: O próprio Ibirapuera.

Entrevistador: E porque você acha que a Avenida Paulista venceu lugares como o Ibirapuera, que você mesmo está citando, o Viaduto do Chá, o Memorial da América Latina, entre outros?

Everaldo: Não sei, cara. É coisa de quem é paulista, mesmo, assim do lugar, pra entender, pra saber...

Entrevistador: Você acha que foi uma escolha de quem é do lugar?

Everaldo: É, é coisa de paulista... Acho que é coisa de paulista. [Risos]

Entrevistada Bastiana

Local de aplicação da entrevista: Espaço interno do Museu de Arte de São Paulo

Dia: 31 de agosto de 2010, terça-feira, às 17h30min

Nome: Bastiana Idade: 51

Ocupação: Bancária

Escolaridade: Ensino superior completo – Formação em psicologia

Local de Residência: Jardim da Saúde, São Paulo – SP (Natural de Salvador, BA)

Entrevistador: A senhora é baiana, mas há quanto tempo vive aqui em São Paulo?

Bastiana: Trinta anos.

Entrevistador: Praticamente uma paulistana, então?

Bastiana: É.

Entrevistador: Senhora Bastiana, se eu pedir para a senhora pensar num lugar da cidade de São Paulo, qual é o primeiro que lhe vem à cabeça?

Bastiana: Onde eu moro e onde eu trabalho.

Entrevistador: Qual é o primeiro?

Bastiana: Onde eu trabalho.

Entrevistador: Que é aonde?

Bastiana: Na Rua XV de Novembro, no centro da cidade.

Entrevistador: É onde a senhora trabalha?

Bastiana: Sim, veio primeiro esse pra vir depois onde eu moro.

Entrevistador: Quer dizer que o primeiro lugar que vem à sua cabeça é onde a senhora trabalha, e o segundo é onde mora?

Bastiana: O segundo é onde moro [risos]. Porque foi também o primeiro lugar que quando cheguei aqui em São Paulo eu tive contato [referindo-se à Rua XV de Novembro].

Entrevistador: Quer dizer que é um lugar que já é antigo na sua lembrança?

Bastiana: É, em São Paulo foi a XV de Novembro.

Entrevistador: A senhora já veio para trabalhar?

Bastiana: Eu vim pra passar umas férias e acabei arranjando um emprego já na XV de Novembro, então lá tem um significado especial pra mim.

Entrevistador: Entendi. Mas agora eu tenho que lhe informar que nos vamos falar sobre a Avenida Paulista... Tudo bem para a senhora?

Bastiana: Vamos lá.

Entrevistador: Ótimo. O que a senhora me diz sobre a Avenida Paulista?

Bastiana: Quando eu cheguei aqui, eu achava, assim, uma rua super elegante, o pessoal se trajava bem... Hoje os prédios são mais imponentes, mas antigamente era melhor... Há trinta anos atrás, eu vou te dizer que tinha casas mais do que prédios. Eu me lembro da Avenida Paulista assim: mais casa do que prédios. Era muito residencial, depois é que virou muito comercial...

Entrevistador: E qual Avenida Paulista a senhora prefere?

Bastiana: A gente sempre tá andando pra frente, né... [risos] Apesar de que ficou uma coisa mais assim, como é que o povo fala... “Uma selva de pedra”.

Entrevistador: O que é que combina mais com a Paulista, aquela...

Bastiana: É antena... [risos]

Entrevistador: Antena?

Bastiana: Não, o que é que você ia falar?

Entrevistador: O que é que combina mais com a Paulista, a antiga, mais residencial, ou a atual “selva de pedra”?

Bastiana: Eu gostaria mais que fosse a inicial.

Entrevistador: A de antes, então?

Bastiana: A de antes.

Entrevistador: A senhora tem muitas recordações dessa Paulista de antes?

Bastiana: Tenho. Porque também foi um dos lugares que logo quando eu cheguei... Quando eu tava em Salvador vivia ouvindo falar da Paulista, da Augusta, e era o meu sonho conhecer...

Entrevistador: Era um sonho seu, conhecer a Avenida Paulista?

Bastiana: [IIR] Era.

Entrevistador: E a senhora realizou esse sonho.

Bastiana: [IIR] É, realizei.

Entrevistador: Foi uma boa realização de sonho.

Bastiana: [IIR] Foi... Na época foi.

Entrevistador: A senhora se lembra do seu primeiro contato com a Paulista?

Bastiana: [IIR] Lembro.

Entrevistador: Como é foi?

Bastiana: Eu me lembro que foi o meu tio que me trouxe, num ‘Volks’ que ele tinha, uma tarde ele saiu com a gente pra Avenida Paulista. E eu me lembro que era num ‘Volks’ bem velhinho, bem acabadinho, que a gente até tinha vergonha de sair com ele.

Entrevistador: E esse “passeio de Volks” pela Avenida Paulista ficou sendo a sua primeira lembrança?

Bastiana: [IIR] É.

Entrevistador: Senhora Bastiana, qual é a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando a senhora pensa na Avenida Paulista?

Bastiana: [IDR] MASP.

Entrevistador: A senhora gosta da Avenida Paulista?

Bastiana: Não tenho nada contra. [risos] Eu gosto... É um lugar qualquer.

Entrevistador: É um lugar qualquer, para a Senhora?

Bastiana: Assim, um lugar assim como qualquer outro, pra mim agora ficou cotidiano, né, não tem uma coisa mais impactante como foi quando eu cheguei aqui.

Entrevistador: A senhora acha a Paulista bonita ou feia?

Bastiana: Acho bonita.

Entrevistador: Sente que é um bom lugar para estar?

Bastiana: Acho que sim. Melhor do que o centro da cidade.

Entrevistador: Melhor do que o centro? Por quê?

Bastiana: Aqui pelo menos a gente não vê ainda camelô na rua como vê lá no centro. Eu transitei aqui mais de duas horas e não vi tanto camelô na rua como eu vejo lá no centro.

Entrevistador: Com qual frequência a senhora vem à Paulista?

Bastiana: Duas vezes no mês... às vezes eu venho no cinema, venho ali no shopping, aí eu venho andando, vou pela consolação... Ah, umas três vezes por mês, por aí.

Entrevistador: A senhora frequenta a Paulista mais por qual motivo?

Bastiana: Venho pra passear. Às vezes tem algum evento, eu venho. Quando dá vontade, eu venho.

Entrevistador: E hoje, aqui no MASP, a senhora veio especificamente para visitar o museu?

Bastiana: [IIR] Pra ver a exposição.

Entrevistador: Mas já tinha vindo outras vezes ao MASP?

Bastiana: [IIR] Já, já tinha vindo.

Entrevistador: Escolheu a terça-feira por algum motivo especial?

Bastiana: Não. Eu aproveitei que eu tirei a folga hoje, e que estava com um amigo, e eu perguntei para ele: vamos fazer o quê? Vamos pro MASP. Quando eu cheguei aqui que eu soube que terça-feira não paga. Eu não sabia.

Entrevistador: E como está sendo esse dia de folga na Paulista?

Bastiana: [IIR] Eu acho ótimo... Vim lá de baixo [referindo-se ao início da Paulista], fiz a Casa das Rosas, aí passei no Itaú, depois no SESC [referindo-se, na verdade, à FIESP], que tinha lá o 'Inova', aí a gente viu pessoal que tá inventando coisa, descobrindo coisa pra ser patenteada, aí depois a gente passou por aqui.

Entrevistador: Ah, que legal, fizeram um roteiro cultural?

Bastiana: Um roteiro cultural. Uma terça-feira cultural... Ainda brinquei com ele [referindo-se ao amigo], uma terça-feira cultural.

Entrevistador: E valeu a pena essa terça-feira cultural?

Bastiana: [IIR] Achei ótimo. Uma coisa fora do normal, né. Porque geralmente a gente só faz essas coisas de sábado e domingo, e hoje calhou que eu tinha que tirar essa folga, e calhou que ele tava de folga também, daí a gente veio junto.

Entrevistador: A senhora costuma frequentar a Paulista no final de semana também?

Bastiana: Também, de vez em quando eu venho, sim. Eu não gosto da Paulista quando tem, assim (que eu já vim aqui e fiquei horrorizada), quando um time ganha e eles vêm comemorar aqui. A última vez que eu vim teve um quebra-pau danado, foi do São Paulo [referindo-se ao São Paulo Futebol Clube], inclusive, e eu não gostei. Já vim num fim de ano também, que eu passei aqui em São Paulo, não pude pra ir pra Salvador, também na Paulista. O pessoal se reuniu, daí a gente veio.

Entrevistador: Foi bom?

Bastiana: [IIR] Foi bom.

Entrevistador: A senhora sente segurança aqui na Paulista?

Bastiana: [IIR] Sinto.

Entrevistador: Tem alguma coisa que a senhora não goste aqui na Paulista?

Bastiana: Não. Não tem nada que eu não goste na Paulista... A não ser o trânsito, né, o trânsito depois das 18 horas fica terrível.

Entrevistador: Quais são os lugares que a senhora mais frequenta aqui na Paulista?

Bastiana: Os cinemas.

Entrevistador: Algum em especial?

Bastiana: Não, passando filme bom qualquer um. Também o MASP, o Trianon...

Entrevistador: O Trianon a senhora diz...

Bastiana: [Interrompendo a pergunta] O parque.

Entrevistador: ...o Parque Trianon. O que a senhora acha do Parque Trianon?

Bastiana: Assim, eu não frequento muito aí, mas quando vim eu gostei... Depois começaram... Teve muito, assim... Ficou muito desleixado, né, eu agora nem sei se tem segurança aí dentro. Aí você vinha e tinha o pessoal que tá fumando, fazendo bagunça, aí eu deixei de vir, e agora eu nem sei como é que tá, pra falar a verdade.

Entrevistador: Se a senhora recebesse a visita de um amigo de outra cidade, que não conhecesse a cidade de São Paulo...

Bastiana: [Interrompendo a pergunta] Traria na Avenida Paulista!

Entrevistador: Traria na Avenida Paulista?!

Bastiana: Traria.

Entrevistador: Na verdade, eu ia lhe perguntar se a senhora indicaria a Paulista como um atrativo turístico da cidade de São Paulo.

Bastiana: Claro, todo mundo quer conhecer, pelo menos se você for a Salvador, a primeira coisa que vão querer saber é: “como é a Avenida Paulista?”

Entrevistador: E como a senhora descreve a Paulista?

Bastiana: Ah, eu falo que é uma avenida que... em Salvador não tem uma igual pra ser comparada. Ela tem uma coisa especial nela, entendeu?

Entrevistador: O que a senhora acha que é essa “coisa especial” da Paulista?

Bastiana: É uma coisa indefinida, é uma coisa dela. É uma imponência dela. É um mistério que ela faz.

Entrevistador: Ok. Caso a senhora acompanhasse esse amigo no passeio à Paulista, qual seria o primeiro lugar que o levaria para conhecer?

Bastiana: Traria no MASP. Se ele aguentasse andar, levava até o shopping... Os bancos, que eu acho esses bancos da Avenida Paulista um luxo, sempre quis trabalhar no banco do Brasil aqui da Paulista, nunca consegui.

Entrevistador: Aproveitando essa sua colocação, a senhora acha que a Paulista é um lugar melhor para morar, trabalhar ou praticar atividades culturais e de lazer?

Bastiana: Pra trabalhar e fazer lazer e cultura, porque pra morar eu acho que não.

Entrevistador: A senhora não moraria na Paulista, por quê?

Bastiana: Ah, porque eu acho que deve ser insuportável esse trânsito da Paulista, assim, na hora do rush...

Entrevistador: Mas trabalharia na Paulista?

Bastiana: É claro, por que não?! Eu vivo fazendo curso aqui, e eu gosto.

Entrevistador: Qual é o símbolo da Paulista, a imagem que melhor a representa?

Bastiana: Símbolo... o Banco Central.

Entrevistador: Qual é a cor da Avenida Paulista?

Bastiana: [IDR] Ah, não tem uma só cor, ela tem várias cores. Eu tô pensando nos prédios, pra ver as cores dos prédios...

Entrevistador: E qual é a cor que vem à sua cabeça?

Bastiana: Creme.

Entrevistador: Creme?!

Bastiana: A maior parte dos prédios é creme, por isso que eu disse creme. Mas eu não vejo a Paulista só com uma cor. Ela é colorida, na minha opinião. Tem o cinza, tem o amarelo fosco...

Entrevistador: E qual é o som?

Bastiana: De carro buzinando.

Entrevistador: Como a senhora descreveria o público da Avenida Paulista?

Bastiana: Agora, dia de semana, sempre é executivo. Final de semana são aqueles expositores de obra de arte, pessoal que vende... Tem uma feirinha aqui famosa [referindo-se à feira de antiguidades que acontece todos os domingos no vão livre do MASP], eu acho que é aqui mesmo, aqui no MASP.

Entrevistador: A senhora prefere a Paulista em dia de semana ou nos finais de semana?

Bastiana: Eu gosto dela de qualquer jeito [risos]. Aí é que eu acho a Paulista interessante, porque dia de semana você não vê camelô, não vê nada disso, aí no fim de semana quando você vem aqui, é uma agitação com aquele pessoal do comércio, que você não vê na rua todo dia, toda hora. É a mistura da Paulista... Você já veio no final de semana, aqui?

Entrevistador: Já [risos].

Bastiana: Ela é diferente do que durante a semana... Verdade [risos].

Entrevistador: Acredito na senhora [risos]. Agora, a senhora poderia arriscar um palpite sobre a idade da Avenida Paulista?

Bastiana: Uns cinquenta anos?! Ah, ela deve ser mais antiga, né, mas não deve ser 'quatrocentona', não...

Entrevistador: A senhora nunca tinha parado para pensar na idade da Paulista, né?

Bastiana: Não. [Risos] Eu acho ela tão moça, tão moderna...

Entrevistador: [risos] A senhora acha a Avenida Paulista muito moça, é?

Bastiana: Nunca pensei nisso... não deve ter a idade de São Paulo, deve ter... uns cem anos? Vamos colocar cem anos... Eu não sei, e você sabe? [Risos]

Entrevistador: Sei, mas depois eu lhe conto. [risos] Agora, uma última pergunta: Em 1991, a Avenida Paulista foi eleita, pelos paulistanos, o símbolo da cidade de São Paulo, num concurso de voto popular. A senhora concorda com esse resultado?

Bastiana: [IDR] Ah, eu acho isso aí é um exagero, né!

Entrevistador: A senhora acha exagero? Então não teria votado na Paulista?

Bastiana: Quem era que tava concorrendo? Dependendo de quem tava, eu não escolheria. Se tivesse o Ibirapuera, eu ia votar no Ibirapuera, que tem mais coisas de lazer para a população. Eu prezo muito de lugares que tem bastante lazer, e o Ibirapuera é um lugar desses.

Entrevistado Ricardo

Local de aplicação da entrevista: Vão livre do MASP

Dia: 02 de setembro de 2010, quinta-feira, às 14h25min

Nome: Ricardo Idade: 45

Ocupação: Advogado

Escolaridade: Ensino superior completo

Local de Residência: Morro dos Ingleses, São Paulo – SP (Natural de Santos, SP)

Entrevistador: Se eu pedir para você pensar num lugar da cidade de São Paulo, qual é o primeiro que vem à sua cabeça?

Ricardo: Avenida Paulista.

Entrevistador: Por que a Avenida Paulista?

Ricardo: Porque eu estou aqui o tempo inteiro. Pra mim, a Paulista é um ponto de referência.

Entrevistador: Um ponto de referência?

Ricardo: É, porque eu sou um ser humano perdido, não tenho senso de localização. Pra me deslocar por São Paulo, eu procuro saber da Paulista como é que eu chego. Por isso ela é a minha referência.

Entrevistador: Quer dizer que pra você a Paulista é ponto geográfico.

Ricardo: Mas não só isso, ela é um ponto geográfico, mas ela é também, no final das contas, um lugar cultural. É um centro cultural. Você tem museus, você tem cinemas [nesse momento, o entrevistado começa a contar nos dedos os cinemas espalhados pela Paulista]... Teatros também, você tem uma meia dúzia deles. Então vira um ponto cultural, um centro cultural da cidade. Ela perdeu aquele charme financeiro, que foi lá pra Faria Lima (graças a Deus, graças a Deus!), e se tornou um ponto cultural, um ponto de encontro.

Entrevistador: Interessante, Ricardo, você me disse que a Paulista perdeu o charme financeiro, mas...

Ricardo: [Interrompendo a pergunta] Ah, eu falo charme só pra não falar ranço.

Entrevistador: Ok, isso que eu ia te perguntar, quer dizer que você estava se referindo a um charme negativo?

Ricardo: Isso, ela perdeu aquele ranço financeiro, que tem hoje ainda, mas é bem menor. Quando você pensa na Paulista como um ponto cultural aí é que você usa a palavra charme na acepção correta.

Entrevistador: Ricardo, a que você atribuiria essa transformação do “charme financeiro” da Paulista para um (verdadeiro) charme cultural?

Ricardo: Foi a partir da progressão da Faria Lima, quando a Faria Lima virou o “bububu” da história. Os bancos foram pra lá, os escritórios de advocacia a maioria foi pra lá, pra acompanhar o cliente. Então a Paulista acabou se tornando um lugar que referência financeira não tem mais nenhuma, a única coisa que você tem é a FIESP, ainda. Tem grandes rádios, a televisão que sobrou da antiga Gazeta...

Entrevistador: Bem, Ricardo, você já deve ter percebido que a minha pesquisa é exatamente sobre a Avenida Paulista. Sendo assim, eu gostaria de saber qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça quando você pensa na Avenida Paulista?

Ricardo: Barulho.

Entrevistador: O barulho lhe incomoda?

Ricardo: Sim. Ou você vai me dizer que se a gente estivesse conversando aqui sem esse monte de barulho não estaria melhor?! Barulho e aglomeração... uma “barulhação”, vamos dizer.

Entrevistador: “Barulhação”... Isso lhe remete à Paulista?

Ricardo: É, barulho com aglomeração, sei lá. É muita gente, é muita gente andando, é muita gente correndo, é muita gente falando alto, é muita gente gritando... O barulho no final das contas, ele não me incomoda, ele me incomoda em determinadas situações.

Entrevistador: Você está num momento de descanso, aqui no vão do MASP, num dia de semana à tarde, porque você saiu de casa, aonde você trabalha, para, digamos, espairecer, certo?! E você escolheu vir para a Paulista, no meio da “barulhação”. Por quê?

Ricardo: Porque eu moro razoavelmente perto. Pra mim é fácil, eu estou na Paulista em dez minutos se eu venho a pé. Então eu venho muito pra cá.

Entrevistador: Você disse que mora há dez anos na cidade de São Paulo. Você tem alguma recordação primeira da Avenida Paulista, de quando você a conheceu?

Ricardo: Cara, a primeira coisa que eu fiz na Paulista, foi ir à Livraria Cultura. Há muitos anos atrás, antes de vir morar aqui. Eu sou cliente da Cultura desde que eu tinha quinze anos. Livraria Cultura dentro do Conjunto Nacional, que não era aquilo que é hoje. Eles tiraram o cinema e fizeram aquilo que tá ali.

Entrevistador: E o que é “aquilo ali”?

Ricardo: Como assim?

Entrevistador: Você fala “aquilo ali” de um modo que me pareceu pejorativo.

Ricardo: [IIR] Ah, não! Não é negativo, não. Porque o cinema que tinha ali poderia ter virado um local de culto evangélico, e não que eu seja contra, mas não é um lugar pra isso.

Entrevistador: Entendi. O cinema que tinha lá, você chegou a conhecer?

Ricardo: [IIR] Cheguei a ir sim. Eu lembro de ter ido algumas vezes, era gigantesco!

Entrevistador: E você achou que a Cultura soube ocupar de forma adequada todo aquele espaço?

Ricardo: Soube sim.

Entrevistador: Ricardo, você gosta ou não gosta da Paulista?

Ricardo: [IIR] Gosto. [Sem muita convicção na resposta]

Entrevistador: Gosta?! Mas é um “gosto” enfático?

Ricardo: Gosto. Cinquenta por cento mais um.

Entrevistador: Você acha a Paulista bonita ou feia?

Ricardo: Bacana. Bonita ou feia é muito relativo.

Entrevistador: Sente que é um bom lugar para estar?

Ricardo: [IIR] É.

Entrevistador: Sente segurança aqui?

Ricardo: Ah, chega um determinado horário que já não é tão seguro andar na Paulista. Depois das 18 horas, por exemplo.

Entrevistador: Aqui no vão livre, você tem o costume de vir com alguma frequência?

Ricardo: Uma vez por semana, pelo menos. Antes eu dou uma volta ali pelo Parque Trianon e depois acabo vindo pra cá.

Entrevistador: O que você acha do Trianon?

Ricardo: Tá melhor.

Entrevistador: Baseado em que você diz isso?

Ricardo: Ah, ele teve abandonado muito tempo. Era um lugar perigoso, mas hoje você vê segurança no parque... Hoje você vê mães com crianças, gente com cachorro, casais namorando, coisas que você não via. Eu levei anos pra entrar no Trianon, agora que eu tenho ido com mais frequência, e observado que o ambiente tá melhor.

Entrevistador: O que é que mais lhe atrai aqui na Paulista?

Ricardo: Atração em que sentido?

Entrevistador: O que lhe faz querer vir à Paulista, por exemplo.

Ricardo: Não tem isso. Eu venho porque venho. Talvez a Livraria Cultura, mas não sei.

Entrevistador: E o que você menos gosta na Paulista?

Ricardo: [IDR] Se eu fosse dizer pra você que a coisa que eu menos gosto na Paulista são as pessoas... Você diria que eu sou maluco.

Entrevistador: De maneira alguma.

Ricardo: Eu não gosto muito das pessoas, eu tenho algum problema com gente. Eu não gosto de gente... Eu gosto de algumas pessoas, mas não daquele monte de gente. Pessoas gritando na rua, as pessoas mal educadas que passam por você e esbarram em você... entendeu?! Aqui na Paulista tem muito isso: as pessoas não desviam. Você já andou na Paulista, você já viu isso. As pessoas não desviam de você, você é que tem que desviar, se não você vai tomar porrada. Tem dia que eu to com o espírito bom, e eu até desvio, mas tem dia que eu troco o relógio de braço e sigo em frente... saio andando. Desviou, desviou, se não desviou vai tomar porrada... Tem dia que eu faço isso, mas... cansa!

Entrevistador: Isso lhe incomoda?

Ricardo: Ah, sim. Cansa ser igual aos outros... Cansa você agir da mesma forma.

Entrevistador: Mas, você acha que essa falta de educação que você sente vindo das pessoas aqui da Paulista, deve-se a quê?

Ricardo: Não vou dizer que é só na Paulista. Mas eu observo isso aqui porque eu estou mais aqui e também porque aqui tem muita gente. Mas, no centro é igual, dentro do shopping é igual, então não tem essa.

Entrevistador: Ricardo, se você recebesse a visita de um amigo de outro lugar, o qual não conhecesse a cidade de São Paulo, você indicaria a Paulista como um atrativo turístico da cidade?

Ricardo: Sim. É obrigação conhecer a Paulista. É obrigação conhecer o MASP. Pra quem vem de fora, e também pra quem é de São Paulo, eu acho que é obrigação moral conhecer o MASP. Não tenha dúvida disso.

Entrevistador: Quer dizer que o MASP é um lugar que você costuma frequentar.

Ricardo: Sim. Tem meses que eu venho toda semana, e têm outros que eu nem venho. Quando tem exposição eu venho sempre.

Entrevistador: Quando eu lhe perguntei qual era a sua primeira lembrança da Paulista, você me respondeu que era o MASP. Você conheceu a Livraria Cultura antes de conhecer o MASP, então?

Ricardo: Sim. Eu sou leitor antes de ser apreciador de arte.

Entrevistador: Qual é o símbolo da Paulista, em sua opinião?

Ricardo: O MASP.

Entrevistador: Será que você está dizendo isso por nós estarmos aqui no vão livre, e isso, de repente, influenciar na tua resposta?

Ricardo: [IIR] Não. É o MASP. A referência da Paulista é o MASP, e muitas vezes a referência de São Paulo é o MASP. Por vezes, São Paulo é conhecido no exterior por causa do MASP.

Entrevistador: Ricardo, se você acompanhasse aquele seu amigo de fora da cidade, em uma visita à Paulista, qual seria o primeiro lugar que você o levaria?

Ricardo: Depende da pessoa.

Entrevistador: Tudo bem, mas leve em consideração que seria um amigo seu.

Ricardo: Mas eu tenho amigos muito diferentes. Eu tenho amigo que é roqueiro e tenho amigo que só gosta de música clássica.

Entrevistador: Certo, então me diga se teria algum lugar na Paulista que agradaria a ambos os gostos, o do roqueiro e do erudito.

Ricardo: [IDR] Cara, acho que a 'prainha'. Um desses botequins da prainha. Porque você vai sentar ali e vai ver o povo passar, todos os tipos de pessoa, não vai se trancar num lugar. Um bar atende aos mais diversos gostos. ["Prainha" é como é popularmente conhecido um conjunto de bares, ou botecos, localizados na esquina da Avenida Paulista com a Rua Joaquim Eugênio de Lima. O nome é uma referência ao tradicional bar "Prainha Paulista", que ali está situado desde 1973, e leva esse nome por remeter às badaladas ruas das cidades litorâneas.]

Entrevistador: Você mudaria alguma coisa aqui na Paulista?

Ricardo: [IDR] Eu reduziria o tráfego da Paulista. Eu não tenho dúvida disso.

Entrevistador: Qual é a cor da Paulista, Ricardo?

Ricardo: [IDR] Nunca vi a Paulista colorida... Mas em homenagem aos gays eu diria que ela é um arco-íris.

Entrevistador: Quando você diz que nunca viu a Paulista colorida, o que é que você quer dizer?

Ricardo: Eu nunca vi a Paulista com uma cor, com uma forma colorida... Nunca tive essa impressão. Não acho que ela seja cinza, preta, branca, amarela, cor de rosa, não. Ela é um arco-íris. Ela tem bem esse sentido de arco-íris, eu acho. Ela tem todas as cores, mas ao mesmo tempo não tem

nenhuma. No fim de tudo, ela é um excesso de cores, e excesso de cor é o quê?! É branco? Dá branco né... Não, mas ela é colorida mesmo.

Entrevistador: Qual é o som da Paulista?

Ricardo: Buzina. Não, nem é buzina, tira esse buzina daí. Não é buzina porque é o que menos você ouve. Você tá ouvindo buzina? Você não ouve buzina. Falei buzina por causa dos carros, mas não é buzina, não... [Começa a pensar numa outra resposta] É um murmúrio... É um murmúrio. Se a gente tivesse na beira da praia eu diria que era um "marulho". Lá em Santos, a gente para nos lugares e a gente ouve o mar... Aqui não, aqui na Paulista é gente falando, é motor de carro, é barulho de ônibus... São todos os sons. É uma coisa que você não consegue identificar.

Entrevistador: Você acha que a Paulista é um lugar melhor para morar, trabalhar ou praticar atividades culturais e de lazer?

Ricardo: Depende. Se você morar na Paulista, é ótimo para trabalhar nela, e vice-versa. Mas, certo que eu moraria na Paulista, trabalharia e me divertiria também.

Entrevistador: Então, você moraria na Paulista...?

Ricardo: [IIR] Moraria... fácil!

Entrevistador: Como você descreveria a Paulista a alguém que não a conhece?

Ricardo: Cara, você tem que ver. Só posso dizer isso.

Entrevistador: Como você descreveria o público que a frequenta?

Ricardo: Ah, é o que tem!

Entrevistador: Você arriscaria um palpite sobre a "idade" da Paulista, quer dizer, há quantos anos você acha que ela foi inaugurada?

Ricardo: Idade?! Idade no princípio do verbo: "então criou-se a Paulista"?! Cara, pelas minhas contas uns cento e poucos anos...

Entrevistador: Em 1991, a Avenida Paulista foi eleita o símbolo da cidade de São Paulo num concurso de voto popular. Você concorda com esse resultado?

Ricardo: [IIR] Concordo. Se não fosse a Paulista ia ser o quê?! Eu concordo.

Entrevistado André

Local de aplicação da entrevista: Avenida Paulista, em frente ao prédio da Gazeta

Dia: 12 de setembro de 2010, domingo, às 19h45min

Nome: André Idade: 25

Ocupação: Professor de História

Escolaridade: Ensino superior completo

Local de Residência: Campo Grande, MS

Entrevistador: Se eu pedir para você pensar num lugar da cidade de São Paulo, qual é o primeiro que vem à sua cabeça?

André: Até mesmo pela influência do que nos é passado pela mídia, é aqui onde nós estamos, é a Avenida Paulista... Que cala fundo no nosso imaginário, tanto por conta da mídia contemporânea, quando pelo aspecto histórico. Isso no caso para que tem uma visão histórica. A Avenida Paulista, eu acho que é o símbolo maior de São Paulo.

Entrevistador: Você acha que a Paulista é o símbolo da cidade de São Paulo?

André: Sim.

Entrevistador: Você já tinha estado na Avenida Paulista outras vezes?

André: Sim, uma única vez, há algum tempo.

Entrevistador: Bom, tenho que lhe revelar que a minha pesquisa é exatamente sobre a Paulista...

André: [IIR] Oh, que maravilha... Eu acho que o teu objeto é demasiadamente pertinente.

Entrevistador: Por que você acha isso, que ele é “pertinente”?

André: Porque eu acredito que a que a história tem se desdobrado muito pouco pra analisar a Avenida Paulista. E, a partir do momento que a Geografia se volta a um estudo como esse, ela tá preenchendo uma lacuna muito importante, que eu, a par da historiografia, acho que a Avenida Paulista não recebeu um estudo sério historiográfico. Antropologia eu não posso dizer, porque eu não acompanho de perto a produção antropológica, mas na produção historiográfica caberia, sim, ao lado de trabalhos de geógrafos, uma reflexão histórica sobre a Paulista. Acho que por isso é pertinente.

Entrevistador: Mas, André, essa sua visão, acompanhada do seu relato, é bastante acadêmica, não é verdade?

André: [IIR] Ah, mas tem que ser.

Entrevistador: Ok, mas e se eu pedir para que você faça um esforço de tentar pensar na Paulista menos como professor de história, e mais como esse “André” que está visitando a avenida nesse momento, como turista em São Paulo, seria possível?

André: Eu acho assim. Como turista eu te falo dessas influências contemporâneas que a gente recebe da mídia; De toda a efervescência que a Avenida Paulista representa; Do centro comercial do Brasil, se não da América Latina, que ela é. Então, eu acho que tem todas essas questões. Mas é difícil desvincular da minha visão histórica, porque faz parte de uma formação minha, quer dizer, seria impossível passar um relato pra você, sem que essas subjetividades que eu carrego da minha formação e da minha trajetória falassem mais alto.

Entrevistador: Sem dúvida.

André: Mas, mesmo assim, se você me perguntar: “E como turista, André?” Como turista o que nos resta é observar a grandeza que esse lugar representa para o Brasil.

Entrevistador: Ok. E se você parar agora para pensar na Paulista, qual é a primeira palavra que lhe vem à cabeça?

André: Centro comercial do Brasil. Para mim, é isso!

Entrevistador: Você disse que já tinha estado na Paulista em outro momento, disse que essa é a segunda vez que você vem à Paulista. E você se lembra de como foi essa primeira vez que esteve aqui?

André: [IIR] Lembro, lembro. Ah, sempre é aquele deslumbramento, a gente, então, que é de uma região interiorana, tem um deslumbramento enorme com o movimento, com a arquitetura, com todo o... o caráter titânico desses prédios da avenida, isso causa uma emoção e ao mesmo tempo uma surpresa, a gente fica muito surpreendido com o gigantismo da Paulista e dessa cidade como um todo.

Entrevistador: E além de surpreendente, você acha a Paulista bonita ou feia?

André: Muito bonita. Apesar de que aqui a gente vê todos os contrastes de uma sociedade que ainda precisa resolver alguns hiatos sociais seriíssimos. Eu acho que aqui a gente consegue ver, parafraseando Nietzsche, “o humano demasiado humano”.

Entrevistador: Você consegue fazer essa associação?

André: [IIR] Consigo ver. A citação do Nietzsche eu uso como uma licença poética. Mas, de fato, a Paulista é o lugar do contraste. Vamos usar uma palavra chave: Paulista é o lugar do contraste. A riqueza e a pobreza em contraste. Aqui, os contrastes estão colocados. Estão aqui. O carro e o helicóptero, com o indivíduo jogado na rua, com os trabalhadores informais, etc.

Entrevistador: Você considera que a Paulista seja um bom lugar para estar?

André: [IIR] Muito bom lugar para estar. Como turista, sobretudo, é muito bom lugar para estar. Mas, eu também vejo no rosto das pessoas que passam por aqui, um certo cansaço, acho que por conta da turbulência que é a cidade grande.

Entrevistador: Você acha que esses rostos cansados são reflexões dessa turbulência?

André: O meu olhar observa que essas pessoas estão cansadas. Mas para mim, é um lugar muito bom para estar. Porque é novo.

Entrevistador: Por que é novo?

André: É, porque é novo, é um lugar diferente. São poucos os lugares que a gente consegue fazer paralelos como a Avenida Paulista, mesmo em outras capitais que eu conheço. A Avenida Paulista é dotada de uma singularidade muito grande.

Entrevistador: Quer dizer que você não conseguiria comparar a Avenida Paulista a nenhuma outra avenida que você conhece?

André: Não, não. Não que eu conheça... Pode até ser que eu mude de opinião ao conhecer outros lugares, mas ainda não tenho esse paralelo.

Entrevistador: Você está se sentindo seguro aqui na Paulista?

André: Fala-se muito que São Paulo é um lugar violento, e tal, e a gente sabe que de fato é. Mas, não sei se é uma característica própria, minha, eu não costumo sentir medo, me sinto seguro aqui, sim.

Entrevistador: Numa próxima vinda a São Paulo, pretende voltar à Paulista?

André: [IIR] Com certeza. A Paulista é um lugar que a gente, sempre que possível, têm que incluir no roteiro.

Entrevistador: O que é que mais lhe atraiu, ou lhe atrai, aqui na Paulista?

André: Eu acho que a diversidade, que é muito interessante.

Entrevistador: E tem alguma coisa que você não gostou?

André: Eu acho que a Avenida Paulista, assim como eu já te disse antes, ela escancara e põe quem é de fora a pensar muito sobre os contrastes da nossa sociedade. Então isso às vezes incomoda: o mendigo, o viciado... Enfim, a degradação social incomoda.

Entrevistador: Você me disse que a coisa que mais lhe atrai na Paulista é a diversidade, e que o que menos lhe atrai são esses contrastes que você acabou de citar. André, você não acha que a diversidade, de certo modo, existe a partir destes e de outros contrastes?

André: Lógico. Mas, eu acho que esse contraste que a gente observa aqui na Avenida Paulista, ou esse problema social que fica escancarado aqui, ele ocorre não por conta da Paulista, mas porque ela é um lugar plural, eminentemente plural. Acolhe tudo.

Entrevistador: Você indicaria a Paulista como um atrativo turístico da cidade de São Paulo?

André: [IIR] Com certeza.

Entrevistador: Tem algum lugar aqui da Paulista que você consegue visualizar como sendo o símbolo da avenida?

André: Acho que me falta elementos para encontrar esse lugar. Eu sou um turista muito *en passant*.

Entrevistador: Mas, a partir daquele seu conhecimento formado pela mídia, a qual você se referia no início da entrevista, você não consegue definir um símbolo da Paulista?

André: Acho que a arquitetura.

Entrevistador: E um lugar da Paulista?

André: Ah, eu não sei. É por isso que eu te falo que me falta elementos.

Entrevistador: Ok. Para você, qual é a cor da Paulista?

André: A cor da Paulista? Eu vou te dar uma resposta que você nem imagina: A Paulista é colorida. "Multicolor"!

Entrevistador: E o som da Paulista, qual é?

André: O som da Paulista é o silvo agudo dos motores. Esse é o som da Paulista.

Entrevistador: André, você acha que a Paulista seja um lugar melhor para morar, trabalhar ou praticar atividades culturais e de lazer?

André: Eu acho que é lugar bom pra morar. Pra quem tem condições, deve ser bom para morar. Com tranquilidade...

Entrevistador: [risos] Com tranquilidade, é?! E você, moraria na Paulista?

André: Eu moraria, porque eu sou uma pessoa com características muito urbanas.

Entrevistador: Trabalharia na Paulista?

André: [IIR] Com certeza.

Entrevistador: Como você descreveria a Paulista a alguém que não a conhece?

André: Se eu fosse indicá-la para um amigo que viesse, eu ia falar pra ele conhecer a Paulista porque ela é o centro nevrálgico de São Paulo.

Entrevistador: A pergunta de agora fica um tanto complicada para ser direcionada a um historiador, mas, de qualquer maneira, eu gostaria de saber se você arriscaria um palpite (ou mesmo se você sabe, com certeza, qual é) sobre a idade da Avenida Paulista.

André: Realmente é uma questão complicada, porque parece que historiador tem a obrigação de conhecer toda e qualquer data, mas, como você me pediu um palpite, eu diria uns três séculos.

Entrevistador: Em 1991, André, a Avenida Paulista foi eleita o símbolo da cidade de São Paulo num concurso de voto popular. Você concorda com esse resultado?

André: [IIR] Com certeza! Concordo.

Entrevistador: Se pudesse, votaria nela como símbolo da cidade?

André: Votaria. Talvez, dizendo isso por causa da visão um pouco embotada pelo deslumbramento do momento, por estar aqui na Paulista... Mas, votaria sim.

Entrevista diferenciada – Grupo de amigos

Grupo de cinco jovens, fazendo um piquenique dentro do Parque Trianon.

Local de aplicação da entrevista: Área interna do Parque Trianon

Dia: 06 de setembro de 2010, segunda-feira, às 15h55min

Nomes: Caroline, Gabriel, Christine, Adriano e João

Idades entre 19 e 20 anos

Ocupação: Estudantes universitários – Cursos de enfermagem, psicologia e serviço social.

Escolaridade: Ensino superior incompleto (cursando).

Local de Residência: São Paulo – SP (Todos naturais de São Paulo, SP)

Entrevistador: Bem pessoal, eu achei um tanto inusitado o fato de vocês estarem fazendo um piquenique aqui no Parque Trianon, numa tarde fria de uma segunda-feira. Por essa razão, eu parei para conversar com vocês, pra que vocês me contem sobre isso que está acontecendo aqui. Primeiramente, eu gostaria de saber se tem algum motivo especial para esse piquenique estar acontecendo?

Caroline: O nível do João [Seguido por palmas e um rápido “Parabéns a você”]

Entrevistador: E aí, João, essa comemoração foi uma surpresa ou foi combinada?

João: Foi combinada... Na verdade tava todo mundo em dúvida seria no Ibirapuera ou no Trianon, e aí acabamos vindo para o Trianon.

Entrevistador: E por que acabaram escolhendo o Trianon?

Adriano: Porque era mais perto para todos.

Entrevistador: O Ibirapuera ficaria um pouco fora de mão?

[Todos concordam que sim]

Entrevistador: E a que se deve essa maior facilidade de se chegar ao Trianon?

Caroline: Por causa do metrô...

Gabriel: Transporte, né.

João: Por causa também da Avenida Paulista, que é um lugar que todo mundo passa por aqui...

Entrevistador: Vocês moram aonde?

Caroline: Eu moro na zona norte.

Gabriel: Eu na zona oeste.

Christine: Zona oeste também.

Adriano: Eu moro no centro, Aclimação.

João: E eu moro no extremo leste.

Entrevistador: João, então você é o que mora mais longe da Paulista?

João: Eu acho que sim... [Risos de todos]

Entrevistador: Quer dizer que o aniversariante foi o que teve que se deslocar mais para chegar até aqui?

João: Exato!

Entrevistador: Por que é que não foram até a zona leste?

João: Porque lá não tem praça... Lá tem o SESC Itaquera, só.

Caroline: Eu não sabia...

Adriano: E por que você não fala, a gente tinha ido pra lá.

João: Vocês não sabiam? Então, tem o SESC lá, tem lugar para fazer churrasco... A gente poderia combinar e ir um dia.

Entrevistador: Vocês já tinham vindo ao Trianon outras vezes?

Adriano: Eu já tinha vindo, mas frequentar pra fazer um piquenique, assim como hoje, passar umas horas mais extensas, nunca.

Entrevistador: Por mais tempo é a primeira vez, então?

Caroline: A minha também.

Adriano: Assim é a primeira vez.

João: Primeira vez que eu entro nele.

Entrevistador: Sério, João?! Mais alguém é a primeira vez que entra no Trianon?

[Os demais concordam que já tinham entrado no Trianon]

Entrevistador: Já tinham vindo no final de semana ou durante a semana?

Gabriel: Ah, no final de semana, mesmo... [Todos concordam]

Entrevistador: Na Paulista em si, vocês vêm mais durante a semana ou final de semana?

Christine: Durante a semana. [Adriano e Gabriel concordam]

Caroline: Eu acho que venho mais no final de semana.

João: Esporadicamente...

Entrevistador: "Esporadicamente" por que, João?

João: Ah, porque eu não tenho muito que fazer aqui na Paulista.

Entrevistador: E você Caroline, por que é mais no final de semana?

Caroline: É porque no final de semana rola um tempinho livre.

Entrevistador: E o que você vem fazer?

Caroline: Venho aqui no Trianon, andar pela Paulista mesmo, a feirinha que tem no domingo...

Entrevistador: Certo. E o MASP aqui em frente, vocês já foram a alguma ou algumas exposições do museu?

[Todos afirmam que sim]

Entrevistador: Bom, contem-me como está sendo essa experiência de fazer um piquenique no “coração” da paulista, trocando ideias entre vocês, tocando um violão, comendo umas guloseimas...

Christine: Interessante.

[Caroline concorda com a cabeça]

Gabriel: Gostoso.

João: Legal... Pessoas bacanas, né!

Entrevistador: Entre amigos, não é verdade?

João: Exato.

Entrevistador: O que vocês acham, especificamente, da Paulista?

Caroline: Bacana.

Gabriel: Acho que é o cartão postal de São Paulo.

Adriano: Assim, é o cartão postal de São Paulo, só que eu me incomodo com isso, porque eu acho que o cartão postal de São Paulo deveria ser uma área verde, como o Ibirapuera, ou outro lugar com mais verde. Ter a Paulista como símbolo de São Paulo é... Sei lá, não me agrada que dêem prevalência ao concreto, ao cinza.

Gabriel: Ah, mas é o que tem muito por aqui, né! [referindo-se ao “concreto” e ao “cinza”]

Adriano: É, mas por isso que eu falo sobre São Paulo ter como símbolo o cinza...

Gabriel: Tá, mas quando a gente pensa no Brasil pensa na natureza do Rio e da Amazônia, e São Paulo é que é a metrópole.

Adriano: As belezas do Rio são diferentes, mesmo.

João: São as belezas que falam que é da mão de Deus. São Paulo é da mão do homem.

Entrevistador: Você acha isso João, que São Paulo revela as belezas feitas pela “mão do homem”?

João: A beleza de São Paulo é da mão do homem.

Entrevistador: E vocês acham mais beleza no quê?

[Todos afirmam que é na “natureza”]

João – Eu acho que a beleza natural é aquela que foi criada, assim, através das misturas de tudo, acho que ela é mais bonita, e acontece que a beleza do homem acaba com a outra beleza, a natural.

Entrevistador: E São Paulo combina mais com qual tipo de beleza?

Caroline: Com a do homem...

João: Não entendi a pergunta.

Entrevistador: Ok, eu vou refazer a pergunta, então: Vocês prefeririam São Paulo com qual tipo de beleza?

Caroline: Ah, São Paulo é bacana por causa da selva de pedra mesmo. É a referência daqui.

Entrevistador: Você acha que essa é a referência?

Caroline: Eu acho.

João: É uma cidade vertical.

Gabriel: Exato.

Adriano: Essa parte aqui de São Paulo [referindo-se à região da Paulista], né?! Porque quando você vai para a periferia, aí muda um pouco. Não é, por exemplo, tudo asfaltado, tem mais mistura da obra do homem com a da natureza.

Entrevistador: Talvez, você esteja querendo dizer que a Avenida Paulista não é um símbolo de São Paulo porque não tem tanta referência para a periferia. Correto?

Adriano: Isso.

Entrevistador: Então, Adriano, você não concorda que a Paulista seja um símbolo de São Paulo?

Adriano: Não.

Gabriel: Ah, mas quando você pensa em São Paulo, a imagem que vem sempre é a da Paulista. Tudo bem que eu acho que outros pontos de São Paulo, também teriam que ser ressaltados.

Entrevistador: Adriano, você já disse que não considera a Paulista como o símbolo da cidade de São Paulo, mas em 1991, a Avenida Paulista foi eleita, pelos próprios paulistanos em concurso popular, o símbolo da cidade. Vocês não teriam votado na Paulista?

Caroline: Eu acho que votaria.

Christine: Eu votaria.

Gabriel: A Paulista pra representar São Paulo, eu acho que sim. Acho que o Jardim Botânico, por exemplo, não é bem a cara de São Paulo... [ironizando o fato de Adriano achar que o símbolo deveria ser uma "área verde"]

João: Eu acho que um lugar que tenha trilho de ferro, trilho de trem, seria o melhor símbolo da cidade de São Paulo.

Adriano: Uma coisa interessante aqui na Avenida Paulista, é que todo o conteúdo histórico que tinha aqui, os antigos casarões, foi derrubado pra dar lugar aos prédios. E com o centro de São Paulo, pelo menos, isso não ocorreu. Eles preservam as construções históricas e até mesmo dentro dos lugares eles conservam um tipo de museu. Isso seria legal, ressaltar a história de São Paulo, pra servir como símbolo da cidade, e não essa Paulista que eu acho que já é muito diferente. Se comparar com o centro, a Paulista peca por isso, porque aqui foi tudo devastado, toda a história, pra dar lugar a prédios, a centros comerciais.

Entrevistador: E você acha que hoje em dia ainda sobrou alguma coisa na Paulista que remeta a essa história?

Adriano: Ah, sim... O MASP, mas não pela história que estou dizendo, dos casarões, enfim, mas por tratar de também estar envolvido na história. Aqui também [referindo-se ao Parque Trianon], por ser um lugar que ainda conserva a mata atlântica preservada. E ali na frente, perto do shopping mesmo, próximo ao Itaú Cultural, tem a... [Tentando se lembrar do nome da Casa das Rosas]

Entrevistador: A Casa das Rosas?

Adriano: [IIR] A Casa das Rosas, isso!

Entrevistador: Alguém arriscaria um palpite sobre a idade da Paulista?

Adriano: Uns cento e cinquenta anos?

Gabriel: Eu falaria uns trezentos.

Christine: Eu ia chutar uns duzentos.

Caroline: Perto dos cem.

João: Também acho que é próximo dos cem, mas eu não sei exatamente.

ANEXO

Anexo A – Reportagem “Paulista 24 horas”

O MOSAICO DE UMA
PAULISTA RETRATADA
DAS 6H DE SEXTA ÀS 6H DE
SÁBADO: UM ANIVERSÁRIO NA
CALÇADA, UM PARTO, UMA MISSA,
UMA REUNIÃO, UM ACIDENTE E
UMA FESTA À FANTASIA

A ssistir ao nascer do sol na região da avenida Paulista faz parte do cotidiano de muitos paulistanos. É o momento do encontro, em plena alvorada, daqueles que acabaram de acordar com aqueles que passaram a noite em claro, em um cenário de movimento ininterrupto que não se intimida com a falta de luz natural.

Comum a trabalhadores e baladeiros da região, um detalhe costura esse início de dia (ou fim de jornada, para aqueles que têm como destino uma cama quentinha): a discreta ajeitada no cabelo e uma boa esfregada nos olhos parecem

fazer parte de um gestual obrigatório, ao som de automóveis e ônibus que voltam a circular em quantidade depois das 4h.

Esse instante que precede a luz do dia, às 6h de uma sexta, é a largada da maratona de um repórter e de um fotógrafo da *Revista* que foram a campo para registrar um ciclo completo da via mais nevrálgica da capital: alvorada, hora do rush, happy hour e alta madrugada. Vinte e quatro horas depois, missão cumprida – e o testemunho de um novo sol nascente.

A reportagem também foi acompanhada, em alguns pontos, por três “video-makers”. Eles ajudaram a compor uma versão multimídia desse retrato da Paulista. O resultado pode ser lido nas páginas que seguem e ganha registro na versão digital da *Revista*.

Assista ao vídeo desta reportagem na versão digital da Revista
www.folha.com.br/digital

midia

»

(capa)

06:07:26

08:38:19

A publicitária Ana Cláudia, 33, acabou de sair do clube A Lôca e precisa pegar um ônibus “antes que o dia clareie”, para que ninguém a veja no “estado deplorável” em que se encontra. Sua cabeleira loura no estilo Britney Spears chama a atenção do comerciante Vitor Machado, 27, que anda a passos largos, embora o expediente inicie apenas em uma hora.

Na esquina, dona Francisca, serve cafezinhos a R\$ 0,30, em mesa portátil de compensado de madeira aberta ali mesmo na calçada, de onde assiste à cena diária das bancas de jornal sendo abertas. Um casal atravessa o ponto, praticando cooper em direção ao Masp, onde um mendigo desperta ao som de pássaros.

Logo em frente, a mata do parque Trianon empresta seu verde ao conjunto de concreto, aço e vidro que segue pelos 2,8 km de extensão da avenida asfaltada há exatos cem anos. Antes de

o sol despontar no horizonte carregado de nuvens, às 6h20, o som de insetos remete a épocas remotas, cravadas na escultura de um Anhangüera de mangas arregaçadas até os cotovelos.

Os praticantes de cooper fazem o retorno no hospital Santa Catarina, onde um grupo de freiras se prepara para orações matinais. Todo dia, um mesmo ritual, às 6h30. Após breve silêncio compartilhado entre bancos de madeira, elas entoam uma canção da “Liturgia das Horas”.

“Você pegou o livro da Olga”, acusa uma delas ao ouvido da irmã Alfreda, de olho no nome costurado no livreto. Irmã Alfreda ri. Ao fim da cerimônia, o grupo sai rumo ao refeitório, onde o café está servido. Só um funcionário que deixou meio mamão para os pássaros do jardim frontal à capela pôde assistir ao ritual.

Às 7h30, de uma janela mais alta, é possível ver o trânsito ganhar intensidade e os ônibus despejarem passageiros pelas

calçadas de concreto cinzento. Apenas duas ou três pessoas embarcam pelas portas da frente, para compensar um princípio de adensamento demográfico.

No trânsito, transcorre o primeiro horário de pico até as 9h, com 4.200 veículos trafegando por hora pelas oito faixas da avenida, segundo estimativa da CET. O mesmo movimento se repete entre as 17h e as 19h.

O fluxo não impede que o entregador Abdon Santos, 59, pare a bicicleta para ler jornal em plena via. William Saraiva Martins, 18, com uniforme de cozinheiro, também dá seus primeiros passos por esse despertar da avenida. Ele é auxiliar de um restaurante do shopping Paulista e foi à rua com uma única missão: comprar 30 pãezinhos.

Cruza o seu caminho um cego Tateando o piso com sua bengala. Alguém oferece ajuda, mas o homem recusa. Quer encontrar sozinho a estação Brigadeiro, e uma pequena torcida passa a

Dona Francisca, que pela manhã vende cafezinhos a R\$ 0,30 na esquina com a rua Frei Caneca; e o entregador Abdon Santos, que parou sua bicicleta para ler jornal em plena avenida

assistir àquela cena. Quem oferece ajuda é afastado com palavras rudes e até com empurrões.

O cego chega resmungando à beira da escada rolante da estação, mas tenta descer em sentido contrário ao fluxo. Os passantes se atrapalham, e ele sai distribuindo socos. “Espero que se esborrache”, desabafa Vera Lúcia Leite, 58, que trabalha como entregadora do jornal “Metró News” em frente à estação.

Em japonês

Do outro lado da rua, o japonês Shingo Kajiwara, 34, desembarca na estação Brigadeiro. Chegou há três meses à cidade e se habituou ao itinerário entre os bairros Pinheiros e Paraíso. Quando lhe dirigem a palavra na rua, saca uma frase de extrema valia: “Não falo português”.

Na varanda da Casa das Rosas, por onde passa todos os dias, duas entregadoras de jornal, afundadas em poltronas de couro, prozeiam como se ainda esti-

vessem na São Paulo do café com leite. O sossego é interrompido pelo som de um helicóptero, que pousa na cobertura do edifício vizinho, de fachada espelhada.

Em questão de minutos, o veículo levanta voo – o primeiro das dezenas de pousos e decolagens nos oito helipontos da Paulista. Dá para ouvir o barulho de hélices do segundo andar, onde um grupo de japoneses da Fundação Japão, na companhia de Kajiwara, discute sobre a qualidade de desenhos infantis para um calendário de 2010.

Dez funcionários formalmente vestidos, ao redor de uma mesa com 2 m de comprimento, conversam em japonês. Sérios, parecem discutir o fim da Segunda Guerra. A não ser quando se desmancham em gargalhadas.

Às 11h, os oito termômetros da avenida marcam 21°. Os engratados da região estão protegidos por sistemas de condicionamento de ar. Na corretora Alpes, a temperatura fica em

torno dos 17°, o que pode ter sido a causa do resfriado de Daniel Abdalla, 31. Ali, trabalham outros 50 executivos – além da camareira vestida a caráter.

A Bolsa de Valores abriu em alta com 66.710 pontos. Não se ouve aquele barulho infernal que marcou a imagem do pregão na década passada, mas, mesmo informatizados, os operadores guardam certa tensão. Na mesa de um deles, um santinho faz as preces. Em outro ponto, três telefones esperam fora do gancho. Às 12h15, surpresa, Ibovespa opera em queda de 1,36%, e chega aos 64.202 pontos.

Nada que interfira na rotina dos arquitetos alemães Anna, 32, e Lutz, 32, fazendo fotos do Masp, em meio a uma multidão que vai se acumulando para agitar mais um horário de rush no cartão-postal da metrópole.

Até que acabe o dia, mais de 950 mil pedestres terão passado pela Paulista. No horário de almoço, a avenida é um caos.

Os alemães Anna e Lutz percorrem a Paulista fazendo registros fotográficos do Masp e de outros edifícios

»»

(capa)

14:32:49

13:19:30

18:07:29

15:13:34

No 15º andar do prédio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, às 12h59, um grupo de 20 executivos e políticos famintos deixa a sala de reuniões, discutindo possibilidades para a refeição.

No hall, cercado por jornalistas, sobra Ezequiel Sousa do Nascimento, secretário do Ministério do Trabalho, falando sobre medidas e acordos entre setores públicos e privados para a ampliação do emprego formal.

Ao ar livre, grupos de fumantes se reúnem, respeitando a lei antit fumo. Às 13h22, 23 pessoas se aglomeram à porta do

restaurante do Masp à espera de um lugar. No Viena do Conjunto Nacional, esquina com a rua Augusta, outra fila por uma mesa. A espera chega a 40 minutos. No quiosque da mesma rede, ali perto, sai um cafezinho atrás do outro, somando 700 no fim do dia.

No shopping Center 3, a rotatividade impressiona: quatro restaurantes, 19 quiosques gastronômicos e outros 11 pontos de cafés, sorvetes e doces disputam a presença de até 38 mil pessoas que passam por lá diariamente.

O chamado sonoro das senhas para a retirada das bandejas é uma trilha à parte: música

cadenciada por praticamente um toque a cada três segundos no horário de pico.

A modelo Ericka Lima, 22, devora em 15 minutos uma “comida que não é de modelo”: arroz carreteiro, banana frita, filé de frango e bastante salada “para compensar”. Alta e magra, Ericka acabava de voltar do concurso Menina do Fantástico, promovido pela Rede Globo.

Do lado de fora do shopping, pouco antes das 14h, a estudante Priscila Cunha de Oliveira, 21, começa a sentir uma leve tontura. Em questão de minutos, por conta de uma hipoglicemia, desmaia.

Acima, a estudante Priscila de Oliveira sendo carregada para uma ambulância; à dir., fim de reunião na Fiesp; abaixo, a atendente do McDonald's Andreza Nascimento, 17

Cai de testa no chão, quase no mesmo momento em que, na esquina com a rua Joaquim Eugênio de Lima, a atendente do McDonald's Andreza Nascimento, 17, que faz até dez hambúrgueres em três minutos, recebe a notícia de que vai ser “funcionária do mês”.

A amiga de Priscila, Cindy Moreira, 21, se desespera atrás de uma ambulância. Por telefone, tenta o 192, mas recebe a notícia de que o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, no momento, dispunha de seis ambulâncias para atender a toda a cidade. Trinta pessoas se aglomeram ao redor, sob sol de 24°.

Quarenta minutos depois, às 14h40, sirenes... Uma ambulância leva Priscila ao pronto-socorro do Santa Catarina, onde Lydia Strano espera pelo parto de sua filha, no oitavo andar do hospital. O parto começa às 17h. A obstetra diz “Saiu” às 17h30, quando retira da barriga de Lucia de Aquino, 33, a menina Beatriz, com 3,2 kg.

Ao som de música erudita, em seleção da rádio Cultura FM, a 600 metros dali, o desembargador Thales do Amaral, na seção de direito público do Tribunal de Justiça, despacha liminares contra a Fazenda do Estado e contra o Detran, entre outros

casos. Trabalha cercado por plantas escolhidas “pelo pessoal do escritório” e reproduções de um quadro de Paul Cézanne e de outro de Tarsila do Amaral.

Faltapouco para o fim do expediente. Em frente ao banco Real, às 18h47, dezenas de homens vestindo terno atravessam a saída conversando sobre amenidades: mulheres, corrida de aventura, a decadência do Faustão.

Falam de tudo, mas poucos dão continuidade a assuntos ligados a negócios ou trabalho. Está aberta uma nova temporada da Paulista, entrada para o fim de semana: mesas são colocadas nas calçadas por bares da região.

À esq., praça de alimentação do shopping Center 3, por onde passam até 38 mil pessoas em um dia; à dir., avenida em horário de pico, com mais de 4.200 veículos circulando por hora

(capa)

21:48:23

Acima, à esq., estação Trianon-Masp, pouco depois do horário de pico; à dir., calçada com mesas de boteco próximo à Brig. Luís Antônio; abaixo, agentes do Grupo de Ações Táticas Especiais da PM na cobertura do prédio da Gazeta

18:57:05

Não é uma rave, mas, às 19h, uma multidão de jovens se reúne em frente à escadaria da Gazeta, ao som de música eletrônica alta, compartilhada em grandes caixas de som. Mal dá para ver o piso da calçada, com tanta gente por ali. O movimento cresce cada vez que acaba ou começa um filme do primeiro dia da 33ª Mostra Internacional de Cinema, exibido no vizinho Reserva Cultural.

Entre os passantes, um sujeito vestido de prato de macarrão (marketing de uma praça de alimentação) e a estudante de moda Paula Duarte, 22, que desceu do ônibus no início da avenida, porque o trânsito estava “completamente parado”.

Paula, com mochila de estampa de ursinhos, esmalte pink-néon, chegou andando ao seu destino. Não pretendia cabular a aula de modelagem, embora a animação do bar Puppy, logo em frente, chamasse todo mundo para uma cervejinha.

Enquanto policiais do Grupo de Ações Táticas Especiais da PM posam para um filme institucional, o dia perde luz. Às 19h20 o sol se põe. Às 20h30 o movimento nos bares parece se acentuar.

O inverso vale para o metrô, em suas três estações ao longo da Paulista. O motorista Virgílio Dias de Paula, 44, não vê a hora de encontrar mulher e três filhos para levá-los a uma pizzaria do Butantã quando embarca em um vagão. Ainda tem uma hora de viagem pela frente.

Nos trens, o clima de espera tece gestuais discretos. Vera

Lima, 66, mandando mensagem para o namorado, e dezenas de passageiros empunhando livros: “O Vendedor de Sonhos”, de Augusto Cury, “Manual de Psicologia Jurídica”, em xerox, sabe-se lá de qual autoria.

De volta ao bar Puppy. Encostados a uma banca de jornal, quatro jovens acumulam sete garrafas de cerveja sobre a mesa. Um deles retorna do banheiro para contar uma história que seus comparsas julgam “excelente”: O analista de suporte Álvaro Nonaka, 23, sem “alguém especial” na vida, voltava dormindo de ônibus para casa, em cadeira sem apoio lateral. Num curva acentuada, se esborrachou no corredor. Um casal que estava no banco da frente...

A história é interrompida às 21h57 pela passagem da famosa Chupisco, bandinha de sopro e percussão, formada por Zé Roberto, 61, Hélio Bedelho, 76, e Fumaça, 72. Sambinhas, hinos do Corinthians, do Palmeiras e do Tricolô-ôô-ôô. A banda passa o chapéu e segue caminho.

Toda essa gente fica pequena do heliponto do prédio Santa Catarina, na esquina com a rua Teixeira da Silva, de onde é possível retratar um emaranhado de antenas que se perde no horizonte.

Dali, também é possível invadir um pouco a intimidade de gente que resolveu ficar para o serão em prédios vizinhos. Na cobertura do Sesc Avenida Paulista, acontece o coquetel de estreia da peça “Escuta, Zé Mané!”, com Paulo César Pereio e 50 convidados. Alguns observam a avenida com uma luneta.

>>

(capa)

Filas, mesas lotadas, banheiros que acumulam papel fora da lata de lixo. O McDonald's é um dos pontos mais movimentados dessa madrugada, ponto de encontro de jovens que carregam skates, mochilas, malabares. Quando o expediente da lanchonete se encerra, um grupo permanece na porta, bebendo e tragando cigarros.

Ao lado, baladinha inesperada: a entrada do banco Safra, esquina com a rua Augusta, tornou-se ponto de curtição. Nove pessoas, à 0h16, passam com um bolo de aniversário. Rafael Pio,

30, artista de circo, dedilha um “Parabéns pra Você” em sua guitarra plugada a um amplificador. De repente, a Paulista está em festa, dezenas de pessoas cantando em coro.

O grupo do bolo de aniversário segue em frente, mas Rafael prossegue, agora tocando Led Zeppelin a pedidos. A estudante Aline Britos, 18, com seu corte de cabelo inspirado nas mocinhas bem comportadas dos anos 1950, rodeia o músico com admiração. “Somos casados”, ela mente.

Rafael e Aline estão apenas “se conhecendo”, desde que, há duas semanas, ela passou

olhando e ele intercalou assobios entre as notas de guitarras.

O auxiliar administrativo Caio Felipe Nishida, 20, com os dentes da frente quebrados, faz manobras de skate em um cantinho próximo, na esquina com a rua Ministro Rocha Azevedo. Fernando Navarro, comentarista e produtor da Rede TV, passa a quase 10 km/hora sobre um similar motorizado. Toda sexta, assim que sua filha de cinco meses dorme, ele aproveita para sair “de rolê”.

A cabeleireira e maquiadora Natalia, 25, seu namorado, o fotógrafo Marcelo Ferreira, 35, e um amigo, o professor Ivan

O artista de circo Rafael Pio, com sua guitarra, toca Led Zeppelin a pedidos

Lemos, 26, acabam de passear de bicicleta pela Consolação, pela Sé, pela Liberdade e pelo Paraíso. No fim do périplo na esquina com a rua Joaquim Eugênio de Lima, ficam de prosa um pouco, antes de encerrar a jornada. É Natalia, mineira de Passos, quem corta o cabelo dos dois colegas de ciclismo.

Próximo àquele ponto, o comerciante Cândido Júnior, 29, vestido de toureiro, fuma à porta do cinema Reserva Cultural, à 1h37. Pela vitrine é possível ver outros fantasiados, dançando ao som de rock. Ao toureiro, logo se juntam outros personagens –imperadores romanos, uma

Acima, à esq.,
papo depois de
rolê de bicicleta;
à dir., convidados
de festa a fantasia
num cinema; no
meio, manutenção
do metrô; abaixo,
skatistas próximo
à rua Ministro
Rocha Azevedo

(capa)

enfermeira, uma dançarina de cabaré, dois diabos, um D'Artagnan sem mosqueteiros.

Parte dos convidados veio de metrô, que, pouco depois da 1h, encerrou suas atividades. O subterrâneo das estações Consolação, Trianon-Masp e Brigadeiro receberam juntas 44.800 pessoas no horário de pico, mas agora está em silêncio. Um funcionário está na base da estação Brigadeiro com um rádio portátil, sintonizado na Antena 1 FM. Com música, outros 30 operários iniciam a manutenção dos trilhos.

Quatro jovens estudantes de jornalismo, entre as 2h e as

3h30, também acompanham as atividades, andando pelos túneis escuros de paredes cilíndricas, respirando ar impregnado de fuligem exalado por uma máquina chamada trem esmirilhador – uma locomotiva usada a cada 90 dias para desfazer ondulações no sistema de trilhos. É um trem que solta muita faísca em atrito com as ferragens, proporcionando um espetáculo que, lá da superfície, ninguém nunca vê.

A manutenção acaba pouco antes das 4h, quando funcionários da limpeza preparam as estações para um novo dia. Do lado de fora, na Consolação, baladeiros cansados vão se

acumulando junto à porta de entrada da estação, retomando a cena inicial dessa reportagem. Mas agora estão em maior número. É manhã de sábado.

Assim como os trens do metrô, às 6h, ônibus e automóveis fermentam um princípio de tráfego. No primeiro andar do Conjunto Nacional, um call center funciona a plenos pulmões. Por fim, uma britadeira pode ser ouvida em algum ponto distante, quando um carro passa pela avenida buzinando. Duas loiras atravessam o teto solar do automóvel, encerrando, com abraços e gestual libidinosos, o ciclo de uma Paulista em festa.

Baladeiros rumo ao primeiro trem de metrô do sábado